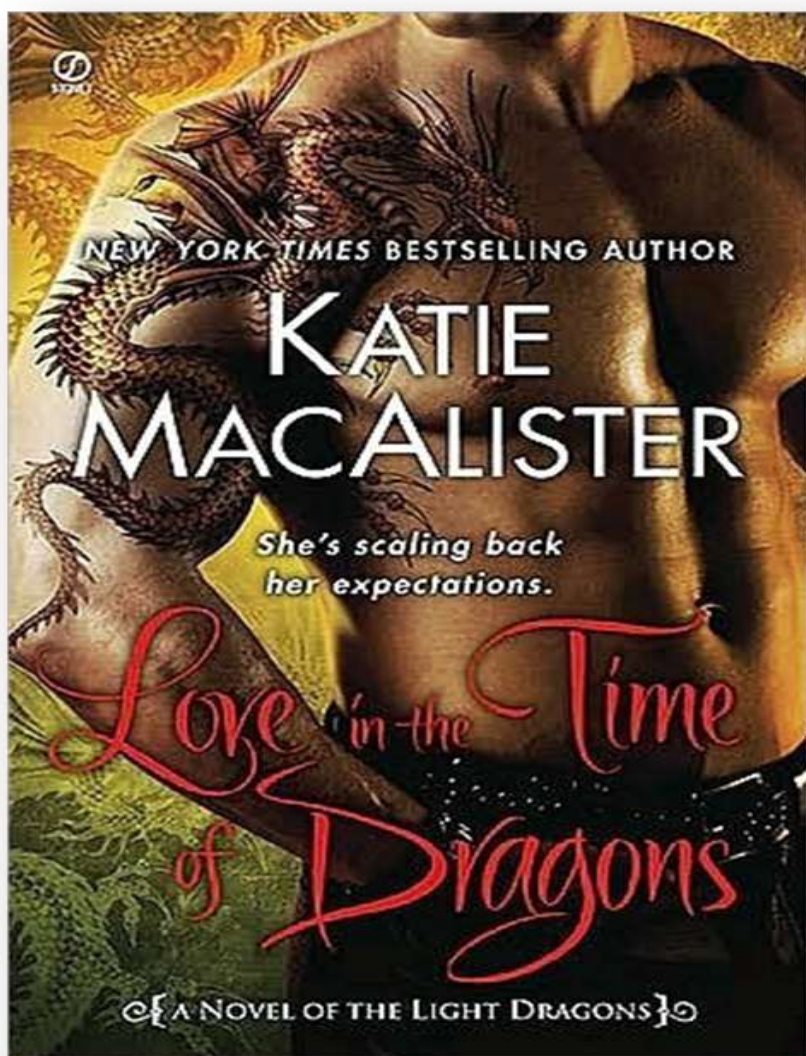




Amor no tempo de Dragões - Livro 01

Uma Novela de Dragões da Luz

Kate MacAlister

Pesquisa e Disponibilização: **Mell**

Revisão inicial: **Cássia e Karleay**

Revisão Final e Formatação: **Paulinha**

GrupoRR





Nota aos nossos queridos Leitores: Nossas traduções são efetuadas por Fãs. Nosso intuito é a divulgação da Literatura e Leitura, independente do tipo de mídia, nós não comercializamos ou visamos lucros sobre qualquer tipo de obra. Recomendem os Livros e Autores, afinal são eles que nos fazem suspirar, chorar, enlouquecer...

GrupoRR

SINOPSE

Se você descobrisse que era um famoso cuspidor de fogo, você estaria assustado também.

Tully Sullivan é como qualquer outra mãe suburbana - a menos se você contar os dias a cada ano em que ela transforma metais comuns em ouro. Isso é estranho.

E agora ela acordou em um lugar estranho cercada por pessoas estranhas que continuam a insistir que são dragões - e que ela é um também. Mas não apenas qualquer dragão. Ela é Ysolde de Bouchier, uma figura famosa da história do dragão.

Tully não pode mudar de forma ou cuspir fogo e definitivamente não está feliz sendo condenada à morte pelos crimes de um companheiro dragão que ela não consegue se lembrar. Tudo o que Tully sabe é que ela quer o filho de volta. Então ela vai ter que encontrar uma maneira de resolver os crimes de um passado do qual ela não se lembra...



Copyright © Katie MacAlister, 2010

NOTA DA EDITORA

Logo depois que eu terminei de escrever este livro, minha amada menina peluda Jazi morreu. Ela era minha constante companheira por doze anos, e ao meu lado literalmente enrolava-se em uma cama próxima a minha escrivaninha enquanto eu digitava no teclado cada livro. Ela era teimosa, exigente, e obstinada em seu desejo para ter seu próprio caminho. Ela também deu a mim mais felicidade e amor que eu jamais poderia esperar. Este livro é dedicado em sua memória, que para sempre permanecerá brilhando.



Capítulo Um

— Você vai estar de joelhos fazendo orações por horas se Lady Alice achar você aqui.

Eu me sobressaltei com a voz grave e baixa, empedrada, mas meu coração parou de bater rapidamente quando vi que tinha me descoberto.

—Pela santa cruz, Ulric! Você me assustou tanto que quase coloquei as tripas para fora!

—Aye¹, eu não tenho nenhuma dúvida disso, — o homem velho respondeu, apoiando-se em uma enxada danificada. —Devido a sua consciência pesada. Eu acho. Você não deveria estar no solar com as outras mulheres?

Eu afofei levemente a terra em torno da primeira rosa que estava florescendo, depois de tê-la livrado das ervas daninhas, suspirei de maneira delicada;

— Eu fui dispensada.

— Oh, você foi, mesmo? E para quê? Não parar com sua aula costura e etiqueta e todas as outras coisas que lady Alice tenta te ensinar.

Eu cheguei até aqui, espanando a sujeira de meus joelhos e mãos, olhando abaixo do meu nariz ao menor dos homens, tentando intimidá-lo, mesmo sabendo que não estava fazendo o meu melhor - Ulric me conhecia desde que eu era um bebê e usava fraldas. — E que negócios são esses, meu bom Senhor?

Ele sorriu, mostrando seus dentes pretos e quebrados.

— Você pode vir depois da permissão da lady, quando quiser.

— Agora, o que eu estou querendo saber é se você tem licença da sua mãe para estar aqui no jardim, ou se pretende aprender o modo adequado de se tornar uma lady.

Eu chutei um montículo.

— Eu fui dispensada para usar o toalete. Você sabe o quão ruim eles são - eu precisei de ar fresco para me recuperar da experiência.

— Você já foi julgada o suficiente pela capina você fez. Volte para solá-lo com as outras mulheres antes de sua mãe arrancar minha pele por deixá-la ficar aqui fora.

— Eu, não posso.

—E por que não pode? — Ele perguntou obviamente desconfiado.

Eu limpei minha garganta e tentei adotar uma expressão sem nenhuma culpabilidade. —Lá houve um. . . Incidente.

— Oh, aye? — A expressão de suspeita se intensificou. —Que tipo de incidente?

— Nada sério. — Nada da importância. Eu arranquei uma folha morta de uma roseira. — Nada do que fiz que você obviamente acreditasse um fato que eu acho mais ofensivo.

— Que tipo de incidente? — Ele repetiu, ignorando meus protestos de inocência e afronta.

¹ **Aye-** Modo escocês de dizer sim



Eu joguei fora a folha seca e suspirei. — É lady Susan.

— O que você fez para a prima da sua mãe agora?

— Nada! Aconteceu que eu fiz um chá de Tradescantia² e deixei no solar perto da cadeira dela, junto com uma caneca e um pote de mel, mas como eu poderia saber que ela tomaria tudo? Além disso, eu pensei que todo mundo soubesse que o chá de raiz de Tradescantia soltava os intestinos.

Ulric olhou fixamente para mim como se fosse o meu intestino que estivesse correndo livre e selvagem na frente dele. — Ela gritava tão alto do toalete que mamãe me dispensou por um tempo enquanto ela chamava os guardas de papai para arrombarem a porta, as outras damas ficaram preocupadas que lady Susan tivesse escorregado e ficado presa na calha.

O olhar se tornou de puro horror.

— Eu só espero que ela perceba o lado positivo da experiência, — eu adicionei, socando abaixo o montinho no chão com a ponta do sapato.

— Sangue do deus, você é uma criança antinatural. Que lado positivo que existe em vomitar os intestinos presa no toalete?

Eu dei a ele um olhar superior. — Lady Susan sempre teve problemas com os gases.

O cheiro é pior do que os suínos! O chá deveria limpá-la por dentro.

— Por direito, ela devia-me agradecer.

Ulric olhou para o céu e murmurou algo. — Além disso, eu não posso entrar agora. A mamãe disse para ficar longe de suas vistas por que esta muito ocupada agora se preparando para receber as visitas de papai.

Isso não era completamente verdade - minha mãe realmente me mandou sair e fazer algo útil ao invés de sugerir arrombar a porta do toalete, e o que seria melhor que ir ao jardim? — Tudo esta girando em torno da chegada de um hóspede importante, e eu não quero que ela se envergonhe de seu jardim.

— Como quiser, — Ulric disse, espantando-me fora do jardim. — Então direi a sua mãe como gastou suas ultimas horas ao invés de tender para coisas mais adequadas. Se você for uma boa moça, talvez eu vá te ajudar com as rosas mais tarde.

Eu sorri me sentindo tão simples quanto uma menina de dezessete anos podia se sentir, e corri do jardim ao longo da saliência escura que dava para o pátio superior. Era um glorioso quase-verão.

De manhã, os servos de meu pai executavam suas tarefas reclamando como era usual. Eu parei pelo estábulo para verificar o grupo mais recente de gatinhos, escolhi um preto e branco.

Um que eu imploraria para que minha mãe me deixasse manter, e estava só a caminho da cozinha para ver se conseguia pegar um pão de queijo dos cozinheiros quando as pancadas dos cascos de vários cavalos chamaram minha atenção.

Eu permaneci na porta da cozinha e vi como um grupo de quatro homens se posicionou na muralha, todos armados para batalha.

— Ysolde! O que você está fazendo aqui? Por que você não esta no acercando-se de lady Susan? Mamãe esta te procurando.

² Tradescantia- Planta usada como laxante



Margaret, minha irmã mais velha, saiu das profundidades da cozinha para ralar comigo.

— Eles conseguiram tira-la do toalete, então? — Eu perguntei com toda inocência.

— Aye. — Seus olhos se estreitaram em mim. — Foi estranho, a porta ter ficado presa daquele modo. Quase como se alguém tivesse feito de propósito.

Eu arregalei meus olhos tanto quanto pude, e adicionei algumas piscadelas para garantir. — Pobre pobre lady Susan. Presa no toalete com seus intestinos soltos. Você acha que ela foi amaldiçoada?

— Aye, e eu sei por que. Ou melhor, quem. — Ela ia iniciar um sermão quando um movimento na muralha chamou sua atenção. Ela olhou para a entrada e depressa me puxou na escuridão da cozinha.

— Você sabe que é melhor não permanecer parada ai quando papai recebe visitas.

— Quem é? — Eu perguntei, quando ela espiava os homens.

— Um importante mago. — Ela sussurrou quando viu os homens. — Aquele de preto deve ser ele.

Todos os homens estavam armados, suas espadas refletindo brilhantemente ao sol, mas só não usavam capacete.

Ele desmontou, fazendo uma saudação enquanto meu pai se apressava abaixo dos seguranças.

— Ele não se parece com qualquer mago que eu já vi, — disse a ela assistindo os movimentos fáceis do homem debaixo de ao menos cinquenta libras de armadura.

— Ele se parece mais como um caudilho. Olhe, ele possui tranças nos cabelos, assim como o escocês que visitou papai alguns anos atrás. O que você acha que ele quer?

— Quem sabe? O papai é renomado por seus poderes; sem dúvida este mago quer consultá-lo em algum assunto misterioso.

— Hrmph. Assuntos misteriosos, — eu disse, ciente ter soado amuada com a boca pendendo para o lado.

— Eu pensei que você não iria se aborrecer mais.

— Eu não estou. E não vou, — eu defensivamente disse, assistindo como meu pai e o caudilho saudavam um ao outro.

— Eu não me importo o mínimo por não ter herdado quaisquer das habilidades do Pai. Você pode ficar com todas elas.

— Considerando que você, pequena **changeling**³, prefere a sujeira do jardim que aprender como evocar uma bola de fogo azul.

Margaret riu, tirando um pouco da grama que estava presa na renda da minha manga.

— Eu não sou uma **changeling**. A mãe diz que eu sou um presente de Deus, e é por isso que meu cabelo é loiro enquanto você, ela e papai são ruivos. Por que um mago andaria com três guardas?

³**Changeling** - É uma criatura do folclore da Europa Ocidental geralmente descrito como sendo descendentes das fadas e outras criaturas lendárias que são colocadas no lugar das crianças humanas. Não existe tradução em Português.



Margaret puxou de volta da porta, cutucando-me de lado. — Por que ele não devia ter guardas?

— Se ele for um mago tão poderoso quanto Pai, ele não devia precisar de alguém para protegê-lo. — Eu vi como mamãe reverenciou o estranho. — Ele só parece estranho. Para um mago.

— Não importa o que ele parece - é para você ficar fora caminho. Se você não está fazendo suas obrigações, poderia me ajudar. Eu tenho um milhão de coisas para fazer, com dois dos cozinheiros doentes e mamãe ocupada com o hóspede. Ysolde? Ysolde!

Eu escapei da cozinha, querendo olhar melhor para o caudilho enquanto ele andava a passos largos seguindo meus pais até a torre que abrigava nossos aposentos.

Existia algo sobre o modo que o homem se movia, uma sensação de poder contido, como um javali antes de atacar. Ele caminhou com graça apesar da armadura pesada, e embora eu não pudesse ver seu rosto, o cabelo negro brilhava como as asas de um corvo.

Os outros homens seguiram depois dele, e embora eles também se movessem com facilidade, não possuíam o mesmo ar de liderança.

Eu me arrastei atrás deles, cuidadosa de ficar bem escondida para que meu pai não me visse curiosa em saber o que esse estranho mago guerreiro queria. Eu tinha acabado de chegar à etapa final como todos quando a comitiva do mago entrou na torre para a recepção e de repente um guarda se virou.

Suas narinas farejaram, como se ele cheirasse algo, mas não foi isso que enviou uma onda de arrepio por meus braços. Seus olhos eram escuros, e enquanto eu os olhava suas pupilas se estreitaram, como as de um gato, que sai da escuridão e vem para o sol. Eu ofeguei me virando, correndo na outra direção, o som do riso estranho do homem, zombando-me, ecoou em minha cabeça.

Pensei que fosse gritar.

— Ah, você está acordada.

Minhas pálpebras estavam inertes, finalmente consegui abri-las. Eu olhei fixamente nos olhos marrons escuros de uma mulher cujo rosto estava a menos de uma polegada do meu, gritei de surpresa.

— Aaagh!

Ela saltou para trás como eu, meu coração loucamente batendo, uma lânguida dor demorada me deixou com a sensação que meu cérebro tinha se contundido.

— Quem é você? Você é parte do sonho? Não é? Você é só um sonho. — eu disse, com a voz estridente.

Eu toquei em meus lábios. Eles estavam secos e rachados. — Exceto aquelas pessoas que usam um tipo de roupa medieval, você está usando calças. Ainda, é incrivelmente real, este sonho. Não é tão interessante quanto o último, mas ainda é interessante e nítido. Muito nítido. O suficiente real ou então eu não estaria aqui tagarelando durante tanto tempo comigo mesma.

— Eu não sou um sonho, realmente, — a mulher no meu sonho disse na minha cara. — E você não está só, então se está tagarelando, está fazendo comigo.

Eu achei melhor saltar fora da cama, não com o tipo de enxaqueca que eu tinha. Lentamente, eu deslizei minhas pernas para a extremidade da cama, me perguntando se eu me levantaria e pararia de sonhar e acordar para a vida real.



Enquanto eu tentava ficar em pé, a senhora de sonho pegou meu braço, me segurando enquanto cambaleava.

Seu aperto era qualquer coisa exceto como em sonho. — Você é real, — eu disse com surpresa.

— Sim.

— Você é uma pessoa real, não é parte do sonho?

— Eu penso que nós estabelecemos aquele fato.

Eu senti uma expressão irritada rastejar através de meu rosto - porque meu cérebro ainda não tinha acordado como o resto de meu corpo.

— Se você for real, importaria se lhe perguntasse por que você está curvada em cima de mim, nariz com nariz, como no pior filme de terror, tipo daqueles que você tem vontade de se urinar, quando eu acordei?

— Eu estava verificando sua respiração. Você estava gemendo e fazendo barulhos como se fosse acordar.

— Eu estava sonhando, — eu disse, como se isso explicasse tudo.

— Então você disse. Repetidamente. A mulher, da pele a cor de mogno lustrado, movimentou a cabeça. — É bom. Você está começando a lembrar. Eu perguntei-me se o dragão interior não falaria com você de alguma maneira.

Pequenos sinos de advertência soaram de minha mente, o tipo que toca quando você está preso em um pequeno quarto.

— Bem, isto não é só adorável. Eu sinto como um gato de merda preso em um quarto com uma senhora louca. — Eu bati as palmas da mão em minha boca, horrorizada por ter dito as palavras e não apenas o pensamento deles. — Você ouviu isto?

Eu perguntei atrás dos meus dedos.

Ela movimentou a cabeça.

Eu deixei minha mão cair. — Desculpe. Eu não quis dizer nenhuma ofensa. É só que, bem. . . você sabe. Dragões? Isto é dos tipos que estão lá fora.

Uma carranca leve apareceu entre suas sobrancelhas. — Você parece um pouco confusa.

— Você conseguiu a indicação incompleta do ano. Seria rude perguntar quem é você? — Eu suavemente esfreguei minha testa, vagando com o olhar pelo quarto.

— Meu nome é Kaawa. Meu filho é Gabriel Tauhou, o dragão de prata.

— Uma prata o que?

Ela ficou muda, seus olhos astutos me avaliaram. — Você realmente pensa que isto é necessário?

— Que eu faça perguntas ou esfregue minha cabeça? Não importa - ambos são sim. Eu sempre faço perguntas por que sou curiosa. Pergunte a todos; Eles dirão a você. E eu esfrego minha cabeça quando sinto como se ela tivesse sido pisoteada, como foi.

Outro silêncio seguiu aquela declaração. — Você não é o que eu esperei.

Minhas sobrancelhas estavam trabalhando bem suficiente para subir com aquela declaração. — Você me assusta olhando-me a uma polegada de distancia, e eu não sou o que você esperava? Eu não sei o que dizer uma vez que não tenho a menor idéia de quem você é, seu nome é Kaawa e soa Australiana, ou onde eu estou, ou o que estou fazendo aqui, além de tirar um cochilo. Quanto tempo eu dormi?

Ela olhou o relógio. — Cinco semanas.



Eu dei a ela um olhar que dizia a ela que não me enganava. —Acha que sou tola? Espera -Gareth pôs você nisso, não é? -Ele está tentando me passar à perna.

—Eu não conheço Gareth,— ela disse, movendo em direção ao fim da cama.

—Não . . . — eu franzi o cenho enquanto a minha mente ainda estava sob efeito de um sono profundo, lentamente voltei à razão. —Você esta certa. Gareth não faria isto, ele não tem absolutamente nenhum senso de humor.

—Você caiu em um estupor cinco semanas e dois dias atrás. Você tem estado adormecida desde então.

Um frio abriu minha espinha enquanto eu lia a verdade em seus olhos. —Isso não pode ser.

—Mas é.

—Não.— Cuidadosamente, muito cuidadosamente, eu agitei minha cabeça. — Não é hora para isso; Eu não devia ter um por mais seis meses. Oh deus, você não é uma demente da Austrália que mente para pessoas inocentes não é? Você está dizendo a mim a verdade! Brom! Onde está Brom?

—Quem é Brom?

O pânico me fez saltar para meus pés quando meu corpo soube melhor. Imediatamente, eu desmoronei sobre o chão com uma pancada alta. Minhas pernas pareciam ser de borracha, os músculos que tremiam com tensão. Eu ignorei a dor da queda e voltei para cama.

—Um telefone. Existe um telefone? Eu preciso de um telefone.

A porta abriu quando me levantei, ainda cambaleando, o chão balançando e levantando debaixo de meus pés.

—Eu ouvi um,oh. Eu vejo que ela está acordada. Oi, Ysolde.

—Oi.— Meu estômago balançou junto com o chão. Eu agarrei a armação da cama por alguns segundos ate tudo parar de rodar.

—Quem você é?

Ela trocou um perplexo olhar com a outra mulher. —Eu sou May. Nós nos encontramos antes, você não lembra?

—Não. Você tem um telefone, May? Se ela ficou surpreendida por aquela pergunta, ela não demonstrou. Ela simplesmente puxou um telefone celular do bolso de seus jeans e passou-o a mim.

Eu tomei, olhando fixamente para ela por um momento. Existia algo sobre ela, algo que pareceu familiar . . . E ainda, eu estava certa de nunca tê-la visto antes.

Mentalmente, eu agitei longe as fantasias e comecei a esmurrar um número de telefone, mas parei quando percebi que não sabia onde estava.

—Que país é este?

May e Kaawa trocaram olhares. May respondeu. —Inglaterra. Nós estamos em Londres. Nós pensamos que era melhor não te levar muito longe, embora quando tiramos você da casa do Drake ele ficou maluco ainda com os gêmeos recém nascidos.

—Londres,— eu disse, lutando e perscrutando no abismo preto que era minha memória. Não existia nada, mas não era incomum após um episódio.

Afortunadamente, alguma genialidade permaneceu em mim, inclusive a capacidade de lembrar o numero de meu telefone.

O telefone zumbiu suavemente contra minha orelha. Eu segurei minha respiração, contando os sinais antes de ser atendido.



—Sim?

—Brom,— eu disse, —querendo sentir alívio no som de sua plácida voz.— Você esta bem?

—Sim. Onde você esta?

—Londres.— Eu deslizei um olhar em direção à mulher pequena, com cabelos escura que pareceu ter saído de um filme mudo. —Com. . . uh . . . algumas pessoas.— Pessoas loucas, ou sãs . . .essa era a pergunta.

—Você ainda está em Londres? Eu achei que você só ficaria por três dias. Você disse três dias, Sullivan. Esta há mais de um mês.

Eu ouvi a nota de dor em sua voz. Eu odiei isto. —Eu sei. Eu sinto muito. Eu . . . algo aconteceu. Algo importante.

—Que tipo?— Ele perguntou curioso agora.

—Eu não sei. Eu não consigo pensar,— eu disse, sendo bastante literal. Meu cérebro parecia estar imerso em melado.—As pessoas que estão comigo, me cuidaram enquanto eu dormia.

—Oh, aquele tipo de importância. Gareth se urinou quando você não voltou. Ele telefonou para seu chefe e o massacrou por manter você tanto tempo.

—Oh, não,— eu disse, meus ombros se afundaram quando pensei no poderoso feiticeiro do qual eu era aprendiz.

—Foi muito legal! Você devia ter ouvido. Dr. Kostich gritou com Gareth, e disse que ele parasse de telefonar, que você estava bem, mas não diria onde esta, porque Gareth estava sempre se aproveitando de você.

E então Gareth disse que seria melhor ele tomar cuidado porque ele não era o único o qual podia fazer as coisas acontecerem, então Kostich disse —Oh sim— e Gareth disse —Sim— que a cunhada dele era uma necromante⁴. E então Ruth esmurrou seu braço mordendo sua orelha que sangrou, depois disso achei uma raposa morta. Eu posso pegar cinqüenta dólares para comprar um pouco de natron⁵?

Eu pisquei com a série de informações que despejou em minha orelha, separando o que devia ter sido uma cena horrível com Dr. Kostich, e finalmente me dar conta do pedido estranho.

—Por que você precisa de natron?

Brom suspirou. — Por que eu achei a raposa morta. Vai precisar de muito natron para mumificar.

—Eu realmente não penso que precisamos da múmia de uma raposa, Brom.

—É meu passatempo,— ele disse no seu tom cansado. —Você disse que eu precisava de um passatempo. Eu consegui um.

—Quando você disse que estava interessado em múmias, eu pensei que você quis dizer as egípcias. Eu não entendi que gostaria de fazer as suas próprias.

—Você não perguntou,— ele assinalou, e com isto, eu não podia discutir.

—Nós conversaremos sobre isso quando eu voltar. Eu suponho que devia conversar com Gareth.

⁴ **Necromante**-Necromancia é uma forma de magia em que o praticante evoca espíritos para proteção ou sabedoria, no entanto dês de o Renascimento a necromancia foi associada com magia negra. A necromancia é usada coloquialmente para ressuscitar mortos.

⁵ **Natron**-É uma mistura natural de carbonato de sódio, na antiguidade era usado no Egito para mumificação.



—Não pode. Ele está em Barcelona.

—Oh. E Ruth está?

—Não, ela foi com ele.

O pânico me agarrou. —Você não está só, não é?

—Sullivan, eu não sou uma criança,— ele respondeu, soando indignado que eu questionaria a sabedoria ganha durante seus nove anos de vida.

—Eu posso cuidar de mim mesmo.

—Não por cinco semanas você não pode.

—Está Ok. Quando Ruth e Gareth partiram, e você não voltou, Penny disse que eu podia ficar com ela ate voltar para casa.

Eu caí contra a cama, esquecendo das duas mulheres que me assistiam muito próximo. —Agradeço as estrelas por ter Penny.

Eu estarei em casa logo que eu possa embarcar em um avião. Você tem uma caneta?—

—Um minuto.

Eu cobri o telefone e olhei para a mulher chamada May. —Há um número de telefone que eu posso dar a meu filho no caso de uma emergência?

—Seu filho?— Ela perguntou arregalando os olhos. —Sim. Aqui.

Eu tomei o cartão que ela puxou de seu bolso, lendo o numero para Brom. —Você fica com Penny ate que eu chegue, certo?

—Jesus, Sullivan, eu não sou um 'reta.

—Um o que?— Eu perguntei.

—Um reta. Sabe um retardo.

—Eu disse a você para não usar esse tipo de . . . oh, não importa. Nós discutiremos palavras que são nocivas e que não devem ser usadas. Só fique com Penny, e se você precisar chame-me no número que te passei. Oh, e Brom?

—O que?— Ele perguntou com aquele tom de voz de um menino de nove anos que acha saber tudo.

Eu girei minhas costas para as duas mulheres. —Eu te amo de montão. Você lembra-se disto, OK?

—'K.— Eu podia quase sentir seus olhos rolando. —Eh, Sullivan, como você teve sua coisa agora? Eu achei que deveria acontecer perto do Halloween.

—Não era para ser, e eu não sei por que aconteceu agora.

—Gareth vai se roer por ter perdido isso. Você... você sabe... coisas boas se manifestaram?

Meu olhar lentamente se moveu em torno do quarto. Pareceu como um quarto normal, contendo uma grande escrivaninha, umas cadeiras e uma mesa pequena com uma toalha, e uma lareira de pedra branca.

—Eu não sei. Eu telefono mais tarde quando eu tiver algumas informações sobre quando eu estarei em Madrid, certo?

—*Mais tarde, garçom bigodudo Frances.* — (foi uma rima usada que traduzida perdeu o sentido) ele disse, usando sua rima de infância favorita.

Eu sorri disto, sentindo falta dele, desejando que existisse um modo mágico para me transportar ate meu pequeno ruidoso e abarrotado apartamento onde vivemos, assim poderia abraçá-lo e bagunçar seus cabelos, maravilhada por uma criança tão inteligente ser minha.



—Obrigada. — eu disse, dando o telefone celular de volta. —Meu filho só tem nove anos. Eu achei que estivesse preocupado comigo.

—Nove. — May e Kaawa permutaram outro olhar. —Nove... anos?

—Sim, claro. — Eu me movi para o lado, por via das dúvidas se uma ou ambas ficassem loucas depois de tudo.

—Isto é muito constrangedor, mas eu tenho medo que não tenha nenhuma lembrança de qualquer uma de vocês. Nós nos encontramos?

—Sim. — Kaawa disse. Ela usava umas calças pretas e um top negro bordado em prata com desenhos de vários animais aborígenes. Seu cabelo era todo trançado e preso em um rabo de cavalo pequeno. —Eu encontrei você uma vez antes, no Cairo.

—Cairo?— Eu piquei a massa preta sólida que era minha memória. Nada se manifestou. —Eu não acredito em que eu tenha ido ao Cairo. Eu moro na Espanha, não no Egito.

—Isto foi há muito tempo atrás. — a mulher disse cuidadosamente. Talvez ela fosse alguém que eu encontrei enquanto viajava com Dr. Kostich. —Oh? Quanto tempo atrás?

Ela olhou para mim caladamente por um momento, então disse:

—Mais ou menos trezentos anos.



Capítulo Dois

—Ysolde acordou novamente.— May disse enquanto abria a porta do estúdio. Eu olhei fixamente abaixo na xícara de café embalado em minhas mãos. Dois homens entraram no quarto, ambos altos e bem constituídos e curiosamente os dois tinham olhos cinzentos.

O primeiro que entrou parou diante da cadeira de May, suas mãos alisavam o cabelo enquanto ele me olhava de cima a baixo.

Eu retornei o olhar, notando que sua pele era cor de café com leite e um cavanhaque bem aparado, ombros largos e cabelo rastafári.

—Novamente? O homem perguntou.

—Ela desfaleceu depois que acordou a primeira vez.

Eu olhei para ele. Depois da última hora, eu desisti da idéia que May e Kaawa eram potencialmente perigosas. Eles deixaram-me tomar um chuveiro, prometeram me alimentar, e deram a mim café, pessoas loucas raramente fariam aquilo.

—Ah. Nenhum efeito colateral, eu espero?— Ele perguntou.

—Não a menos que você chame cinqüenta e dois elefantes para sapatear com botas de combate, enquanto bigornas saltam no meu cérebro, isso não me afetou. — eu disse, olhando distraidamente na garrafa de ibuprofeno⁶.

—Chega. — May disse, movendo ele fora de meu alcance. —Você vai se envenenar se tomar mais.

Eu mexi meu café com um barulho desagradável como castigo para sua falta de coração.

—Eu tenho medo que existe poucas coisas a se fazer por uma enxaqueca.— Ele movimentou a cabeça em direção ao homem com ele. —Tipene, Enquanto nós estamos aqui, mande um email para o Dr. Kostich e deixe-o saber que sua aprendiz se recuperou.

O segundo homem também era negro, mas com muito menos rastafári nos cabelos. Ele movimentou a cabeça. Embaixo da camiseta colorida que ele usava, eu pude ver as linhas e curvas pretas, o que indicava que ele tinha inúmeras tatuagens no tórax.

—Nós estávamos só tomando um café enquanto esperamos por almoço. — May continuou, sorrindo para o primeiro homem.

—Ysolde diz que seu cérebro esta um pouco confuso.

—Não tão confuso que eu não posso corrigir algo que está seriamente errado. — eu disse, anotando minha xícara. Eu me dirigi ao homem que estava ao lado de May.

—Eu presumo que você é Gabriel Tao... Tow...

—Tauhou. — ele disse, com os olhos estreitos quando me olhou.

—Desculpe, eu tenho a memória péssima para nomes das pessoas. Eu estava tentando dizer a sua... er... eu acenei vagamente em direção a May.

—Companheira. — ele disse.

⁶ **Ibuprofeno**- Antiinflamatório e também analgésico usado para tratar dor de cabeça.



—Completamente.— Eu pisquei acima da palavra estranha usada com sua parceira. De as pessoas chamavam seus amantes na privacidade de seu lar, não era problema meu.

—Eu estava só tentando dizer a ela que me confundiram com outra pessoa.

—Meu nome não é Ysolde. É Tully, Tully Sullivan.

—Realmente...— ele educadamente disse, tomando a cadeira que May tinha usado. Ela empoleirou-se no braço da cadeira, sem tocá-lo, mas eu podia sentir as vibrações entre eles.

—Eu sou um aprendiz mago.— eu expliquei. —Você mencionou contatar Dr. Kostich, eu estou certa de que ele ficaria feliz em te dizer que me confundiu com outra pessoa.

—Que você não é um mago da para perceber. Que você é aprendiz do Kostich, nós sabemos. Você nos foi apresentada por ele há quase dois meses, quando veio da casa dos dragões verdes para prevenir um ataque.

—Dragão? — A palavra foi mencionada mais cedo, mas algo a se afundar na nevoa ao redor de seu cérebro.

Se isso quisesse dizer o que eu havia pensado, ele quisesse dizer o que eu pensei que fez, seria um longo caminho explicar o comportamento dos outros.

—O tipo que são... oh! É por isso que você mencionou dragões. Você é um deles, certo? Um dragão?

—Meu pai é um dragão, e May é minha companheira. — Gabriel disse, tomando mão de May. —Tipene também é um dragão de prata, como a Maata também, com quem em breve irá se encontrar. E eu não preciso dizer, você é.

Eu teria rido, mas meu cérebro estava ainda trabalhando a passo de tartaruga. Eu dei a ele o que eu era esperado, um sorriso. Nenhuma maravilha eles pareceram ser muito estranhos, eles eram dragões!

—Sabe, de um modo isto é muito excitante. Eu nunca encontrei um dragão antes. Eu ouvi sobre você, claro. Quem não ouviu, mas posso te assegurar, não sou um de vocês. —Não que exista qualquer coisa errada com isso, sabe ser um animal. Não existe nada de errado mesmo. Eu estou certa que muitas pessoas agradáveis são dragões. Eu não tinha visto um antes de te conhecer. Oh, inferno. Eu estou murmurando novamente, não é?

—Sim. — Kaawa disse. —Mas isso está certo. Nós entendemos.

—Entendem?— Eu esperançosamente perguntei. —Bom, porque eu não entendo nada desde que acordei, e nem por que pensam que sou um de vocês.

—Você é Ysolde de Bouchier, dragão de prata, e companheira de Baltic, que era um dragão negro.— Kaawa disse, ela olhava parecendo desnudar todas as minhas defesas e deixar minha alma nua. Eu me torci na cadeira, desconfortável com sua afirmação.

—Eu penso que saberia se eu fosse um cuspidor de fogo com um amor dourado. — eu suavemente disse, não querendo chateá-la, ela era boa, porém estranha.

Eu forcei meu cérebro lento a lembrar de tudo o que eu sabia a respeito de dragões.



—Eu tenho medo que não saiba muito sobre você e seu povo, embora tenham abordado esse assunto na comunidade dos magos, desde que Dr. Kostich foi forçado a lidar com uma incontrolável companheira de dragão que evidentemente é um demônio. Desculpe. Eu tenho medo que você me tenha confundido com outra pessoa.

A dúvida estava evidente no rosto de May quando ela olhou em Gabriel.

—Você podia estar errada? — Ela perguntou.

Ele pareceu pensativo quando sua mãe agitou sua cabeça.

—Eu não estou errada. — Kaawa disse com determinação.

—Embora eu tivesse visto Ysolde de Bouchier só uma vez antes, a imagem dela ficou gravada em minha memória.

—Você é Ysolde.

Eu esfreguei minha fronte, cansada apesar de meu sono de cinco semanas.

—Eu não sei o que eu posso dizer para provar quem eu sou. Você pode perguntar para Dr. Kostich. Você pode perguntar aos outros aprendizes. Eu sou humana. Meu nome é Tully.

—Eu moro na Espanha com meu filho, marido, e cunhada.

—Marido?— A surpresa se mostrou nos olhos do Gabriel por alguns minutos antes de se tornar diversão.

—Você é casada e você tem uma criança?

—Sim, eu sou, e eu tenho que dizer que não entendo o que vocês vêm de tão engraçado em ter uma família. — eu disse, fazendo uma cara feia para Tipene enquanto ele ria.

—Nada é engraçado sobre isto. — May disse, mas até ela pareceu estar se contendo para não rir.

—É só que Baltic é um tanto quanto volátil, e quando ele descobrir que sua preciosa Ysolde esta viva, com um marido e um filho... bem, para ser honesta, ele ficara furioso.

—Será difícil para ele, mas desde que eu não sou sua Ysolde preciosa, eu particularmente não me importo.

—Eu acho que chegara o tempo em que você se importará muito. — Gabriel disse, advertindo-me.

—Duvido. Eu tenho a política de não desperdiçar tempo diante pessoas que são um pé no saco, e ele soa como um grande pé no saco. Oh! —Eu fiz careta. —Ele... não é... um amigo seu, não é? Eu peço desculpas.

May engasgou com o gole de café que ela esteve tomando. Gabriel solicitamente bateu em suas costas enquanto declarou:

—Não, ele não é amigo dos dragões de prata.

—Entendo. — eu disse ligeiramente enquanto ficava em pé. —Essa foi uma experiência realmente... especial, mas eu preciso ir. Obrigado pelo café, e por cuidar de mim enquanto estava fora do ar. Eu apreciei isto, mas meu filho esta só por muito tempo, e eu realmente preciso ir, a vizinha esta cuidando dele.

—Eu acho que não é uma boa idéia você sair sozinha ainda. — May disse devagar enquanto ela e Gabriel trocavam olhares.

—Olhe, você é muito agradável, mas eu estou ficando cansada de dizer que eu não sou esta pessoa que você pensa que eu sou. — Eu comecei a dizer.

—Não, eu quis dizer a respeito de seu estado físico, seria melhor para você ficar aqui por alguns dias.



—Meu estado físico? Você quer dizer a amnésia?— Eu perguntei.

—É assim que você chama isto?

—Isto é como o psiquiatra que eu freqüento denomina isso. Eu asseguro a você que embora as crises sejam inconvenientes para todos, uma vez que elas acabam eu fico bem, com um pouco de dor de cabeça, mas nada serio.

—Você freqüentou um psiquiatra por conta dessas... amnésias?— Kaawa perguntou, seus olhos escuros assistindo-me cuidadosamente.

—Bem... sim. Uma vez. Eu não soube o que aconteceu comigo, e pensei que...— eu me sentei novamente, meu lábio, hesitante em dizer a eles que eu pensei que estava ficando louca. —Vamos dizer que eu estava preocupada em saber o que estava me causando isso.

—Qual foi o julgamento do psiquiatra?— Gabriel perguntou me fazendo desconfortável com seu olhar.

Eu encolhi os ombros.

—Eu só o vi uma vez. Gareth não gostou que eu tivesse ido.

—Gareth é seu marido?— May perguntou.

—Sim.— Eu tentei sorrir, ficando cada vez mais desconfortável na situação.

—Por que eu sinto como se estivesse respondendo vinte perguntas?

—Eu sinto muito estarmos bombardeando você com perguntas. — May disse com um pequeno sorriso. —Somente é nos pegou de surpresa, e agora ainda mais.

—Se você pode tolerar outra pergunta... — Kaawa disse, movendo-se para ficar perto de mim. Eu me movi para dar espaço, os pelos de meus braços se arrepiaram por sua proximidade.

Existia algo com ela, uma aura que me levou a crer que ela era uma mulher que não tolerava ser enganada.

—Quando você viu o psiquiatra?

Eu olhei fixamente para ela em surpresa.

—Er... quando?

Ela movimentou a cabeça, assistindo-me com aquele mesmo olhar.

—Bem, deixe-me pensar que... era um... — eu olhei fixamente para meus dedos, tentando classificar por minhas memórias tentando encontrar o que eu procurava,mas não estava lá.

—Eu não lembro.

—Um mês atrás? Dois meses atrás? Um ano? Cinco anos?— Ela perguntou.

—Eu não estou certa. — disse, sentindo tão imperfeita quanto eu soei.

—Deixe-me perguntar a você, então... Qual é sua memória mais antiga?

Eu realmente olhei fixamente para ela.

—Huh? Por que você quereria saber algo sem importância assim?

Ela sorriu, e eu me senti de repente banhada por um brilho morno, dourado de atenção.

—Minhas perguntas te perturbam, criança?

—Não, não perturbam, eu só não vejo o porquê disso. Eu realmente tenho que ir. Meu filho...

—Ficará bem por poucos minutos.—Ela esperou, e eu olhei em torno do quarto. Os outros três dragões estavam me olhando, calados, evidentemente felizes por Kaawa estar conduzindo esse interrogatório estranho.

Eu dei um suspiro mental.



—Vamos ver... memória mais antiga. Eu presumo o que você quer dizer como uma criança.

—Sim. Qual a primeira coisa que você lembra? Voz da sua mãe, talvez? Um brinquedo favorito? Algo que tenha te assustado?

Tentando não irritá-la, eu cutuquei novamente na massa preta que era minha memória.

Nada chegou.

—Eu tenho medo que tenha um realmente uma memória ruim. Eu não posso lembrar-me de qualquer coisa como uma criança.

Ela movimentou a cabeça novamente, da maneira como se ela esperasse isto.

—Seu filho tem nove anos, você disse. Você deve lembrar-se do dia em que ele nasceu.

—Claro que lembro... —Eu parei quando, para meu horror, eu percebi que não lembrava. Eu podia ver seu rosto em minha mente, mas era seu rosto de agora, não o rosto de um recém nascido.

O pânico me inundou.

—Por Deus! Eu não me lembro! Não lembro isto!

—Por Deus?— May perguntou.

Eu olhei fixamente para ela em confusão, minha pele fervilhava na percepção de que havia algo muito errado comigo.

—O quê?

—Você disse “Por Deus.” Que é um termo arcaico, não é?

—Como o inferno eu sei? — Eu disse quase gritando. —Eu estou tendo um desarranjo mental, e você esta preocupada com uma frase tola? Você não entende? — Eu saltei para meus pés, agarrando o colarinho de sua camisa.

—Eu não me lembro de primeira palavra do Brom. Eu não lembro a primeira vez que ele andou, ou ate como ele era quando bebê. Eu não me lembro de nada disto!

—Você lembra-se de casar com seu marido?— Kaawa perguntou.

Um calafrio correu por meus braços. Eu mentalmente agarrei minha memória com as mãos e tentei lembrar, mas nada aconteceu.

—Não. — eu disse a palavra sussurrada de medo que substituiu o pânico. —O que há de errado comigo? Por que eu não posso lembrar-me de qualquer coisa?

—É como eu pensei. — Kaawa disse, tomando meu queixo entre as pontas de seus dedos assim ela podia olhar nos meus olhos. —Sua memória foi expungida.

—Por que alguém faria isto?— Eu perguntei as palavras num gemido próximo enquanto lutava com o desejo de correr e pegar o primeiro avião para a Espanha. — Você fez isso comigo?

—Não, criança. — ela solenemente disse, lançando meu queixo. —Eu suspeito que você fosse condicionada a esquecer.

—Condicionada a esquecer meu próprio filho? Isso não faz qualquer sentido! Que poderia querer que eu me esquecesse dele?

—Está tudo bem, Ysolde. Er... Tully. — May disse com uma voz calma, suavemente me guiando de volta para o sofá.

—Eu sei que você esta assustada com tudo isso, mas você conversou com seu filho mais cedo, lembra? Você disse que ele que estava bem.

Eu me agarrei, lutando com medo nascente que ameaçava me subjugar.



—Sim, ele estava bem, embora eu realmente precise ir para casa. Sinto muito, não posso ficar mais aqui.

Eu percorri o caminho para a porta da frente e a voz da Kaawa me alcançou.

—E o que você fará se você tiver outra crise enquanto seu filho estiver com você?

Eu congelei, girando devagar enfrentei as quatro pessoas.

—Eu só tenho isso uma vez por ano. Eu acredito ter mencionado.

—Você disse a seu filho que você não soube por que teve isto agora. Isso era ao que você estava referindo, não?

Eu movimente a cabeça, meus ombros afundando.

—Eu não devia ter tido isso até o fim de outubro.

—E então você teve isto agora.

—Mas, Kaawa, isso era... — May começou a dizer.

A mulher mais velha levantou sua mão.

—Eu só tenho isso uma vez por ano. — eu disse a eles todos. —Isto era uma anomalia. Eu não sei por que aconteceu antes, mas estou certa que não vai se repetir.

—Como você pode estar certa? Você não pode, para falar a verdade não. Não existe nada que detenha outra crise, agora, uma hora ou uma semana, existe?

Kaawa insistiu.

Eu friccionei meus dentes em reconhecimento.

—E se você estiver dirigindo um carro com seu filho e de repente tiver uma crise?

—Isso seria muito improvável.

—Mas podia acontecer. — ela apertou. —Você arriscaria sua vida?

—Nunca aconteceu antes. — eu disse, mas as idéias horríveis que ela estava apresentando não podiam ser negadas.

A crise não devia ter acontecido agora, mas aconteceu. E se ela viesse novamente, enquanto eu estivesse com Brom?

Meu intestino se torceu perante as possibilidades de desastre.

—Eu acho o que Kaawa está tentando dizer é que ate que se saiba por que esta tendo... er... essa crise deveria ficar conosco. — May sugeriu.

—Não. — eu disse, agitando minha cabeça. —Eu deixei Brom só por tempo suficiente. Eu devo ir para casa.

—E se... — Ela deslizou um olhar em direção a Gabriel, que movimentou a cabeça. —E se seu filho vier para cá junto de você?

—Eu não sei. — eu disse devagar. —Eu acho que provavelmente seria melhor estar com minha família. Gareth pode não ser grande coisa como marido, mas ele tem me cuidado esse tempo todo.

—Por quanto tempo ele tem te cuidado?— Kaawa disse, lançando sobre minhas palavras.

—Muito tempo.— eu disse finalmente, não achando quaisquer respostas em meu cérebro.

—Ele teria alguma razão para querer que você estivesse sem sua memória? Gabriel perguntou.

Eu abri minha boca para negar tal coisa, mas lembrei-me das manifestações. — Ele poderia. Existe... Quando eu tenho uma crise normal, eu manifesto... Essa não é a palavra certa, realmente, mas é como eu penso sobre...



—Eu faço... — Eles todos me assistiram com uma avidez que fez minha pele coçar. Eu respirei fundo e disse a palavra.— Ouro.

—Você faz ouro?— May perguntou com, sua expressão perplexa.

—Ahh. — Kaawa disse, sentando de volta, como se isso explicasse tudo.

—Sim. Gareth, meu marido, diz que eu sou uma alquimista natural. Isto é alguém que pode transmutar metais básicos. Todo ano, quando eu tenho as crises, ele me traz chumbo. Muito chumbo, e deixa comigo no quarto. Quando a crise passa, o chumbo foi transformado em ouro. Eu não sei como faço, mas ele diz que ocorre quando estou adormecida.

—Isso deve ser muito útil. — May falou um pouco cética, eu senti.

Eu fiz uma careta. Se ela me acreditava ou não pouco me importava. Eu estava mais preocupada com a perda súbita de memória.

Talvez estivesse ficando louca, não eles, foi meu primeiro pensamento.

—Para ser honesta, eu iria muito bastante passa sem as fugas. Especialmente se estiverem fazendo algo com meu cérebro.

—Eu imagino que você prefira.

—Eu admito isto é um talento curioso, e me faz desejar ter algum chumbo em seu quarto.

Gabriel disse com um sorriso.

—Mas eu não sigo o raciocínio de porque sua mente seria enxuta.

Eu fiz um gesto sem compromisso, e por um segundo, uma cena relampejou em minha mente - Ruth, deitada em uma cama em uma cabana mal iluminada, coberta, suando e tremendo enferma enquanto Gareth a agitava dizendo que eu havia acordado, exigindo que ela cuidasse de mim.

Eu tentei puxar alguns fragmentos da memória, tentava ver, mas não havia nada, só um buraco negro.

—Eu não sei. — eu disse finalmente, tristemente ciente que não podia confiar nas imagens que meu cérebro sugeria. Não havia modo de saber se isso era uma memória real ou fabricada por uma mente que eu começava a duvidar que era normal.

Estava começando a temer e não era normal.

—Eu posso pensar sobre inúmeras razões por que seu marido poderia preferir você sem memórias. — Kaawa calmamente disse. —Por exemplo, ele poderia não desejar que ela soubesse a que casta ele pertence.

—Casta?— Eu agitei minha cabeça. —Gareth não é um dragão. Eu saberia se ele fosse.

—Da mesma maneira que você saberia se você fosse um? — Gabriel ligeiramente perguntou.

—Sim, exatamente. — Ele levantou sua sobrancelha e eu me apressei em dizer.

—Além disso, Gareth é um oráculo, e eu nunca ouvi falar de um oráculo dragão.

—Só porque nenhum dragão buscou a posição de oráculo isso não impede a possibilidade de se fazer isso. — ele disse.

—Ele não é um dragão. — eu insisti. —Eu saberia. Eu sou casada com ele por... — eu deslizei um rápido olhar em Kaawa.

—Por qual quer tempo que tenha sido, eu saberia.

—Eu concordo.— ela disse, me surpreendendo novamente.

—Concorda?— Eu perguntei.



—Sim, criança. Você saberia se seu Gareth fosse um dragão.— Ela deitou sua mão em mim, o gesto normalmente me faria recuar, eu não gosto que me toquem, somente por Brom, mas esse gesto me ofereceu conforto. —Mas existem outras razões pelas quais ele poderia querê-la sem memórias, por exemplo o que você faz nesses períodos de crise.

—O que você quer dizer, eu durmo.— disse a ela.

Ela levantou suas sobrancelhas da mesma maneira que Gabriel fez, dando seu olhar de descrença.

—Como você sabe?

—Eu sei. Eu quero dizer, eu devo dormir. Caso contrário, eu não teria sonhado que... —eu parei, não querendo retornar ao sonho estranho que eu estava tendo quando acordei.

Ela me deu um olhar astuto, mas não disse nada sobre o sonho, meramente comentou.

—Você acordou sem uma memória. Você pode pensar que dorme, mas se não o fizer? E se o teu marido te obrigar a fazer coisas das qual você repudia? E se ele quisesse que sua memória fosse apagada para se proteger? E se seu filho sabe o que ele faz.

Eu me arremessei para a porta, alarmada pelos retratos que ela pintou em minha mente.

—Eu tenho que ir. Agora!

—Acalme-se, Ysolde.— Kaawa ternamente disse. Tipene de alguma maneira se posicionou na frente da porta antes que eu pudesse sair, com os braços cruzados sobre o tórax.

—Meu nome é Tully. — eu disse cerrando os dentes.

—Eu não disse que seu marido está fazendo qualquer coisa odiosa. — ela continuou. —Eu meramente ofereci a hipótese como uma razão por que ele poderia querer que você ficasse em um estado permanente de desconhecimento.

—Por favor deixe-me partir. — eu disse. De todas as pessoas no quarto, ela pareceu a mais simpática, a mais familiar.

—Eu devo voltar para minha família.

Ela pareceu desconfortável quando Gabriel disse.

—Nós somos sua família, Ysolde. Você nasceu como um dragão de prata. Você precisa de nossa ajuda. Você ficará aqui enquanto nós te ajudamos.

—Eu não quero sua ajuda maldita!— Eu disse, perdendo meu temperamento, enquanto ao mesmo tempo eu quis soluçar de frustração.

—Você precisa de ajuda para recuperar sua memória.— Kaawa assinalou. — Ainda que você não seja quem nos acreditamos ser, não pode desejar ter uma vida sem qualquer memória.

Isso me parou, fazendo-me atingir um pensamento importante.

—Por que eu não consigo me lembrar de coisas como o nascimento do Brom?

Ela se virou por um momento, procurando meu rosto antes de responder.

—Eu suspeito que quem extirpou sua memória te aplicou uma compulsão que te afastaria do problema de sentir falta disso. É só uma suposição, claro.

Eu afundei abaixo na cadeira mais próxima à porta, exausta, mentalmente contundida e danificada.

—Eu só quero meu filho.



—E você o terá. Ele virá aqui assim que possível. — Gabriel disse.

A dor interior se deflagrou.

—Ele só tem nove anos.— eu disse.

—May e eu iremos buscá-lo pessoalmente.— ele suavemente respondeu. May sorriu e enroscou os dedos nas mãos dele. —Nós não deixaremos que nada ruim aconteça a ele, eu juro.

Eu observei por um minuto, não certa se devia o confiar ou não. Uma pequena voz de preocupação me advertia,eu não conhecia essas pessoas,mas eles tomaram bem conta de mim nas ultimas cinco semanas, e eu senti um laço estranho com May, quase como se eu a conhecesse por um longo tempo. Ela me parecia confiável,depois de pouco tempo concordei.

—Tudo bem. Se me trouxer Brom ainda hoje, eu fico.Somente até que me ajudem a recobrar minhas memórias e provar para vocês que eu não sou um dragão.

Duas covinhas fundas apareceram na bochecha quando ele sorriu para mim. Eu estava impassível por eles. Eu realmente não desconfiava de Gabriel, mas ele não me parecia familiar como May, e o poder emanado em torno dele me deixou cautelosa,vagamente desestabilizada.

Brom, infelizmente, não podia ser trazido para mim no momento. Depois de uma conversa longa com Penny,a amiga que cuidou dele,ela prometeu entregá-lo a Gabriel e May quando chegassem naquela tarde.

—Eu nunca estive na Inglaterra.— Brom disse quando eu lhe contei que se juntaria a mim. —Não que eu lembre. Não é, Sullivan?

Eu concordei.

—Brom, você lembra do último Natal, não é?

—Último Natal? Quando você ficou chateada porque eu pedi um kit de dissecação e você me deu Game Boy?

Eu relaxei, o medo súbito que meus assuntos de memória eram hereditários - ou que alguém tinha abusado da mente dele, desapareceram em nada.

—Er... sim. Está certo.

—O que acontece?

—Só lembre que às vezes, você não pode entender por que coisas estão acontecendo, mas eles acontecem para o melhor. — eu disse em minha maneira “vaga de mãe sábia”. —Eu quero que você se comporte com May e Gabriel quando eles chegarem aí, mas se qualquer coisa acontecer para eles, você me chama, certo?

—Sim, OK. Penny diz que eu tenho que fazer as malas agora. Adeus.

Eu suspendi o telefone me sentindo aliviada, mas ao mesmo tempo eu estava preocupada. Podia eu confiar Gabriel e May? Onde estava Gareth, e por que ele deixou Brom por tanto tempo? O que estava acontecendo com meu cérebro? Eu estava louca, ou apenas vítima de algum enredo horrível?

—Eu preciso de alguma terapia séria.— eu disse em voz alta, pensando sobre o pequeno jardim que eu compartilhava com os outros residentes de nosso apartamento. Era meu abrigo contra os diários testes e tribulações, fornecendo a mim paz ilimitada.

—Todos dragões de prata gostam de plantas.— Kaawa disse por detrás de mim. —May não tem tido tempo para tomar conta do jardim, mas eu estou certa que ela teria muito prazer se você quisesse arrumar coisas lá fora.

Eu girei ao redor para alfinetar suas costas com um olhar.



—Como você soube que eu estava falando sobre um jardim?

Ela acabou de sorrir e gesticulou em direção às janelas francesas. A casa do Gabriel, embora no meio de Londres, tinha um minucioso jardim defendido por uma alta parede de tijolos vermelhos. Meu coração se iluminou com a visão de canteiros, e antes de eu saber isto, eu estava em meus joelhos, meus olhos fechados enquanto eu afundava minhas mãos na terra morna do sol.

—Eu deixarei você aqui. Serão quatro horas até Gabriel alcançar seu filho. — ela disse, assistindo com diversão como eu dobrava meus dedos na terra, arrancando fora as ervas daninhas que sufocaram um crisântemo.

—Eu sei. O jardim é tão bom lugar quanto qualquer para esperar. — eu disse, olhando para ver quão ruim o jardim estava.

Existiam só três canteiros. Um parecia ter sofrido alguma calamidade, desde que o arbusto lilás selvagem estava amassado para o chão, e grama selvagem enchia o resto do canteiro. O segundo continha uma miniatura de azaléia, emaranhado com íris e algo que parecia flox⁷.

A cama em que eu me ajoelhei continha plantas do outono, todos os quais eram ameaçados pelas ervas daninhas excessivas e selvagens gramas.

Kaawa partiu, e eu gastei uma hora agradável limpando o crisântemo, amarílis, e açafraão e os brotos, pensando o tempo todo sobre que se tornou minha vida.

⁷Nome científico: *Phlox drummondii*. Nome Popular: Flox, flocos, flox-azul, chamas, Chitinha



Capítulo Três

—Onde está ela?

O rugido me alcançou, até escondida de visão como eu estava no canto mais afastado do estábulo, atrás do vagão quebrado que Dew, o forjador, deveria ter remendado meses atrás.

As portas para o estábulo fecharam com um estrondo que eu senti nas madeiras atrás de minhas costas. Os cavalos dentro comigo protestaram com surpreendidos bufos e relinchos. Apressadamente, eu larguei os dois gatinhos que tinha aninhado para conforto, retornando para eles a sua mãe ansiosa antes de espanar meus joelho e ir em direção a saída do estábulo obscurecido. A voz do homem era profunda, e ele falava em francês, não o inglês dos servos, mas existia um acento em sua voz que eu nunca ouvi.

—Onde você a está escondendo?

A raiva era rica naquela voz, raiva e qualquer outra coisa, algo que eu não podia definir. Eu bati levemente em Abelard, o cavalo castrado de minha mãe, e deslize ao lado dele espiar fora por um pedaço podre de madeira próxima ao seu bebedor, assistindo como o mago guerreiro caminhava cruzando a muralha, meu pai e mãe se arrastando atrás dele.

—Nós não estamos escondendo ninguém, meu senhor. — Papai disse, seu tom apologeticamente.

Minha boca abriu com surpresa. O papai nunca se desculpou com ninguém! Ele era um famoso mago, um de tanto renome que outros magos viajavam por meses só para consultar com ele. E ainda aqui ele estava, seguindo o guerreiro ao redor, balindo como uma ovelha que perdeu sua represa.

—Kostya a viu. — o guerreiro grunhiu, olhando ao redor para Papai e os guardas altos movendo em um semicírculo atrás dele. —Você nos chama de mentirosos?

—Não, meu senhor, nunca isto!— O papai torceu suas mãos, minha mãe próxima a ele parecia pálida e assustada.

—Se você só voltará dentro do corredor, eu explicarei para você.

—Explicar o quê? Que você está segurando um prisioneiro de dragão, uma dragão de anos tenros?

—Ela não é um prisioneiro... —Papai começou a dizer, mas eu parei de escutar por um momento. Um dragão? Aqui?

Eu ouvi contos de tais seres, mas nunca vi um. Margaret disse a mim que eles realmente não existiam, que era só um pouco de tolice falada por homens que beberam vinho demais, mas uma vez eu escutei minha mãe conversando com sua empregada sobre uma dragão ela ajudou em sua mocidade. Talvez mamãe a escondeu aqui todos estes anos. Quem poderia ser? Leah, a enfermeira que atendeu ambos Margaret e eu? Uma das mulheres que serviam minha mãe? Ou a flatulenta lady Susan?

—Eu aposto com você que é ela. — eu disse a Abelard. —Ela parece muito um dragão.



—Traga ela adiante!— O guerreiro exigiu, e eu empurrei cabeça do Abelard de lado a fim de conseguir uma melhor visão da muralha, assistindo com respiração presa para ver o dragão.

—Meu senhor, existem circunstâncias que você não está ciente. Ysolde não tem nenhum conhecimento de sua linhagem. Nós a abrigamos como melhores nós podíamos, realmente, a criamos ela como nossa própria filha.

Minha pele rastejou. Meu sangue coalhado. Meu cérebro explodiu dentro de minha cabeça. Eu olhei fixamente para Papai, meu papai, o papai que eu conhecia minha vida inteira, incapaz de acreditar em minhas orelhas.

—Ela foi protegida daqueles que queriam usá-la, como jurou minha esposa para a senhora dragão que a trouxe aqui.

—Eu? — Eu disse, tocando em minha garganta quando minha voz terminou não mais do que um chiado fraco. —Eu sou um Dragão?

—Isto não me interessa. — o guerreiro disse agora, sua voz espessa com ameaça. —Ela é um dragão, e evidentemente de idade. Ela pertence com sua próprio tipo, não com humanos.

Meu próprio tipo? Escamoso, rabo longo, monstros com respiração de fogo? Um soluço de negação ficou preso em minha garganta, o barulho quase inaudível, e ainda que eu estive lá ouvindo as reclamações verbais do pai - o homem que eu pensava como meu pai - me negociando, o guerreiro girado ao redor, o olhar de seus olhos pretos tão penetrantes, eu podia jurar que ele podia ver através da madeira do estábulo.

Corra, minha mente me disse enquanto o homem começava a ir em direção às portas do estábulo, e eu soube naquele momento que ele era um deles. Ele era um monstro com os que eu nunca vi. Meu cérebro não me mandou esperar para absorver aquele conhecimento. Fuja, persuadiu. Fuja!

Eu não parei de questionar a sabedoria daquele comando. Eu girei em meus saltos de sapatos, correndo abaixo o estreito corredor do estábulo para o canto mais longe, onde uma janela pequena tinha sido cortada para passar feno dos campos. Eu não fui rápida o suficiente, porém, não se o rugido de fúria que atrás de mim era qualquer coisa.

—Pare! — O guerreiro berrou quando eu saltei pela janela, nem mesmo pausando quando eu bati no chão duro antes de eu correr novamente, contornando os troncos onde os animais eram sacrificados, passando entre as cabanas pequenas onde moravam os artesãos e suas famílias, evitando galinhas, cachorros, e ocasionalmente os servos enquanto eu corria para o portão posterior ao longo saída oeste.

—Senhora Ysolde. — John, o homem em guarda no portão, chamou com surpresa quando eu contornei um carro carregado de lã destinada para o mercado, nem mesmo diminuindo a velocidade como me lancei para passar por ele e o portão posterior. —Você está fora da aldeia, eh, agora! Quem é você, e que direito para estar perseguindo lady Ysol... oof!

Eu não parei de ver o que passou com John, embora eu enviasse para cima uma oração pequena para que ele não tivesse sido machucado pelo guerreiro. Eu corri ao longo do rochoso caminho que levava abaixo para a aldeia, desde que seria impossível para alguém os precipícios nos lados oeste e sul.



Atrás de mim eu ouvi o barulho de perseguição, mas eu sempre tinha sido rápida em meus pés, pisei mais forte para velocidade quando eu saltei abaixo as últimas das pedras e dirigi-me às árvores além da aldeia. Eles marcavam a extremidade da floresta espessa onde eu gastei muitas horas, vagando pelos caminhos conhecidos só por alguns poucos. Se eu pudesse só chegar lá, então eu poderia me esconder do guerreiro... E então o quê?

Eu não parei para responder aquela pergunta. Eu acabei de saber que eu precisava estar só, para absorver a estranheza que de repente me agarrou. E eu não podia fazer aquilo com o intenso, Dragão de cabelos negros ao meu redor.

Ele estava ainda atrás de mim quando eu rodeei um recentemente campo arado, ignorando as chamadas de saudação dos servos enquanto eu corria por minha meta, saudando a sombra manchada das franjas exteriores da floresta com alívio. Eu fiz isto, sem dúvida era devido ao peso extra que o guerreiro vestia na sua armadura.

Eu arrisquei um olhar rápido atrás de mim enquanto eu acelerava ao redor uma árvore de vidoeiro antigo. O guerreiro estava a mais ou menos trinta pés atrás de mim, mas logo além dele, seus guardas montados a cavalo, levando seu cavalo.

—Pela Cruz de Cristo!— Eu jurei para mim mesma enquanto saltava um tronco de árvore abaixada, rumo à parte mais densa da floresta.

Os sons da perseguição eram silenciados na tranquila floresta. Os pássaros cantavam ao meu redor, as andorinhas imergiam e giravam na luz solar, fazendo arcos elegantes no ar. Remendos de luz solar brilhavam aqui, e eu diminuí a velocidade, tentando controlar minha respiração, amortecida pelos barulhos dos animais da floresta enquanto eles trabalhavam. Em algum lugar próximo, um texugo estava cheirando o chão, perturbando a terra e folhas caídas. Um pica-pau perfurava algumas jardas ao longe, enquanto mais distante no campo, a folhagem sussurrava e estalava como um animal grande, provavelmente um veado ou corça, pastando. Na distância, o chiar de equipamentos dos cavalos eram audíveis. Eu sorri para eu mesma com isto, contente que a floresta era muito espessa para os homens do guerreiro para montarem.

Eu estava só procurando para uma árvore apropriada que eu podia subir e esconder eu mesmo em quando do homem falou próximo a mim, desconfortavelmente próximo.

—Onde está você, chérie ? Você não precisa ter medo de mim. Eu não machucarei você.

Eu bufei para mim mesma, tentando definir a origem da voz. Normalmente eu tinha a audição muito boa, mas a densidade das árvores e sons da floresta combinaram para amortizar a voz do guerreiro, fazendo difícil julgar onde ele estava.

—Nós queremos só ajudar você. — ele continuou. Eu me movi em torno da árvore, embreando o tronco áspero enquanto eu perscrutava as profundidades na direção que eu pensei que a voz veio . Uma ramo moveu, mas antes de eu ter tempo para reagir, uma carriça⁸ apareceu e deu a mim um olhar curioso.

—Você está assustada, chérie?

Eu puxei minhas orelhas, mas era impossível definir uma direção. Que é a única razão pela que eu respondi.

—Não.

⁸ Tipo de pássaro



O riso afiou sua voz.

—Então por que você corre de mim?

—Por que você está me perseguindo?— Eu corajosamente perguntei, movendo para a cobertura de outra árvore, perscrutando atentamente ao redor para quaisquer sinais do homem.

—Nós só acabamos de saber de sua existência dos mortais.

O desprezo que ele pôs nas últimas palavras me irritou.

—Aqueles mortais são minha família!— Eu gritei.

—Não, chérie. Nós somos sua família. Nós queremos levar você para casa, onde você será cuidada e ensinada.

Eu não pensei muito naquela declaração.

—Eu sei que você não tem nenhum conhecimento de nós... — o homem continuou. Sua voz estava mais fraca? Teria ele sido enganado e estava afastando-se de mim? —Mas nós corrigiremos isto. Nós ensinaremos a você o que é ser um Dragão.

Sua voz era mais suave. Eu sorri para mim mesma enquanto abraçava a árvore.

—Eu não desejo ser um dragão, guerreiro. Eu Desejo simplesmente ser eu mesma.

Outra voz de homem chamava ao longe. Eu sorri novamente e girei ao redor, tentando fazer minha saída da floresta enquanto o dragão intenso e seu guarda continuavam procurando por mim.

O guerreiro estava apoiando-se na árvore atrás de mim, assistindo-me com uma metade sorriso que fez meu sangue congelar.

—Isto é tudo que nós desejamos para você, que você seja você mesma.

—Como você fez isto?— Eu perguntei, momentaneamente muito intrigada para estar enraivecida por seu truque.

Ele encolheu os ombros e andou em direção a mim, todo pernas longas graça e poder.

—Existem muitas coisas que você aprenderá. —Ele parou ante mim, alcançando tocar meu rosto. Eu dei uma palmada em sua mão. Ele riu.

—Você tem fogo. Você aprenderá bem.

—E você é impertinente. O que faz que você pensar que eu sou quem você pensa que eu sou?

—Você precisa de prova? — Ele perguntou, suas sobrancelhas levantadas, mas existia ainda diversão em seus olhos de ônix.

—Que eu sou uma besta escamosa gigantesca quem respira fogo? Sim, eu penso que eu vou precisar de prova. — eu disse.

—Existe um modo... — ele disse, tomando meu braço, e com um puxão rápido, ele rasgou as rendas dos pulsos de minha túnica. Ele curvou acima de meu pulso como se fosse morder, pausou, e olhado para mim, com uma expressão estranha em seu rosto. —Que idade você tem, chérie?

—Meu nome é Ysolde. — eu disse, tentando puxar meu braço livre. Seus dedos apertados ao redor. —Ysolde de Bouchier, e eu não sou seu chérie.

—Que idade você tem? — Ele repetiu, com teimosia refletindo em seus olhos.

—Eu vi dezessete verões e não é de seu interesse. — eu disse afetadamente.

Ele fez uma careta, então encolheu os ombros, e em vez de minha mão, ele me puxou contra seu tórax, seu braços ao meu redor com um aperto inquebrável.

—Isto é o teste, chérie.



Sua boca estava na minha antes de eu poder dar mais que bofetão em seu tórax. Eu não era nenhuma iniciante em beijos. Mark, o filho do cervejeiro, estava sempre feliz para esconder atrás dos barris de cerveja inglesa comigo e me beijar tanto quanto eu gostasse, mas isto não era um beijo como conhecia. Onde os beijos do Mark tinham sido interessantes e vagamente apazíveis, isto era um beijo de uma variedade completamente diferente. A boca do guerreiro estava quente na minha, mais quente do que eu já experimentei, quente, doce e picante todo ao mesmo tempo, como se ele tivesse comido ameixas picantes. Suas mãos moveram abaixo minhas costas, segurando meus quadris, puxando-me mais perto para seu corpo, sua língua arreliando a costura de meu lábios e seus dedos cavados em meus quadris.

Com um grunhido frustrado, ele de repente me afastou. Eu fiquei chocada até os dedos dos meus pés com o beijo, assistindo com espanto enquanto ele se dobrava e tirava a cota de malha por cima da cabeça. Ele recuou tirando o preenchimento da armadura e o gibão de couro, com os olhos cintilando como pedras preciosas refletindo a luz solar.

—Agora. — ele disse.

—Agora? — Eu perguntei, não entendendo, recuando um passo.

Ele fez um barulho que soou como um grunhido, seus braços ao redor mim novamente quando ele me apertou contra o tronco de árvore.

—Agora eu provarei para você o que você é. — ele disse logo antes de sua boca descer novamente, seu corpo segurando-me contra a árvore. A cota de malha não estava mais entre nós; agora eu estava embriagada contra seu corpo, ciente da diferença entre suas linhas duras e minhas curvas mais suaves. Mas era sua boca que capturou e segurou minha atenção, sua língua varreu junto a meus lábios novamente, persuadindo a mim a abri-los. Eu abri, arrepios subiram por meus braços quando sua língua entrou tocando a minha, saboreando-me com suas mãos puxando meus quadris mais perto contra os seus, seus dedos tocando minha bunda de uma forma escandalosamente íntima e terrivelmente excitante ao mesmo tempo.

Sua língua enroscou com a minha, e eu desisti de todos os pensamentos de lutar, saboreando ele como ele me saboreava, ele gemeu para mim quando eu imitei sua ação e deixei minha língua dançar em sua boca.

Então comecei a me aquecer, com calor de tal intensidade que eu jurei que eu iria arder em chamas, o fogo disto despejando em mim e deixando minha alma acesa. Impossivelmente, o beijo aprofundou, o guerreiro me puxou para cima ao longo do tronco de árvore até que meus pés oscilaram do chão, minha boca na mesma altura que a sua. Eu embrulhei meus braços ao redor suas costas e me entreguei ao calor, para o prazer que ele criava com apenas o toque de sua boca. O calor estava em mim e ao redor mim e por mim, e todo segundo me enchendo, meu coração cantou. Eu estava consumindo por isto, queimando da mesma maneira que a mais brilhante e maior fogueira, minha alma que subia rapidamente com a sensação. Eu não quis que ele parasse, nunca queria eu parasse de beijar esse homem estranho, bonito.

—Isto, chérie, é o teste. — ele disse, seu rosto apertado com alguma emoção quando ele deixou-me deslizar abaixo seu corpo.

Eu pisquei para ele uns tempos, tentando recuperar meu juízo.

—Teste?— Eu perguntei estupidamente, minha mente claramente muito deslumbrada por aquele beijo para fazer qualquer coisa exceto repetir o que era dito para mim.



—Só um dragão ou um companheiro podem tomar fogo de dragão e viver. — ele disse, seu lábios quase tocando os meus. Seu os olhos eram tão fundos e brilhantes quanto o pedaço de ônix pendurado em um colar de pérola que minha mãe às vezes usava.

—Quem é você? — Eu perguntei, procurando seu rosto, memorizando isto a fim de guardar a memória do beijo.

Um sorriso lento enrolou seus lábios.

—Eu sou o wyvern⁹ dos dragões pretos, Ysolde de Bouchier. Eu sou Baltic.

Baltic. O nome ressonou dentro de minha cabeça com um sino, repetindo e ecoando até que eu achei que ensurdecer-me-ia.

Baltic. A palavra girava ao redor de meu cérebro enquanto eu era varrida por um furacão de pensamentos, um confuso emaranhado sem esperança.

Baltic...

—Sullivan?

Meus olhos abriram com a voz. Eu estava desorientada, meu cérebro sentindo obtuso novamente, mas quando meus olhos enfocaram no rosto preocupado me olhando, a alegria saltou dentro de mim.

—Por que você está aqui fora no escuro sozinha? Você está bem? — Brom perguntou quando eu me levantava do chão, onde eu tinha evidentemente adormecido. Imediatamente eu o embrulhei em meus braços em um abraço de urso melhor que todos abraços de urso. —Geez, Sullivan, existem pessoas assistindo.

Eu terminei de beijar seu rosto adorável, dando a ele outro abraço só para me de que ele estava realmente lá.

—Eu estou bem. Você teve alguma dificuldade no aeroporto?

—Não. Gabriel disse que poderia haver alguns problemas, mas ele subornou algumas pessoas, e ele acabou ficando bem, afinal.

Eu olhei por cima da cabeça do Brom para onde o Gabriel e May estavam, debruçados um contra o outro com a facilidade de amantes de longa data.

—Problemas com seu passaporte?

—Não. — Brom disse antes de Gabriel poder responder, saindo de meu abraço —Com minhas múmias!

—Você... você não trouxe aquelas coisas horríveis, não é?

Ele me atirou um olhar que era esquisitamente adulto em seu desprezo.

—É meu trabalho, Sullivan. Você não pensou que eu ia deixar isto atrás assim para Gareth ou Ruth tomarem conta deles? Não queriam deixar-me trazer eles, mas Gabriel deu a eles algum dinheiro para olhar o outro lado. Ele disse que eu posso usar um quarto no porão como meu laboratório. Já tem uma mesa e uma pia, e ele disse que ele conseguirá para mim uma grande tina para embeber os corpos.

—Foi muita generosidade de Gabriel. — eu disse, tentando não fazer careta no pensamento das atuais perseguições eruditas de Brom.

May riu.

⁹ **Wyvern** é todo réptil alado semelhante a um dragão, mas de dimensões distintas. Geralmente os wyverns apresentam apenas duas patas (ao contrário dos dragões ocidentais, que sempre possuem quatro), sendo que no lugar das dianteiras estão suas asas, o que os torna similar a uma ave.



—Realmente soa muito interessante, e um pouco horrível. Brom diz que ele só trabalha em animais que naturalmente morreram, porque ele sente empatia demais para matar um para propósitos de pesquisas.

—Pelo que eu estou verdadeiramente agradecida. — eu disse, arrepiando seu cabelo marrom.

—Isto não é todo. Gabriel diz que vai me dar algum tipo de tatuagem do clã dragão de prata. Ele disse que a maioria dos membros do clã tem eles em suas costas, mas eu pensei que seria legal ter isto em meu braço, então eu posso mostrar.

—Nenhuma tatuagem!— Eu firmemente disse. —Você é extremamente jovem para isto. E eu não saberia como dar a você um.

—Não é realmente uma tatuagem. — May disse depressa. —É mais uma marca. É feito com fogo de dragão.

Eu olhei fixamente para ela por alguns segundos.

—Isto deveria fazer isto melhor?

Gabriel riu e tirou sua camisa, girando ao redor.

—Todos os membros do clã prata tem o emblema marcando eles em suas costas.

Acima de sua omoplata tinha uma marca que parecia com uma mão com uma lua crescente na palma.

—May tem um também, embora ela não me mostraria a sua. — Brom disse, dando a ela um olhar desgostado.

—Eu não tiro minha camisa em público tão facilmente quanto Gabriel faz. — ela disse a ele.

—Eu não me importo o que é. — eu disse. —Você não terá isto. Você não é um membro dos dragões de prata.

—Gabriel diz que eu sou porque você é um deles.

—Bem, eu não sou.— Um pensamento veio para mim. —E eu posso provar isto. Você disse todos os dragões de prata têm aquela marca... Bem, eu não tenho.

Eles todos olharam para mim como se eles quisessem que eu tirasse minha camisa.

—Ela está certa. — Brom disse depois de um momento de silêncio. —Eu nunca vi qualquer coisa assim nela.

—Você vê?— Eu tentei manter o triunfo em minha voz para um mínimo. —Eu desejava que você mencionasse este emblema ou tatuagem ou qualquer coisa antes, poderia ter esclarecido as coisas imediatamente. Eu não tenho alguma marca em mim.

—Bem... com exceção daquela em seu quadril. — Brom disse.

—Isto é uma cicatriz, não uma marca tribal. — eu disse a ele.

—Cicatriz?— Gabriel perguntou, seu olhar me inspecionando. —Que tipo de cicatriz?

—Apenas das sobras de um dano velho, nada mais. — eu disse depressa.

—É formado como isto. — meu filho disse, segurando seu mãos ao alto, dedos estendem, dedos polegares tocando.

—Oh, não é. É só uma cicatriz simples!

—É uma figura semelhante a um pássaro?— Gabriel perguntou a ele.

—Claro que não é! E não, antes de você perguntar, eu não estou.

—Brom!



A criança que eu trabalhei para trazer ao mundo, ainda que eu não podia lembrar do evento - agarrou a parte inferior de minha saia e ergueu isto, olhando para meu quadril exposto.

—Eu suponho que parece um tipo de pássaro.

—Você está em dificuldade séria, garoto. — eu disse a ele, tentando livrar minha saia de seu aperto.

Gabriel começou a ir para trás de mim, mas parou dando um olhar a May, que deu a mim sorriso, e disse:

—Eu sinto muito, Yso... Tully. — quando ela curvou sua cabeça para olhar para a marca no alto de meu quadril. Eu nunca pensei muito nisto, assumindo que eu devia ter tido uma queda dolorosa algum dia em meu passado.

Eu percebi agora que Kaawa estava certa, que algo me fez não me preocupar sobre o fato de que eu não podia lembrar de meu passado.

—Eu tenho que dizer, a parte que eu posso ver parece com um... bem, com uma fênix. — May disse, examinando a cicatriz. —Desaparece em sua roupa íntima, mas parece que são asas estendidas.

—Eu penso que todo mundo viu suficiente. — eu disse, dando a Brom um olhar assustador de mãe.

Ele não vacilou, o rato.

—Nós podíamos ver isto melhor se você tirasse sua roupa íntima. — ele assinalou.

—Você não acabou de não dizer isto. — eu disse pelos dentes cerrados.

Confusão relampejou através de seu rosto.

—Sim, eu disse. Veja, aquela parte está debaixo de sua roupa íntima.

Eu esbofetei sua mão quando ele estava para arrancar abaixo minha roupa íntima.

—Isto é bastante!

—Eu sinto muito, Tully. — May disse, se levantando. —Isto não é uma cicatriz. E não é uma marca. Eu não sei o que é... é como uma anti-tatuagem.

—Pode ser. — Gabriel disse, claramente pedindo a sua permissão para olhar para a cicatriz idiota.

Ela estreitou seus olhos nele.

—Você não precisa estar olhando para os quadris de mulheres estranhas.

—Eu sou um curandeiro! Eu vi os corpos das mulheres. — ele protestou.

—Ysolde não está ferida!

—Você não reconheceria um emblema de clã à medida que eu iria.

—Eu penso que eu iria. Eu vi suficiente deles agora.

—Você está longe de ser um perito. —ele começou a dizer, mas eu finalmente tive suficiente.

—Oh, isto é ridículo. — Eu puxei o material da mão de Brom e me girei. —Você quer ver? Tudo bem, você pode ver. Por que nós não chamamos Kaawa e seu grande amigo para ver também? Talvez anunciar isto na rua e trazer para dentro alguns estranhos!

Gabriel ignorou meu pequeno chique enquanto ele olhava para o meu quadril por alguns momentos antes de seu olhar encontrar o meu. Seus olhos cinzentos eram sombrios e considerando.

—Eu acredito em que eu fui mal entendido.



—Uma voz de sanidade afinal! — Eu disse, reajustando minha roupa íntima e deixando a saia voltar ao lugar. —Obrigado! É agradável saber que existe alguém que reconhece uma cicatriz quando ele vê uma.

Ele agitou sua cabeça.

—Isto não é nenhuma cicatriz, Ysolde.

—Tully. Meu nome é Tully.

—Seu nome é Ysolde. — ele firmemente disse, seus olhos reluzindo estranhamente na noite. Eu abri minha boca para protestar, mas ele continuou. —Eu estava errado sobre você sendo um dragão de prata. Você não aguenta nosso emblema. Você, porém, aguenta aquele dos dragões pretos.

Eu fechei minha boca e, tomando mão do Brom, girei sobre meus calcanhares, caminhando de volta para casa e subindo os degraus para o quarto onde eu acordei.

Brom assistiu-me por alguns minutos antes de dizer:

—May diz que eu posso dormir no quarto próximo a este ela acha que você quer estar perto de mim. Eu disse a ela que você não pensava que eu era um bebê.

—Isso é muita consideração de May. Eu realmente quero você. Eu senti sua falta terrivelmente.

Ele fez careta.

—Eu espero que você não vai dar uma mãe na frente de todo mundo. Eu gosto deles. Eu gosto de Gabriel e May. Eles são bons, huh? Você sabia que May pode ficar invisível?

Eu agitei minha cabeça, meu cérebro entorpecido pelos eventos do dia. O que estava acontecendo comigo? Eu estava perdendo minha ligação com a realidade, ou era algo mais profundo, infinitamente mais assustador, controlando minha vida?

—Ela disse que ela é composta de sombras, mas eu penso que ela estava só me arreliando, porque ela parece uma pessoa normal. Mas ela me mostrou no carro como ela pode desaparecer. Ela disse que tem nascer daquele jeito para fazer isto, que ela é algo com um nome longo, e é por isso que ela pode se tornar invisível.

Uma palavra cutucou seu caminho para a frente de minha mente.

—Doppelgänger¹⁰.

—Sim, isto é isto.— Ele se estatelou na cama próximo a mim. —Gabriel diz se Gareth tivesse sido um humano mortal, eu podia ter sido um wyvern, e um dia o desafio para o trabalho.

—Gareth é humano. — eu disse, sentindo como se mil formigas estavam marchando de cima abaixo meu corpo.

—Sullivan. — ele disse com um olhar exagerado. —Você viu aqueles retratos dele e Ruth em roupas de velho tempo? Parecia ter pelo menos cem anos de idade. Talvez mais.

—Retratos? Que retratos?— Eu despertei de meu estupor a fim de olhar para ele.

—Aqueles no quarto da Ruth.

Eu cavei em minha memória.

¹⁰ **Doppelgänger**, segundo as lendas germânicas de onde provém, é um monstro ou ser fantástico que tem o dom de representar uma cópia idêntica de uma pessoa que ele escolhe ou que passa a acompanhar (como dando uma idéia de que cada pessoa tem o seu próprio). Ele imita em tudo a pessoa copiada, até mesmo as suas características internas mais profundas.



—Eu não me lembro de ver quaisquer retratos em seu quarto.

—Em uma caixa na gaveta bloqueada em seu gabinete. — ele disse, olhando o quarto com curiosidade natural.

—Como você sabe que é uma gaveta bloqueada?— Eu perguntei, então percebi o quão estúpida era a pergunta. —Eu não me importo se seu pai deu a você um kit de fechaduras no Natal, você não será um assaltante quando você crescer, e não é para treinar suas habilidades na gaveta de sua tia.

—Ela tem retratos de você, também. — ele disse com descuido alegre para meu castigo.

—Eu duvido muito disto. Ruth e eu não somos melhores amigas.

—Sim, eu sei, mas ela tem retratos de você e Gareth e ela, está com as roupas daquele filme cansativo que você me fez assistir.

Eu procurei em meu cérebro, ou o que sobrou dele.

—Que filme?

—O que você gosta de assistir tanto. Sabe, as com as meninas em vestidos longos e elas caminham ao redor e conversam muito.

—Orgulho e Preconceito?

Ele movimentou a cabeça.

—Sim, você estava vestindo coisas do gênero.

—Eles não tinham máquinas fotográficas durante o período de Regência... — eu disse a ele, distraído pelo pensamento de retratos.

Brom não mentiria, mas ele poderia ter mal interpretado o que ele viu.

—O que seja. Eu penso que eu irei mover meu material até o quarto no porão que Gabriel disse que eu podia ter.

Eu olhei para ele, seu rosto redondo mais querido pra mim que minha própria vida. Agradecendo a Deus que o que quer esteja acontecendo comigo não apagou a memória dele completamente.

—Você irá para a cama. Está bem passada sua hora de dormir.

—Eu tenho nove anos, Sullivan, não um bebê. — ele disse com paciência exagerada.

—Vá para a cama. — eu repeti.

Ele suspirou e se levantou, pausando na porta para dar a mim um olhar martirizado antes de dizer.

—Gabriel diz que ele não nos excluirá porque nós não somos dragões de prata. Ele disse que você nasceu no clã de prata, e que eles honrariam isto, embora você esteja casada com um dragão preto. Você conhecia Gareth quando você era casada com o dragão?

Eu fechei meus olhos e curvei minha cabeça, querendo chorar, querendo gritar, querendo dizer a Brom que eu só tinha sido casada uma vez em minha vida, com seu pai.

—Hora de ir para a cama.— foi tudo que eu disse, porém, antes escutar ele para seu quarto. Eu tive certeza que ele foi enchido de asquerosos não um, mas três abraços, e dois beijos na cabeça, que ele tolerava, mas só um pouco. Claramente Brom estava indo para aquela fase da vida onde o afeto maternal era uma coisa para ser considerada com um martírio.

—Durma bem. Se você precisar de qualquer coisa, venha e me chame.— eu disse a ele quando eu deixei o quarto.



— Eu estou contente que você está bem. — ele disse antes de eu fechar a porta.
— Penny disse que você estaria, mas eu estava tipo preocupado. Eu não sabia que você tinha May e Gabriel estariam cuidando de você. Você sabe o que eu acho? Eu acho que você é sortuda por eles terem achado você.

Meu coração inchou no fato que ele tinha estado preocupado.

— Sortuda?

— Sim. E se ele tivesse sido um dos outros dragões que achou você? Alguém não de seu próprio grupo? O que teria acontecido então?

O que realmente.

— Vá dormir. — eu disse, soprando para ele um beijo.

O silêncio encheu meu pequeno quarto quando eu retornei, tudo que ele fez foi aumentar a confusão desesperada de minha mente.



Capítulo Quatro

—Eu não quero ir.

A tampa de minha cesta de viagem fechou com um som definitivo, pontuado pelo som de choros silenciosos.

—Eu não gosto dele. Ele é arrogante. — eu adicionei, assistindo como a empregada da minha mãe apertava as correias da cesta assim não iria abrir durante a viagem.

—Embora ele seja um muito melhor beijador que Mark, o filho do cervejeiro.

—Ele beijou você?— Minha mãe se moveu em minha visão, seu rosto tenso e pálido olhando ao redor do meu quarto. Margaret se sentou na cama, chorando em sua manga.

A tristeza me enchia, mas a raiva da súbita virada em minha vida era a emoção que me dominava.

—Sim. Eu não vejo por que eu tenho que ir com ele.

—Mamãe, ela não pode ficar?— Margaret implorou, olhando para cima com olhos vermelhos.

Eu me sentei próximo a ela na cama e a abracei. Margaret e eu às vezes tivemos uma relação turbulenta, mas ela era a única irmã que eu tinha, e eu sentiria saudades dela. Especialmente desde que eu estava saindo de minha casa contra minha vontade.

—Eu prometi a sua mãe... — Mamãe engasgou com as palavras antes de continuar. —Eu prometi a pessoa que era sua mãe que eu criaria você como minha para assegurar sua segurança. Eu fiz isso, mas eu sei ela não teria querido que eu mantivesse você longe de sua família verdadeira. Eu não deixaria você ir, mas realmente, eu não tenho nenhuma escolha no assunto. E Lord Baltic disse que nenhum mal viria para você, não que eu disse a ele qualquer coisa sobre seu passado. Ainda assim, ele jurou que você não seria prejudicada, e é isso que nós devemos assegurar.

—Eu não me importo o que aquele Baltic diz. — eu murmurei, segurando apertado Margaret. —Eu não sou um animal.

—Eu expliquei para você,querida, dragões não tomam sua forma bestial muito freqüentemente. Eles preferem estar em forma humana, e viver entre nós como uns mortais.— Ela gesticulou para as empregadas para levar abaixo minhas cestas de viagem. —Venha, Ysolde. É hora. Lord Baltic está esperando, e eu não desejo que a raiva dele caia em seu pai por causa de um atraso.

—Lord Baltic pode ir meter sua cabeça no lamaçal do porco, pelo que me importa. — eu disse, saindo depois das empregadas.

A mamãe fez barulhos de angústia, mas me seguiu, falando com ela mesma enquanto comentava sobre as coisas que eu estava levando.

—Eu perguntei a ele se ele queria levar a cama, mas ele disse não, ele quer viajar rápido. Eu fiz meu melhor por ela, eu espero que ele saiba isto.

Margaret se apressou atrás de mim, enxugando seu rosto.

—Ysolde poderá nos visitar, não é, Mamãe?

—Claro que eu irei. — eu disse quando nossa pequena procissão marchou degraus abaixo para o grande corredor.



—Ninguém pode me parar de ver você sempre que eu quiser.

—É isso mesmo?— Uma voz profunda perguntou.

Eu girei minha cabeça quando desci o último degrau, encontrando o olhar ébano de Baltic no mesmo nível.

—Sim, é isso mesmo.

Ele olhou-me por um momento, então deu um aceno brusco com a cabeça.

—Nós faremos nosso melhor para fazer você feliz, chérie.

—Pare de me chamar assim. — eu silvei por meus dentes quando eu o passei.

Seu riso ecoou no corredor em resposta.

A despedida foi algo que eu não gostaria de viver novamente. Eu agarrei primeiro minha mãe, então meu pai, incapaz de impedir as lágrimas de caírem por minhas bochechas, sua umidade misturou com a de Margaret quando ela me abraçou, seu rosto apertado com meu à medida que ela sussurrava seu desejo de que eu não demorasse para retornar.

Quando o imperioso Baltic me ergueu sobre meu cavalo, eu não estava em muito melhor formar que Margaret, embora eu tivesse suficiente presença de espírito suficiente para encará-lo quando ele agarrou minha perna à medida que ele ajustava os estribos.

—Eu não sou uma prostituta para ser tratada como tal. — eu estalei, minhas emoções desfiadas e irritadas, colocando minha bota no meio de seu tórax e o empurrando para trás.

Um de seus guardas, o que ele chamou Kostya, um diabo de olhos pretos se alguma vez houve um, riu e disse algo em um idioma que eu não conhecia.

Baltic me atirou um olhar cheio com ira, mas não disse nada. Antes de eu perceber, nós estávamos atravessando à cavalo a ponte acima do fosso circular, a única casa eu conhecia desaparecendo lentamente atrás de mim.

Eu não falei com quaisquer dos homens dragão por três dias.

No quarto, eu estava doente de meus próprios pensamentos, cansada de lamentar minha família perdida, e chateada quase ao ponto da insensibilidade.

—Onde nós estamos indo?— Eu perguntei aquela noite, quando nós passamos pelos portões de uma cidade pequena.

Baltic, que estava montando próximo a mim, atirou-me um olhar divertido.

—Você está falando conosco?

—Desde que eu não tenho nenhuma outra alternativa. — eu disse em minha maneira mais altiva. —Eu gostaria de saber onde estes outros meus parentes estão.

Nós paramos na frente de uma pousada pequena. Os três guardas desmontaram. Um dos homens, um pequeno, e atarracado homem chamado Pavel, desapareceu na abertura baixa da pousada. Baltic lançou as rédeas de seu cavalo para um cavaleiro antes de me ajudar a desmontar.

—Eu não estou levando você para seus pais.

Eu olhei fixamente para ele com surpresa.

—Por que não?

Ele pôs sua mão em minhas costas e deu a mim um empurrão em direção à pousada. Desde que parecia que ia chover, eu entrei, esquivando-me do farol baixo na entrada. A pousada era de tamanho modesto, esfumada e escura do lado de dentro, mas não existia nenhum mau cheiro comum em tais lugares.



Para a direita tinha uma escadaria áspera levando ao piso de cima, enquanto à esquerda tinha uma sala comum cheia com bancos toscos e mesas de prancha.

—Nós ainda não sabemos onde seus pais estão. A mulher mortal não diria a nós o nome dos dragões que deixaram você com ela, e embora teria sido possível conseguir aquelas informações dela, tais métodos podem levar tempo, e eu desejei que estivesse a caminho. Nós iremos para minha casa em Riga, e de lá começaremos a procurar por seus pais verdadeiros.

Eu me senti como um cachorro sarnento com seu tom arrogante.

—Eu suponho que você espera que eu esteja agradecida que você decidiu não torturar minha mãe!

—Não. — Ele olhou para mim com perplexidade. —Ela não era sua mãe. Ela era meramente uma mortal que jurou lealdade para um dragão.

—Você conversou com ela?— Eu exigi, agarrando seu braço quando ele estava para ir embora. —Você perguntou a ela por que eu fui deixada com ela? Você não fez não é? Você não podia ser aborrecido para descobrir o que realmente aconteceu!

Seus olhos reluziram perigosamente, mas eu nunca tive cuidado quando eu devia, e eu não vi nenhuma razão para começar agora. Ele se debruçou mais perto, seus dedos duros em meu braço, sua respiração abanando meu rosto quando ele rosnou:

—Você não se dirigirá a mim em um tom tão insolente. Eu sou um wyvern. Você me mostrará a respeito a toda hora.

—Eu respeitarei você quando você provar merecedor de tal honra!— Eu estalei de volta.

Sua mandíbula trabalhou como se ele quisesse gritar comigo, mas tudo que ele foi lançar um juramento murmurado.

Ele começou a ir em direção ao estalajadeiro, mas eu não fui com ele.

—Descobrir a verdade pode ter sido sua menor preocupação, mas não era a minha! Minha mãe falou sobre a mulher que ela conheceu em sua mocidade, uma mulher que esteve gravemente ferida, e quem ela curou. Ela disse a mim sobre como elas ficaram amigas em um dia, uma mulher chegou coberta de sangue, segurando um bebê e implorando que ela escondesse a criança longe para que não fosse descoberta por seus inimigos. Ela disse a minha mãe o nome daquele inimigo.

Baltic congelou e girou devagar para me enfrentar, sua expressão em branco.

Eu quadrei meus ombros e encontrei seu olhar sem vacilar.

—Baltic. A mulher disse que a pessoa que destruiria ela e a criança era chamado Baltic.

Com um grunhido, ele investiu para mim, movendo tão rápido que eu podia apenas seguir ele. Eu não tive tempo de gritar antes que ele me girasse, arrancando meu capote e cortando em tiras minha túnica. Eu corri adiante, soluçando, tentando escapar do guerreiro de repente louco, mas ele me pegou, apertando-me contra parede enquanto ele rasgava minhas roupas até só a minha camisa íntima escondeu minha pele de sua visão.

Mesmo aquilo não foi suficiente. Enquanto eu me empurrava contra a parede, apavorada que com aquele em seu frenesi animal ele rasgaria a carne de meus ossos, ele empurrou abaixo minha camisa até que minhas costas estavam expostas.



—Prata! — Ele rosnou, libertando-me de repente. Eu metade desmoronei nos degraus, segurando minha roupa contra meu tórax, tentando entender o que causou este distúrbio.

—O que é prata? — Eu perguntei, vacilando quando ele chutou mesas e cadeiras fora de seu caminho enquanto ele andava através do quarto.

—A marca você tem.

—Em minhas costas?— Eu peguei o capote caído no chão, embrulhando isto ao meu redor.

No som de madeira sendo quebrada, Kostya entrou repentinamente no quarto, sua espada na mão.

—O que é isto?

Pavel permaneceu no topo dos degraus, caladamente assistindo enquanto seu mestre literalmente destruía o escasso mobiliário da sala comum.

Kostya fez uma carranca, olhando de Pavel, para mim, e finalmente para Baltic.

—O que está errado?

Baltic jurou profanamente e com uma fluência que eu não podia entender mas admirar. Ele jogou uma cadeira contra a parede. Explodiu em mil pequenas lascas.

—Pergunte a ela! — Ele rosnou, chutando os escombros do caminho. O estalajadeiro correu para a porta no fundo da sala quando viu Baltic enfurecido. Ele espiou pela porta, depressa quando Baltic sacou sua espada e começou a cortar um barril de cerveja inglesa.

—O que você fez? — Kostya perguntou a mim, embainhando sua espada.

—Nada. Baltic está chateado por causa de um marca de nascença em minhas costas.

—Isto não é nenhuma marca de nascença!— Baltic gritado, seu rosto vermelho com fúria quando ele veio em direção a mim, sua espada ainda na mão. Eu retrocedi, tropeçando acima de uma cadeira quebrada, querendo nada além de sair do caminho do louco. Ele continuou adiante, a ameaça rodando fora dele, seus olhos estreitados e enfocados em mim.

Eu pensei brevemente em correr, mas sabia que eu não daria mais de dois passos antes dele me alcançar.

—Eu não fiz nada para enraivecer você. — eu disse, colocando uma frente valente.

Seus lábios enrolaram.

—Você agüenta a marca de um dragão de prata.

Atrás dele, Kostya pareceu chocado.

—Prata, não preta! Você é a semente de um traidor, um que nos traiu! Eu devia matar você onde você está!— Ele levantou a espada até a ponta apertar em minha garganta.

Eu não me mexi, confusa por que ele devia estar tão bravo comigo, mas ciente de que se eu mostrasse ao menos sinal de debilidade, ele me mataria.

—Baltic — Kostya falou, parando perto de nós. Sua expressão era cautelosa, mas eu não vi nele a fúria insalubre que estava em seu mestre. —Ela é inocente do mal.



—Nenhum dragão de prata é inocente. — Baltic disse em um grunhido baixo. A dor picou meu pescoço quando a ponta da espada perfurou minha pele. Eu ergui meu queixo, mantendo meu olhar afiançado ao seu. —Eles se juntam a nós, ou eles morrerão.

—Mas este aqui não sabe nada de nossos modos. Ela até não aceitou que ela é um dragão. — Kostya discutiu, gesticulando em direção a mim. —Que propósito existe em matá-la?

Baltic abriu sua boca para responder, mas já fui muito tolerante.

—Seu propósito é para tyrannizar e assustar. — eu ruidosamente disse. —Ele é um covarde, nada mais.

Sua respiração silvou quando ele se debruçou adiante.

—Nenhum homem já falou essas palavras para mim e viveu.

—Eu não sou um homem. — eu disse, friccionando meus dentes contra a queimadura da espada quando deslizou mais fundo em minha carne.

—Você estaria morta se você fosse. — ele rosnou, abaixando a espada e andando em volta.

—Você deseja me desafiar? — Eu perguntei, empurrando ele duro no tórax.

Ele pareceu tão surpreso pela ação, que eu tive que morder de volta o desejo de rir. A boca de Kostya abriu em um O quando eu avancei até que eu permaneci dedão do pé-para-dedão do pé com Baltic.

—Eu aceitarei seu desafio, guerreiro, mas em minhas condições.

Um olhar estranho cruzou seu rosto.

—Que condições?

—Nenhuma arma. — eu disse, erguendo meu queixo. —Se você deseja me desafiar, eu encontrarei você corpo para corpo, mas sem armas, nenhuma armadura. Só seus punhos contra meus.

Pavel deu um latido pequeno de riso. A carranca relaxada de Kostya abriu em um sorriso satisfeito consigo mesmo. O rosto de Baltic permaneceu inexpressivo, nada além de seus olhos dando qualquer indicação do que ele estava pensando.

—Muito bem. — ele disse depois de um minuto de silêncio. —Mas você deve fazer valer o ridículo que eu sofrerei para tal indignidade.

—Indignidade!— Ele realmente teve o nervo para sorrir quando eu o bati no tórax. —Porque eu sou uma mulher, você quer dizer?

—Porque eu sou o wyvern, e você é meramente uma jovem fêmea que ainda não aprendeu seu lugar.

Ele deu a Kostya sua espada.

—Eu terei muito prazer em ensinar isto para você, mas eu devo ter o pagamento.

Eu olhei para ele enquanto Pavel descia os degraus para ajudar a despir de sua armadura. Ambos os guardas estavam sorrindo.

—Que forma de pagamento você busca?

—Quando eu ganhar o desafio, você negará lealdade para o traiçoeiro bastardo que governa seu clã.

—Eu não conheço qualquer bastardo diferente de Jack, o irmão do Carter, e ele é sincero e dificilmente podia ser chamado traiçoeiro.

—Eu me refiro a Constantine de Norka. — Baltic disse, cuspidando as palavras.

—Bem, eu não o conheço, e eu certamente não jurei lealdade para ele.



—Seus pais devem ter, ou você não teria a marca dos dragões de prata em suas costas. — Baltic tirou sua armadura de couro e ficou ante mim vestindo nada além das botas e o gibão.

Atingiu-me pela primeira vez que ele era bastante gracioso para um homem. As maçãs do rosto altas, afiadas davam a seu rosto uma medida de força. Seu nariz era magro e afiado, abaixo de uma fronte larga de cabelo escuro varrido para atrás. Os arcos gêmeos de sobrancelhas pretas chamavam a atenção para seus profundos, olhos escuros abaixo. Sua mandíbula era angular, mas atenuada no queixo, como se Deus decidiu que ele tinha muitos ângulos em seu rosto e quis suavizar a agudez um pouco.

Mas era sua boca que parecia segurar uma atração profana para mim. Seu lábios eram cheios, o inferior com uma curva crescente, enquanto o superior tinha uma curva gentil que desmentia a raiva segura dentro dele.

—Você concorda nas condições?— Ele perguntou, e eu percebi que tinha olhado fixamente para sua boca.

Eu clareei minha garganta.

—Você esqueceu de mencionar o mais importante. Eu devo ter um benefício se eu derrotar você.

Todos os três homens riram alto o suficiente para que o guarda restante entrasse depois de ter guardado os cavalos.

—A senhora Ysolde aceitou o desafio de Baltic. — Kostya disse a ele quando ele entrou olhando com curiosidade a destruída sala comum.

—Que desafio? — O guarda perguntou. Seu nome era Matheo, eu lembrei da introdução breve que Baltic fez quando ele me levou de minha casa. Kostya se debruçou e sussurrou para ele.

Matheo amplamente sorriu.

—Você não me derrotará. — Baltic disse, e uma vez mais, eu estava possessa com o desejo de esbofeteá-lo.

—Mas vamos viver no mundo do impossível, e diga que você faz. Que benefício iria você gostar dar-me?

—Eu desejo ir para casa. — eu disse, meu olhar firme.

Ele ficou mudo um momento, então me fez uma aceno.

—Eu aceito as condições do desafio. Quando você gostaria de começar?

Eu olhei o quarto. Estavam só os quatro dragões guerreiros, eu mesma, e o estalajadeiro sabiamente mantendo-se longe da vista.

—Existe qualquer coisa errado com agora?— Eu perguntei, tirando meu capote para deixar minhas mãos livres.

—Não. — Ele acenou uma mão em torno do quarto. —Gostaria de lutar aqui, ou prefere lá fora...

Eu me movi rapidamente. Ele caiu como um saco de areia, enrolando seu corpo em um círculo quando ele agarrou suas partes íntimas, incapaz de falar exceto tentar respirar.

—Você nunca deveria ter tirado seu tapa-sexo. — eu disse, gesticulando em direção a aquele pedaço de armadura metade escondido pelo couro da couraça que tinha sido descartada alguns minutos antes. —E eu acredito que isto pode ser considerado uma vitória.



Seus guardas, todos três, olhavam fixamente com a boca aberta de surpresa como Baltic parava de se retorcer no chão, seus olhos abertos e brilhantes em mim com retribuição prometida. Ele se desenrolou, seu rosto bonito e mortal.

—Você... pagará... — ele finalmente conseguiu dizer.

—Não, eu penso que você pagará, você me levará para casa.— Eu me mantive no lugar enquanto ele conseguiu dolorosamente ficar em pé, seu corpo curvado como se... bem, como se ele tivesse levado um pontapé muito forte nas partes privadas. — Você negará que eu ganhei o desafio?

Seu rosto se enfureceu novamente, e eu estava certa que ele ia ou cuspir em mim ou me atingir, mas ele não fez nada. Ele simplesmente girou e lentamente subiu os degraus para o quarto.

O guarda Matheo, depois de um longo olhar para mim, seguiu ele. Pavel agitou sua cabeça e recolheu a armadura de Baltic antes de fazer o mesmo.

Só Kostya ficou comigo, e ele assistiu-me com uma expressão que eu achei difícil de ler.

—Você não aprova meu método de vitória?— Eu perguntei a ele.

Ele ficou em silêncio, então agitou sua cabeça.

—Você é uma mulher. Ele é um wyvern. Eu iria esperar que você usasse qualquer método que você podia para incapacitar. Não é como você o atingiu que você lamentará.

—Então o quê? — Eu perguntei, sentindo mais que um pouco envergonhada no modo que eu fiz Baltic cair.

Lentamente, Kostya sorriu.

—Pode vir um dia quando você desejar apreciar aquelas partes que você tem muito dolorosamente ferido neste dia.

O calor inundou minhas bochechas como as dele, também, fez uma reverência, então saiu.

Ele viu-me olhando fixamente para a boca de Baltic, e assumiu que eu era uma mulher de nenhuma virtude? Eu não podia culpá-lo. Eu não me senti particularmente virtuosa ao redor Baltic, não com minha mente relembrando de novo e de novo aquele beijo na floresta.

—Pela Cruz de Cristo.— eu jurei para mim mesma. —Kostya está certo. Mas os santos me ajudem, Baltic está me deixando louca.

A culpabilidade me corroe mais tarde, enquanto eu me sentava só em um espasmódico quarto, nada além de um armário, uma cama, um tamborete de três pernas e um pinico rachado.

A pousada possuía dois quartos, este aqui, e o quarto maior que ocupava o restante do piso superior, mas era como uma sala comum com várias camas em que Baltic e seus guardas dormiriam, eu recebi o armário. Eu caminhei os dois passos que estavam disponível no quarto, girei, e voltei, escutando com metade de uma orelha os sons que surgiam pelas tábuas do assoalho.

Kostya tinha evidentemente acertado as coisas com o estalajadeiro, porque mais cedo, quando eu fui usar a latrina, dois rapazes parecendo duas mulheres assustadas estavam retirando os escombros, e logo depois disto, três novos bancos apareceram. Duas horas mais tarde os freqüentadores locais lentamente chegaram, sem dúvida porque o senhor louco estava seguramente adormecido de cima.



O murmúrio suave da conversação subia, animado de vez em quando por um risada cordial que era abafada depressa, como se os clientes temessem causar barulho demais.

—Isto é tolo. Ele me desafiou. Ele segurou uma espada em meu pescoço. Eu não devia sentir o menor pedaço arrependido pelo que eu fiz.— eu disse a mim mesma, tocando o lugar em meu pescoço onde a espada perfurou minha carne.

O ferimento não estava lá. Curou quase imediatamente, e se uma gota magra de sangue não tivesse manchado minha camisa, eu poderia ter pensado que imaginei isto. Eu troquei minha roupa rasgada quando Pavel trouxe minha cesta de viagem, mas minha camisa estava por cima dela, a manchada com uma acusação brilhante.

Eu esfreguei no sangue seco e tentei ignorar o sentimento de culpabilidade e vergonha.

—É inútil. — eu disse finalmente, e endireitei meus ombros, abri a porta e entrei no quarto principal.

Não existia nenhuma luz, mas o luar entrava pelas venezianas. Eu segurei vela em cima do meu armário, esquadrinhando as camas para localizar Baltic. Para minha surpresa, elas estavam todas vazias, todas menos uma.

Eu andei na escuridão cautelosamente. Eu não podia dizer que homem era — uma coberta de pele o cobria, mostrando só a ponta de sua cabeça, e todos os guardas tinham sombras variadas de cabelo escuro.

Colocando a vela no chão próximo a cama, eu puxei a pele só longe o suficiente para ver quem deitava lá, mas antes de eu poder tocar, uma mão disparou e agarrou meu pulso em um aperto esteve perto de moer meus ossos. Eu choraminguei, e o homem sentou, soltando meu pulso quando viu que era eu.

—O que você está fazendo?— Ele rosnou.

Era Baltic, e ele parecia muito contente em me ver.

—Eu vim para ver se você estava machucado. — eu disse, parecendo de repente muito desajeitada. Eu gesticulei em direção a suas pernas.

—Em seu... lugar.

Ele olhou fixamente para mim um momento da mesma maneira que se duas cenouras de repente tivessem brotado de minhas orelhas.

—Você veio para ver se eu estava machucado?

—Sim. Eu sei que homens são sensíveis lá. Bem, você teria que ser, não é? Eu quero dizer, tudo fica pendurado, ao ar livre, não guardado bem como o das mulheres. E eu sabia que incapacitaria você, mas estava pensando sobre isto, e percebi que talvez eu o tomasse por surpresa, e que mesmo eu dizendo que nós começaríamos em seguida, você não estava pronto para meu ataque. Então eu pensei que eu viria ver se você estava machucado. Seriamente machucado, isto é, porque eu sei que você está machucado, ou então você não teria rolado no chão como você fez.

Ele ficou a fala inteira sem dizer qualquer coisa, mas quando eu estava acabando ele agitou sua cabeça, e disse em um tom bastante razoável de voz:

—Sim, você me machucou. Você chutou minhas pedras para dentro da barriga. Mas você não me danificou permanentemente, se é disso que você está tendo um ataque de consciência.

—Você está certo?— Eu perguntei, ajoelhando abaixo próximo a ele. Eu quis verificar suas partes, mas não podia pensar como sugerir aquilo sem soar como se eu estivesse o cobiçando. Que, tristemente, eu tive que admitir não me importaria.



—Talvez eu devesse ter certeza. Minha mãe, Lady Alice, me ensinou muito sobre doenças. Eu sou conhecida por ter habilidades curativas.

Ele murmurou algo que soou como uma blasfêmia contra curandeiros, então de repente endireitou mais.

—Você quer olhar para meu pênis?

—Eu penso que seria melhor se eu examinasse suas partes de homem procurando sinais de dano, sim. — eu disse, tentando meu melhor para olhar com conhecimento na área de órgãos genitais. —Afinal, eu causei o dano. Se alguém devia olhar em seu... er... área, então eu devia.

Ele se reclinou contra a parede.

—Vá em frente. — ele disse, cruzando seus braços.

Eu lambi meu lábios nervosamente, mordendo meu lábio inferior enquanto eu empurrava a pele abaixo suas pernas. Ele estava vestindo uma túnica magra e calções, e a menos que ele estivesse usando sua armadura, ele não teria nenhum tapa-sexo debaixo da túnica. Cuidadosamente eu ergui a extremidade de sua túnica.

—Oh. Meu. Um. Eu estava esperando... hmm.

—O que você estava esperando?— Ele perguntou, segurando sua túnica a fim de olhar fixamente abaixo nele mesmo. —O quê?

—Oh, não é nada, realmente... — eu disse, franzindo a testa um pouco para suas partes de homem.

—Como inferno é! — Ele disse, soando bastante enraivecido.

Eu olhei para ele com confusão.

Ele suspirou, fechou seus olhos por um minuto, então abriu eles de novo, e com a mandíbula apertada, perguntou:

—Você vai examinar meu pênis ou não?

Eu de olhos na parte em questão.

—Eu não quero tocar isto se estiver contundido.

—Não está contundido. — ele estalou.

—Parece... bravo.

—Pelo amor de Deus, mulher, ele não tem emoções próprias!

—Claro que não. Certo então. Eu só verificarei para ter certeza se tudo está como deve ser.— Eu pus um dedo em sua seta. Ele não moveu, a expressão em seu rosto suspeito.

—Bem? — Ele exigiu.

Não existia nada para isto. Eu pus minha outra mão em suas partes, erguendo eles para procurar por sinais de dano.

Um barulho na porta teve Baltic empurrando em cima roupa, minhas mãos presas em baixo disto.

Kostya permaneceu no topo dos degraus, dando a nós um olhar perplexo.

—Eu ouvi vozes altas. Está tudo bem?— Ele perguntou.

—Sim! — Baltic respondeu por dentes friccionados.

Kostya olhou intencionalmente para mim.

—As partes de homem de Baltic estão bravos, e eu estava vendo se existia algo que eu podia fazer para aliviar a dor. — eu expliquei, não querendo que ele pensasse que eu era promíscua.



A expressão da Kostya ficou absolutamente em branco. Baltic passou a mão em seu rosto, claramente tentando manter o controle em seu temperamento formidável.

—Não é assim. Ela quis ver se ela seriamente me machucou. Eu disse a ela que ela podia procurar para ver que eu não estava.

—Entendo. — Kostya disse em uma voz que soou como se ele estivesse sufocando. —Eu só deixarei vocês para isso, então.

Ele desapareceu. Um rugido de riso surgiu de abaixo e teve Baltic jurando debaixo de sua respiração enquanto ele levantava a roupa novamente.

—Pelo amor dos santos, termine com isto, mulher!

—Muito bem.— Eu ergui sua seta, procurando por sinais de dano, mas não vi nada. Apesar do conhecimento que eu era conhecida na aldeia e no povo como uma curandeira, eu não podia ajudar, mas me sentia imoral enquanto o tocava. Eu não era nenhuma estranha para a visão das partes de um homem, os aldeãos freqüentemente vestiam túnicas pequenas que deixavam pouco para a imaginação quando o vento era forte, mas minha mãe manteve Margaret e a mim de longe do banho das visitas, como era o costume comum. As partes de Baltic eram... interessantes.

—Você não parece ter qualquer dano. — eu adicionei, parecendo de repente um pouco ofegante. Eu deixei suas bolas deslizarem devagar de meus dedos, e fiquei surpreendida por ambos, o puxão súbito em sua respiração e o fato de que sua seta começou a endurecer.

—Você está ficando despertado. — eu disse, olhando para isto.

—Eu teria que estar morto para não. Você está parando?

Eu arrastei meus dedos em sua seta. Estava ganhando em estatura, a pele deslizando suave como seda em pedaço de marfim polido que minha mãe mantinha em sua caixa de costura.

—Você quer que eu pare?

—Inferno, não.

Eu continuei a passar ligeiramente meus dedos.

—Quanto maior crescerá?

Ele deu um pequeno riso parecido um barulho de dor.

—Eu nunca medi isto. Por que você pergunta?

—Curiosidade. Aquela parte está empurrando de volta. Deveria fazer isto, ou eu danifiquei?

—Deveria fazer isto.

Eu deslizei uma mão debaixo da seta, acariciando ele como eu faria em um gato. Baltic gemeu e fechou seu olhos, seus quadris balançando adiante.

—Eu estou apreciando isto. — eu disse a ele, sentindo uma sensação de orgulho no fato de que eu podia o despertar com minhas mãos.

Os olhos de mais puros pretos me olharam, brilhando com algo que eu não podia pôr um nome. Seus lábios se curvaram.

—Então eu estou também.

—Parece bastante monótono, porém. — eu disse depois de alguns minutos de acariciá-lo. Sua seta estava completamente despertada agora, e eu fiquei maravilhada de que isso coubesse em seu tapa-sexo.

—Existem variações... que você pode fazer. — ele disse com uma voz sufocada.

—Oh? — Eu olhei abaixo na seta. —Mudanças em pressão e velocidade?

—Não. Em vez de suas mãos, você podia usar sua boca.



—Você está brincando. — eu disse, olhando fixamente para ele com descrença. Seus lábios se curvaram até mais.

—Eu pensei que chocaria você.

Eu olhei sua seta novamente.

—Eu não estou chocada. Eu só estou um pouco surpresa. Se eu fosse usar minha boca, isso daria a você prazer, também?

—Chérie, se você fosse usar sua boca, eu provavelmente derramaria minha semente depois de dois segundos de sua língua embrulhada ao meu redor.

—É um pecado para derramar sua semente fora de uma mulher. — eu disse, repetindo Pai David, o padre de nossas terras.

—Isto é uma convicção humana. Os dragões não seguem tal dogma tolo. Se você não fosse um dragão de prata, eu teria muito prazer em fazer como você sugere.

Eu toquei a ponta dele com um dedo. Uma conta de umidade formou lá, uma lágrima brilhante enquanto eu espalhei isto sobre a cabeça de sua seta.

—Eu não desejo você na minha cama se é disso que você está receoso.

—Por que não? Você parece apreciar me tocar.

Eu encontrei seu de olhos pretos com um olhar tranquilo.

—Um dia eu casarei, e eu devo guardar minha virgindade para o meu marido.

—O casamento também é uma tradição humana, que dragões raramente seguem. Ysolde?

—Hmm?— Eu espalhei a umidade ao redor um pouco mais, apreciando a sensação disto, perguntando-me que gosto ele teria, e se seria um pecado descobrir.

Sua mandíbula apertou.

—Nada. Volte para sua cama. Eu não estou ferido, como você achava.

Eu me curvei e tomei a ponta de sua seta em minha boca. Ele parou de falar. De fato, por alguns segundos, ele parou de respirar. Ele ficou sentado duro como uma tábua, olhando fixamente com olhos largos à medida que eu o saboreava.

Era... diferente. Diferente, mas agradável. Ele era quente, um pouco salgado, mas era o sentimento de sua carne sedosa contra minha língua que me deu coragem. Eu deslizei minha língua em torno da cabeça e Baltic gemeu ruidosamente, segurando com as mãos o lençol que cobria a cama.

—Pare!— Ele chorou, sua voz soando como se ele tivesse um bocado de pedras na boca.

Eu tirei de minha boca, me preocupando se eu o prejudiquei de algum jeito.

—Eu machuquei você?

—Não. Você só tem que parar, ou então eu vou gozar.

Eu tomei sua seta em minha mão novamente, arrastei meus dedos em torno da carne agora lisa pela minha boca.

Ele gemeu novamente, seus quadris empurraram adiante à medida que ele rosnava:

—Muito tarde.

—Eu não vejo como isso não vai contar como um pecado. — eu disse, minha mão cheia com sua semente. —Você terá que fazer penitência por isto.

—Eu já estou. — ele murmurou, segurando uma extremidade lençol de linho para limpar minha mão. Ele levantou-se quando fez isso, me puxando para cima em seus braços.



—O que você está fazendo?— Eu perguntei, um pouco em pânico enquanto ele marchava com o queixo tenso em direção a meu armário.

—Levando você para a cama.

—Eu disse a você que eu não desejo você na minha cama.

—Eu ouvi você a primeira vez. — ele disse, sua voz soando áspera e severa.

Ele empurrou abriu a porta e me soltou sobre a cama.

—Eu estou sério. Eu não quero machucar você novamente, mas eu defenderei, me defenderei se você o fizer.

Ele me deixou sobre meus joelhos.

—Eu não levo dragões de prata para a cama.

—Então o quê.

—Eu só vou retribuir.

Eu fiz uma careta quando ele empurrou meus pés separados a fim de mover-se entre eles.

—Retribuir o quê?

Seu rosto perdeu seu olhar tenso de repente ele sorriu para mim.

—Êxtase.



Capítulo Cinco

Êxtase. Que palavra adorável era. Eu deitei na cama e olhei as luzes da rua iluminando meu quarto, escutando lânguidos os sons do tráfego de Londres, sons que eram reduzidos pelo fato de que a casa tinha janelas excepcionalmente boas, e já era noite. Eram duas da manhã, quando alguém me chamou.

Eu fiz uma carranca.

—Agora, onde eu ouvi isto?

Uma lasca luz perfurou a escuridão do quarto quando a porta abriu um pedaço minúsculo.

—Você está acordada?

—Infelizmente, sim.

Kaawa abriu a porta mais larga e deu a mim um olhar inquisitivo.

—Eu estava passando por seu quarto quando ouvir você dar um pequeno grito. Eu pensei talvez que você estava tendo um pesadelo. Gostaria de um pouco de companhia?

—Se você não se importa de estar trancada com uma doida, claro. — eu respondi, me sentando na cama. Eu acendi a luminária ao lado da cama e assisti como ela arrastou uma poltrona um pouco mais perto da cama.

—Isto é um adorável caftan. — eu disse, admirando os animais africanos em batique¹¹ preto e prata..

—Obrigado. Minha filha enviou isto para mim. Ela vive no Quênia, em uma reserva animal. Por que você pensa que está doida?

Eu olhei para o teto por um minuto, debatendo se queria conversar ou não sobre o medo que estava me corroendo. Kaawa parecia boa e maternal, mas eu realmente não a conhecia.

Então novamente, não existiam muitas pessoas que eu lembrava conhecer.

—Eu penso que eu poderia estar mentalmente instável. — eu disse afinal, assistindo ela para ver se ela me olhava assustada.

Ela não olhou nada mais que ligeiramente interessada.

—Por causa da perda de memória?

—Não. Eu penso que eu poderia ser esquizofrênico. Ou sofrendo de personalidades múltiplas. Ou alguma outra desordem mental.

—Você está tendo sonhos. — ela disse, movimentando a cabeça como se compreendesse. —Sonhos de seu passado.

—Eu estou tendo sonhos, sim, mas não pode ser meu passado. Eu não sou um dragão. Eu sou humano. Evidentemente mentalmente instável, mas humano.

¹¹ Batique (Batik): Processo de estampa artesanal em tecido de fibra natural, cujo método de confecção consiste em utilizar cera de abelha para cobrir as partes que não se quer tingir. Na etapa seguinte, o tecido é amassado e mergulhado na tinta, obtendo-se um efeito craquelê. Originário da Índia, esta técnica foi muito usada nas décadas de 60 e 70.



Ela ficou calada um momento.

—Lutando contra você mesmo não irá fazer a situação mais fácil, sabe.

—Eu não estou lutando mim mesma. Eu estou tentando manter minha sanidade. Olhe, eu sei o que você pensa, o que todo mundo pensa. Mas se você estivesse em meu lugar, você não saberia se você não fosse humano?

—Você pensa que humanos tem sonhos de sua vida passada como um dragão?

—Ela perguntou com uma tranquilidade enlouquecedora.

—A única razão que eu estou tendo aqueles sonhos é porque vocês põem isto em minha mente! — Eu disse, minha voz com um matiz de desespero.

Ela agitou sua cabeça lentamente.

—Foi o sonho que tirou você do seu mês de sono, não?

Eu olhei para minhas mãos apertadas no lençol da cama.

—Sim.

—Criança.— Ela colocou sua mão em meu braço. —O dragão dentro de você deseja ser despertado, você querendo ou não. Eu admitirei que você parece humana para mim, e eu não sei como pode ter mudado assim, entretanto você pode negar, mas você é Ysolde de Bouchier, e você não irá tranquilizar sua mente até você aceitar isso.

—Acalmar minha mente? Neste momento, eu não posso nem dizer o que é.— Eu respirei fundo, tentando afastar o delírio totalmente louco. —Eu sinto muito. Eu não quero parecer a maior rainha do drama que existiu, mas você tem que admitir que esta situação inteira é suficiente dirigir uma menina mais louca.

—É um teste, sim. — ela concordou naquela voz calmante.

Eu quis gritar. Ao invés, eu tomei outra respiração profunda.

—OK, vamos entrar na terra do bizarro, e diga que você está certa. Eu sou um dragão magicamente reencarnado.

—Não reencarnada, ressuscitada. — ela me corrigiu.

—Qual é a diferença?

—Eu sou reencarnada, quando minha forma física correu seu tempo designado, eu me retirei no sonho e aguardei uma nova forma. Eu nasci novamente, lembrando de tudo que passou antes, mas com um novo corpo. Isto é reencarnado. A ressurreição está o devolver para vida de que estava morta.

Eu tomei uma terceira respiração funda. É uma maravilha que existisse qualquer ar no quarto.

—Que legal. Você é reencarnada. Eu sou ressuscitada. Nós só nos moveremos ao passado até e chegarmos à parte do meu argumento, se eu sou um dragão, por que eu não gosto de ouro? Por que eu não posso respirar fogo? Por que eu não posso me transformar em um animal assustador de grande forma?

—Porque o dragão em você não despertou ainda. Eu penso que... — Ela pausou, seu olhar voltado para dentro. —Eu penso que isto está esperando.

—Esperando o que?

—Eu não sei. Isto é algo que você descobrirá quando for o tempo apropriado. Até então, você deve parar de lutar com o dragão dentro de você. Os sonhos que você tem, eles são sobre seu passado, não são?

Eu olhei para longe, sentindo minhas bochechas esquentarem quando eu lembrei do altamente erótico sonho que eu tive.

—Eles concernem alguém chamado Ysolde, e um homem chamado Baltic.



—Como eu esperei. A parte de dragão de você quer que você lembre... — ela disse, batendo levemente minha mão com a dela. —Quer que você aceite seu passado a fim de lidar com o presente.

—Bem, a parte de dragão pode ir dar um salto voador de uma montanha, porque eu quero minha vida de volta ao que era.

—Eu não acho que isto é possível. Ele se agitou.

—Deseja que você lembre. É hora, Ysolde.

—Biscoitos de vaca!— Eu estalei. —Ninguém diz a mim o que fazer. Bem, Dr. Kostich faz, mas isto completamente é dentro do meu aprendizado. E ele não dá a mim um sonho erótico!

—O sonho erótico?— Kaawa perguntou, um sorriso em seu lábios.

Eu corei novamente, condenando minha boca por falar inadequadamente novamente.

—Eu realmente não acho que o tipo de sonho importa tanto quanto o fato de que minha mente está rachando.

—Sua mente não está fazendo nada do tipo. Permita o dragão falar com você, e eu penso que você irá achar um jeito de passar por esses tempos difíceis. — ela disse da porta. Ela hesitou alguns segundos, então adicionou. —Isto realmente não é da minha conta, mas eu me orgulho do meu conhecimento de história do reino dos dragões, e admito estar muito curiosa sobre este... Quando você e Baltic se encontraram, ele se ofereceu para ser seu companheiro imediatamente, ou isso veio depois que Constantine Norka reivindicou você?

Eu pisquei em surpresa, então deu uma risada sentida.

—Assumindo que os sonhos não são uma invenção de minha mente torta, então não, Baltic não me pediu para ser seu companheiro quando nós nos encontramos. Exatamente o contrário. Ele esteve muito perto de me matar, e mais tarde disse a mim que ele nunca iria para a cama com um dragão de prata.

—Fascinante. — ela disse, olhando pensativa. —Absolutamente fascinante. Eu não tinha nenhuma idéia. Durma bem, Ysolde.

—Tully. — eu tristemente disse, mas ela já tinha fechado a porta.

—Você parece horrível. — a fruta de minha região lombar disse a mim seis horas mais tarde quando eu achei a sala de jantar. Brom estava acomodado atrás de uma tigela de mingau de aveia, um prato cheio com ovos, batatas, e três pedaços de torradas com geléia.

—Obrigado. — eu disse, soltando um beijo em sua cabeça antes de tomar uma xícara do aparador. —E eu espero que você vá comer tudo isto. Você sabe como eu sinto sobre desperdiçar comida.

—Só porque Gareth faz um rebuliço tão grande por dinheiro. — Brom disse, girando para May, que se sentou no fim da mesa com uma xícara de café na frente dela. —Ele é um pão-duro.

—Possivelmente o fato que você come tanto quanto um cavalo influenciou suas conferências relativo a economia. — eu disse, dando a ele um olhar significativo. Eu ergui a tampa de uma garrafa prata e olhei dentro. Tinha café.

—Se você preferir chá, nós podemos conseguir para você algum. — May disse, olhando-me.



—Realmente, eu sou tenho uma queda grande por chocolate. — eu disse com um sorriso de desculpas. —Eu receio que o termo “Chocólatra” se aplica a mim extremamente bem.

—Eu estou certa que nós podemos arranjar algum chocolate quente. — ela disse, levantando.

—Não precisa se incomodar por mim.

—Não é um incômodo. Eu só irei dizer a Renata.

May desapareceu, deixando-me com Brom. Eu me sentei em frente a ele, tentando tomar uma decisão.

—Gabriel diz que existe um museu aqui que tem múmias humanas. Nós podemos ir ver eles?— Brom perguntou.

—Possivelmente. Eu tenho que ver Dr. Kostich hoje, entretanto. Eu fui informada que ele está na cidade, e eu precisarei ver que trabalho ele tem para mim.

A expressão do Brom foi estranhamente horrível com a boca cheia de torradas e ovos.

—Gabriel disse que Tipene ou Maata iriam me levar já que você vai estar ocupada os negócios de dragão.

—Negócios do dragão?— Eu fiz uma carranca, roçando meu dedo na borda da mesa. —Que tipo de negócios de dragão?

Brom pensou por alguns segundos, suas bochechas inchando enquanto ele mastigava.

—É alguma palavra estrangeira como “sacrophagus”.

—Sárkány. — May disse, entrando no quarto com uma mulher alta, atlética, que se elevava sobre ela. Como Tipene, ela parecia ser de origem Aborígine, com pele escura adorável que dava ênfase aos seus olhos cinzentos. —Esta é Maata, a propósito. Ela é a segunda da guarda de elite do Gabriel.

Nós trocamos saudações. Maata foi para o aparador, enchendo um prato quase tão cheio quanto o de Brom.

—Antes de você perguntar... — May continuou, retomando sua cadeira. — Um sárkány é basicamente uma reunião onde os Wyverns discute negócios do clã. Kostya foi chamado por hoje.

—Kostya? — Eu me sentei congelada por um segundo com um rosto aparecendo em minha mente.

—Sim. — Ambos os May e Maata olharam-me. —Você o conhece?

Eu pisquei longe a imagem, dizendo devagar.

—Ele estava em um sonho que eu tive.

—Kaawa mencionou que você estava sonhando com seu passado. Deve ser muito confuso para você ver você mesmo mas não poder se relacionar a isto.

—Sim. — eu respondi, ficando em silêncio quando entrava no quarto com uma panela de chocolate quente para mim. Eu a agradei, respirando profundamente do adorável cheiro do achocolatado.

—O sárkány está marcado para as três desta tarde. — May continuou, mexendo seu café.

—Eu estou certo que nós podemos ficar fora de seu caminho enquanto você tem sua reunião.

—Isto não é realmente o que eu quis dizer. — May disse com um sorriso. —O sárkány foi marcado só para os Wyverns serem apresentados a você.



Eu suspirei.

—Eu estou ficando muito cansada de dizer as pessoas que eu não sou um dragão.

—Eu sei. Mas eu acho que seria bom para você encontrar eles. Se nada mais, eles poderão ver por si mesmos que você é humano.

—Isto é... —Eu mastiguei meu lábio por um momento. —Certo. Eu irei para sua reunião.

—Excelente!— May disse, parecendo contente. —Brom provavelmente acharia isto muito enfadonho, então Maata voluntariamente o levará para o Museu Britânico para ver as múmias.

Eu avaliei Maata. Ela parecia robusta o suficiente para combater uma caminhonete, e desde que ela era da guarda de elite do Gabriel, eu assumi que ela estava além de confiável.

—Isto é muito amável de sua parte, mas eu não quereria impor. — eu disse a ela.

Ela acenou longe a objeção com um garfo carregado com ovos mexidos.

—Não é nenhuma imposição mesmo. Acontece que eu gosto de múmias, e eu estou muito interessada nas experiências do Brom mumificando animais. Antes de eu ser parte de guarda do Gabriel, eu pensei que eu poderia ser uma veterinária.

—É isso que Sullivan quer que eu faça. — Brom disse ao redor outro bocado de comida.

Eu fiz uma carranca para ele, e ele fez um esforço enorme para tragar.

—Você não é uma python¹². — eu disse a ele. —Mastigue antes de engolir.

—Não é da minha conta, mas por que você chama sua mãe de Sullivan?— May perguntou.

Brom encolheu os ombros.

—É o que Gareth a chama.

May olhou para mim.

—Seu marido chama você por seu último nome?

—Gareth é um pouco . . . especial. — eu disse, pegando mais chocolate quente. Estava excelente, muito quente, da mesma maneira que eu gostava, e feito com cacau belga.

Ela murmurou algo sem compromisso.

—Eu decidi depois de conversar com seu... er... do que você chama Kaawa?— Eu perguntei a May.

—A chamo?

—Sim. Eu quero dizer, você não está casada com Gabriel, não é? Não que eu estou julgando! Muitas pessoas se juntam sem se casar. Eu acabei de perguntar do que você chama sua mãe.

Ela piscou em mim duas vezes.

—Eu a chamo Kaawa.

—Entendo.

Ela sorriu, e eu percebi novamente que existia algo sobre ela que atingia uma corda familiar.

¹² Espécie de cobra



—O casamento é uma convenção humana. Eu nunca fui humana, então eu não sinto a necessidade de formalizar a relação eu tenho com Gabriel desse jeito. O laço entre um wyvern e um companheiro é muito mais forte que uma formalidade do casamento mortal, Ysolde. Não há divórcio no mundo dragão.

Os olhos de Brom se arregalaram enquanto ele a ouvia.

—Os dragões nunca fazem escolhas ruins, como os outros insignificantes, então? — Eu não podia ajudar mas perguntei, me esforçando para manter o tom ácido de minha voz.

—Eu estou certo que alguns fazem. — ela disse, olhando para Maata. —Eu nunca encontrei algum, entretanto. Não é?

—Sim, embora seja raro. — Maata disse a mim. —Não é comum, mas pode acontecer se duas pessoas estão acasaladas quando não deveriam estar.

—Então o que eles fazem? Vivem suas vidas em miséria silenciosa, tentando fazer o melhor que eles podem apesar do fato de que eles não têm nenhuma esperança, nenhuma esperança qualquer, de qualquer tipo de satisfação ou um matrimônio feliz e uma vida romântica? — Eu não podia me deter, então perguntei.

—O que é matrimônio?— Brom perguntou ao redor de outro bocado de ovos.

—Casamento.

May escondeu seu sorriso, mas Maata abertamente riu.

—Eu gostaria de ver o dragão que está satisfeito em viver uma miséria silenciosa. Não, se um par acasalado não é compatível, eles tomam a única solução.

Eu esperei ela continuar, mas ela não fez. Eu tinha que saber, entretanto. Minha curiosidade não estaria satisfeita até que eu perguntasse.

—E isto o que é?

—Um deles mata o outro. — ela disse, encolhendo os ombros ligeiramente. —A morte é o único caminho para quebrar o laço. Claro, normalmente a pessoa que permanece não sobrevive muito, mas isto é o modo de dragões. Eles acasalam por toda vida, e quando um companheiro for, o outro freqüentemente escolhe seu fim ou seu sofrimento.

—Legal. — Brom disse, olhando extremamente fascinado para minha paz de espírito. —Você sabe de algum dragão que está morto? Eu pergunto-me se eu pudesse mumificar algo grande. Quando eles morrem ficam em forma de dragão ou humana? O que acontece para eles quando eles estão mortos? Vocês o enterram como mortais, ou os queimam em cima de qualquer outra coisa?

—Suficiente comentários de “como mortais”, jovem. — eu disse a ele. —Você é um mortal. Eu não me importo com o que dizem a você, você é um perfeitamente normal pequeno menino, embora com uma fascinação estranha de múmia.

—Sullivan é toda negação. — ele disse a Maata, que movimentou sua cabeça de acordo.

—Nós vamos partir, porque se nós não fizermos, alguém achará que ele mesmo preso no seu quarto em lugar de ir para um museu. — eu disse com um olhar escuro para minha criança.

—Você vai matar Gareth?— Ele perguntou a mim, completamente ignorando o olhar.

—O que? — Eu olhei estupidamente nele.



—Gabriel disse que você está casada com um dragão chamado Baltic, mas você também está casada com Gareth. Isto significa que você tem que livrar-se de um deles, e você não gosta de Gareth, então você devia livrar-se dele. —Ele fez uma carranca.

—Embora eu não queira que você faça o que Maata disse, e ponha fim a seu sofrimento.

—Eu asseguro a você que eu não tenho nenhuma intenção de me matar ou a seu pai. Nós podemos ir? Excelente. Eu realmente preciso ver Dr. Kostich hoje. Que hora você estava pensando sobre ir para o museu?

Eu perguntei a Maata.

—Nós podemos sair logo depois do café da manhã, se você quiser. Existe suficiente lá para ver e nos manter ocupados o dia todo.

—Seria melhor eu pegar meu caderno de anotações e a máquina fotográfica. —Brom disse, começando levantar de sua cadeira.

—Sente-se. — eu ordenei. —Termine aquela comida ou você não irá em qualquer lugar hoje.

Ele afundou de volta em sua cadeira, murmurando baixo sobre não querer desperdiçar valioso tempo.

—Tipene chamou Dr. Kostich ontem para dizer a ele que você estava acordada, no caso que esteja preocupada de que ele não saiba. — May disse a mim.

—Não é isto. Eu sou sua aprendiz. Eu não tenho nenhuma dúvida sobre a montanha enorme de trabalho que está esperando por mim.

—Que tipo de trabalho um aprendiz faz?— May perguntou.

—Muitos e muitos transcritos. — eu disse, suspirando. —Nós copiamos compêndios de vários feiticeiros, a maior parte são coisas estranhas que ninguém em juízo perfeito se importa mais. Existem algumas coisas úteis para serem aprendidas, como fazer feitiços destrutivos, mas aqueles vão para aprendizes mais para avançados. Os do meu nível gastam seus dias aperfeiçoando feitiços de remoção de verrugas, e jeitos para fazer orelhas desentupirem. Semana passada, ou melhor, o na semana passada que eu lembro - eu encontrei casualmente a menção de um feitiço sobre fazer as sobrelhas da pessoa espontaneamente entrarem em combustão.

—Uau. — May disse, uma expressão estranha em seu rosto.

—Eu sei. Estranho, né?— Eu suspirei e olhei para o relógio. —Algum dia eu chegarei no material bom, mas até então... eu devia estar indo agora. Brom, eu espero que você se comporte com Maata, não dê qualquer dificuldade.

Ele fez uma cara quando eu agarrei minha bolsa, mas seus olhos se iluminaram quando eu dobrei algumas notas no bolso de sua camisa.

—Não esqueça, o sárkány as três. — May disse quando eu arrepiei seu cabelo.

Existia um leve tom de advertência na voz, um fato que eu reconheci com um aceno quando deixei a sala de jantar.

Eu não estou bastante certa de que tipo de recepção eu teria do Dr. Kostich, mas eu assumi que ele expressaria um pouco de prazer por eu estar mais uma vez consciente.

—Oh. É você. — foi a saudação que eu recebi, porém. Ele olhou por cima dos óculos de leitura, uma carranca juntando suas sobrelhas, seus olhos de um pálido azul tão frio quanto um iceberg.

—Bom dia, senhor. Bom dia, Jack.



—Oi, Tully. Contente por ver você de pé novamente. Você nos assustou quando você simplesmente tombou, um mês atrás.— Disse o aprendiz da mesma categoria, Jack, um homem jovem em seus anos vinte meios, com um rosto sardento, aberto, selvagem cabelo vermelho, e uma natureza amigável que me lembrava um filhote de cachorro, ele sorriu para mim uns poucos segundos, antes de algum do frio vazar de nosso chefe.

Quando o Dr. Kostich olhou para ele, Jack abaixou seu olhar de volta para um grimório¹³ medieval em que ele estava fazendo notas.

—Obrigado. Eu não tenho nenhuma idéia por que a fuga me atingiu antes e não em outubro, como deveria ser, mas eu muito sinto muito por qualquer incomodo que eu tenha causado a você. — eu disse a Kostich.

Ele bateu teclas no laptop diante dele e empurrou sua cadeira atrás, dando a mim um completo olhar superior. Eu tive que me conter de me mexer debaixo do exame, evitando seus olhos, espiando em torno da sala de estar do apartamento que ele sempre registrava quando ele estava em Londres. Tudo parecia o mesmo que quando eu deixei cinco semanas antes, tudo parecia normal, mas algo estava claramente errado.

—Eu estive em contato com o wyvern do clã prata, acredito que você esteja ficando. — ele disse finalmente, gesticulando abruptamente em direção a uma cadeira nata e rosa de Louis XIV. Eu me sentei na extremidade, sentindo como se eu tivesse sido enviada para o escritório principal. —Ele me informou de vários fatos que eu achei infinitamente infeliz.

—Eu sinto muito ouvir isto. Eu espero que talvez eu possa explicar algumas das circunstâncias e aliviar você dessa angústia. — eu disse, desejando que eu não soasse tão formal.

—Eu tenho pouca esperança de que acontecerá. — Kostich disse, cruzando seus dedos. —O wyvern me informou que você não é, de fato, um aprendiz simples como você representou.

Eu olhei para Jack. Sua cabeça estava curvada acima do grimório, mas ele olhava-me, com um olhar sério.

—Sabe, Gabriel é um sujeito agradável e tudo, mas ele e May têm algumas idéias realmente selvagens. Eu irei permanecer com eles. — eu disse depressa, por via das dúvidas se ele pensasse em perguntar sobre minha condição mental. O Senhor sabe que eu estava perguntando o suficiente por nós dois.

—De fato, o wyvern diz a mim que você é um dragão, e foi uma vez um membro de seu clã. — Kostich continuou como se eu não dissesse uma palavra.

Eu vacilei interiormente no olhar triste em seu rosto. Eu sabia dos discursos que ele fez no último ano que Kostich não gostava muito de dragões.

—Como eu disse, idéias selvagens. Ele está errado, claro. Todo mundo pode ver que eu sou humana!

—Não. — ele disse, me surpreendendo. —Você não é. Você parece humano, sim, mas você não é. Eu soube disso quando você solicitou aprendizado.

—Você sabia? Eu tive o sentimento de que meus olhos estavam arregalados de surpresa. Eu pisquei para tentar conseguir tirar expressão estupefata de meu rosto.

¹³ Um grimório é um livro de conhecimentos mágicos, com anotações de práticas pessoais, ou seja, um diário mágico, escrito entre o final da Idade Média e o século XVIII.



—Por que você não disse algo para mim?

Ele encolheu os ombros.

—Não é incomum para achar alguns de herança mista no L'au-dela.

—Eu não sou... herança mista.

—Eu assumi que você teve pais humano e um imortal, como seu marido.

Eu olhei estupidamente nele.

—Você está brincando, certo? Gareth? Meu Gareth? Ele tem um pai imortal?

—Seu marido é de pouca preocupação, exceto quando ele me interromper com demandas e ameaças tolas. — Ele respondeu, dando-me um olhar que me teve congelada em minha cadeira. —Você está ciente, não está, do Código do Magistério pelos quais nós vivemos nossas vidas?

—Sim, senhor. — eu miseravelmente disse, certa de onde ele estava indo.

—Você então não terá nenhuma surpresa em saber que devido à violação do estatuto n°187 você foi removida do cargo de aprendiz.

Um pouco de eletricidade me atravessou quando suas palavras afundaram em mim.

—Você está me excluindo?— Eu perguntei, incapaz de acreditar nisto. —Eu sei que você estava irritado sobre minha ausência inesperada, mas me excluir por causa disto? Que dificilmente parece justo!

—Eu não fiquei “irritado” como você disse.— Seus olhos de pálido azul pareciam chateados. —Isto é uma emoção inútil. Você Foi despojada de seu aprendizado. Além disso, a partir deste momento você está debaixo de uma interdição, que proíbe você de usar qualquer conhecimento que você ganhou durante seu tempo como minha ajudante.

Ele esboçou uns símbolos no ar. Eles arderam branco-azul um momento antes de dissolverem mim.

—Mas, senhor...

—No sentido exato, uma interdição não é necessária, desde que você tem poderes limitados. — Ele olhou para mim de uma forma que me deixou tremendo de inquietação. —Você não tem usado seus poderes ultimamente, não é?

—Não. Você sabe que eu não fico confortável fazendo feitiços sem bastante preparação. — Eu me torci na cadeira.

Seus lábios se apertaram.

—Eu estou bem ciente desse fato. Que você desperdiçou meu tempo e recursos tentando ensinar a você, um dragão, um que não tem nenhuma habilidade para lidar com o poder enigmático, é algo que eu não devo esquecer por muito tempo.

—Mas eu tenho poder. — eu protestei. —Não pode ser muito, e eu não posso ser terrivelmente confortável com isto,mas eu aprendi toneladas de coisas de meu tempo como seu aprendiz! Eu posso destruir até a mais teimosa das verrugas. As sobrelhas vivem com medo de mim! Meu vizinho teve um caso brotoeja, e eu o curei num instante!

Seus lábios afinaram tanto que quase desapareciam.

—Você tem sido meu aprendiz por sete anos, e você ainda luta com as mais elementares de habilidades. Jack tem está comigo há seis meses, e já ele ultrapassou sua habilidade dez vezes!



Eu olhei para Jack, querendo protestar que não era minha culpa, aquele mágica não era fácil para mim. Mas as palavras tocaram em minha cabeça, dragões não podiam esgrimir poder enigmático.

—Agora que eu sei a verdade sobre você, acho até uma maravilha que você falhou em progredir em seus estudos como você fez. Eu não sei como eu podia ter estado tão cego, tão tolo sobre acreditar em suas histórias, de que você simplesmente precisava de mais tempo para aprender os modos da magia, mas eu asseguro a você de que eu não irei cometer o mesmo engano uma segunda vez. Você está liberada de seus deveres, Tully Sullivan.

A dor me chicoteou quando disse meu nome. Eu levantei, não sabendo o que eu podia dizer ou fazer para fazer ele mudar de idéia.

—Eu estava fazendo progresso. — eu tristemente disse. —Eu quase tenho aquele feitiço de limpar uma orelha entupida.

—Uma criança de quatro anos poderia lidar com a cera mágica melhor que você depois de quatro meses de estudo. — ele estalou.

—Eu tentei. — eu disse simplesmente, desanimada.

—Tolamente, sim. Eu não duvido de sua devoção, é para sua habilidade que eu fiz uma exceção, e agora que eu sei a razão para sua falta, meu caminho é claro.

—Eu sinto muito. — eu disse, ridiculamente querendo chorar. —Eu nunca pretendi decepcionar ou insultar você, e se houver alguma coisa que possa fazer por você, se houvesse algum tipo de tarefa épica que eu possa realizar, ou algum imenso pergaminho de magia que eu possa mostrar a você o quão sério estou sobre minha carreira como um mago, eu faria isso.

Ele ficou mudo um momento, e eu estava segura que ele iria me tornar em um sapo, ou pior. Mas para minha surpresa, ele disse devagar:

—Existe, talvez, um modo que você podia me servir. Não irá influenciar na minha decisão de remover você como aprendiz, mas se você verdadeiramente deseja ser de utilidade para o L 'au-dela, então talvez nós podemos chegar a um entendimento.

Eu mordi meu lábio, querendo dizer a ele que se eu iria fazer um favor, eu esperava ser reabilitada a minha posição, mas eu o conhecia o suficiente para saber que ele não podia ser pressionado. Mas talvez eu pudesse o balançar com minha devoção e dedicação.

—O que isso seria? — Eu perguntei.

—Existe um dragão que você não ouviu falar. — ele disse, sua voz profunda e persuasiva. —Ele é conhecido como Baltic, e ele possui muitas habilidades alarmantes, uma da qual é para entrar e sair do outro mundo quando quiser.

Eu me sentei um pouco entorpecida, perguntando-se se o mundo inteiro girava em torno dos olhos de ébano de Baltic.

—Eu desejo saber como ele veio a conseguir as habilidades arcanas que ele mostrou em numerosas ocasiões. Seu companheiro, que nós capturamos o dia que você desmoronou, se recusa a conversar apesar de ser ameaçado de banimento para Akasha. Eu também desejo conhecer como ele obteve a espada de luz Antonia Von Endres e tomá-la dele.

—Baltic tem uma espada de luz?— Eu perguntei, confusa. —Mas isto é composto de magia arcana. Ninguém exceto um mago poderia possuir uma.



—Pois ele tem, e é bastante perito, eu direi. — ele respondeu, esfregando seu braço como se estivesse machucado.

—Você me quer, um aprendiz de pouco poder e habilidade.

—Você não é mais um aprendiz. — ele interrompeu depressa, suas sobrelhas fazendo arcos de elegante acima de seu longo nariz. —Nem pode você esgrimir qualquer poder com a interdição em você.

—Você me quer, sem o poder e habilidades, completamente incapaz de trabalhar em qualquer tipo de magia, para tomar uma inestimável espada de um dragão mago guerreiro? — Eu agitei minha cabeça. Até para mim soou como uma loucura das grandes. —Eu não tenho a pista mais leve de como fazer algo assim, assumindo que eu pudesse fazer isso.

—Sua inabilidade para ver todas as possibilidades é sua falha, não minha. — ele respondeu, sua atenção retornando para seu laptop.

—Mas eu até não sei como achar Baltic.

—Quando você tiver algo para reportar para mim, você pode contatar-me. Até então, bom dia.

—Talvez se nós fôssemos capazes de discutir isto.

Ele olhou para cima, o poder que crepitando fora dele. Eu estava na porta antes de perceber que ele me compeliu para andar.

—Bom dia.

Alguns minutos mais tarde, eu estava parada do lado de fora do hotel, fustigada por turistas e visitantes felizes, a mente entorpecida das pessoas que passavam por mim, mas incapaz de classificar por meus pensamentos. Eles todos pareciam girar ao redor de uma confusão horrível que eu duvidava poder desvendar.

Os dragões de prata pensavam que eu estava acasalada com Baltic. Os sonhos se concentravam em Baltic. Dr. Kostich queria que eu recuperasse algo de Baltic.

—Eu estou começando a odiar esse nome. — eu murmurei para mim mesma.

O porteiro me atirou um olhar curioso. Eu andei alguns passos, não certa de onde iria.

—Eu posso ajudar você? — O porteiro perguntou.

—Eu... eu tenho algum tempo para matar. Existe algum parque perto? — Eu perguntei, jardins sempre me deixavam confortável.

—Seis quarteirões para o norte, Madame. Diretamente rua acima.

Eu o agradei e caminhei depressa, precisando da calmante influência do verde, coisas crescendo estabeleciam a ordem para minha mente desestruturada. Eu me senti melhor quase no momento em que meus pés pisaram a grama, o odor de terra morna, grama, e das árvores que tocavam a cerca do parque me encheram com uma sensação de bem-estar.

Existiam muitas pessoas no parque esse dia, sem dúvida estavam apreciando esse dia de verão antes do por do sol. Grupos de crianças corriam atrás de frisbees e helicópteros de controle remoto, casais estavam em abraços lânguidos, mães e pais aflitos pastoreando suas respectivas ninhadas, grandes grupos de alunas dando risadinhas e bajulando um grupo musical que estava se apresentando no parque.

Eu fui na direção oposta, respirando profundamente, enchendo minha alma com o cheiro e sensações de vida verde, me sentando em um de dois bancos que estavam de costas um para o outro próximo a uma barraca de refrescos.



Mal eu tinha caído no meu banco, apareceram correndo duas jovens no final da adolescência e me deram um olhar curioso.

Eu sorri e fechei meus olhos, levantando meu rosto para o sol, esperando que elas não ficassem por aqui muito tempo, não quando uma banda estava tocando aqui perto.

Evidentemente as meninas decidiram que eu era inofensiva, porque elas começaram a conversar em um tom que eu não poderia deixar de ouvir.

—Eu não posso acreditar que ele teve as bolas, as bolas de aço, para dizer a mim que ele preferia visitar seus pais em Malta que ir comigo para Roma, mas ele fez, e é por isso que estou preocupada, eu quero dizer, Roma contra Malta? Roma absolutamente ganha.

—Absolutamente. — a segunda menina disse. —Você tem direito de reclamar. Além disso, isso deixa você livre para fazer um pouco de compras na Itália, se você souber o que eu quero dizer. Os homens italianos são tão impressionantes, você não acha?

—Alguns deles. — a primeira menina admitiu. —Com aqueles cabelos. Eles são apenas... ugh.— Ela estremeceu e eu comecei a olhar ao redor para achar outro lugar. —Eu quero dizer, meu deus, as coisas que eles enchem em suas sungas! É positivamente obsceno!

Meu telefone tocou bem naquele momento, fazendo-me enviar para cima uma oração de obrigado à medida que eu o abria, esperando ouvir Brom perguntando se ele podia ter outro adiantamento de sua mesada para algum instrumento horrível de mumificação.

—Oi?

Não era sua voz que me saudou, porém.

—Sullivan? Que diabos você está fazendo ainda na Inglaterra? Brom disse que você estava ficando aí! Isso é algum tipo de brincadeira?

—Gareth.— As duas meninas olharam por cima dos ombros para mim. Eu me Vieri um pouco e abaixei minha voz. —Eu perguntava-me quando você me chamaria.

—Chamar você? Você está maluca? Eu tenho tentado conseguir falar com você a semanas. O que é que Kostich está fazendo com você ?

—É um pouco complicado. — eu disse, atentas as meninas, embora elas parecessem ter partido para avaliar as qualidades de todo macho que vagasse no parque. —Eu estou ainda aqui porque eu tive um episódio.

—O que? — Seu grito agudo quase me ensurdeceu. —Quando? Como? Que diabo você está pensando?

—Eu estava adormecida. E eu não sei como ou por que, acabou de acontecer. Eu tenho ficado na casa de algumas pessoas com quem Kostich estava trabalhando. Eles estão comigo e Brom.

—Você manifestou? — Ele quietamente perguntou, mas eu podia ouvir a ânsia em sua voz.

—Não. Mas isso traz uma boa questão, quanto tempo eu tenho feito isto?

—O que? — Sua voz era cautelosa.

—Quanto tempo eu tenho feito ouro para você? Dr. Kostich diz que você é imortal. Quanto tempo tem que nós estamos casados?

—Você sabe quanto tempo nós estamos casados, dez anos. Você viu a licença. Eu vi?



— Eu não lembro disto. Você tem feito algo para minha memória?

—Sobre que diabos você está conversando?— Ele soou furioso agora, falando em uma voz baixa, enviando arrepios por meus braços. —Se você estiver tentando me distrair porque você manifestou para algum bastardo que pegou você.

—Eu acabei de dizer a você que eu não fiz. Felizmente, ninguém tinha pedaços grandes de chumbo ao meu redor.

—Felizmente? Sua cadela estúpida. Você tem qualquer idéia de quanto vai nos custar por ter perdido isto? Como o inferno eu vou dizer a Ruth?

—Eu não sei, e eu não aprecio ser chamada por esses nomes. Olhe, Gareth, as coisas estão um pouco confusas agora mesmo. Dr. Kostich me excluiu do grêmio do magistério, e eu.

—Ele o que? — Uma profusão de juramentos seguiu, por uns bons dois minutos.—O que você fez?

—Nada, eu juro.

—Então por que ele excluiu você?

—É por causa destes... — eu lancei um olhar acima de meu ombro, mas as meninas estavam com suas cabeças juntas,olhando três jovens com equipamentos de futebol passarem. — Por causa de alguns dragões.

—Dragões? — Ele repetiu, sua voz de repente muito pequena.

—Sim. As pessoas que eu estou ficando são dragões. Eles pediram a Brom e a mim para ficar com eles uns tempos enquanto eu tento resolver as coisas.

O silêncio encheu minha orelha por um bom minuto.

—Saia. — ele finalmente disse.

—O que?

—Você ouviu-me sair. Caia fora dos dragões.

—Você não pensa que seria rude? Eles me ajudaram muito, Gareth. A mãe do wyvern cuidou de mim enquanto eu estava dormindo.

—Saia, sua mulher estúpida! Eu fui claro? Saia antes deles matarem você!

—Você está assistindo TV demais, Gareth, você realmente está.— Eu mantive minha voz baixa, mas permitido a raiva soar nela. —Se estas pessoas quisessem me matar, tudo que eles teriam que fazer era me jogar no rio Thames enquanto eu estava dormindo .

—Me escute cuidadosamente, Sullivan. — ele disse, respirando fortemente. — Você pode pensar que eles são seus amigos, mas eles não são. Você tem que cair fora deles, hoje, agora mesmo.

—Isso não vai ser fácil.— eu disse, hesitando. Eu realmente não queria conversar com Gareth sobre Gabriel e May. De alguma maneira, parecia que mancharia a relação se eu fosse tentar explicar deles para ele. —Eu disse a eles que eu ficaria durante algum tempo. Eu estou tendo... bem, eles são tipo de sonhos, e eles são...

—Eu não quero ouvir sobre seus malditos sonhos!— Ele trovejou, respirando como um buldogue por alguns minutos antes de continuar. —Eu não posso sair ainda. Ruth e eu estamos... nós estamos seguindo um cliente em potencial. Mas eu enviarei alguém para ajudar você.



—Você por favor parará de dar a impressão de ser Darth Vader e me escutar?
— Eu perdi todas as sobras de paciência com ele. —Brom e eu estamos bem. Os dragões não vão nos machucar. Nós não precisamos que ninguém nos ajude, porque nos estamos bem, muito bem!

—Esteja preparada para sair hoje à noite.— Gareth disse. Eu rangi meus dentes para não gritar de frustração.

—Não diga a ninguém. Fique em seu quarto.

—Pela Cruz de Cristo, Gareth! Se eu não estivesse já louca, você seria suficiente para me empurrar ao limite, você sabia?

—Espere um minuto, você disse que Brom está aí?

—Sim! Sim, eu disse! Aleluia e dispare as pombas! Você realmente escutou algo do que eu disse!

Ele amaldiçoou novamente, mas murmurando dessa vez.

—Bem, não é importante. Eles não devem querer ele. Você só tem que dizer a ele para ficar aí até Ruth ou alguém pode pegá-lo.

—Você está louco. — eu disse com uma voz plana, tão espantada que ele realmente esperasse que eu deixaria minha própria criança, meu cérebro não podia agüentar qualquer coisa mais que isto.

—Eles não o prejudicarão. — ele disse de mau humor. —Só tenha certeza de estar pronta para partir.

A idéia de que Gareth estava disposto a abandonar Brom, sua própria criança, para as pessoas ele considerava perigosas era tão obscuro, que eu fiquei olhando para a grama com descrença.

Naquele momento, eu soube que o casamento estava terminado. Eu não podia permanecer casada com um homem que não se importava nem um pouco com seu filho.

Gareth, obviamente tomando meu silêncio como complacência, advertiu-me novamente para não ter nada a ver com os dragões até que eu pudesse estar a salvo.

—O que você espera que eu faça ainda que eu fosse deixar os dragões? — Minha curiosidade me forçou a perguntar.

—Eu não sou um aprendiz mais, e eu tive uma interdição colocada em mim. Eu não posso praticar mágica.

—Você conseguirá seu trabalho de novo. — ele severamente disse.

—Como?

—Isto é seu problema. — ele disse, ecoando Dr. Kostich. Com uma última palavra de advertência ele desligou,deixando minha mente agitada. Era muita coisa para considerar, primeiro os dragões, então os sonhos, e agora as escamas que caíam de meus olhos por causa de Gareth. Como eu vivi com tal monstro todos aqueles anos?

—Santa Maria, mãe de Deus. — uma das meninas atrás de mim disse quando eu dobrei meu telefone e guardei na bolsa. —Consiga um olhar para aqueles dois. Uau! Eu pegaria aquele de trás.

—Oh! Eu também. Eu suponho que eu terei que pegar o alto da frente, então. O que você acha, sete? Sete e meio?

—Você está brincando? Ele é muito intenso. Ele provavelmente tem OCD ou algo. Cinco no máximo. Agora, o atrás dele, ele é definitivamente oito ponto nove.



Eu olhei sobre elas para ver sobre o que estavam conversando. Dois homens estavam caminhando paralelos para os bancos, alguns trinta pés longe. Eu não podia ver muito do homem, embora vislumbres indicassem ele estava em seus finais de anos trinta, com cabelo escuro curto e um cavanhaque leve. Uma tatuagem Céltica complicada embrulhada ao redor seus bíceps eram visíveis por uma camisa sem manga preta. Seu companheiro, mais próximo de mim, era mais alto, e de uma coloração semelhante. Ele também vestia preto, comum, com exceção do modo que o vento ondulava a camisa do homem contra seu tórax. Ele se movia rapidamente, suas pernas longas fazendo um nada da expansão do parque, seu movimentos continham uma graça quase felina.

Algo sobre ele me pareceu tão familiar. Eu girei um pouco mais para conseguir um melhor parecer quando eles continua o caminho. O homem mais próximo, o com o passeio gracioso, tinha o cabelo cor chocolate escuro na altura dos ombros, preso com um rabo de cavalo curto. Ele estava barbeado, embora uma sugestão lânguida de escuridão ao redor sua mandíbula insinuava uma barba por fazer.

—Talvez eu devia ir para o alto. Eu amo uma barba por fazer varonil. — uma das meninas disseram, como se ela tivesse lido minha mente. —Ele é cem por cento delicioso. Eh! Por que nós não vemos onde eles estão indo, e se eles souberem, gostariam que nós fossemos com eles?

A segunda menina parecia hesitante enquanto olhava o homem de rabo de cavalo.

—Eu não sei. Ele parece um pouco intimidante, não?

Eu concordei. Ele parecia intimidante. Ele também parecia sensual como inferno. Eu desejei que eu pudesse favorecer em um sonho ilícito sobre ele, mas eu tinha o suficiente em meu prato, sem falar no lamentável estado de minha vida pessoal.

Meu olhar deslizou para ele novamente, e mais uma vez eu fui atingida com uma sensação familiar. Era como se algo dentro de mim reconhecesse algo dentro dele, uma noção tola que eu tive e ultimamente, eu tive não tive nada além de noções tolas.

Para minha surpresa, o primeiro homem tropeçou e parou, virando círculo cheio enquanto ele esquadrinhava a área.

Ele hesitou nos viu, e a primeira menina guinchou e cutucou sua amiga quando elas levantaram, bloqueando minha visão.

—Olhe! Eles nos viram! Vamos examinar cuidadosamente eles. Vamos, Dee!

Sua amiga foi a mais lenta em levantar.

—Eu não acho que eles estão olhando para nós, Sybil.

—Não seja estúpida,— a primeira menina disse, agarrando sua bolsa. —É tão claro quanto dia! Vamos ir dizer oi.

As duas mulheres encabeçaram em direção aos homens. Eu tentei olhar para elas mas minha vista começou a nevoar, como se eu de repente estivesse envolta em um casulo de bolas de algodão. Eu tentei me encostar no banco para impedir de cair adiante, mas não adiantou. Eu cáí.

A dor estourou em minha cabeça em ondas vermelhas que bateram e pulsaram mais forte e mais forte até que eu pensei que explodiriam de mim.

—Pare! — Eu gritei, e milagrosamente, fez.



Eu abri meus olhos e olhei para os dois homens que enfrentavam um ao outro, acima do altar da catedral, os ecos de seus gritos perturbando o pó que dançava na luz solar de uma janela de uma adorável cor rosa. Eu girei para o homem em minha direita. Ligeiramente mais alto que eu, de uma espessa estatura muscular, com cabelo e olhos marrons dourados quase identicamente coloridos, ele me lembrou um dos estimados touros de meu pai.

—Baltic não fez nada para me prejudicar, nada.

—Ele jurou destruir todos dragões de prata que não se submetessem a suas demandas obscenas. — Constantine Norka disse, olhando para Baltic. —Por que ele traria você para mim a menos que você esteja danificada?

Eu levantei uma mão para parar a réplica de Baltic, que eu sabia seria forte e maligna.

—Ele não me prejudicou, porque ele é um homem de honra. Ele jurou me levar para casa, e ele fez, embora... —eu dei a ele um olhar repreensivo. —Eu quis dizer ao meu pai, não ser entregue nas mãos de dragões.

—Você pertence a meu clã. — Constantine disse, suas mãos em punhos.

—Seu clã pertence a mim! — Baltic rosnou.

—Pelo amor dos santos, por favor não vá por isso novamente! — Eu disse, esfregando minha fronte. Sobras de uma enxaqueca, causada por escutar o dois wyverns circulando um ao outro estalando e rosnando pela última hora, ainda persistiam. —O fato é que ele fez como ele disse.

—Inclusive gastar as noites em sua cama?— Constantine perguntou, seu olhar fixo em Baltic.

Eu levantei minhas sobrancelhas e considerei se eu devia responder com virginal indignação, ou uma abordagem mais mundana. Eu decidi pela indignação.

—Minha virgindade está intacta, se é disso que você quer saber. Baltic não deitou comigo.

—Não? Então por que seus homens dizem que ele estava em sua cabana toda noite?

Eu pensei sobre a longa semana de jornada da Inglaterra até a costa meridional da França. Era verdade, Baltic visitou-me toda noite, eu tinha sido incapaz de recusar, e tinha, de fato, aprendido muito sobre o prazer dele, e o que o dirigia para o ponto de perder o controle.

—Eu estava com medo da jornada. — eu disse verdadeiramente. O mar era uma coisa estrangeira e eu não confiava ou gostava disto.

Os cantos da boca de Baltic se curvaram para cima.

—É verdade, quando nós estávamos no navio ele entrou em minha cabana de noite, mas era para me confortar.

O que também era verdade, embora mais uma meia-verdade. Eu teria que buscar um confessor em minha nova casa.

Constantine fez barulho um barulho de descrença, mas eu levantei meu queixo e calmamente disse:

—Eu digo novamente que minha virgindade está intacta. Se você insistir em um exame, eu me submeterei a um.



—Não. — ele disse, nunca tirando seus olhos de Baltic, que estava ainda sorridente, um olhar divertido em seus olhos obsidianas, tão brilhantes quanto pedra polida. —Eu aceitarei o que você diz.

—Agradeço aos céus. E agora, eu muito apreciaria se alguém me dissesse onde minha família está. Minha família dragão. Tão longo como eu fui arrastada dos únicos pais que eu conhecia, eu gostaria de encontrar as pessoas que desistiram de mim.

As mãos do Constantine abriram, mas ele andou para longe do altar, finalmente girando seu olhar para mim. Ao longe, a canção dos monges podia ser ouvida, eles rezavam em uma capela pequena.

—Lamento dizer isto a você, mas seus pais estão mortos, Ysolde.

—Não. — eu disse, me afastando quando ele tentou tomar meu braço e me levar a saída da catedral. —Eles não podem estar. Eu vim esse caminho todo para achá-los.

—Eu sinto muito. Seu pai morreu na batalha com seu salvador.— Suas palavras e expressão eram amargas quando ele movimentou a cabeça em direção a Baltic. — Sua mãe não sobreviveu muito depois dele. Eles eram um par muito dedicado. Eu não sabia que você sobreviveu, sua mãe disse a nós que você se afogou. Eu não sei por que ela colocou você com mortais em lugar de sua própria família, mas nós nos alegramos que você tenha retornado.

Uma sensação funda de tristeza banhou meu coração, enchendo-me com um negro desespero. Eu ergui meu olhar para encontrar o de Baltic. Ele estava esperando por mim, seus olhos protegidos, seu rosto destituído de emoção.

—Você matou meu pai?

—Nós estamos em guerra. — ele disse. —As vidas são perdidas durante as guerras, Ysolde.

Eu movimente a cabeça, lágrimas encheram meus olhos, meu coração tão pesado que eu não podia falar.

—Venha. Eu levarei você para família de sua mãe. Eles darão boas-vindas você. — Constantine disse, uma mão em minhas costas enquanto ele me escoltava corredor abaixo da catedral, seu guarda vindo atrás dele.

Eu parei nas grandes portas duplas e olhei para trás. Kostya e Pavel juntaram-se a Baltic no altar.

Todo os três olhavam-me. Eu quis agradecer a Baltic por honrar sua palavra, até quando ele disse que tinha que encontrar com seu inimigo mais odiado. Eu quis dizer a ele quanto prazer ele deu a mim em nossas noites juntas. Eu quis dizer a ele que eu não estava mais brava porque ele me levou para longe da única família que eu conhecia.

Eu não disse nada. Eu simplesmente olhei para ele, então girei e acompanhei Constantine para fora da catedral e em minha nova vida.

—Você será estimada agora, Ysolde. — Constantine reafirmou. —Nós temos muito para ensinar a você, mas você aprenderá isto logo.



Capítulo Seis

Aos poucos eu pensei, meu coração enchia com tanta tristeza que eu sabia que deveria quebrar em mil pedaços. Logo.

Logo? Não, isso não era certo.

—Eu disse oi. Oi? Olá? Olá? Oi oi oi?

Eu pisquei, a névoa evaporou em nada, a parte de trás do banco mais uma vez sólida debaixo de minha mão.

Na frente de mim se sentava um cachorro preto felpudo grande, brilhando na luz solar, longos fios de baba pingando de seu lábios. Eu procurei o dono do cachorro, mas ninguém estava lá.

—Você está aí. Ysolde, certo?

Minhas sobrancelhas levantaram, eu olhei abaixo para o cachorro. A voz estava vindo dele.

Ele inclinou sua cabeça para o lado e eu juro que ele piscou para mim.

—Uau, você parece um inferno. Como voce está, depois de bater a cabeça na mesa de café de mármore do Ash?

—Er... — Minha mandíbula ligeiramente caiu. —Eu conheço você?

—Sim. Nós nos encontramos na casa do Aisling e Drake durante o grande nascimento do barulho. Eu sou Jim. Effrijim, realmente, mas isto é muito feminino para um sujeito masculino como eu. Você me olha um tanto quanto engraçado. Você não me viu quando May me transformou na forma humana, não é? Porque isso explicaria por que você parece estar vendo um alienígena de três cabeças dançar A Chorus Line¹⁴.

—A forma humana. — eu repeti estupidamente. —Não, eu estava...

Eu estava sonhando. No meio do dia? O pânico agarrou meu estômago com dedos frios e úmidos. Agora os sonhos estavam vindo para mim enquanto eu estava acordada?

—Deus querido, os tratamentos de choque estão vindo se meu cérebro mantiver essa taxa!

—Você acha?

Eu olhei fixamente para o cachorro; Meus pensamentos apavorados.

—Ai. Você parece que você vai desmaiar ou vomitar. Se você vai fazer o segundo, pode você apontar para longe de mim? Este casaco magnífico demora para secar depois de um banho.

—Eu estou bem. — eu disse, conseguindo um aperto em minhas emoções errantes. —Você é um cachorro, mas você pode usar forma humana?

¹⁴ **A Chorus Line** é um musical da Broadway que fala sobre dezessete dançarinos



—Eu sou um demônio. Sexta classe, então está OK. Eu não vou rasgar suas entranhas fora e jogar elas acima de umas árvores ou qualquer coisa assim. Além disso, Aisling cortaria meu pacote se eu fizesse isto. Ela está sempre ameaçando cortar meu pacote. Eu penso que ela pegou um fetiche secreto por genitálias, se você quiser saber a verdade, mas ela é uma agradável senhor de demônio, então eu não faço um grande negócio sobre isto. Você tem certeza que está bem? Eh, ponha sua cabeça entre seus joelhos ou algo parecido, você está tão branca quanto a pele da barriga de Cecile

Eu fiz como o demônio cachorro sugeriu, perguntando-me de onde eu o conhecia. Antes de eu poder até completar aquela oração mental, eu me corrigi. Demônios, eu lembrei de ouvir um de meus instrutores magos dizer, sempre foram referidos por meio de pronomes de gênero neutro. Por que, eu não tinha nenhuma idéia, mas apenas era.

—Você disse que eu conheço você?— Eu perguntei depois de alguns minutos tentando conseguir um pouco sangue de volta a meu cérebro.

—Agora você está toda vermelha. — disse, dando em seu ombro uma lambida. —Você não me lembra?

—Eu não lembro de nada. — eu disse com mais honestidade do que gostaria.

—Sim?— Seus olhos estreitaram em mim. —Isso parece com uma interdição em você. Kostich excluiu você do campo dos magos?

Eu olhei para meu tórax onde um padrão azul fraco brilhava tênueamente.

—Eu não vou perguntar como você sabe disto, porque francamente, se eu tiver que escutar mais uma coisa estranha hoje, eu irei me enrolar em uma bola e fingir que eu sou um ouriço, e então onde Brom estaria?

—Quem é Brom?

—Meu filho.

—Oh, homem! Você tem um filho? Baltic sabe sobre isto? Se ele não fizer, prometa que eu posso estar lá quando você disser a ele, porque ele vai virar um dragão totalmente psicótico. Bem, um dragão mais psicótico do que ele já é, que eu preciso dizer que você é uma bonita doida.

Eu respirei fundo, limpando a respiração com o aroma de grama.

—Por causa de minha sanidade e meu filho, eu devo fingir agora que você não estar dizendo nada. De fato, você não está nem aqui. Eu estou só. E agora eu estou indo para casa.

—Onde está sua casa? — O demônio perguntou, levantando quando eu peguei minha bolsa e caminhei em direção ao que eu esperava que fosse a rua. Não pareceu tomar a ofensa mais leve por meus comentários, pelo contrário, também pareceu propenso a não me deixar só.

—Barcelona.

—Isto sim é um inferno de passeio.

—Eu estou ficando com algumas pessoas na cidade.

—May e Gabriel, sim, eu ouvi Ash falou de você para eles, você é o longo amor perdido de Baltic. Como é saltar com um dragão louco?

Eu olhei abaixo para ele à medida que eu caminhava.

—Você é o único demônio mais estranho que eu já encontrei.

—Enfrente isto, bebê. Eu sou o melhor, não é? — perguntou, levantando uma sobancelha peluda para mim.



De repente alguém gritou.

—Eh, Suzanne! Olhe o que eu achei!

Uma apressada mulher loira pequena se aproximava, segurando uma sacola plástica em sua mão.

—Jim! Você está aí! Eu pensei que tivesse perdido você. Oh, você é Ysolde, não é? Oi.

—Meu nome é Tully. — eu disse. —Embora para ser honesta, eu estou pensando sobre desistir de corrigir meu nome, porque ninguém me escuta.

—Ysolde está se sentindo uma porcaria. — Jim disse a ela. —Eu penso que nós devíamos levá-la a sua casa. Não quereria que ela se transforme em pizza de estrada porque ninguém estava aqui para ajudar.

Suzanne olhou seu relógio, mas concordou.

—Isto não é necessário. Eu estou bem sozinha. Eu só estou um pouco louca, não ruim o suficiente para fazer algo louco como tirar todas as minhas roupas e na Coluna de Nelson.¹⁵

—Maldição. — Jim disse, parecendo desapontado.

—Eu acho que talvez nós devíamos acompanhar você. — Suzanne disse, dando a mim um olhar astuto. —Você parece um pouco distraída.

—Distraída... louca... é realmente um ponto discutível até agora.

Eles vieram comigo enquanto eu ia em direção à casa do Gabriel, meus pensamentos uma confusa bagunça que eu não queria examinar. Jim conversou ininterruptamente a distância toda, insistindo em me acompanhar do lado de dentro.

—Se você quiser devolver meu cavalheirismo com arranhões de barriga, vá em frente. — disse, rolando sobre suas costas em meus pés quando eu desmoronei sem ossos sobre um sofá de couro de tons verde e marrom do estudo.

Eu caladamente concordei, meus pensamentos ainda em torno da visão, a crueldade do Gareth, e minha recentemente associação ao Clube dos Mentalmente Confusos.

—Suzanne disse que você não está se sentindo bem?— May disse, entrando na biblioteca com Gabriel atrás dela —Jim, realmente! Nós precisamos ver isto?

—Não se pode ter a barriga acariciada sem ver Júpiter, Marte, e o realmente Grande Mergulhador. — Jim respondeu, sua perna de trás chutando ligeiramente o ar quando meus dedos acharam um lugar particularmente sensível em seu estômago.

—Oh, sim, bebê. Eu realmente amo pintinhas com unhas longas.

—Hora de ir. — May disse, picando o demônio com o dedão do pé de seu sapato. —Obrigado por trazer Ysolde de volta, Suzanne. Nós cuidaremos de tudo agora.

—Mas eu quero ficar!— Jim reclamou quando ele e Suzanne saiam do quarto. —Eu nunca consigo qualquer excitação a mais, não com Drake não deixando ninguém na casa a menos que ele tenha cinco referências e um cheque de fundo completo...

A porta fechou na voz do demônio. Gabriel ajoelhou próximo a mim, puxando meu queixo até examinar meus olhos. Eu o deixei olhar, me sentindo mentalmente danificada.

—O que aconteceu com você?

¹⁵ Coluna de Nelson é um monumento em Trafalgar Square, no centro de Londres, construído para comemorar a morte do almirante Nelson na Batalha de Trafalgar, em 1805.



Eu hesitei um momento, lembrando das palavras de Gareth.

—Eles matarão você. — ele advertiu, mas isso não fazia sentido, não em um nível intelectual ou um sentimental. O único tratamento que eu estava conseguindo de May e Gabriel era de condolência e preocupação.

—Baltic. — eu disse, lambendo meu lábios, meus pensamentos finalmente parando seu giro infinito para centrar em um pensamento sólido. Minha voz estava áspera, meu lábios secos, como se eu estivesse sido exposta aos elementos por muito tempo.

May murmurou algo e me entregou uma bebida. Era picante, muito picante, impregnado de cravo, gengibre e canela, e ele queimou quando desceu por minha garganta, mas era uma queimação boa. Isto me forneceu energia quando se reuniu em minha barriga, me permitindo enfocar meus pensamentos.

—O que tem ele? — Gabriel perguntou.

Eu tomei outro gole, apreciando a queimadura.

—Baltic está aqui? Em Londres?

Gabriel e May trocaram olhares. Ele disse:

—Ele estava aqui no dia que você desmoronou. Depois disto, nós acreditamos que ele retornou a Rússia.

—Para lamber seus ferimentos, mais provável. — May adicionou. —Ele foi derrotado por Gabriel, Kostya, e Drake. Três de seus guardas foram mortos, e nós capturamos seu tenente, uma mulher chamada Thala.

—Bem, a menos que eu realmente esteja ficando louca, eu penso que ele retornou. Eu acredito em que eu o vi no Green Park.— Eu expliquei sobre ver os dois homens, e a visão que eu tive em seguida, embora eu omitisse os detalhes específicos.

—Existe só uma coisa que me confunde, o homem que eu vi no parque não parece com o homem que eu vi em meus sonhos. Se ele for Baltic e eu realmente tenho sonhado, então ele não podia ser o homem no parque.

—Sim, ele podia. — Gabriel disse devagar, chegando a seus pés. —Eu penso que algo aconteceu quando Baltic renasceu. Eu penso que mudou sua aparência, ambos os dragão e humano.

—Ele renasceu? — Eu perguntei.

—Claro,você não sabe. Ou melhor, você não lembra. — Gabriel disse. —Baltic foi mortos três cem anos atrás.

Bem, isso foi um retrocesso. —Quem o matou?

—Seu braço direito. Kostya Fekete.

—Kostya?— Eu pasmei para ele, verdadeiramente pasmei. —Alto,cabelos e olhos pretos. Um pequeno furo em seu queixo, mandíbula quadrada, aquele Kostya?

—Sim. Você o viu?

—Em meus sonhos, sim, mas ele é amigo de Baltic.

—Era. Ele era amigo de Baltic. — Gabriel disse. —Veio o dia em que Kostya percebeu que Baltic está louco, o plano para governar os clãs estava destruindo os dragões pretos, e ele pôs fim a isto matando Baltic, mas não antes do dano ser feito. Os dragões pretos foram quase todos exterminados.

—Por quem?— Eu perguntei, minha voz um sussurro.

—Constantine Norka, o wyvern dos dragões de prata.



Eu afundei de volta, meu cérebro bobinando. Era só demais para saber, especialmente desde que eu percebi com um choque que, como eu poderia me apegar a idéia de que estava louca, eu estava começando a acreditar que eles podiam estar todos certos, e eu realmente era uma monstruosidade de natureza, um dragão preso em um corpo humano.

O quão triste é a loucura preferível a esta?

Três horas mais tarde eu me sentei cercada por dragões. Evidentemente um sárkány era um grande negócio, sendo feito em um quarto de conferência grande de um hotel muito chique, e freqüentado por várias pessoas pareciam perfeitamente comuns. Uma mesa de centro longo que acomodaria mais ou menos vinte dominava o quarto, enquanto cadeiras estavam alinhadas à parede. Um pódio ficava no fim do quarto, e na outra extremidade uma tela branca enorme estava abaixada, indicando que haveria algum tipo de exibição visual.

Eu deixei meu olhar vagar em torno das aglomerações de aproximadamente trinta pessoas sentadas conversando. Sem exceção, as expressões viradas em direção a mim eram hostis. Cansada disto, eu olhei para meu vizinho à direita.

—Quanto tempo estas coisas normalmente duram?

—Depende. — Jim disse.

—Do que?

—De seu namorado começa a ceifar todo mundo abaixo como ele fez em Paris.

Eu agitei minha cabeça, não certa se eu devia arregalar meus olhos para ele, piscar meus olhos de surpresa, ou fazer como um pato na água, deixar rolar tudo para trás fora de mim.

—Eu penso que eu irei com 'rolar fora de mim'. —eu disse a Jim.

—Realmente? Como rolar no feno? Com outra pessoa, ou com Baltic?

—Baltic tentado matar pessoas em um sárkány? — Eu perguntei, tomando um aperto firme mim mesma. Eu decidi que eu não iria enlouquecer. Brom me necessitava, especialmente agora que eu sabia o bastardo que seu pai realmente era, e eu não podia cuidar dele se eu estivesse presa longe, desenhando retratos nas paredes acolchoadas usando minha própria baba.

—Sim, um tempo atrás. Eu não estava lá porque Aisling estava para desovar, mas eu ouvi que foi um tiroteio do velho oeste. Até May explodir um fragmento de dragão e colocar fogo no último andar do hotel.

Eu deixo isto, também, caia fora. De fato, eu teria só sentado atrás e fechei meus olhos em uma tentativa para deixar tudo

E todo mundo rola fora de minhas costas, mas uma mulher estava nos abordando com um refletir em seu olho.

—Jim, então me ajude, se você estiver aborrecendo a pobre Ysolde. — a mulher disse quando ela parou na frente de nós, suas mãos em seus quadris.

—Eh, estou aqui apenas participando de em bate-papo cortês, sendo meu habitual Sr. Útil. Certo, Soldy?

—O nome é Ysolde. — eu disse rigidamente, então percebi o que eu disse. — Não, é Tully! Tully! Meu nome é Tully, não Ysolde. Oh deus querido, agora você pessoas têm-me fazendo isto!

—Está é Aisling, meu senhor demônio. Ela teve gêmeos no dia que você desmoronou em sua casa. — Jim disse a mim como Aisling cacarejou simpaticamente com minha explosão.



—Você é um senhor de demônio?— Eu perguntei, achando isto duro de reconciliar com a imagem da bonita mulher com cabelo marrom ondulado e olhos castanhos, e um ser que comandava demônios.

—Sim. May diz que você não lembra de nada, que nós nos encontramos, isso tem que ser uma séria dor na bunda. Eu estou casado com Drake. Ele é o wyvern dos dragões verdes. Aquele ali, o bonito.

Eu olhei para onde ela estava apontando. Vários homens estavam agrupados juntos na outra extremidade do quarto.

Eu odiei dizer qualquer coisa porque eles todos pareceram bonitos demais para mim, mas uma sensação vaga de reconhecimento apontou em minha cabeça quando meu olhar alcançou um homem alto com cabelo escuro.

—Você é um dragão também?— Eu perguntei a Aisling.

May entrou no quarto quando ela riu.

—Oh, senhor não. Eu sou tão humana quanto antes de me encontrar com Drake. Eu era uma mensageira, e nós nos encontramos quando ele roubou a aquamarina que eu estava levando para Paris. Foi muito romântico.

Jim sufocou, tossindo e cortando como se ele tragasse uma bola de pêlos.

—Romântico!— finalmente disse.

—Homem, se você soubesse o que tipo de inferno ela nos pôs enquanto ela estava decidia a enganchar em cima de Drake.

—Silêncio, demônio peludo.— Ela sorriu quando May juntou-se a nós. —Foi quase tão romântico quanto o namoro de May e Gabriel.

Maio rolou seus olhos.

—Que namoro? Um minuto eu estava sozinha, no próximo Gabriel estava lá exigindo que eu fosse sua companheira. Não que eu me importasse. Oh, lá está Cy. Isso significa que Kostya não está muito longe. Com licença um minuto.

—Eu esqueci por um minuto que ela era um doppelganger. — eu disse quando May cruzou o quarto para juntar-se a mulher que acabou de entrar. Embora estivessem vestidas diferente, cabelo da outra mulher era mais longo, estava claro que elas eram gêmeas idênticas.

—Cyrene é mais ou menos a companheira de Kostya. — Aisling disse. —É um pouco confuso, realmente, mas basicamente, ele a aceitou como sua companheira, mas ela não é tecnicamente companheira do wyvern, se você entendeu.

—Eu não acho que entendi.

—Bem, como eu entendo isto, quer dizer que ela é sua companheira aos olhos dos dragões, mas não pode ser tomada por outro wyvern.

—Seqüestrada, você quer dizer?— Eu perguntei, confusa como isso podia ter parte em qualquer coisa.

—Não, tomado como em um desafiado. Veja, se Bastian, ele é o bonito loiro à direita, se ele quiser Cy como sua companheira, ele não pode desafiar Kostya por ela, porque ela não é tecnicamente companheira do wyvern. Considerando que ele pode desafiar Drake por mim, ou Gabriel por May, porque nós somos companheiros. Isso faz sentido?

—Só se quiser dizer que existe alguma regra estranha para este mundo que diz um homem pode roubar a esposa de outro. Er... casual.



—Arcaico, huh?— Aisling perguntou e encolheu os ombros. —Isto são os dragões para que você, eles estão na era moderna e podem cobiçar todas as coisas tecnológicas, como Drake, mas fundo, eles ainda estão no século XIV.

—Você deveria informar a seu casal. — Jim sugeriu, enxugando um rastro de baba na cadeira vazia próximo a ele.

—Companheiros Locais 51. Fizeram uma nova regra proibindo a troca de companheiro, e farão uma greve de sexo se eles recusarem a negociar.

Aisling olhou para seu demônio com uma expressão surpreendida.

—Isto não é uma idéia ruim.— ela disse.

—Realmente?— Jim se sentou um pouco mais direto. —Posso eu assistir quando você disser a Drake que você não vai deixar ele perseguir você desnudo pela casa mais?

—Você deveria estar adormecido!— Aisling disse, debruçando através de mim para beliscar o demônio em seu ombro.

—Você não nos viu! Você não podia ter!

—Deixe-me dizer a você, a visão de seus simplórios peitos de grávida balançando enquanto você corre pela casa é algo que eu vou não esquecer a qualquer hora logo. — Jim adicionou, debruçando longe de mim assim Aisling não podia alcançá-lo novamente.

—É isto! De agora em diante, eu estou fechando você no banheiro de noite!

—Você teve apenas sorte, Drake não teve o olho apagado com seu gigantesco...

—Silêncio!— Aisling rugiu, e todos os ocupantes do quarto viraram para olhar.

Ela sorriu para todo mundo antes de girar e olhar para Jim assustado.

—Ignore Jim, por favor. — ela adicionou. —Tem momentos de loucura. Oh, olhe, lá está Chuan Ren e Jian. Chuan Ren é a wyvern vermelho. Aqueles são seus guarda-costas com ela, embora eu não veja seu companheiro, Li. Jian é seu filho adotado. Eu assumirei o comando e apresentarei você. Ela me odeia, então é sempre uma diversão dizer oi.

Aisling falou alegremente quando nos dirigíamos as mais recentes chegadas, um grupo de quatro pessoas,todos asiáticos, três homens e uma mulher. A mulher tinha longos cabelos lisos e negros e uma figura que parecia de uma modelo. Dois dos homens eram bastante pequenos, mas poderosamente construídos. O terceiro era alto também parecia um modelo.

—Oi, Chuan Ren. Oi, Jian, bom ver você novamente. Oi, Syng e Shing. Esta é...

—Ysolde de Bouchier. — a mulher chamada Chuan Ren disse, seu olhar fixo sobre o meu. —Então, você não está morta como eles disseram que você estava. Muito ruim.

Ela girou sobre seus saltos e se afastou, seus dois guardas a reboque.

—Ela está de bom humor hoje, entendo. — Aisling disse para o dragão vermelho restante.

Ele fez uma careta.

—Chuan Ren teve um tempo difícil nas últimas semanas. Seu companheiro, Li, desapareceu.

—Oh não! Eu sinto muito ouvir isto, embora ele obviamente não pode estar morto ou nós saberíamos disto. — Aisling disse, olhando para Chuan Ren.

—Como você saberia?— Eu perguntei.



—Wyverns não pode sobreviver à perda de seus companheiros. — ela simplesmente disse antes de acenar para o loiro chamado Bastian. —Seria melhor eu ver se a fofoca mais recente é sobre Fiat, antes das coisas começarem. Ysolde, foi um prazer encontrar você afinal. Se você precisar de qualquer ajuda com as coisas, deixe-me saber. Eu sei o quão duro é tentando lutar com a lógica dos dragões.

Ela nos deixou, e depois de alguns momentos de conversa cortês com Jian, eu estava para retornar a minha cadeira quando eu girei e vi um homem de pé na entrada que olhava fixamente para mim, seus olhos queimando com calor negro.

—Kostya. — eu disse, a palavra um sussurro em meu lábios.

Ele movimentou a cabeça devagar, caminhando em direção a mim.

—É verdade. Eles disseram que era, mas eu não vi como podia ser possível. Eu vi seu corpo. Eu vi sua cabeça dividida.

Eu toquei em meu pescoço, o horror rastejou por minha pele com suas palavras.

—Eu... eu realmente não sei o que dizer para alguém que diz a mim que ele viu minha cabeça dividida. — eu admiti.

— 'Oi ' pareça um pouco de um anticlímax.

Eu jurei que ele iria mostrar seus dentes para mim, mas ele conseguiu parar.

—Um milagre aconteceu,Ysolde de Bouchier.

—Tully Sullivan. Eu estou pensando sobre ter isto tatuada em minha testa.

—Um milagre aconteceu, e agora vem o tempo para você pagar na mesma moeda por todas as mortes e o sofrimento.

—Malvado! Você está aí! — A gêmea de May apareceu ao lado da Kostya, alternando olhares entre mim e ele. —Oi, eu sou Cyrene. Você deve ser Ysolde. May disse a mim tudo sobre você. Eu não culpo você nem um pouco por perder sua memória. Eu teria, também, se eu tivesse acasalado com Baltic.

—Um prazer encontrar você. — eu disse, incapaz afastar o olhar de Kostya.

Ele se debruçou adiante, sua voz baixa.

—Se existe qualquer justiça no mundo, você sofrerá o que os dragões pretos sofreram.

—Kostya, eu pensei que Drake disse que você não deveria assustar Ysolde. — Cyrene ralhou, tomando seu braço e o arrastando em direção à grande mesa. —Ignore ele. Ele está um pouco amuado porque nós não comemos seu cereal favorito no café da manhã.

Ele parou olhando para mim e para ela.

—Você não acabou de dizer a ela isto! Pelo amor dos santos, mulher, eu sou um wyvern! Você não diz a pessoas que eu estou amuado por causa de comidas do café da manhã!

—Se alguém fizer um rebuliço sobre não ter Cap'n Crunch, então esse alguém vai ter que agüentar as consequências. — ela disse, alegremente desavisada de seu furioso olhar. —Vamos, eu penso que eles estão esperando por nós.

Kostya girou sem outra palavra e foi para a mesa, Cyrene a seu lado. Eu retornei a minha cadeira e vi com interesse como os wyverns juntavam em torno da mesa. Só haviam cinco cadeiras na mesa, e antes deles sentarem, Gabriel, Drake, e Kostya todos fizeram um questão de colocar uma cadeira ao lado deles. Os guardas e os outros dragões em assistência se sentaram nas cadeiras enfileiradas na parede.



Jim deu a mim um olhar triste, mas ficou em silêncio, não disse nada. Eu agradeci isto, já que eu podia tentar classificar meu tumulto mental enquanto os dragões foram pelas formalidades de sua reunião.

—Kostya Fekete. — o wyvern azul chamado Bastian disse. —Você solicitou este sárkány dos dragões pretos. Exponha a situação.

Eu olhei para cima de onde eu estava sentada estado cegamente olhando fixamente para minhas mãos.

Kostya permaneceu em pé e olhou para todos os wyverns presente.

—Eu estou aqui para buscar reparação. A companheira de Baltic se revelou, e os dragões pretos exigem que ela seja responsabilizada pelos crimes que ele cometeu contra o weyr.

—O que? — Eu perguntei, levantando-me, tão atordoada pela demanda de Kostya que esqueci que May me advertiu a não falar antes de ser chamada. —Isto é ridículo!

Bastian fez uma carranca para mim.

—Você ainda não foi chamada pelo weyr. Por favor sente-se.

—Eu não ficarei calada! — Eu avancei para a mesa, de repente furiosa. — Certamente não enquanto vocês me acusam de algo que eu não fiz.

—Você é a companheira de Baltic.— Kostya rosnou. —Pelas leis que governam o weyr, você é da mesma maneira que responsável pelas suas ações como ele é.

—Eu não sou sua companheira. Eu não sou nem um dragão! Eu sou humana! Vocês todos devem ser capazes de dizer isto!

Os wyverns trocaram olhares.

—Você vê? Ninguém está negando isto, porque ele é verdade. Eu sou humana.

—Você parece humana, sim. — Drake disse em uma voz que tinha um acento europeu do leste. —Mas a mãe do Gabriel nos assegura que seu dragão reside dentro de você, simplesmente esperando por você acordar.

—Ainda que isto fosse verdade, isso não dá vocês o direito tentar me punir por um crime que eu não cometi! Você não assiste CSI? Isto é totalmente ilegal!

A carranca de Kostya se aprofundou.

—Você é um companheiro, sua companheira. E a menos que você goste de trazê-lo para nós, então é você que pagará o preço por seus crimes.

—Que crimes, exatamente? A guerra com os dragões de prata que Gabriel disse que eliminou seu clã? — Eu fiz um som repugnado. —Se os sonhos que eu tive foram realmente ecos do passado, então você é parte daquele clã, também, o que significa que você fez parte da guerra. Quantos dragões de prata você matou, Kostya?

Ele rosnou algo extremamente rude debaixo de sua respiração.

—Nós não estamos discutindo minhas ações. Eu tenho feito minha paz com o weyr.

—Oh, você fez realmente? — Furiosa, eu fiz algo que eu nunca tinha feito, eu fiz uma cena. Eu saltei sobre a mesa de conferência e andei até estar frente a Kostya.

—Você sustentou Baltic em tudo que ele fez! Tudo! Ele não podia soltar um peido sem você dizendo a ele como fabuloso ele era! —Kostya rosnou, positivamente rosnado quando ele saltou para ficar em pé, sua cadeira voando para trás vários metros.

—Isto não é verdade!



—Seus amigos aqui conhecem o quanto de um sim-homem você realmente era? Deixo eles saberem como você seguiu ele ao redor como um filhote de cachorro, fazendo qualquer coisa que ele exigia?

—Meu passado não tem nada a ver.

—Deixo eles saberem como você deixou Baltic apontar uma espada em minha garganta e ameaçar me matar só porque eu nasci um dragão de prata? — Minha voz ruidosamente ecoou.

O quarto inteiro ficou mudo.

—Er... — eu limpei minha garganta quando eu percebi o que eu falei. — Assumindo que eu sou o que todo mundo diz que eu sou, que eu ainda mantenho que é muito improvável.

Kostya, cheio de fúria, gritou para mim.

—Eu sou não culpado pelas ações Baltic! Eu o mantive em cheque até que ele salvou você. Ele era desequilibrado então, mas ele ficou ingovernável depois que você apoiou Constantine Norka contra ele.

—Eu o que?— Eu perguntei, me sentindo perdida.

—Eu poderia ter argumentado com ele não fosse por você! — Kostya me acusou.

—Ele procurou você. Ele estava disposto a tomar você apesar do fato de que você era um dragão de prata.

—Nós devíamos ficar ofendidos pela implicação de Kostya?— May perguntou a Gabriel. —Eu tenho meu punhal. Eu podia cutucar ele por alguns tempos.

Cyrene atirou a sua gêmea um olhar indignado.

—Talvez mais tarde. — Gabriel disse a May.

—Mas você o rejeitou, e amarrou-se a Constantine Norka ao invés!— O rosto de Kostya estava escuro com raiva. —Baltic estava furioso! Sua loucura não teve limites depois disto.

—Eu realmente não sei sobre o que você está falando. — eu disse, minha raiva começando a diminuir. Eu olhei para os dragões sentados à mesa, envergonhada por meu show de temperamento. —Desculpe. Eu só... obrigada. — eu disse quando Bastian levantou e ofereceu uma mão para me ajudar a descer da mesa.

—Você não pode negar o que aconteceu no passado. — Kostya disse, sua voz e rosto soturno.

—Eu nem sonharia tentando. Mas eu não acho que eu cheguei a esta traição em minhas visões. Eu assumo que virá em um certo ponto, mas eu tenho que dizer que eu acho isto difícil de acreditar.

—Kostya, isto é história velha. — Drake disse, uma sobrancelha levantada no dragão preto. —A culpa pela Guerra Infinita já foi liquidada. Você não pode tentar culpar Ysolde por aquele crime.

—Não teria sido uma Guerra Infinita mas por ela! — Kostya declarou.

—Eu achava que Chuan Ren começou aquela guerra?— Aisling se debruçou e perguntou a seu marido.

Chuan Ren estreitou seus olhos em Aisling, sua boca movendo caladamente como se ela estivesse falando uma maldição.

Aisling depressa desenhou guardas de proteção acima dela mesma e Drake.



—Kaawa disse que Ysolde tentou parar a guerra reunindo os fragmentos de dragão para reconstruir o Coração do Dragão. — May disse. —Ela dificilmente faria isso se ela fosse responsável pela coisa inteira.

—Isso foi mais tarde, depois que ela percebeu o que começou. — Kostya obstinadamente disse.

—Sabe, nem mesmo eu penso que faz sentido. — Cyrene disse, olhando para ele. —Seriamente, malvado, eu penso que nós vamos ter que ir para algumas classes de gerenciamento de raiva. Você precisa aprender como deixar ir.

—Os dragões pretos... — ele começou a dizer.

—Não são a razão pela que Ysolde foi chamada ante o sárkány. — Drake interrompeu em uma forte voz.

—Exatamente que crime Baltic cometeu que todos tentam em me castigar? — Eu perguntei, de repente cansada e emocionalmente drenada.

Drake olhou para mim com olhos que seguravam tristeza infinita.

—As mortes de sessenta e oito dragões azuis, mortos por Baltic quase dois meses atrás.

Capítulo Sete

O silêncio encheu o quarto de conferência quando todos os dragões olharam para mim. Eu tremi, esfregando meus braços contra um frio súbito.

—Que sortuda. Eu estou fora por cinco semanas, perdi meu trabalho, descobri que meu marido é o rato dos ratos, e agora eu descubro que evidentemente eu sou a namorada de um maníaco homicida. E o quê? Com todos vocês me batendo? Porque eu não estou longe o bastante da borda ainda.

—Existe o assunto de quem manteve prisioneiro Kostya em cativeiro por sete anos. — Cyrene disse pensativamente.

—Ninguém parece saber com certeza quem o prendeu lá, mas eu acho que foi seu companheiro, então por direito, você devia ser carregada com isto, também.

—Obrigado. — eu disse a ela. —Isso fez o trabalho.

Antes de alguém poder reagir, eu girei e fui para a saída mais próxima. Eu não fiz isto, naturalmente, mas eu sabia que eu não iria.

Kostya estava lá na porta.

—Você não escapará da justiça novamente, Ysolde de Bouchier.

Eu o esbofetei. Pareceu tão bom, eu o esbofetei novamente, então retrocedi, e coloquei a mão em minha boca, porque eu nunca atingi outra pessoa em minha vida.

Que eu pudesse lembrar.

Bem, existia o chute na virilha de Baltic, mas isso era só um sonho.

—Eu sinto muito. — eu gaguejei, horrorizada. —Eu não sei o que me deu. Não que você não merecesse isso, porque se alguém merecesse ser esbofetado, era você, mas ainda assim, eu estou chocada de que eu realmente atingi você. Eu machuquei você?

Cyrene gritou e correu em direção a nós, claramente pretendendo se lançar em mim, mas Kostya a pegou antes dela poder atacar.

Eu fiquei olhando fixamente para eles como ela lutava para ficar livre, amaldiçoando-me enquanto isso, meus olhos se encheram com lágrimas. Eu nunca me senti tão alienada, tão só, completamente fora de minha profundidade. Eu só queria afundar no esquecimento.

—Sente-se. — Kostya disse a Cyrene quando ela parou de lutar.

—Ela atingiu você! Duas vezes! Ninguém bate em meu dragão e vive para falar sobre isso!

—Vá se sentar. — ele comandou.

—Não!

—Cy, foi um bofetão de mão aberta. — May disse quando ela tomou o braço do sua gêmea e violentamente a guiou em direção a mesa. —Eu estou certa de que Kostya sobreviverá a isto.

—Eu sinto muito. — eu disse a ele novamente.

Para minha surpresa, em lugar de parecer mais bravo comigo, ele esfregou sua bochecha machucada e pareceu pensativo.

—Ysolde?— Gabriel indicou a mesa. —Eu acredito que desde que o assunto das mortes dos dragões azuis tem já foi abordado, você seria bem-vinda na mesa sárkány. Talvez nós possamos discutir o assunto mais calmamente.



—Eu não sou uma pessoa violenta. — eu disse a ele, permitindo a ele me escotar para uma cadeira que ele colocou em seu outro lado. —Eu não posso nem bater no meu filho.

Ele não disse nada, apenas me indicou a cadeira.

—Você deve entender que o weyr não busca castigar uma pessoa inocente. — Bastian disse, tomando a carga da reunião novamente. —Mas existem leis que nos governam, e como Kostya disse, uma daquelas leis assegura que companheiros do wyverns são responsáveis pelas ações de seu wyverns.

—Que tal outros dragões? — Eu perguntei, muito cansada para ficar enraivecida.

Bastian pareceu confuso.

—Que outros dragões?

—Um companheiro de um dragão normal, um não wyvern. Eles são responsáveis, também?

—Não. — ele disse, carrancudo.

—Por que não?

O silêncio atacou a mesa. Drake limpou sua garganta e respondeu.

—Companheiros do Wyverns são sem iguais no Reino Dragão. Eles têm poder próprio, e têm um lugar de honra no clã permitido somente aos wyverns. Os companheiros sempre sustentam as decisões do wyvern, e deste modo a lei foi criada reconhecendo essa posição e poder.

—Deixe-me ter certeza de entender isto corretamente. Vocês todos pensam que porque eu estava viva dois meses atrás, desavisada de algum de vocês, desavisada de Baltic, desavisada de qualquer coisa, mas fazendo meu trabalho como um aprendiz do Dr. Kostich, e sendo uma esposa e mãe, você espera seriamente que eu acredite que eu seja culpada de sessenta mortes...

—Sessenta e oito. — Bastian interrompeu.

—Minhas desculpas. Eu não quis dizer fazer pouco da tragédia. Onde estava eu? Oh, você quer me responsabilizar pelas mortes de dragões que eu não sabia que existiam em primeiro lugar? É isso o que você está dizendo?

Drake baixou o olhar. Gabriel e May trocaram olhares desconfortáveis. Kostya suavemente tossiu e fez uma careta para a mesa. Bastian olhou ao longe. Chuan Ren sorriu para mim, mostrando mais dentes do que deveria.

—Eu quero saber, qual é o castigo para a matança sessenta e oito dragões azuis? — Eu perguntei.

Ninguém olhou para mim.

—O castigo para um crime de uma natureza tão odiosa fora de uma guerra declarada é morte. — Bastian disse afinal.

—Adorável. Você quer me matar pelo crime de outra pessoa. Certamente soa como justiça para mim.

Ninguém disse qualquer coisa depois do pequeno sarcasmo, ninguém.

Eu pensei em lutar, pensei em ir embora, e o pensamento de amaldiçoar todos eles e só deixá-los me tornar um bode expiatório, mas algo dentro de mim finalmente alcançou ruptura.

—Existe algo acontecendo comigo. — eu disse devagar, olhando novamente em meus dedos estendidos na mesa.



—Tanto quanto eu quero negar isto, eu estou disposta a admitir que eu tenha algum tipo de conexão com esta pessoa chamada Baltic. Apesar disto, ninguém pode negar que eu sou humana, e é por isso que eu não faço, não posso, não admito que eu sou o dragão chamado Ysolde. Porém, se algum de vocês puder provar para mim que eu sou, se você pode me mostrar que o que eu estou experimentando é devido a um dragão dentro de mim, então eu reconhecerei as leis deste weyr, e aceitarei o castigo pelas mortes desses dragões.

Isso conseguiu sua atenção. Eles não pareceram felizes, entretanto.

—Isso parece razoável para mim. — Aisling disse, cutucando seu marido com seu cotovelo. —Claro que você quer provas de que você é realmente Ysolde. Nós só teremos que mostrar a você que é. Eu não estou certa como nós vamos fazer isso além de dar-lhe tempo para encontrar-se, por assim dizer. Isto é direito e justo, especialmente desde que o weyr está pedindo a você para desistir de sua vida. Não parece justo para você, Drake?

Sua carranca abrandou um pouco.

—Parece que tal demanda é razoável dadas as circunstâncias.O que dizem os outros wyverns?

—Eu concordo plenamente. — Gabriel disse depressa. —Ysolde deve ter provas. Ela deve saber quem nós sabemos que ela é. Seria uma interpretação grosseira das leis Weyr condená-la sem que ela reconheça seu dragão interno.

—Eu concordo. — Bastian disse, um pouco para minha surpresa desde que os membros assassinados eram do seu clã. Eu pensei que se alguém queria me ver condenada, seria ele. Mas ele parecia realmente aliviado, e olhou para Kostya. —O que os dragões pretos dizem?

Kostya apertou seus lábios quando ele olhou para mim.

—Eu penso que ela deu uma pancada na cabeça. — Cyrene murmurou. Kostya atirou um olhar, então disse: —Eu sou influenciado pelas memórias do que Baltic fez para os dragões pretos por causa de Ysolde. Há muito tempo eu busco ver ela pagar pela dor e sofrimento que ela nos causou com sua traição com Constantine Norka.

—Ela era um dragão de prata. — Gabriel abruptamente disse. —Ela concordou em ser seu companheiro. Isso dificilmente pode ser dito como traição!

Kostya saltou para seus pés, seu rosto vermelho com raiva.

—Baltic a queria como sua companheira!

—Então ele nunca devia tê-la jogado para Constantine, dizendo que ele não a queria!— Gabriel atirou de volta, levantando também.

—Oh, isso me faz sentir bem. — eu suavemente disse.

—Essa discussão não é pertinente neste momento. — Bastian disse, batendo na mesa com seu punho até que os dois dragões retomaram a suas cadeiras. —Kostya, o que você diz?

Ele se sentou com um xingamento, seus braços cruzados, sua expressão escura.

—Eu concordarei em uma estadia temporária desde que seja por um período de tempo razoável.

Eu fiquei surpreendida com seu acordo. Isso deixou um wyvern.

—Chuan Ren?— Bastian perguntou a ela.

—Os dragões vermelhos não se importam com o que acontece para a mulher. — ela respondeu. —Mate ela, ou não mate é de nenhuma preocupação para nós. Nós estamos só interessados no paradeiro de Baltic.



—Por que você se importa onde ele está?— May perguntou.

Chuan Ren sorriu. Não era um sorriso agradável.

—Nós concordamos então que Ysolde terá tempo para... o quê?— Bastian perguntou, parecendo perplexo.

—Como se acha a si mesmo?

—Minha mãe diz que o dragão dentro dela está esperando ser despertado.— Gabriel disse. —Isso é o que deve ser feito.

—Mas como você vai fazer isto?— Bastian agitou sua cabeça. —Eu nunca antes de encontrei um dragão que não soubesse que era um dragão, que não podia ser um dragão.

—Eu acho que eu posso saber de um caminho para fazer isto. — May disse pensativamente. Ela se sentou um pouco mais direita quando percebeu que todos os olhos estavam nela. —Existe uma casa no país que pertence a Baltic.

—É minha agora. — Kostya interrompeu. —Eu reivindiquei isto em nome dos dragões pretos.

—Está certo, nós temos. — Cyrene disse. —É um pouco muito grande como casa, e precisa redecorar, mas tem uma lagoa boa. Kostie diz que nós podemos escavar o jardim para aumentar a lagoa em uma pequeno lago.

Kostya deu seu companheiro um olhar de lábios finos que ela ignorou.

—Quando eu tinha o fragmento de dragão, ele me levou a reagir bastante fortemente a casa. — May olhou para mim. — Ele realmente me fez sentir coisas que eu acredito que você sentiu quando você tinha o o fragmento.

—Eu tinha um fragmento?— Eu perguntei, recusando a lidar com mais uma coisa estranha. —Um fragmento do que?

—Um fragmento de dragão, um dos cinco pedaços do coração de dragão.

Eu fechei meus olhos por um minuto.

—É o coração de dragão que vai me fazer perder completamente o fragmento minúsculo de sanidade que eu estou segurando? Porque eu tenho que dizer a você, se for, eu penso que eu prefiro não saber sobre isto.

May riu.

—Não é tão ruim, honestamente.

—O coração de dragão é composto de cinco fragmentos. Cada um dos wyverns aqui possui um fragmento. — Gabriel disse a mim. —Durante algum tempo, May teve o mesmo fragmento que você tem. Da mesma maneira que ela fez, você também reformou o coração de dragão, cheio do poder do Primeiro Dragão, e o permitiu quebrar em cinco fragmentos.

—Isso soa muito inteligente de May e mim, e eu estou emocionada para ouvir isto apesar do fato que eu não tenha a mínima idéia do significado disto, mas desde que isso não tem nenhuma influência sobre existir ou não um dragão dentro de mim, eu estou disposta a seguir em frente.

—Bravo.— Aisling disse, aplaudindo até que seu marido fez uma carranca para ela.

—Eu tomo isto que você pensa em ir para a casa de Baltic...

—Minha casa! Pertence a mim agora!— Kostya disse.



—Perdoe-me, a antiga casa de Baltic, de alguma maneira provaria que eu sou um dragão? Eu começarei a queimar coisas? Repentinamente virar um lagarto escamoso? De repente ficar fascinada com ouro? — Eu perguntei, também cansada de me importar com minhas maneiras como deveria.

—Julgando pelo que eu senti quando eu estive lá, sim, eu acho que você terá um tipo de uma experiência definitiva. —May disse.

—Mas Ysolde não agüenta o Avignon Phylactery mais. — Kostya disse.

May deslizou um sorriso ilegível em direção a seu wyvern.

—Não, mas eu posso atestar para o fato de que uma vez que você teve um fragmento, muda você. Eu estou certa que mudou Ysolde, também.

—Soa como uma boa idéia para mim.— Aisling disse.

—Com permissão de Kostya, nós levaremos você para a casa em questão amanhã. — Gabriel disse.

—Você não irá, eu espero, se importar se e eu May acompanhar você?

—Eu estarei lá também. — Kostya disse.

—Ou. Parece interessante. Nós podemos ir?— Aisling pediu a Drake.

Ele levantou suas sobrancelhas e olhou para Gabriel.

—Nós não temos nenhuma objeção, mas se Gabriel e Ysolde não tiver nenhuma objeção, eu admito que eu estou curioso para ver se a casa tem um algum efeito nela.

Gabriel disse uma vez, e todo mundo concordou em ir para a casa. Eu me sentei em minha cadeira, drenada por todas as emoções que eu tive nos últimos dias, não querendo nada além de... eu suspirei para mim mesma.

Eu nem sabia o que eu queria mais, além de paz de espírito.

Eu esperei sonhar aquela noite, e eu fiz. Eu fechei a porta do quarto de Brom depois de vê-lo pronto para dormir, desejei a May uma noite agradável, e andei para o meu quarto, diretamente para um redemoinho de testosterona.

—Você está atrasado, Baltic. — o homem que estava na minha frente disse.— Ysolde falou as palavras. Ela jurou fidelidade a mim. Ela é agora minha companheira.

Eu andei para o lado para olhar em volta de Constantine. Baltic e mais ou menos dez homens emergiram das árvores isso formou um meio círculo em torno do topo do precipício onde nós estávamos, Kostya e Pavel imediatamente as suas costas.

Imediatamente os dragões de prata puxaram suas espadas, cercando Constantine e eu.

—Isto é verdade?— Baltic perguntou a mim, sua expressão tão tempestuosa quanto o mar que rugia atrás de nós.

Eu tentei avançar, mas Constantine segurou minha me parando.

—Você tratará comigo e não com minha companheira. Ysolde é minha. Você nunca a terá.

—Por que você está aqui?— Eu perguntei a Baltic, encolhendo os ombros fora da mão do Constantine e empurrando seus guardas.

Eles fizeram um movimento para me parar, mas retiraram-se quando eu olhei para eles.



—Por que você pensa que eu estou aqui? Eu vim para reivindicar minha companheira. — Baltic respondeu, seus olhos reluzindo perigosamente.

—Sua companheira? Você disse que você não me queria. Você disse que você nunca teria qualquer coisa com uma dragão de prata. — eu chorei.

—Eu disse que eu nunca iria para a cama com um dragão de prata. — ele corrigiu. —Eu mudei de idéia. Você é minha companheira. Eu enviei um mensageiro dizendo a você que eu viria para reivindicar você como tal.

—Eu não sei de nenhum mensageiro! — Eu disse, chocada e horrorizada.

Sua expressão escureceu.

—Eu devia ter sabido que Constantine reivindicaria você para ele mesmo antes de deixar você ser minha.

—Ysolde, minha pomba, deixe-me lidar com ele. — Constantine disse, sua voz morna, rouca e confortável. Da mesma maneira que ele tinha sido nos três meses enquanto eu fiquei com ele no Sul da França.

Eu girei para enfrentá-lo, de repente veio o conhecimento que me deixou furiosa.

—Você sabia que ele estava vindo por mim, não é? Você sabia que meu coração ia quebrar, e ainda você impediu sua mensagem de me alcançar. Pela Cruz de Cristo! É por isso que você apertou-me para fazer o juramento para você! Você me enganou!

—Você é minha responsabilidade. — Constantine disse, tomando minhas mão na dele.

Baltic positivamente rosnou. Kostya, de olho nos guardas de prata, mandou eles retrocederem.

—Eu prometi tomar conta de você no primeiro dia quando veio para mim.

Constantine continuou.

—Eu não podia me impedir de amar você, minha pomba preciosa. Você pode me culpar por querer você como minha companheira?

Que estúpida eu fui. Estúpida e ingênua, apaixonando-me pelas palavras finas e a promessa de toda vida sendo amada, quando em realidade, eu estive sendo usada como um instrumento em uma guerra que durou duzentos anos. Eu puxei minhas mãos de suas e retrocedi, adoecida pelo jeito que ele me enganou.

Os guardas olharam para Constantine, mas ele ergueu sua mão para parar eles.

—Você disse a mim que eu era aquela que você queria para ser sua companheira, mas o tempo todo você sabia que Baltic estava vindo mim. Você viu como eu sofri por ele, sofri pelo amor que eu daria minha alma para ter, e ainda assim você me prendeu com você? Por quê?

—Eu amo você. — ele disse, seus olhos ardendo com uma luz dourada estranha.

—Como podia eu deixar a coisa que eu amo mais que a vida propriamente ir para um louco, um monstro que destruiria nosso clã em lugar de nos deixar viver em paz?

Eu não podia olhar para ele mais.

—Você diz que você me ama, e ainda você assegurou que eu passaria o restante dos meus dias na sombra do que podia ter sido.

Constantine avançou para mim, mas deixei sua mão cair antes dele poder me tocar.



—Você está somente confusa, Ysolde, não verdadeiramente apaixonada.

—Como você sabe?— Eu ergui minha cabeça olhando para ele. —Como você presume saber o que está em meu coração? Você não me escutou! Eu disse a você que eu o amava, Constantine, e você me disse que ele preferia me ver morta do que viva.

—Você...— ele começou a dizer.

—Não. — eu disse, cortando ele com um gesto afiado. —Eu conheço minha própria mente e coração. Eu amo Baltic. Se me pedisse para ser sua companheira, eu teria aceitado.

Baltic sorriu, um sorriso lento, satisfeito consigo mesmo.

—Isso não significa que eu não estou furioso com seus procedimentos arbitrários. — eu disse a ele acima de meu ombro.

Seu sorriso deslizou um entalhe.

—Até sabendo o que ele é, sabendo o que ele ao nosso povo, para sua própria família, você unir-se-ia com ele?— Constantine perguntou, sua voz refletindo a raiva agora em seus olhos. —Você deixaria ele usar seu corpo, manchar sua alma?

Eu encontrei seu olhar com o meu.

—Eu faria o que eu podia para trazer calma neste tempo difícil.

—Você jurou fidelidade a mim. — ele respondeu.

—Que escolha eu tive?— Eu rebati. —Você me enganou!

Ele ficou calado um momento, a dor chamejando através de seu rosto.

—Se você só dissesse a mim a verdade. — eu suavemente disse, pondo minha mão em seu braço. —Eu tenho grande respeito e afeto por você, Constantine. Você é um maravilhoso wyvern, e um generoso, amável homem. Mas tanto quanto eu honro você como tal, eu nunca teria me ligado a você se eu soubesse a verdade. Você me enganou para me tornar sua companheira simplesmente para ofender o homem que segura meu coração. Como eu posso achar a felicidade com que você sabendo disso?

Baltic avançou.

—Constantine Norka, pelas leis que governam o weyr, eu desafio você pelo Lusus Naturalae por sua companheira, Ysolde de Bouchier.

Constantine e eu ambos olhamos fixamente para ele.

—Lusus o que? — Eu perguntei.

—Naturalae. Tem muitos significados, mas para o reino dragão, se aplica só para uma coisa, a habilidade de roubar um companheiro. — Constantine respondeu, olhando para Baltic com hostilidade palpável.

—Não estarei roubando se eu ganhar o desafio. — Baltic disse, andando a passos largos adiante. Em um gesto, todos os seus homens recuaram, mas Kostya permaneceu onde ele estava. Igualmente, Constantine movimentou a cabeça em seu guarda, que gesticulou para os outros de volta. Os dragões se estenderam até que eles formaram um círculo, no centro só cinco de nós permaneceram. —Você aceita o desafio?

—Eu faço. — Constantine disse, sua posição agressiva. —Ysolde é jovem e confusa. Ela ainda não teve tempo para ajustar a nossos costumes. Estou seguro que com tempo, ela perceberá que tragédia sua vida teria sido se ela ficasse com você.

—Não gosto de ser comentada como se eu não estivesse de pé ao seu lado. — eu disse a ele um pouco acidamente. —Eu não sou invisível, nem tola. É sobre minha vida que você está conversando, e eu exijo o direito de ter a palavra.



—Você é fêmea. — Constantine abruptamente disse. —Você é jovem e sem experiência com os costumes dos dragões. Você me permitirá decidir o que é melhor para você.

—Eu sou a pessoa que a achou. — Baltic arrogantemente disse, avançando até que ele ficou a um pé de nós. —Eu decidirei o que é melhor para ela, já que ela será minha companheira.

—Ninguém pensa que é uma boa idéia para eu decidir o que é melhor para mim? — Eu perguntei.

—Não! — Ambos os wyverns disseram.

Eu cruzei meus braços e olhei para os dois.

—Eu penso que os dois são desagradáveis. Eu mudei de idéia. Eu não quero qualquer um de vocês. Eu tomarei Kostya ao invés.

Os olhos de Kostya alargaram em surpresa e algo que parecia muito com desânimo.

—Er...

—Você está tentando me fazer ciumento? — Baltic perguntou, a irritação puxando em seu lábios.

—Não. Se eu fosse, eu faria isto.— Eu caminhei em direção a Kostya, mas ele evidentemente leu a intenção em meus olhos porque ele se afastou de mim. Eu parei, batendo meu pé com irritação, e exigi:

—Pare se afastar e deixe-me beijar você!

—Eu realmente prefiro que você não faça.— ele disse com um olhar cauteloso para seu wyvern.

—Ysolde. — Baltic disse em um tom quase desinteressado de voz.

Eu marchei para ele, estreitando meu olhar, tão afiado quanto a ponta de sua espada.

—O que?

—Você não tem que atacar Kostya para me fazer ciumento, chérie. — ele disse, a irritação em seu rosto substituída por diversão irônica. Ele gesticulou em direção a Constantine. —Eu estou pronto para lutar até a morte pela audácia dele em reivindicar você. Eu não acho que eu podia ficar muito mais ciumento que isto.

—Oh.— Eu pensei sobre aquilo por um momento, então dei um passo mais perto para ele, não bastante perto, mas o suficiente para sentir o calor de seu corpo. Eu olhei no fundo de seus olhos, procurando lá as respostas que eu muito desesperadamente busquei. —Você realmente me quer como sua companheira embora eu seja um dragão de prata?

—Sim.— Um músculo em seu pescoço se contraiu.

—Por quê?

Seus olhos ganharam um olhar cauteloso, o mesmo que Kostya fez.

—Por quê?

Eu toquei seu braço.

—Sim, por quê? Por que você me quer para sua companheira?

—Eh... — Ele olhou de mim para Constantine, que estava nos assistindo com uma carranca escura.

Baltic quadrou seus ombros e deu um altivo olhar para mim.

—Isto é sem importância. Só o fato de que eu reivindique que você deveria importar.



—Importa para mim. — eu disse, e pus minha mão em seu tórax, acima de seu coração.

Atrás de mim, Constantine deu um passo em direção a nós.

—Você é fêmea. Você não sabe o que você está dizendo.

—Pela Cruz de Cristo, eu não faço. Diga a mim, Baltic. Por que eu?

—Porque. — ele disse, seus olhos reluzindo perigosamente. —Só porquê.

—Você me ama?— Eu perguntei.

Sua mandíbula apertou.

—Isto não é de sua conta.

Eu ri. Eu não podia me impedir de rir dele. Amor no casamento era só um sonho, minha mãe disse uma vez a mim, e ainda sabia que ela amava meu pai. Ela também disse que alguns homens têm dificuldade em admitir tais emoções tenras, e claramente Baltic era um deles.

—Eu penso que é da minha conta. É importante para mim, Baltic. Eu gostaria de saber, você me ama?

Ele se aproximou até que seu tórax esteve apertado contra meus braços.

—Este é dificilmente o lugar para discutir tal coisa.

—Eu penso que é o lugar perfeito. — eu disse, apontando para todos os dragões, hesitando um momento quando eu notei que cada um deles tinha expressões de dor idêntica à do rosto de Báltic. —Eu devo saber. Eu não me liguei a um homem se ele não me amar.

—Isto é tolice. — Baltic ridicularizou, e os dragões ridicularizaram com ele, murmúrios de acordo ondulando ao redor nós.

—Não obstante, eu devo saber. Então eu pergunto a você uma terceira vez, você me ama?

Ele parecia um pouco selvagem antes de se inclinar.

—Existem outros aqui, mulher!

—Eu sei.

—Você espera que eu diga isto justo na frente deles?

—Constantine fez. — eu disse, movimentando a cabeça em direção a ele. Constantine se endireitou e pareceu nobre. —Ele não teve qualquer problema dizendo isto.

Baltic rosnou do fundo de seu tórax revirando os olhos para o céu por um momento antes, de dizer em uma voz baixa e feia.

—Bem! Eu amo você. Agora pelo inferno se afaste de mim para que eu possa matar seu companheiro.

Eu não sei o que eu teria feito se Constantine não atacasse Baltic naquele momento, provavelmente tentaria argumentar com eles, embora uma compreensão tardia disse a mim que eles não teriam escutado. Especulação discutível, não obstante, porque logo que as palavras saíram dos lábios de Baltic, o corpo de Constantine trocou.

Estirou e cresceu tomando a forma de um grande dragão de prata com garras escarlates. Ele se lançou em Baltic com um grunhido que gelou meu sangue.

Baltic trocou também, mas sua forma, ligeiramente pequena e menos vultosa, era ébano colorido, com curvadas garras brancas translúcidas que relampejaram no ar quando ele investiu em Constantine.



Teodore, um dos guardas de Constantine, tentado me conter, mas eu escapei dele e fui em direção aos dois dragões rolando no chão, sangue espirrou no ar quando um deles atingiu de verdade.

—Parem com isto! — Eu gritei, minhas mãos em punhos com impotência. Eu queria trazê-los de volta ao bom senso. —Eu não terei...

O rabo do Constantine balançou quando ele se lançou sobre Baltic, que só apenas teve tempo suficiente para se desviar. Eu quando fui atingida e caí vários metros atrás. Imediatamente Constantine trocou a forma humana, debruçando acima de mim e embalando minha cabeça.

—Ysolde! Minha pomba, minha querida eu machuquei você?

Baltic trocou a forma humana também, empurrou Constantine de mim e jogando-o sobre suas costas e apontou uma espada para o seu pescoço.

—Você perdeu sua companheira, seu clã. — Baltic disse, arquejando. —E agora sua vida.

—Não!— Eu gritei, saltando para cima deles quando ele levantou sua espada, claramente pretendendo separar a cabeça de Constantine de seu corpo. Eu me joguei na frente dele, olhando para Baltic. —Não mate ele.

Os olhos de Baltic se estreitaram em mim.

—Seu coração mudou?

—Não. Eu serei sua companheira. Minha vida está destinada a ser sua deste momento em diante. Mas só se você poupar Constantine.

Sua mandíbula apertou, e por um momento, eu pensei que ele recusaria. Mas lentamente ele abaixou sua espada,agarrando meu braço e me levantando.

—Pela graça de minha companheira, eu deixarei você viver. — ele disse a Constantine. —Mas só porque ela deseja isto.

A visão do rosto de Constantino me assombrou quando Báltic me levou para longe.



Capítulo Oito

—Depois de ser desidratado, eu tiro o natrão¹⁶ que está do lado de dentro, e ponho pano embebido em resina e mais natrão dentro do corpo. Então eu a pinto a coisa inteira com resina. Isso demora três semanas para secar, então eu quero iniciar imediatamente. Eu acho que eu tenho suficiente resina para fazer a raposa inteira.

—Se vai ou não fazer é discutível.. Eu penso que você gastou suficiente tempo com seu passatempo antinatural. Eu gostaria que você fosse mais sociável hoje então May e Gabriel não pensarão que você é um pequeno menino macabro que é obcecado por coisas mortas.

—As coisas mortas são interessantes. — ele protestou.

—Não obstante, eu penso que você pode deixar suas experiências só por um dia e socializar mais. É muito?

Eu paguei ao motorista de táxi quando ele parou na frente da casa do Gabriel. Um homem estranho estava na frente da porta, prestes a tocar a campainha quando Brom e eu saímos.

—Hullo. — o homem disse.

—Oi.— Eu juntei as bolsas de compras no chão, olhando o homem enquanto eu fazia isso.

Ele tinha um rosto longo que eu penso ser tipicamente inglês, não muito longo, mas tipo asperamente bonito, com cabelo loiro escuro e olhos cinzentos azulados.

Ele me examinou da mesma maneira obviamente.

—Você não seria Ysolde de Bouchier, não é?

Eu respirei fundo.

—Meu nome é Tully Sullivan.

—Esse seria meu outro palpite. — ele disse, rindo. Era uma risada boa. Ele parecia um bom homem, com um pouco de brilho maroto em seus olhos, mas ainda, bom.

—Seu marido me enviou. — ele disse, levando-me completamente por surpresa. —Meu nome é Savian Bartholomew.

Bom? Ele era o diabo encarnado!

—Gareth mandou você?— Brom perguntou. —Como assim?

—Você deve ser Brom. Parece que ele quer que você e sua mãe se mantenham protegidos de alguns dragões muito ruins até que ele possa vir buscar vocês. — Savian disse.

—Eek! Vá embora!— Eu disse, empurrando ele em direção ao táxi.

—Eh?— Ele perguntou, olhando confuso como ele parou ao lado do táxi a fim de impedir de ser empurrado para dentro.

—O cavalheiro quer ir a algum lugar?— O motorista de táxi perguntou.

—Sim! Ele quer ir longe, longe. — eu disse.

¹⁶ Natrão é um mineral composto por carbonato de sódio hidratado, com fórmula química $\text{Na}_2\text{CO}_3 \cdot 10\text{H}_2\text{O}$. Era usado no antigo Egito durante o processo de embalsamamento das múmias.



—Eu não quero! Pare de me empurrar, ou eu serei forçado a subjugar você! — Savian disse, lutando quando eu tentei forçar sua cabeça abaixo assim eu podia o empurrar no táxi.

—Sullivan, eu não acho que aquele homem quer ir a qualquer lugar. — Brom comentou de seu local na calçada.

—Sim, sim, o que o rapaz disse!— Savian gritou quando eu agarrei sua orelha e consegui empurrar sua cabeça para do lado de dentro.

—Ajuda! Eu estou sendo sequestrado!

—Exatamente o oposto, na verdade. — eu murmurei, grunhindo como eu dei um forte empurrão que forçou seus ombros dentro. —Só vá já!

—Nunca! Por que você está fazendo isto?— Ele gritou, um pouco amortizado desde que eu bloqueei a maior parte da porta com meu corpo em uma tentativa para livrar-se dele.

—Você não pode tomar uma sugestão, seu aborrecedor homem? Xô! Eu não quero você!

—Mas seu marido.

—É um idiota completo! Agora vá embora antes de eu perder meu temperamento e tornar suas sobranças em verrugas!

—A senhora é louca. — eu ouvi ele dizer ao taxista em resposta a sua pergunta sobre o que estava acontecendo. —Eu acho que gosta de mim.

—Eu sou uma grande e... urgh... poderosa maga... hunph! E eu irei... maldição, largue a porta! Eu golpearei você com todos os tipos de feitiços desagradáveis.

—Ajuda! — Savian disse para o motorista de táxi.

O homem assistiu ele impassivelmente.

—Eu iria, companheiro, mas eu não gosto do que parece.

—Ela não é um mago!— Savian disse, ganindo quando, desesperada para soltar sua mão da porta de carro, eu mordi seu braço. —Onde está sua empatia? Vá afastá-la de mim! Eu faria isto por você!

—Pare de incitar pessoas inocentes a ajudar você, ou eu tornarei seus testículos em nabos!— Eu gritei, empurrando a cabeça de Savian. —Agora pelo inferno entre no táxi!

—Eu morrerei antes de me submeter a seus modos brutais!

—Argh!— Eu berrei, e era só mentalmente folhear pela lista de feitiços que eu sabia que poderia possivelmente me ajudar, quando a porta da frente foi aberta.

—Eu pensei que eu ouvi vozes,Ysolde! Quem é que você está tentando dobrar ao meio... agathos daimon! Savian? O que você está fazendo aqui? Não diga a mim que você veio para trabalhar para Gabriel novamente. Eu pensei que, depois da última vez, você jurou que você nunca tomaria outro trabalho de um dragão.

—Er... — eu pausei, de repente cautelosa quando May avançou para a calçada.

—Salve-me, May! Essa mulher louca está tentando me dobrar em todos os tipos de posições antinaturais! Eu acho que ela já quebrou meu fígado e bastante possivelmente um ou ambos os intestinos. — Savian falou do táxi.

—Seu grande bebê,— eu disse, soltando ele quando eu dei a May um sorriso fraco. —Eu nem coloquei um dedo nele, honestamente.

—Ela nem transformou seus testículos em nabos, como ela disse que ela faria.

— Brom ofereceu amavelmente. —Eu teria gostado de ter visto isto.

Eu estreitei meus olhos nele. Ele sorriu de volta.



—Nabos?— May perguntou, olhando de mim para Savian quando ele desdobrou ele mesmo do carro, apertando seus lados.

—Foi só um pouco de diversão. — eu disse, pondo meu braço ao redor Savian.

—Não era, velho amigo?

Ele choramingou e apertou seu lado.

—Meu fígado! Não machuque meu fígado novamente!

—Você conhece Savian, também?— May perguntou.

—Uwe! Meu pescoço!

—Também? Você... uh... o conhece?— Eu rebati, liberando o aperto que eu tinha em seu pescoço.

—May e eu somos velhos amigos. Ela nunca tentou me machucar. — ele disse, atirando mim um olhar agressivo quando ele se afastou de mim e foi para ela.

—Oh. Uh... — eu tossi e tentei pensar sobre uma desculpa para pegar o homem só por alguns minutos.

—Não é uma coincidência. Nós conhecemos um ao outro desde... oh, desde sempre.

—Eu nunca a vi na frente de em minha vida. — Savian disse a May. —Não deixe-me só com ela. Ela é maligna. Eu acho que ela estava experimentando o beliscão de pescoço Vulcan em mim.

—Hmm. — May disse. —Por que todos nós não entramos na casa?

Eu me arrastei atrás deles quando eles entraram na casa, pensando furiosamente.

—Então o que você está fazendo aqui?— May perguntou a Savian quando eu fechei a porta atrás de mim.

—Savian! — Eu disse, interrompendo o homem quando ele estava para responder. Eu sorri brilhantemente e tomei seu braço, arrastando ele em direção ao quarto sobre o qual eu sabia ser um pequeno estudo, novo. —Nós temos tanto para conversar! Por que nós não entramos aqui e temos uma pequena confortável conversa, apenas nós dois, tudo bonito e privado.

—Ajuda! Ela vai golpear meus testículos!— Savian gritou.

—Você pode apostar que eu vou, se você continuar se lamentando. — eu disse pelos dentes friccionados quando ele lutava.

—Pare de lutar e você não será machucado.

—Famosas últimas palavras!— Ele disse, tentando soltar meus dedos de seu braço. —Maldição, senhora, você tem um aperto como o de um...

—Dragão?— May perguntou.

—Sim, como um... — Ele parou de lutar e deu a mim um olhar longo, avaliando-me um pouco. —Eh. Ela não parece com um dragão.

—Isto é porque eu não sou um. — eu disse, abrindo a porta. —Agora vamos ter uma pequena conversa sobre negócios.

—Que negócios? Você contratou Savian para fazer algo? — May perguntou, de pé na entrada.

—Não Sullivan, Gareth. — Brom opinou do corredor, descarregando os livros que ele comprou da livraria onde nós passamos a última hora. —Ele está tentando nos salvar de alguns dragões ruins.

—Vá e brinque com suas múmias!— Eu ordenei, apontando em direção à parte de trás da casa.



—Você disse que eu não podia!

—Não faça como eu disse, faça o que eu digo!

Ele rolou seus olhos e murmurou algo sobre as pessoas não fazerem qualquer sentido, mas ele propriamente trotou em direção às profundidades do porão.

—Talvez nós iria todos melhores termos um pouco conversa. — May disse, dando a mim um longo olhar quando ela entrou no quarto.

—Eu gostaria de ouvir sobre os dragões ruins.

—Quem é ruim? — Gabriel perguntou, entrando em seguida. —Savian! O que traz você para nosso humilde domicílio?

Eu suspirei e me afundei em uma cadeira de couro pesado.

—Bem, eu tentei.

—Sim, você fez. Apesar de suas melhores tentativas em mutilação, meu fígado viverá outro dia. — Savian disse, gemendo lamentosamente quando ele se acomodava sobre um sofá de couro longo, baixo.

Gabriel olhou para May.

—O que está errado com ele?

—Evidentemente Ysolde estava tentando tornar seus testículos em verrugas.

—Sobrancelhas para verrugas, testículos para nabos. — eu corriji cansadamente. Eu ergui uma mão lânguida em direção a Savian.

—Vá em frente. Diga a eles. Arruíne o que permanece de minha vida.

Ele me ignorou, falando com Gabriel.

—Eu fui enviado para salvar uma donzela e seu pequeno pacote juvenil das garras de uma quadrilha de dragões assassinos. Ninguém disse a mim que a donzela teria a força de um dragão, e um interesse antinatural em minhas bolas.

—Eu não tenho nenhum interesse em suas bolas. Eu nunca tive nenhum interesse em suas bolas, além de querer que ela vão para longe, de preferência com você preso a elas.

—Nossas garras? — May disse, parecendo estarecida.

—Não é como parece. — eu disse às pressas, antes dela e Gabriel serem insultados.

—Quem contratou você? — May perguntou a Savian.

—O homem se chama Gareth Hunt.

Eu olhei para ele, e sua mão moveu protetoramente acima de sua braguilha.

—Por que seu marido sentiria que você precisa ser salva? — Gabriel perguntou com uma suave, completamente enganosa voz. O ar positivamente crepitou com raiva.

—Você vê o que você fez? Você está satisfeito agora? Todo mundo está louco comigo. — eu disse a Savian.

—Quando você sai por aí ameaçando golpear as bolas das pessoas, eu não as culpo!

—Ysolde? — Gabriel perguntou, claramente esperando um algum de tipo de explicação.

—Eu vou me lembrar de você. — eu disse a Savian antes de eu girar para Gabriel.



—Gareth me chamou alguns dias atrás, e me advertiu que eu estava em perigo se continuasse a ficar com vocês. Eu disse a ele que vocês não foram nada além de generosos e atentos em seus cuidados comigo enquanto eu estava adormecida, e até trouxeram Brom para mim, mas ele... bem, Gareth é um homem de idéia fixa. Uma vez que ele consegue uma idéia, ele agarra com a tenacidade de um terrier com tétano. Eu asseguro a você que eu não tenho absolutamente nenhuma reclamação sobre sua hospitalidade, e eu não pretendo me retirar às escondidas. É isso que eu estava fazendo quando May nos achou. Eu estava tentando me livrar deste homem aborrecedor.

—Eu sou maliciosamente charmoso, e não aborrecedor! — Savian protestou.

May e Gabriel trocaram um olhar carregado.

—Bem, você é o homem mais encantador que eu já encontrei. Agora por favor considere-se desempregado. Você pode ficar com o que meu marido pagou a você, ele merece perder o dinheiro por fazer algo como isto contra meus desejos.

—Desde que você não tem o que fazer. — Gabriel disse para ele, abrindo a porta e gesticulando. —Talvez eu poderia falar com você sobre fazer um pequeno trabalho para nós. Ysolde acredita em que ela viu Baltic na cidade, e eu gostaria que você o achasse.

—Eu não vou conseguir minha cabeça batida em novamente, não é? — Savian perguntou, grunhindo quando ele rolou fora do sofá e ficou em pé. Ele me deu um olhar quando ele e Gabriel seguiram para fora do quarto. —Ou meu fígado rompido?

A porta fechou silenciosamente atrás dele.

Eu olhei para May.

—Você acha que ele pode achar Baltic?

—Ele trabalha como um caçador de ladrões para o L 'au-dela. — ela respondeu com uma pequena torção em seus lábios. —Foi assim como eu o encontrei. Mas às vezes ele faz trabalhos autônomos, e ele é um perseguidor muito bom. Se alguém pode achar Baltic, só pode ser Savian. Você vai estar pronta para ir uma hora?

Eu movimente a cabeça.

—Bom. Todos nós iremos junto. Pode ser interessante, eh?

Ela me deixou com um sorriso que me fez pensar o que ela sabia.

—Oh. — eu disse três horas mais tarde quando o carro virou a curva última e passou sem tocar o salgueiro e as árvores de lima que formaram um metade círculo na frente de uma casa magnífica. —Oh, meu... É... —As palavras simplesmente falharam-me.

—Eu sei. — May disse, suspirando quando ela olhou a fachada de tijolos vermelhos da mansão estilo Tudor. —Eu tentaria pegar isto de Kostya, mas eu suponho que se alguém tem o direito disto, você tem.

—É perfeito. — eu disse, meu rosto apertado contra a janela quando eu tentei olhar para tudo. A casa estava em cima de colina suave, um exemplo típico da arquitetura Tudor, com uma torre central quadrada que levantava-se com graça majestosa sobre o resto da casa, janelas gradeadas, aduelas de pedra, e parapeitos que pareciam se espalhar para o céu. "Apenas. "

—Perfeito. — May terminou a oração, movimentando sua cabeça. —As mesmas palavras eu disse quando eu vi a primeira vez. Mas Ysolde, tem mais. Existe um labirinto. E jardins.



—Jardins? — Eu estiquei meu pescoço para olhar Gabriel, que estava sentando no lado oposto de May. —Onde?

—Ali. Você pode só ver um pouco de cor.

—Ooh... — eu dei um suspiro inebriante.

—Sullivan gosta de plantas. — Brom disse a May com um tolerante olhar para mim.

—Ela nasceu um dragão de prata. Todos dragões de prata gostam plantas. — Gabriel disse, abrindo a porta quando o carro parou. Ele deu sua mão primeiro a May, então para mim. Eu saí e meu coração de repente se iluminou.

—Eu sinto como se devesse estar cantando. — eu disse, girando devagar em um círculo para assistir o adorável gramado aveludado que se estendia eternamente ante nós.

—Eu sei como você sente. Eu me sinto do mesmo jeito. — May disse.

Um labirinto de teixos estava à direita, lançando sombras friamente intrigantes em seu caminho. À esquerda da casa havia um jardim formal, e eu dei três passos em direção a ele antes de eu lembrar de que eu não estava aqui para ver isto.

—Desculpe. — eu disse, voltando para os outros.

May riu e disse:

—Não se preocupe. Nós entendemos.

Um segundo carro parou atrás do nosso, um elegante e antigo Rolls Royce, de onde desceram Aisling, Drake, e Jim, junto com dois guardas ruivos do Drake.

—Uau!— Aisling disse, debruçando-se para trás para olhar o topo da torre. — Isto é uma droga de uma casa! Não admira-me que você gosta tanto, May. É absolutamente magnífica! Isto é um labirinto? Jim! Não faça aquilo aí!

—Quando você precisa ir, você precisa ir. — o demônio reclamou, mas abaixou sua perna e se afastou de um pequeno arbusto central, dizendo enquanto ia. —Não deixe Ysolde se transformar em um dragão e virar psicopata, ou explodir a casa, ou seja o que for que ela vai fazer, até que eu volte.

—Você vai explodir esta casa?— Brom perguntou, olhando em volta com curiosidade, e nada mais. —Com o quê?

—Nada. Ignore Jim, ele está demente. Sua mãe não vai explodir qualquer coisa, menos ainda a casa. — Aisling disse quando ela recomeçou a subir os degraus dianteiros baixos. As portas duplas abriram e Kostya e Cyrene saíram, muito o senhor e senhora da mansão.

Eu quis empurrar ambos na lagoa tanto que eu vi uma sugestão quando nós paramos na frente da casa.

—Você fez isto, entendo. — Kostya disse um pouco azedume, seu olhar chamejando entre Drake, que eu soube aquela manhã eu era seu irmão,e eu.

—Nós podemos entrar? — Gabriel perguntou, tomando mão e May e levando-a até as escadas.

Eu enviei um último olhar triste em direção ao jardim de flor, meu coração chorando no pensamento dele nas mãos de Cyrene.

— Quer alguém que o compreende, alguém que vai amá-lo e alimentá-lo. — eu murmurei quando eu lentamente subi os cinco degraus para a porta.

—Você está bem, Sullivan?— Brom perguntou, esperando por mim no nível superior. —Você parece um tanto quanto engraçada.



Eu sorri e dei seu um apertar de ombro quando nós entramos na porta.

—Eu realmente gosto desse lu...

O mundo ficou preto no segundo em que meu pé cruzou a soleira. Eu ouvi vozes exclamando, e alguém chamando meu nome, mas parecia vir de uma longa distância. Eu me afastei do negrume e recuei para os raios de sol.

Outra visão, eu pensei para mim mesmo quando eu fui para o jardim sem conscientemente tomar a decisão de fazer isso. Eu espero que este aqui não dure muito tempo. Eu gostaria de ver o jardim real antes de nós ter que partirmos.

Quando eu cheguei a área onde o jardim estava, eu percebi que algo estava diferente dessa vez.

Primeiro, as flores e arbustos pareceram vislumbrar fora de foco, e nada desse tipo aconteceu nas visões anteriores ou sonhos. Segundo, duas pessoas estavam no centro de um emaranhado de vegetação. Quando eu passei por uma árvore de salgueiro jovem, eu vi por um momento uma terceira pessoa de pé a minha esquerda, uma sombra escura imóvel contra uma árvore. Um jardineiro ou trabalhador de algum tipo, eu pensei, e ignorei ele quando me virei para o par.

Era eu... ou bastante, parecia comigo, e eu percebi com um choque que era eu nas visões, a pessoa cujas experiências eu senti e vivi. Ela estava sorrindo para um homem que estava atrás de mim, mas eu podia dizer pelo amor que brilhava em seus olhos que era Baltic.

Eu movi para o outro lado do salgueiro, querendo ouvir o que eles diziam, mas não desejando perturbar a visão.

—Isto é muito... — Baltic disse, franzindo o cenho para mim, Ysolde. Ela o cutucou no braço, e sua carranca derreteu em um sorriso. —Você não deixará nenhum quarto para a casa. Não teremos nada além de jardim.

Eu olhei atrás de mim. A casa estava lá, mas por causa das flores e arbustos do jardim, parecia aparecer e enfraquecer dentro e fora de visão.

Eu estava vendo uma memória da terra como era antes da casa e jardins terem sido construídos.

—E aqui, Madonna lírios e rosa, ali contra a parede narcisos e violetas abaixo pela lagoa. Naquele lado, nós teremos camas de lavanda, manjerona e rosas, grandes camas longas de rosas de todo matiz. E nós teremos um pomar, Baltic, com árvores de maçã, peras, ameixas, e cerejas, e nos dias do verão longo, nos sentaremos abaixo de um e eu amarei você até que você adormeça em meus braços. Nós teremos muito prazer aqui. Pelo menos...

Uma sombra caiu seu rosto. Ela olhou ao longe por alguns segundos.

—Chérie, não faça isto para você mesmo.

—Eu não posso evitar. E se foi verdade, Baltic? E se eu era a companheira dele?

—Constantine queria você como todos os machos querem. — Baltic disse, tomando seus em seus braços. —Mas você não foi feita para ser sua companheira.

—Como você sabe?— Ela parecia incomodada, e eu entendi a preocupação e culpabilidade que ela sentia ao causar dor em outro.



—Eu só sei. Se você fosse morrer, eu pararia de viver. Isso diz a mim que você é minha companheira verdadeira e não outra.

—Mas você não sabe.

—Eu sei. — ele disse, pegando minhas mãos e beijando meus dedos.

Ela hesitou, e Baltic sorriu e escovou uma mecha de cabelo fora de seu rosto antes de puxar meu eu do passado em direção ao lugar onde a casa agora permanecia.

—Suficiente destes pensamentos escuros. Eu tenho algo para dar a você. Eu projetei a casa. Se você aprovar, será feito por Michaelmas.

—Eu iniciarei os jardins imediatamente. — ela respondeu, sorrindo para ele novamente. Minha garganta doeu com a alegria e o amor que brilhou em seus olhos. —E lá eu garantirei minha fidelidade à você, cercada pelo doce cheiro das flores.

Ele rosnou algo em sua orelha que eu não pude ouvir, e ela correu à frente dele, rindo, seu longo cabelo que tremulando no vento quando ele a perseguiu fora de minha visão.

Agarrei-me à árvore por um momento, meus dedos apertando dolorosamente na casca, possuída por uma tristeza tão grande que parecia coar-se fora da terra.

Um barulho me fez olhar para cima, e eu notei a terceira figura quando ele se afastou da árvore contra que ele tinha se debruçado. Ele soltou caiu de repente sobre seus joelhos, sua cabeça curvada, seus ombros agitando-se como se ele cedesse a angústia mais devastadora, o pesar que atormentou seu corpo tão profundamente, que as ondas de sofrimento emanavam dele, sufocando-me com seu desespero e desesperança. Negligentemente eu avancei, indo confortá-lo pelo laço de ser um vivo para outro, mesmo sabendo que esta figura de sombra estava além de meu alcance.

O pedregulho fez um barulho debaixo de meu pé e a figura olhou para cima, ficando desajeitadamente em pé. Ele saiu das sombras das árvores e minha respiração ficou presa em minha garganta, meu coração batendo tão ruidosamente que eu pensei que sairia de meu tórax.

—Ysolde? — Sua voz era rota e crua, como se ele tragasse ácido. Ele olhou fixamente para mim em totalmente, absoluta descrença.

—Você é... Baltic?— Eu perguntei.

Minha voz pareceu trazê-lo de seu estupor. Ele tomou um passo em direção a mim, tropeçando, sua cabeça agitando, o tempo todo seus olhos estavam me procurando, procurando meu rosto, tentando dizer se eu era real ou não.

—Isto não pode ser.

—Eu vi você no parque. Você é Baltic, não é?

—Você... vive?

—Sim. — eu disse, o frio subiu por meus braços. Ele parecia em nada com o homem nas visões, exceto seus olhos. Aqueles eram o mesmo ônix, reluzindo como luz solar em uma lagoa quieta. —Meu nome é Tully agora.

Ele parou alguns pés de mim, chegando timidamente, como se ele quisesse me tocar, mas tinha medo de fazer isso.

—Ysolde?

A voz da mulher chamou meu nome. Baltic congelou, então se virou.

—Parece que é May. — eu disse, franzindo a testa quando eu olhei para a casa.

—Eu pergunto-me como ela chegou aqui?

—Companheiro de prata!— Baltic falou, correndo algumas jardas longe de mim como se ele buscasse algo.



May emergiu por detrás a árvore, sorrindo quando ela me viu.

—Você está aí. Nós olhamos para você lá de cima. Nós pensamos que algo poderia ter acontecido para, agathos daimon! É Baltic.

—Sim, ele está compartilhando a visão comigo. — eu disse. —Como é que você está vendo isto, também?

—Corra! — May disse, agarrando meu braço e me puxando atrás dela.

—Você não entende. Eu preciso conversar com ele.

—Não aqui no mundo de sombras. — ela gritou, seu aperto como aço em meu pulso.

—Ysolde! — Baltic rugiu, era cheio com fúria não parecia com nada que eu já ouviria.

—Este caminho! — May me empurrou brutalmente quando eu tentei parar, puxando-me tão forte que eu bati no lado do carro, vendo estrelas por alguns segundos.

—Whoa! — Brom disse, apressando acima de mim, a preocupação escrita por toda parte em seu rosto. —Você acabou de aparecer, como, diretamente do ar! Sullivan?

—Eu estou bem. Só um pouco tonta.

—Baltic está aqui. — May ofegou, lançando se em Gabriel. —No mundo das sombra. Ele quase a pegou. Nós apenas escapamos.

—Então ele será... — quando Gabriel falou, o ar se juntou e torceu sobre si mesmo, estirando para formar a figura de um homem que saltou adiante de um nada, bem próximo a nós.

—Não machuque ele! — Eu chorei quando Gabriel e Kostya ambos saltaram em Baltic. —Deixe-me conversar com ele...

—Segure ele! — Drake ordenou, vindo em torno do outro lado do carro.

—Oh, homem, eu não posso acreditar em que eu quase perdi isto. — Jim disse, descendo as escadas com Aisling vindo atrás dele. —Eu perei um guarda para prendê-lo ele. — ela falou quando ela começou a esboçar uma forma no ar.

—Não!— Eu gritei, pegando sua mão para pará-la. —Por que vocês estão fazendo isto? Pare, todos vocês! Isso tem que parar!

Baltic gritou um juramento em um idioma eslavo, escapando de Kostya e Gabriel. Por um momento, pelo tempo que levou para passar de um segundo até outro, seu olhe encontrou o meu. Raiva, esperança e dor, apareceram, mas antes de eu poder piscar, ele se foi.

—Vaca santa. — Brom disse, seus olhos enormes quando ele acenou suas mãos em torno do lugar onde Baltic estava. —Eu preciso aprender como fazer isto!

—Ele se foi. — eu disse, inexplicavelmente sentindo como se uma parte de mim acabasse de morrer.

—Ele voltou para o além. — Kostya rosnou quando ele enxugou o sangue de seu nariz. —Ele não é nada mais que um covarde. Ele escapou desse jeito antes porque ele sabe que só May pode segui-lo.

—Aargh! — Eu gritei, de repente cheia com a mesma fúria que eu sabia que devia ter possuído Baltic. Eu agarrei Kostya pela camisa e o empurrei para trás, batendo ele contra o carro.

—Sullivan? — Brom perguntou, seu tom de voz impressionado.



—Por que você fez isto? — Eu gritei para Kostya, agarrando seu cabelo e batendo sua cabeça no carro. —Você era seu amigo! Ele confiou em você! E você o traiu da mesma maneira que todos os outros fizeram!

Um gato selvagem caiu sobre minhas costas, arranhando e puxando meu cabelo.

—Faça ela parar, faça ela parar! — Brom gritou, dançando ao redor nós quando cimos no chão, Kostya, Cyrene e eu.

Levou um momento para eles nos separarem, já que Cyrene se recusava a me soltar, até May puxar suas mão do meu cabelo, quando eles fizeram, a sensação estranha de raiva passou, deixando-me agitada e arquejando com os efeitos posteriores.

Aisling me deu um tecido para enxugar o sangue dos arranhões que Cyrene fez em meu rosto.

Brom se debruçou sobre mim, precisando de um conforto sem palavras. Eu o abracei, descansando minha bochecha no topo de sua cabeça, lutando contra os soluços que ameaçavam me agitar.

—Bem, nós quisemos algum tipo de prova de que ela era Ysolde. — Aisling disse enquanto Cyrene arrulhava Kostya quando ele suavemente tocou a própria cabeça.

—Eu acho que você poderia dizer que foi muito definitivo, né?



Capítulo Nove

—Eu tenho que chamar você de Bouchier agora?— Brom perguntou quando eu guardei o diário em que ele anotava suas experiências científicas na mochila dele.

—Não, claro que não. — Eu levantei, querendo abraçá-lo novamente, mas eu já tinha feito isso, e ele tinha colocado um aviso de "um abraço por despedida" em mim 20 minutos mais cedo. —Mas esse é seu nome agora, certo? Aquele sujeito que era seu marido antes de você casar com Gareth?

Eu suspirei. Não existia qualquer modo de negar o que a vida insistiu me bater na cabeça com isso.

—Sim, eu acho que ele era.

Brom se inclinou, de olho em May e Gabriel que mantinham uma conversa com Maata e Tipene.

—Então por que todo mundo está tentando o machucar?

—É uma história complicada. — eu sussurrei de volta. —Mas eu vou fazer meu melhor para parar eles, assim nós poderemos conversar com Baltic.

—Ele é meu padrasto agora?

—Eu . . . nós conversaremos sobre isso mais tarde.

—O que Gareth vai dizer quando ele descobrir que seu primeiro marido ainda está vivo?

Eu suspirei novamente.

—Nós conversaremos sobre isso mais tarde, também. — Eu olhei para Maata e Tipene que vinham para nós.

—Eu não estou realmente feliz sobre isso.

—Nós não deixaremos nada acontecer com ele. — Maata disse, dando a Brom um soco no braço. Ele sorriu e a esmurrou de volta. Ela fingiu vacilar, o que fez sorrir mais.

—Nós acabamos de nos reunir. Eu não gosto de ser separado novamente.

—É só uma precaução, e não será por mais de um dia ou dois. Aisling e Drake tomarão conta de Brom. — Gabriel disse em uma voz calmante que não fez nada além de fazer meus nervos chiarem mais.

—Drake toma sua segurança muito seriamente agora que suas crianças nasceram, e eu não seria honesto se eu não admitisse que seu filho estará mais seguro com eles do que ele estaria aqui devido ao ataque de Baltic.

Eu esperei até Brom e o dois guarda-costas de prata irem, acenando com um alegre sorriso em meu rosto, mas no segundo em que o carro foi embora, eu olhei para Gabriel.

—Por que você persiste na convicção de que Baltic vai atacar sua casa?

Ele tomou meu braço e me escoltou de volta para dentro, tendo certeza de que o elaborado sistema de segurança que monitorava as portas estava ligado.

—Ele fez isto antes. Ele explodiu nossa casa anterior, e destruiu a maior parte da porta de entrada da casa de Drake. Você estava lá aquele dia, foi assim que sua cabeça foi ferida.

Eu toquei uma pequena cicatriz em meu cabelo. Eu perguntei-me como eu consegui isto.



—Agora que ele sabe que você está viva, ele porá dois e dois juntos e chegará a conclusão de que nós a protegemos, e ele fará tudo em seu poder para roubar você de nós.

—Mas isto é apenas o ponto. — eu disse cansadamente, esfregando a cabeça que latejava em minhas têmporas.

—Não há necessidade de ele me roubar, como você diz. Eu quero falar com ele. Não, eu preciso conversar com ele para por em ordem e clarear todas as coisas que eu não entendo.

—Eu não penso que isso seria terrivelmente esperto agora mesmo. — May suavemente disse. —Baltic é... eu odeio o uso da palavra 'louco, ' mas ele não está mentalmente equilibrado, Ysolde. Você não lembra das coisas que ele fez para os dragões de prata, para seu próprio clã, mas Gabriel estava lá dois meses atrás quando eles descobriram os cadáveres que Baltic deixou quando ele cortou um rastro de mortal destruição através da população dos dragões azuis.

—Nenhum ser humano sadio, dragão ou caso qualquer outra forma, poderia ter feito as coisas que foram feitas a eles. — Gabriel disse severamente.

Seu normalmente brilhante olhar estava escuro com a dor da lembrança.

Eu olhei para meus dedos, incapaz de justificar que eu estava destinada a um homem que era homicida.

—Você disse que ele parecia surpreso por ver você. — May disse. —Isso significa que ele não sabia que você estava viva, então provavelmente ele está frenético para achar você agora. E você pode suportar isso de nós que um emocionalmente chateado Baltic não é um companheiro agradável.

—Tudo que eu sei é que eu devo ter algum tempo para conversar com ele. Eu percebo que você quer capturá-lo assim ele pode enfrentar as cargas que estão agora em minha cabeça, mas não há algum lugar neutro onde nós podemos encontrá-lo e conversar com ele, descobrir se ele realmente está demente?

Eles ficaram calados por um minuto então Gabriel finalmente disse:

— Eu apresentarei aquela sugestão para a Weyr.

O que ele não disse era que seria inútil.

Eu movimente a cabeça, ainda esfregando minhas têmporas.

—Você está cansada. — Gabriel disse. —Você devia descansar agora. Você pode ter uma noite transtornada se Baltic escolher atacar hoje à noite.

—Você gostaria que eu enviasse um pouco do jantar para você? — May perguntou.

—Realmente, eu estou morta de fome. Eu adoraria alguma comida.

—Você sobe e entra em cama, e eu mandarei Renata levar algo para você.

Uma hora mais tarde eu estava cheia de galinha com gengibre, ervilhas frescas, e uma intenção que eu rezei para Gabriel e May nunca descobrirem. Vestida de calça jeans e uma camisa de moletom, eu atirei minha bolsa em minhas costas, apertei um botão vermelho que piscava lentamente em um minúsculo pequeno painel fixado no canto do peitoril, e cautelosamente abri a janela, me preparando para a sirene.

O silêncio me saudou. Eu suspirei em alívio de que o interruptor desativou o alarme da janela, e olhei para fora. Eu estava no terceiro andar, sem canos convenientes, sacada, hera presa ao edifício, ou escada casualmente inclinada contra o lado da casa. Literalmente não existia nenhum modo de sair além de saltar para o chão.



—Falando sobre o salto de fé. — eu murmurei quando eu sentei no peitoril e balancei ambas as pernas acima da extremidade. —Eu só espero pelo céu que isso funcione ou eu sou imortal, porque se eu não for, eu estou indo de uma forma muito ruim.

Eu respirei fundo, fechei meus olhos, e estendi minhas mãos quando eu sussurrei uma prece leve, um feitiço usado temporariamente para proteger os magos de dano. Um brilho suave dourado ondulou em cima meu corpo, deslizando rapidamente na superfície, deixando-me sentindo um familiar formigamento que disse a mim que eu estava cercada pelo poder arcano.

—Que interdição, Dr. Kostich. — eu disse um pouco presunçosa, e saltei do peitoril.

—Ow.— Eu cuspi um pedaço de gramado, sujeira seca e um besouro muito surpreendido. —Ow. Deus querido em céu, Ow.

O feitiço leve não funcionou. Isso ficou aparente para mim mais ou menos metade de um segundo depois que eu deixei o peitoril, e logo antes que eu batesse no chão do jardim minúsculo.

Eu toquei em meu nariz, perguntando-me se eu o quebrei.

—Ow.— Balançou para trás e para frente muito bem, então eu conclui que não estava quebrado, como parecia. Eu me sentei, cuidadosamente movendo meus braços e pernas. Tudo em mim doía, mas não parecia ser mais que um machucado. Ou o feitiço deu certo afinal de contas, ou eu era imortal.

—Eu desejo... ow... saber o que eu sou. — eu murmurei para mim mesma quando eu consegui dolorosamente levantar e mancar em torno do lado da casa. Quando eu andei alguns passos, eu já estava me sentindo melhor.

—Agora achar Savian. — eu disse quando eu olhei de cima abaixo a rua. Existia pouco tráfico neste momento da noite, só alguns carros passando. Quando eu comecei a ir em direção a um cruzamento movimentado onde eu esperava achar um táxi parado, um carro que passou de repente deu uma freada com um grito de pneus no pavimento molhado, muito doloroso para as orelhas.

Para meu assombro, o carro voltou, e uma porta do banco traseiro foi aberta.

—Entre!— O homem que surgiu disse.

Eu olhei fixamente para ele com assombro.

—Como fez você.

—Entre!— Baltic não me esperou concordar. Ele simplesmente me levantou e me lançou no carro, dando um grunhido para o motorista. Antes de eu poder pisar no chão do carro, eu fui lançada para trás quando o carro disparou como um foguete.

—Eh! — Eu lutei para me sentar na vertical, permitindo o homem próximo a mim me puxar para cima sobre a cadeira.

—Isso foi totalmente desnecessário! Eu não sou um saco de batatas que você pode jogar por aí!

—Sob nenhuma circunstância eu considero você como um saco de batatas.

—Bom.— Eu dei a ele o pior olhar que eu tinha. —Se você pretender explodir a casa do Gabriel, você pode pensar novamente!

Para minha surpresa, um pequeno sorriso chamejou acima de seu lábios.

—Eu vejo que os séculos não diminuíram seu desejo para dizer a mim o que fazer, companheira.



—Eu não sou sua companheira. — eu disse afetadamente, desembaraçando a camisa de moletom que tinha sido enrolada ao redor de meu torso quando ele me lançou no carro. —Eu posso ter sido no passado, mas agora meu nome é Tully, e eu apreciaria se você me chamasse assim.

—Seu nome é Ysolde de Bouchier, e você é minha companheira. Por que você buscou refúgio com os dragões de prata.

Eu olhei para o motorista.

Baltic seguido o caminho de meu olhar, e disse algo em um idioma que eu não entendi.

—Eu sinto muito. Eu não falo russo.

—Isso era Zilant, não russo. — ele disse.

—Bem, eu não falo isto, também.

—Sim, você faz.

—Não, eu não faço.

—Você faz. Eu ensinei isto para você eu mesmo.

—Eu terei muito prazer em discutir com você sobre isso a noite toda, mas honestamente, existem aproximadamente mil perguntas eu tenho para você, e nós não vamos chegar a algum lugar se nós gastarmos todo nosso tempo discutindo se eu sei ou não um idioma.

—Eu tenho uma solução para isso, não discuta comigo.

—Você continua o mandão que você costumava ser, você sabe disso?— Eu disse a ele, cutucando ele no tórax.

Ele agarrou ambos meus braços e me puxou acima de até que seu nariz estava a uma fração de uma polegada do meu.

—E você continua argumentativa e desrespeitosa como você costumava ser.

Nós olhamos fixamente um para o outro por um minuto. Ele estreitou seus olhos. Ele cheirou o ar.

—Por que você não cheira como deveria?

Eu me liberei de seu aperto, endireitando minha camisa de moletom uma segunda vez.

—Bem, eu lamento ofender você, mas você não pode culpar ninguém além de você mesmo por isso, Sr. Desaparece no Além. Em vez de ir tomar banho, eu optei ir achar Savian a fim de o forçar a achar você assim eu podia conversar com você, o que, eu gostaria de assinalar, eu não teria tido que fazer se você não desaparecesse como você fez.

—Você poderia pensar que é uma tarde de diversão enfrentar três wyverns dispostos a sua destruição, mas eu tenho outras maneiras que eu prefiro gastar meu tempo. — ele secamente disse.

Eu sorri para mim mesma. Eu me lembrava do Baltic de meus sonhos tendo senso de humor.

—Tudo bem, eu concederei a você o direito de fazer uma fuga oportuna, eles iam injustamente pular em cima de você. Mas isso não dá a você o direito de fazer comentários pessoais insultantes dizendo a mim que eu fedo.

—Eu não fiz, pelo amor dos santos, companheira! Eu não disse que você fede!

—Você fez,! Você disse...

—Eu disse que você não cheira como você deveria.— Ele levantou uma mão quando eu estava para protestar. —Você não cheira como um dragão.



—Oh. Bem. Isto é provavelmente porque eu não sou, ei!

Baltic se debruçou sobre mim, enterrando seu rosto na curva do meu pescoço.

—Você cheira... humano.

—Eu sou humana. — eu disse, meu corpo de repente veio a vida de um modo que quase destituiu o fôlego de mim. Era como se seu toque me eletrificasse, enviando pequenos raios de prazer sobre minha pele. Seu cabelo escovou minha bochecha, e tudo que eu pude fazer foi me impedir de agarrar sua cabeça e o beijar até que ele estivesse inconsciente.

—Você não é. Você é um dragão.

—Não, eu sou humana. Meu nome é Tully, e eu sou humana agora. Eu apenas acabei de decidir aceitar o fato de que no passado eu era um dragão chamado Ysolde, mas agora eu sou humana, e você está me lambendo?

Eu não podia agüentar mais. O sentir dele contra mim, o odor dele, algo quase indefinível, como cheiro de céu lavado pela chuva, empurrou-me perto da extremidade de meu controle. Quando sua língua lambeu um caminho inflamado junto a minha clavícula, eu sabia que tinha que pará-lo. Eu o levantei longe de mim com toda minha força.

Ele lambeu seu lábios, um olhar indescritível em seu rosto.

—Você tem o mesmo gosto. Como é que você cheira diferente mas tem o mesmo gosto?

—Como eu sei? — Eu disse, trêmula tentando recuperar meu juízo e me impedir de lançar sobre ele.

—Eu estou ainda tentando aceitar o fato de que você estava morto e agora você não está. Onde nós estamos indo, de qualquer maneira?

—Eu estou roubando você do wyvern prata. — ele disse com grande satisfação.

— Dificilmente pode parecer que você estar me roubando se eu vier com você por minha própria iniciativa, sem mencionar que eu escapei da casa para encontrá-lo.

—Eu não esperaria nada menos de minha companheira. — ele disse com aquela mesma satisfação.

Eu suspirei, provavelmente a décima quinta vez nesse dia.

—Eu pareço estar suspirando muito ultimamente. — eu comentei.

—Isto é porque você estava ansiando por mim. Por que você não disse a mim que você estava viva?— Ele exigiu.

—Você sempre foi arrogante e egoísta?— Eu perguntei, então continuei depressa antes dele poder responder. —Não, não se incomode a me responder. As poucas visões eu tive responde essa pergunta. Eu direi a você o que eu sei, mas eu advirto a você que só vai levantar mais perguntas que respostas.

Levou o todo do passeio para uma casa grande uma hora fora de Londres para dizer a Baltic o que aconteceu desde que eu acordei na casa do Gabriel.

—Você sabia que eu estava vivo mas você não me buscou imediatamente?— Ele perguntou quando nós paramos do lado de fora de um portão, o motorista digitou um código de segurança.

—As pessoas mencionaram você, sim, mas a maior parte do tempo, eu achei que eu estava louca e deixei pra lá. — eu respondi, olhando o motorista a fim de memorizar o código, por via das dúvidas se precisasse fazer uma rápida fuga.

—Você não está louca.



—Não, eu admito isso, mas se você acordasse dificilmente lembrando qualquer coisa, e tendo o mais vívido sonho de sua vida sobre um homem mandão que ameaçou matar você, o que você iria pensar?

Eu girei para ele, uma punhalada de dor perfurou meu coração na dor visível em seus olhos.

—Oh, Baltic!— Sem pensar que eu tomei sua mão na minha, apertando contra minha bochecha. —Eu não estava evitando você. Eu verdadeiramente não acreditava que você era real até que eu vi você no parque, e então eu soube que eu tinha que achar você, conversar com você. Você tem que entender que tem sido muito difícil de aceitar que o que eu estava revivendo não era apenas imaginação, mas sombras do passado.

Seus dedos enrolaram ao redor dos meus, e ele se debruçou adiante para beijar meus dedos quando nós dirigimos por um caminho pavimentado para um grande pátio, de uma casa branca da era da regência, coberta com heras na frente.

—Quando eu vi você esta tarde, por um momento eu pensei que eu também, enlouqueci.

Eu sorri e esfreguei suas juntas contra minha bochecha.

—Eu não tinha nenhuma idéia de que você era real. Você estava assistindo o passado?

—Sim. Eu faço às vezes. Normalmente, é muito doloroso.

A angústia pareceu surgir dentro dele com a memória, e uma vez mais, eu fui impotente contra isto. Eu embrulhei meus braços ao redor dele, segurando ele contra a dor, querendo trazer só luz para sua escuridão.

—Me entristeceu, também, vendo eles, nós, tão felizes, sabendo como as coisas terminaram.

—Nada terminou. — ele disse, a boca movendo-se através minha têmpora com suaves beijinhos que quase me deixou chorando.. —Você está aqui agora. A vida começou novamente.

Eu virei meu rosto em seu pescoço, beijando seu ponto de pulsação, mas não disse nada.

O carro parou na frente da casa, e eu tomei um minuto para olhar ao redor antes de permitir a Baltic me escoltar para dentro. O lugar era agradável, embora um pouco vazia de qualquer coisa, mas tinha uma quadra de tênis e uma pequena uma piscina nos fundos. Baltic me guiou do lado de dentro, voltando um momento para falar com o motorista. Eu olhei, curiosa para ver se esta casa estaria satisfazendo minha alma como a outra. O corredor de entrada era feito em sombras de branco e nata de ovo, com azulejo branco no chão, uma escadaria de elegante em branco à direita, e um lustre de cristal magnífico. Era muito bonito... e completamente estéril de calor, alma ou coração.

—Venha. — Baltic disse segurando minha mão na dele, tendo terminado com o motorista. Eu notei que ele, também, ligou os alarmes de segurança antes de me escoltar para uma sala que dava para a entrada.

Eu ignorei sua mão, precisando de um pouco distância para manter meu juízo, sem mencionar a libido, sob controle.

—Então, isto é... ai!

Ele saltou em mim, realmente saltou em mim, derrubando-me sobre o sofá, sua boca quente em minha pele.



—Baltic!— Eu gritei, tentando o empurrar fora de mim.

—Nós agora acasalaremos. — ele anunciou, como se fosse o fim da história.

—Com o inferno nós iremos!

Ele me beijou então, beijou-me com suficiente fogo para que meus pés estivessem queimando quando ele terminou.

—Whoa. — eu disse, reunindo meu juízo o suficiente para o empurrar de volta.

—Eu não posso fazer isto. Você tem que me dar algum tempo. Além disso, existe algo que eu não disse a você.

—Não existe nenhum tempo. — ele interrompeu, correndo suas mãos embaixo de minha camisa de moletom. —Eu devo reivindicar você como minha companheira agora, antes de outro poder fazer isso.

—Agora espere um minuto!— Eu segurei seus pulsos e suas mãos pararam de se mover adiante. —Eu concordo que nós temos muito para conversar, e eu tenho vergonha de dizer que eu apreciei aquele beijo mais que eu deveria.

—Não existe nenhuma vergonha no que nós fazemos. — ele interrompeu novamente. —Nós estamos acasalados.

—Nós não estamos acasalados. Nós podemos ter estado acasalados no passado, mas isso foi antes de você morrer. Eu não sei com certeza o que aconteceu comigo, mas...

—Você morreu, também.

Eu parei e olhei fixamente para ele.

—Você sabia disso?

—Você morreu antes de mim.— A dor encheu seus olhos e ele fechou eles por um momento, seu rosto torcido com agonia lembrada. Sem pensar, eu me aproximei, pondo minha mão em seu tórax. —Eu estava no túnel em baixo de Dauva. Kostya virou um traidor e estava tentando me matar. Eu estava quase para estripar ele quando meu coração parou, e eu soube que você tinha sido morta, soube que o bastardo do Constantine finalmente cumpriu sua ameaça e destruiu você em lugar de deixar-me ter você.

—Constantine me matou?— Eu perguntei, arrepios ondulando em meus braços e pernas. —Mas... ele disse ele que me amava.

—Ele jurou que se ele não pudesse ter você, eu não a teria. E sem você, eu não teria nenhuma vida.— Seu olhos abriram-se e os meus se encheram de lágrimas pela profundidade da dor tão visível em seu rosto. Eu me apertei contra seu corpo, querendo confortá-lo, querendo aliviar a agonia que o tempo não diminuiu. —Meu coração morreu com você naquele momento, e eu soube que eu não sobreviveria. Então eu deixei Kostya me matar. Foi mais fácil do que sobreviver as poucas horas restantes que eu tinha.

—Eu sinto muito. — eu disse, retendo minhas lágrimas.

Sua boca roçou a minha em reconhecimento gentil do que eu ofereci.

—Não foi sua culpa. Sabemos agora que você só estava tentando parar a guerra. Mas você foi uma vez minha companheira, e você será novamente, agora, neste minuto. Eu devo reivindicar você, Ysolde. Nós devemos acasalar como companheiros dragões, para que todos saibam que você é realmente minha, mais uma vez.

Eu escapei de seus braços, meu estômago doente e frio.



—Se as coisas fossem diferentes, se minha vida não tivesse girado desse jeito, eu aceitaria sua oferta. Mas existe algo que você não sabe, e não vai gostar.

—O que?— Ele perguntou, segurando meus braços firmemente.

—Eu tenho um marido. Ele é um oráculo.

Raiva chamejou em seus olhos de ébano.

—Você tem um amante?

—Não, eu tenho um marido. Tenho. Eu não lembro de casar-me com ele, e no que diz respeito a esse assunto, não gosto particularmente dele. De fato, eu estou planejando me divorciar dele, porque ele é um bastardo. Mas eu devo ter achado algo bom nele em algum ponto, senão por que eu casaria com ele?

Um músculo em seu pescoço pulou.

—Você disse que sua memória foi destruída. Você é não culpada por tomar um marido.

—Eu estou contente que você acha, mas ele é meu marido, indiferentemente, e eu sinto muito, Baltic. Não pode ser muito de um casamento, mas eu seria menos de uma pessoa se eu fosse infiel. Eu não posso dormir com você até que eu esteja separada dele.

—Você é minha companheira. — ele obstinadamente repetiu.

—Sim, eu penso que eu sou, mas eu tenho alguns valores morais, e um deles é não cometer adultério.

O músculo pulou novamente.

—Isto não é um problema. Eu matarei este marido que ousou reivindicar o que é meu, e então você poderá se entregar para mim livremente.

Eu ri. Eu não pude me impedir. Ele estava tão sério e engraçado.

—Eu aprecio o fato de que você não tem nenhum escrúpulo em matar um homem inocente, mas isso seria até menos tolerável para mim do que ser infiel. Não. Você não matará meu marido.

—Pare de dizer essa palavra. — ele estalou, lançando-me a andar a largura do quarto.

—Eu sinto muito. Vou me esforçar para não conversar sobre ele.— Era um esforço, mas eu consegui não sorrir.

—Eu percebo que você sente algumas emoções mortais em direção a esta... pessoa... mas você é um dragão. Você é minha companheira. Você deve ser reivindicada. Seria perigoso para você permanecer como está.

—Perigoso.— eu disse, cética até os dedões do pé. Eu consegui impedir de me jogar sobre ele, sabendo que se eu fizesse, eu não poderia resistir uma segunda vez.

—Você uma companheira do wyvern. Se outros wyvern verem você e souberem o que você é, eles podem roubar você de mim. — ele disse, e eu percebi que ele estava mortalmente sério.

—Eu odeio te contrariar, mas a menos que haja algum clã que eu não sei conheça, eu vi todos os Wyverns. Eu os encontrei todos no sárkány. Ninguém olhou duas vezes para mim, pelo menos não do modo que você está implicando.

—Todavia, você podia ser reivindicada por outro.— Ele passou por mim, suas mãos atrás de suas costas. —Eu não posso tolerar isto. Uma vez, eu deixei você escapar de mim, eu aprendi daquele engano e não irei cometê-lo novamente.



Meu coração se aqueceu. Eu não podia impedir. Oh, ele estava sendo arrogante, agressivo e dominante, mas nada disso realmente importava, não quando eu podia ver a insegurança e medo que ele tentava tão duramente afastar de mim.

—Eu aprecio o fato de que você quer me proteger, mas não é necessário.

—Agora mesmo eles estão conspirando tomar você!— Ele obstinadamente disse.

—Quem? — Eu perguntei, confusa.

—Os wyverns solteiros, Bastian e Kostya. Eles viram você e eles querem você.

—Oh, pelo amor de tudo que é bom e glorioso! É lisonjeiro que você acha que todos os wyvern lá fora suspiram por mim, mas você está muito fora da escala, Baltic. Ninguém dá a mínima para mim, pelo menos não nesse sentido. Você realmente pegou o bolo, você sabe disso?

—Eu não tenho nenhum bolo! — Ele disse, deliberadamente mal interpretando.

Eu bati minha mão na mesa, frustrada, divertida, e de um modo selvagem excitada, tudo o ao mesmo tempo.

—Bem, isto é uma vergonha, porque eu podia certamente ir por um pedaço agora mesmo.

—Se você estiver com fome, eu alimentarei você. — ele disse um pouco irritado.

—Talvez mais tarde. — eu disse com um sorriso. Eu olhei o quarto, examinando os poucos objetos de arte dispersos ao redor. —Esta é casa uma muito bonita.

A sala de estar também era feita em branco e nata de ovo, com poltronas estofadas listradas em bege e branco, com cadeiras da Regência em ouro, e um soalho de carvalho.

—É abominável, mas tem uma visão excelente do arredor, então eu poderei ver atacantes antes deles poderem me atingir.

Eu parei na frente da lareira longa, inclinando minha cabeça quando eu o examinei. Ele parecia o mesmo de antes, e cabelo cor de chocolate amarrado em um rabo-de-cavalo pequeno, sua sobrancelha alta, seus olhos da mesma maneira penetrantes que eles tinham sido em meus sonhos. Eu senti um poder sobre ele que eu percebi com um choque, era seu fogo de dragão, cuidadosamente controlado, mas presente todavia.

—É assim que você pensa? Em termos das pessoas atacando você?

—Dragões, não pessoas.

—Bem, talvez se você não corresse por aí sacrificando outros dragões, você não teria que se proteger deles quando eles buscarem vingança.

Uma carranca fez suas sobrancelhas fecharem.

—Se você estiver se referindo às guerras.

—Na verdade, eu não estou.— eu disse, interrompendo despreocupadamente.

—Eu estou falando sobre os sessenta e oito dragões azuis que você matou uns meses atrás.

Ele não disse nada por um momento, puxando uma longa cortina de nata e ouro que ia do chão da janela ao teto antes de girar me considerar.

—O que você iria pensar se eu dissesse a você que eu não sou responsável por aquelas mortes?



—Eu diria que... — eu pensei por um momento, franzindo meu lábios. —Eu diria que todo mundo acredita em que você é.

Ele agitou sua cabeça.

—Não é isso que eu quero saber.

—É o que você perguntou. — eu assinalei.

—Mas não é o que eu quero saber, fato do qual você está bem ciente.— Para minha surpresa, ele sorriu. —Se você tivesse qualquer dúvida de que você é um dragão, Ysolde, o fato de que você evita responder uma pergunta direta deveria ser uma prova.

—Você devia fazer isto mais frequentemente.

—Assinale razões pela que você deveria reconhecer o fato de que você é um dragão?

—Não, sorrir.

Seu sorriso enfraqueceu.

—Eu não tive nenhuma razão para fazer isso.

—Talvez não, mas um senso de humor está no topo das características que eu acho sensual em um homem.

—Você já acha que eu sou sensual. — ele disse com facilidade arrogante, vindo em direção a mim com a mesma sensação de uma pantera deslizando caladamente no caminho de uma selva que eu lembrei da outra vida do Ysolde.

—No passado? Sem dúvida. Mas existem um lote inteiro de homens sensuais ao redor hoje.— Eu mantive minha voz leve, lutando para não deixá-lo ouvir o sorriso na mesma.

Ele parou, um momento de incerteza em seu rosto.

—Você acha este outro homem, este marido, sensual?

—Gareth? Senhor, não.— Eu fiz uma careta, pensando nisto.

—Então por que você acasalou com ele?

—Fisicamente, você quer dizer?

Ele movimentou a cabeça, olhando-me com a intensidade de uma pantera, também.

—Eu realmente não sei. Eu devo ter dormido com ele em algum momento. É isso que pessoas casadas fazem. Mas... — eu me sentei e tentei examinar a massa impenetrável que era minhas memórias. —Não. Não há nada lá. Eu posso ver seu rosto, e eu sei que ele é um bastardo, e eu não desejo mais estar casada com ele, mas além disto, é quase um nulo.

—Isto é um pequeno conforto. — Baltic disse com um toque irônico nos lábios.

—Que homem que você acha sensual, então? É Gabriel? Você acha ele excitante?

Eu não pude deixar de sorrir ao ver a expressão súbita de pura indignação que passou por seu rosto.

—Por que na Terra você pensaria isso?

—Você é companheira de um wyvern. — ele bufou. —Ele é um wyvern, e você estava ficando em sua casa. Ele tocou em você?

—Ainda que ele quisesse, e eu asseguro você, que ele me vê como nada mais além de uma dor na bunda, May o mataria. E bastante provavelmente eu, embora talvez ela me deixasse viver porque se ela me matasse, ela seria obrigada a cuidar de Brom.



—Quem é Brom?— Ele perguntou, sua carranca de volta. —Ele mais um homem que excita você?

—Eu acho que muitos homens são sensuais, mas isso não significa nada.— eu disse, tentando não rir novamente.

—Faz para mim.

—Pufft. Você já não viu uma mulher e pensou que ela era atraente?

—Não. — ele disse em seriedade completa.

Eu olhei estupidamente para ele, um pouco tímida.

—Oh, vamos, Baltic.

—Você duvida de minha palavra?— Ele disse, eriçando na implicação de que eu pensei que ele estava mentindo.

—Eu acho que você está tentando fazer-me sentir mal, sim.

Ele suspirou, um suspiro muito exagerado, levantando-me. Eu andei imediatamente para longe, sabendo que só estando perto dele eu me entregaria aos meus desejos carnis.

—Ysolde, você é minha companheira. Eu não desejo nenhuma outra mulher além de você. Eu não tentaria fazer você se sentir mal. Eu não mentiria para você, um fato que você deveria saber.

—Certo, eu me desculpe por duvidar de sua palavra. — eu disse humildemente, movendo-me para a janela. Embora meu corpo gritasse para estar próximo dele, minha mente sabia que era mais sábio pôr um pouco distância entre nós.

—Bom. Agora diga a mim onde este Brom está de forma que eu possa castrá-lo. Eu ri novamente, divertida pelo flash de ira em seus olhos.

—Você ri de mim, mulher?— Ele disse, caminhando em direção a mim.

Eu ri muito mais forte, segurando ele de volta com uma mão em seu tórax.

—Por favor não castre meu filho.

Ele piscou para mim.

—Seu filho?

—Sim. Brom é meu filho. Ele tem nove anos. Eu acho que você gostará dele. Ele é um pouco estranho, mas muito inteligente, e tem um alcance surpreendente de interesses, inclusive um amor de história. Eu estou certa que ele adoraria conversar com você sobre as coisas que você vivenciou.

Um músculo em seu pescoço pulou.

—Você teve meu filho com outro homem?

—Não, eu tive meu filho com outro homem.

Suas mãos apertaram em punhos, seu rosto uma nuvem verdadeira de tempestade de raiva.

—Por direito ele deveria ser meu! Você é minha companheira! Qualquer criança você levar deveria ser minha!

—Oh, cresça. — eu disse, cansada e de repente aborrecida.

Eu pensei que ele explodiria com isto.

—Eu tive Brom nove anos atrás. Nove anos atrás! Então você pode apenas lidar com isto, ou não, mas eu advirto a você, eu amo Brom com todo meu coração, e eu não tolerarei você o tratando como se existe algo inferior sobre ele.

—Você me ama com todo seu coração. — ele gritou.

—Você sempre grita? — Eu gritei de volta.

—Sim! — Ele rosnou.



—Bem! — Eu berrei.

Ele estava tão bravo que eu juro que suas sobrancelhas estavam eriçando, e antes de eu poder terminar minha oração, ele estava em mim novamente, seus braços tão duros quanto o chão de carvalho embaixo de nós, sua boca quente e exigente da mesma maneira excitante como tinha estado em meus sonhos. Sua língua estava em todos lugares, girando ao redor da minha língua, saboreando-me, disparando meu sangue com pequenos toques que pareciam gentil e exigente ao mesmo tempo.

Ele enchia meus sentidos, subjugando-me com o odor, sabor e a sensação dele apertado contra mim.

E então o fogo veio. Fogo real, o tipo que queima totalmente coisas. Um minuto eu estava o beijando, sentindo como se eu estivesse queimando, e no próximo eu realmente estava. Por um segundo eu me apavorei, certa de que eu iria ser horrivelmente queimada, mas da mesma maneira que eu estava para soltar-me do fogo de Baltic, uma coisa surpreendente aconteceu, algo dentro de mim trocou. Era como se o mundo inteiro estivesse ligeiramente fora de foco por um momento, então retornou a sua claridade normal.

O fogo que ameaçou chameuscar minha pele de repente dançava em mim, deixando-me com uma sensação de calor, mas nada mais. Bem, nada mais que fosse prejudicial a saúde, também ateou fogo na queimadura dentro de mim a novos níveis, até que eu meneei contra Baltic, fazendo uma sedutora pequena dança que eu nunca fiz antes. Ele gemeu em minha boca quando seus dedos cravaram em minhas costas, puxando-me mais apertado contra ele quando seu lábios, boca e fogo de dragão consumiram todo meu pensamento.

—Você me ama com todo seu coração. — ele rosnou, seu controle muito perto de estalar.

Quando eu disse a mim mesma que eu realmente precisava parar as coisas antes de irem muito longes, as palavras que ele tinha falado afundaram no meio da luxúria e do amor que se alastrou em meu cérebro, povoando em um aborrecimento íntegro.

—Sabe, eu realmente odeio pessoas dizendo a mim o que fazer. — eu respondi, mordendo o lábio inferior dele, e não suavemente. Eu não rompi a pele, porque eu não queria causar dor, mas era o tipo de alfinetada que faria ele entender. E ele entendeu.

—Você ousa me morder?— Ele recuou, o choque evidente em seu rosto quando ele tocou seu lábio inferior.

—Sim, sim eu mordi. — Com minhas mãos em meus quadris, eu dei um passo ameaçador para frente. —Eu não gosto que me digam o que fazer! Então você pode só parar este Sr. Muito Exigente e me beijar corretamente, ou não me beijar!

—Agora você está dizendo a mim o que fazer!— Ele atacou, avançando até que seu tórax esfregou contra o meu. —Eu não gosto disto, também. E quanto ao beijo, Madame Mandona, eu beijarei você do jeito que eu quiser. Eu sou o wyvern aqui, não você!

—Madame Mandona!— Eu ofeguei.

Nariz para nariz, nós olhamos um para o outro até que eu não pude evitar, e ri. Para minha surpresa, os lábios de Baltic tremeram. Então um mofoso riso emergiu, que virou em uma gargalhada sincera.



Meu coração cantou quando eu vi ele rir até as lágrimas molharem os cantos de seus olhos.

—Ah, chérie. — ele disse, pondo seus braços ao redor mim novamente. — Assim tem sido sempre entre nós, hein?

Eu afastei o cabelo de seus olhos, meus dedos localizando o comprimento acetinado de sua sobrancelha.

—Eu não lembro.

—Você é a única que já me fez rir. — ele disse, beijando o canto de minha boca.

—Você costumava dizer coisas ultrajantes, coisas eu não toleraria de qualquer outro dragão. Então quando eu estava pronto para estrangular você, você me fazia cócegas, ou fazia qualquer outro ato tolo para iluminar meu humor, e me fez pensar que a vida não podia ser melhor.

Sua confissão me tocou, fazendo meus olhos queimarem quando eu toquei de leve as sobras de lágrimas de riso em suas pestanas.

—Muitas coisas mudaram sobre mim, Baltic, mas eu tenho medo que eu esteja ainda propensa a declarar coisas ultrajantes. Eu machuquei você quando eu mordi você?

—Não.— Suas mãos deslizaram até beliscar minha bunda. —Mas não faça isto novamente.

Eu dei uma risadinha.

—Você me ama com todo seu coração.

Isso era uma declaração, mas existia uma sombra em seus olhos que me fez responder depressa.

—Sim, eu faço. Eu acabei de encontrar você, e ainda eu amei você por séculos. Eu amo ambos você e Brom.

—Igualmente?— Ele perguntou, beliscando-me novamente.

—Sim. — eu disse, mantendo meu sorriso para eu mesmo.

—Você devia me amar mais.— Sua voz teve uma sugestão de decepção.

—Aquele, meu pequeno caramujo, tem menos da metade do seu tamanho.— Eu deslizei fora de seus braços. Levou mais que um pouco esforço para fazer isto, desde que meu corpo queria muito se esfregar no dele, as minhas entranhas estavam zumbindo, era isso ou desistir ele.

—Por que você me afasta?— Ele perguntou, seus olhos quentes com desejo.

—Eu.. você me ofusca.

—Bom.

—Não, não é bom. Pelo menos, não até as coisas estejam resolvidas com meu marido. Agora... sobre o que nós estávamos conversando? Perdi a conta.

—Nós estávamos discutindo sua recusa para acasalar comigo. — ele disse, seus olhos ainda queimando com calor.

Eu segurei minha língua, não querendo fazer passeio por aquele carrossel verbal particular.

—Você disse que você quer reivindicar-me a fim de me proteger. Esse negócio de reivindicar é só um juramento de fidelidade,não é?

—Isto é parte disto, sim.

—Nós podemos fazer o juramento sem o sexo?

—É possível, mas desconhecido.



—Bem, seria melhor você começar a ouvir isto, porque eu concordarei em aceitar você como um wyvern, mas eu não terei sexo com você. Não até que eu possa solucionar o assunto de meu marido. Eu pretendo conseguir um divórcio dele, mas até que eu tenha uma chance de dizer a ele que nós estamos oficialmente separados, não haverá nenhum dormir junto.

Ele despediu o assunto inteiro com um aceno de sua mão.

—Eu cuidarei de todas as preocupações que você tem sobre o mortal.

—Eu não estou tão certo que ele é mortal. — eu murmurei, pensando no que Dr. Kostich disse.

—Não importa. Ele parará de ser um problema.— Baltic parou na minha frente, um homem bonito, vital, que sofreu séculos não contados de angústia. Eu toquei sua bochecha, os planos duros de seu rosto, localizando meu dedo junto suas maçãs do rosto altas e ao redor seus olhos, aqueles olhos pretos bonitos que tinham uma ligeira inclinação para cima, dando-lhe um olhar ligeiramente eslava. Eu afastei uma mecha de cabelo de sua bochecha. —Como nós dois estamos vivos novamente?

Ele capturou minha mão, beijando as pontas de meus dedos, seus olhos nunca deixando os meus.

—Eu não sei como você ressuscitou. Mas eu descobrirei, chérie. Eu descobrirei.

—O que eu preciso dizer para jurar fidelidade a você?

—O que estiver em seu coração.

Eu ri.

—Meu coração está confuso neste momento, então eu não contaria com isto para qualquer ajuda. Mas eu devia ser capaz de apresentar algo. Vamos ver... eu sou Tully Sullivan, e eu...

—Você é Ysolde de Bouchier. Este outro nome, este nome mortal, é irrelevante para nós. — ele insistiu.

—Aconteço que eu gosto do nome Tully, também. Eu sou Ysolde de Bouchier, também conhecida como Tully Sullivan, e eu por este meio garanto minha fidelidade a você, Baltic... um... é Baltic seu primeiro nome ou último nome?

—É meu único nome. Eu não tenho nenhum outro.

—Oh. Certo. Isto é muito estrela de filme, mas isto é bom. Eu por este meio garanto minha fidelidade a você, Baltic, Wyvern dos dragões pretos. Não, espere, isso não pode ser certo. Kostya é o wyvern dos dragões pretos. Ele estava no sárkány.

Baltic jurou.

—Aquele traiçoeiro merece ser dividido pela minha espada.

—Por favor diga a mim que você não vai lutar pelo controle dos dragões pretos. — eu disse, incapaz de lidar com pensamento do que eu sabia que seria uma batalha enorme entre Baltic e todo mundo no weyr.

—Por direito eu devia, mas eu não irei. Eu não sou mais um dragão preto.

—Você não é? —Eu olhei para ele sobre como se isso fosse me dizer alguma coisa. —A que clã você pertence? Não os dragões de prata?

Ele trocou em forma de dragão, seu corpo coberto com reluzentes escamas brancas.

—Você é um dragão branco?



—Não branco, luz. — ele disse quando ele trocou de volta, esticando sua mão. Luz apareceu lá, estirando para formar uma espada branca e azul. —Quando eu fui renascido, eu me tornei algo novo, algo não visto antes, nós somos dragões de luz, você e eu, Ysolde. Nossa forma de dragão reflete o fato de que nós possuímos todas as cores, da mesma maneira que a luz faz. Nós usamos magia arcana, o que outros dragões não podem fazer. Nós somos um novo clã, com só nós dois como membros.

Eu digeri isto.

—Aquela espada pertenceu a Antonia von Endres, não é?

—Sim.— Ele olhou para ele. —Ela deu isto para mim a muito tempo atrás.

—Por que ela daria a você algo assim?— Eu perguntei. —Aquela espada é famosa no reino mágico e embora você não seja um fracote em habilidades arcanas, você não é um mago.

Ele jogou a lâmina para cima, pegando isto na ponta de um dedo. Equilibrou perfeitamente.

—Antonia deu isto a porque ela disse que eu lhe dei grande prazer.

—Que tipo de grande prazer?— Eu perguntei, um rugido súbito de raiva chicoteou por mim tão grande que tirou minha intenção de dizer a ele que Dr. Kostich me pediu para tomar a espada dele. —Grande prazer como, oh, eu não sei, sexo?

—Ela era minha amante, sim.— Ele fez uma carranca, agitando sua mão de forma que a espada dissolveu em um nada.

—Você dormiu com ela por uma espada?— Eu perguntei, minhas unhas cavando minhas palmas com o esforço de me impedir de sacudi-lo. Eu soube que minha raiva era irracional, mas eu era impotente para parar isto.

—Por que você está tão brava?— Ele perguntou, olhando pensativo de repente. —Você está ciumenta?

—Claro que eu não estou ciumenta! O que eu tenho para ter ciúmes ? Eu quero dizer, não é como o homem para o que eu acabei de dizer que amo além de toda razão me informou que ele tem estado por aí transando com qualquer um que tem brinquedos de mago, é? E não é como se ele acabasse de admitir infidelidade, oh não! Não é como se você estivesse de pé aí mesmo com seu pênis todo inchado e me cutucando. —Eu gesticulei para suas calças, que estava parecendo bastante inchada depois de nosso beijo úmido. —E dizendo a mim que tem estado visitando outras mulheres, não porque você está buscando outra amante, mas para você poder ter uma extravagante espada mágica! Não é assim mesmo, é, Baltic?

Ele pareceu encantado, o bastardo.

—Você está ciumenta!

—Você é o mais detestável, repreensível, o homem mais desprezível eu já encontrei.

—Eu sou um dragão, não um homem.

—Gah! — Eu gritei, e bati as mãos em seu tórax.

Ele cobriu minhas mão com as dele, fazendo aquela risada irônica adorável que fez meus joelhos ficarem fracos apesar do fato de que eu queria bater nele até cansar.

—Chérie, eu lembro de muitas vezes que você ameaçou me castrar ou decapitar quando você acreditou em que eu estava olhando para outras fêmeas, mas eu pensei que os séculos que nós passamos juntos aliviou suas suspeitas.

—Só diga a mim isso. — eu disse, agarrando um punhado de sua camisa. — Quantas vezes você me traiu?



Surpresa seguida de raiva em seus olhos.

—Que motivo eu já dei para acreditar que eu poderia fazer tal uma coisa?

Um silêncio horrível seguiu, um que encheu meu cérebro assinalando de repente que tempo realmente existia antes de eu encontrar Baltic.

—Er... você a conheceu antes de você me encontrar?

Ele suspirou, soltando meus dedos de sua camisa.

—Sim.

—Mas você nunca disse a mim que ela deu a você uma espada mágica.

—Eu não tive nenhum motivo para usar isto. — ele disse, encolhendo os ombros.

—Eu não tinha as habilidades naquele tempo para esgrimir-la. Foi só depois que eu renasci que eu pude fazer isso.

—Então você não dormiu com ela depois que você me encontrou. — eu disse, querendo absolutamente ter certeza desse ponto.

—Eu não tomei nenhuma fêmea depois que eu encontrei você.— Ele começou a sorrir, mas de repente olhou para longe.

Eu me lancei sobre isto.

—Oh, realmente?

Ele fez um gesto vago, um chamejar de embaraço em seus olhos.

—Houve uma garçonete em Bordeaux, mas eu não dormi com ela. Eu tentei, mas eu não pude.

—Isso é uma maldita vergonha. — eu rosnei, querendo o esmurrar tudo de novo.

—Ela não era minha companheira. Eu pensei que eu aliviaria minha luxúria nela, mas eu não pude. Eu soube então que eu devia ter você e ninguém mais.— Ele tomou meu punhos cerrados em suas mãos, acariciando seu dedo polegar sobre topo. —Isto foi quando eu enviei uma mensagem para Constantine saber que eu estava reivindicando você.

A fúria dentro de mim derreteu longe em uma pulsação monótona.

—É muito difícil estar brava com alguém quando ele acaba de dizer a você que ele não pode fazer sexo com outra mulher porque ele quer você em vez disso.

—Você não tem nenhuma necessidade para estar brava. Eu não dei-me a outro, como você fez.— Sua voz era estava cauterizada com ácido.

—Eu não tenho culpa se perdi minha memória e me casei. E espere um minuto, você está dizendo que você não fez sexo em... —eu fiz alguns cálculos rápidos— Trezentos anos?

—Eu não tive uma fêmea desde que eu encontrei você, não.

Eu pisquei, incapaz de afastar de perguntar.

—Você teve um macho?

Ele olhou indignado.

—Não! Eu não cobiço machos, como Pavel faz. Eu fui acasalado, e para um dragão, esse laço existe para todo o tempo.

—Pavel seu guarda? Ele era gay? — Eu perguntei.

—Se é o termo mortal para isto, sim. Ele apreciava ambos igualmente ,os machos e fêmeas.

Peguei no tempo presente da sentença.

—Whoa! Ele ainda está vivo?



—Sim. Ele esteve em Londres, mas eu espero a volta dele em brevemente. Você irá me aceitar como seu companheiro, ou não?

—Er... sim. Eu sinto muito, eu estava só distraída pelo pensamento de... não importa.

Ele deu a mim um olhar estranho.

—Você estava distraída pelo pensamento de Pavel com outro macho? Você o cobiça?

—Não, claro que não! Eu até não conheço o sujeito. É só isto, às vezes... bem, sabe, às vezes sujeitos com outros sujeitos... é tipo justo de... er... quente.

Eu pensei que seus globos oculares poderiam estalar diretamente de sua cabeça.

—Quente? Você fica excitada por machos fazendo amor um ao outro?

—Não! Não normalmente! De vez em quando, muito raramente. É um pouco... excitante.

—Entendo.— Ele não parecia entender depois de tudo, não com seu lábios apertados e seus braços cruzados acima de seu tórax.

—Você não acha que às vezes, pode ser sensual? — Eu perguntei.

—Não.— Ele pensou por um momento. —Duas fêmeas juntas, sim. Isto é sempre excitante. Especialmente se elas estão oleadas. Mas machos? Não.

—Bem, veja, eu não entendo a coisa de meninas juntas. Isso não me toca mesmo. Pavel traz aqui seus encontros frequentemente?

Ele olhou fixamente para mim por um minuto. Eu limpei minha garganta.

—Desculpe. Não é de minha conta. Sobre o que nós estávamos conversando?

—Você estava dizendo as palavras de fidelidade.— Ele pausou. —Você realmente fica excitada pelo pensamento de dois machos?

—Só muito raramente! Sheesh! Eu sinto muito que eu mencionei isto! Vamos em frente.

Ele movimentou a cabeça, então suspeitosamente perguntou.

—Você não deseja para mim tomar parte sexual com outro homem.

—Não! Todo-poderoso de Deus, Baltic! Essa é a última vez que eu vou compartilhar uma fantasia sexual com você!

—É uma fantasia sua, ver dois homens juntos?— Ele perguntou.

Eu caminhei para a parede e bati minha cabeça contra ela algumas vezes.

—Eu não entendo você. — ele disse, um traço de perplexidade em sua voz. — Você mudou desde que você foi ressuscitada. Minha Ysolde nunca teria querido ver...

—Suficiente!— Eu gritei, avançando para ele e o esmurrando no tórax. Duro.

—Mova-se do caminho ou eu estou saindo daqui agora mesmo!

Seus lábios afinaram, mas ele não disse nada.

—Obrigado. Agora, eu suponho que eu deveria começar de novo, não devia?— Eu parei, franzindo meus lábios à medida que eu olhava para ele. —Você ainda está pensando sobre isto, não é?

—Não.— Cinco segundos passaram. —É o pensamento de homens envolvidos no ato sexual em si, ou alguma outra faceta...

—Argh!— Eu gritei, e corri para fora do quarto, fora do corredor, e fora da casa.



Capítulo Dez

O eventualmente eu fiz o juramento, do lado de fora debaixo das estrelas, com a brisa leve flutuando ao redor nós.

—Você está certo que você não deseja acasalar?— Baltic perguntou educadamente assim que ele confirmou o juramento, jurando honrar e me proteger acima de todos os outros. —Eu sei como você gosta de estar do lado de fora. Nós podíamos fazer aqui fora, se você gostar.

Eu ri para mim mesma.

—Obrigado, mas até que eu tenha uma chance de conversar com meu marido, sexo estará fora.

Um olhar astuto entrou em seus olhos quando ele lentamente me puxou acima de seu corpo.

—Houve um tempo quando você recusou a me deixar na sua cama, e ainda assim nós conseguimos trazer grande prazer para o outro.

—Sim. — eu disse, incapaz impedir minha boca de se mover em direção a sua. Meus lábios escovaram os seu com uma devassa exibição de necessidade. —Gostei muito desse sonho.

—Não foi um sonho, chérie. — ele murmurou contra minha boca, seus quadris movendo-se com persuasão contra os meus. —Aconteceu. Pode acontecer novamente.

—Exceto que agora, eu não sou uma donzela de dezessete anos que não sabe o que ela está fazendo. — eu disse, gemendo suavemente quando sua boca moveu acima de meu pescoço, seu lábios queimando minha carne, mas era uma queimação boa, um calor que deixava meu corpo inteiro em chamas.

Ele se afastou por um momento, seus lábios que curvados nas extremidades.

—Você sabia o que você estava fazendo naquela vez que nos chegamos à França.

Eu compartilhei o sorriso até que eu senti suas mãos no cós de minha calça jeans. Eu as cobri com as minhas.

—Baltic... eu sinto muito. Eu não posso. É... há muita coisa no ar. Eu não estou confortável fazendo isto com você até que eu converse com...

Ele cobriu minha boca com sua, parando as palavras.

—Eu não farei nada que você não deseje, chérie. Mas você falou as palavras de fidelidade, e você é agora minha companheira. Você deve aguentar a marca de meu clã.

Eu me segurei em seus ombros quando ele abriu minha calça jeans, deslizando as mãos sobre a minha cintura, empurrando o material para baixo.

—Onde exatamente você pretende pôr esta marca?

Ele sorriu sua mão em concha me segurando intimamente, roçando seu dedo polegar em meu osso púbico.

—Eu pensei aqui.

—Bem, pode sangrar muito pense novamente!— Eu disse, torcendo contra ele todavia.

—Aqui?— Ele tocou a prega de minha coxa.



—Isso machucaria como o inferno. Não.

—Que tal aqui?— Ele me puxou para si, com as mãos na minha bunda, dando minhas bochechas um pequeno aperto.

—Eu estou pensando que isto é bastante desrespeitoso, não é?

Ele deu um falso suspiro, então arrancou minha camisa de moletom antes de eu poder protestar, aninhando meus peitos.

—Então terá que estar aqui.

—Acima de meu coração? — Eu pensei sobre isso por um momento. Me agradou.

—Certo. A espera, você não tem um?

—Eu era o único membro do clã até que você me aceitou. Você terá que dar a mim a marca.

Eu estava para dizer a ele que eu não tinha a menor idéia como fazer aquele isso quando ele abriu sua boca e respirou fogo em mim. Doeu como o diabo por cerca de dois segundos, então o calor molhou em mim, rodando ao redor até que se estabeleceu em minha virilha, reunindo em locais que não haviam sido agrupados em séculos. Eu olhei para baixo para ver que meu sutiã tinha ido, e Baltic lambia meu peito deixando um estranho símbolo de redemoinho queimado na carne. Quando eu olhei, a vermelhidão foi enfraquecendo até que era da mesma cor que a marca em meu quadril, um tipo de bronzado escuro.

—Agora você foi marcada como minha companheira, embora eu apreciaria se você não mostrasse a pessoas. — Ele disse, beijando meu peito. —Sua forma, embora aparentemente humana, agrada-me, e eu não quero que outros cobicem você.

Eu pensei seriamente de lançar tudo para o vento, Gareth, meus valores morais, decência, e só deixar Baltic fazer amor comigo até o sol subir. —Eu desejo que eu pudesse fazer amor com você. — eu disse, ofegando quando ele tomou meu mamilo em sua boca. Meus dedos cavados em seus ombros.

—Eu vou, se você desejar. — ele murmurou, roçando sua bochecha contra meu peito.

—Eu não posso... — eu disse, parando seu rosto contra o meu. —Eu não devia nem estar beijando você. Isto está errado, também.

—Nada está errado entre nós. Mas se você não desejar que eu faça isso, então eu não irei.— ele disse, chupando meu lábio inferior.

—Eu penso que seria melhor... — eu disse, meus dedos acariciando os longos músculos em seus ombros. —Até que as coisas estejam resolvidas.

—Então eu não pagarei homenagem para seus peitos magníficos, também.— ele murmurou, sua boca beijando uma trilha molhada, vaporosa até meu peito.

—Isso seria definitivamente acima da linha. — eu disse, minhas costas arqueando por sua própria iniciativa quando ele rodou sua língua ao redor de meu mamilo, o tão apertado e duro que doía com a necessidade de seu toque.

Eu gemi novamente, segurando seus ombros quando ele atormentou primeiro um peito, então o outro com longos golpes quentes de sua língua.

—Se você tivesse se entregado a mim, eu banharia sua barriga sublime com fogo. — ele disse, puxando-me para o chão.

—Mas eu não tenho, então você não irá. — eu disse, enfiando meus dedos pela seda fresca de seu cabelo.



—Claro que não.— Baltic ergueu sua cabeça de onde ele estava beijando a curva de meu quadril, e soprando fogo meu estômago. Brilhou ao longo da minha pele até que foi absorvido de volta para sua boca quando ele lavou um caminho para o outro quadril.

—A memória de seu odor e gosto me deixa quase louco com desejo. — ele murmurou em meu osso pélvico, suas mãos suavemente empurrando minha roupa íntima abaixo de meus quadris. —A idéia de experimentar novamente enche meus pensamentos.

—Isso estaria extremamente errado para fazer agora. — eu disse, meus olhos quase rolando para trás em minha cabeça quando sua língua sacudiu através de partes secretas, íntimas de mim, partes que formigaram com consciência e uma necessidade que eu não podia permitir.

—Eu não saborearei você, então. — ele disse logo antes de sua boca me possuir de um modo que me agarrei a grama, meus quadris que empurrando contra ele.

—Obrigado por não fazer isto. — eu ofeguei, quase saindo do chão quando ele afundou um dedo em mim.

—Você é tão quente, chérie. Diga a mim que você queima só para mim.

—Só para você. — eu repeti, descuidada com a paixão e desejo agora, querendo ele como eu nunca quereria qualquer coisa, lágrimas vazaram dos cantos de meus olhos quando eu lutei com minha consciência.

Ele moveu acima de mim, sua roupa tinha ido, as linhas duras de seu corpo me apertando na terra. Eu senti ele esfregar contra minha coxa interna, uma marca quente que meu corpo lamentado. Ele emoldurou meu rosto em suas mãos, beijando-me com um golpe longo, lento de sua língua contra a minha.

—Deixe-me amar você, Ysolde. Deixe isso acontecer. Desde que eu fui renascido, eu vivi todo momento em desespero porque eu perdi você. Deixe-me adorar você agora como eu quis fazer todos esses anos.

Eu esperei por ele, soluçando agora.

—Está errado, Baltic. Eu estou casada com outro homem.

—Você nem lembra de casar-se com ele. Talvez você foi forçada. Você permanecerá fiel para um homem que abusaria sua confiança?

—Eu não sei. — eu solucei, querendo trocar meus quadris e permitir sua entrada em meu corpo. Eu queria ele com uma febre que ameaçava me consumir. — Eu não sei.

Ele rolou fora de mim, e eu enrolei-me em uma bola na grama, chorando pela minha memória perdida, chorando pelos anos solitários de Baltic. O calor me cobriu quando ele enrolou-se ao meu redor, mantendo o fresco ar da noite longe de minha carne desnuda, confortando-me apesar de sua própria dor.

—Obrigado.— eu disse quando eu consegui devolver minhas emoções sob controle. Eu girei para enfrentá-lo e suavemente empurrei o cabelo de sua bochecha. —Obrigado por proteger minha honra, até quando eu estava disposta a renunciar.

—Você é minha companheira. Eu nunca poderia forçar você a fazer qualquer coisa que você não quisesse.

Eu acariciei minha mão em seu tórax, a sensação dos cabelos pretos suaves fazendo minhas pontas do dedo formigarem.



—Quando eu me entregar a você, Baltic, eu quero que seja tudo de mim. Eu não quero meu laços com outro homem esteja lá entre nós, manchando isto, manchando a beleza que nós teremos.

Ele olhou para mim, a luz da lua quase cheia transformando os planos de seu rosto em sombras severas, mas seus olhos ardiam com uma obsidiana luz interna. Lentamente ele movimentou a cabeça, e tocou em meu lábio inferior com seu dedo polegar.

—Você sempre foi deste jeito. Você nunca fez qualquer coisa ao meio, era com seu coração inteiro, ou não.

—Parece que eu era muito chata. — eu disse com gesto um pouco tímido quando eu me sentei para recuperar minha roupa.

—Não chata, honrada.— Ele olhou-me vestir-me, arrogantemente desnudo, ainda desperto. —Me irritava na época, mas eu aprendi a viver com isto.

Eu não pude evitar rir quando eu terminei de vestir. Eu olhei para ele, a culpabilidade picando longe meus escrúpulos.

—Eu me sinto culpada sobre isto. — eu disse, acenando para seu pênis, que estava de nenhuma maneira retornando a um estado de repouso.

Ele franziu seu lábios quando ele olhou para isto.

—Por quê?

—Eu mais ou menos influenciei você. Existe um termo para isto, e eu estou chocada que se aplique para mim. Iria você... eu sinto me sinto ridícula até dizendo isso depois da grande cena que eu acabei de fazer, mas você gostaria que eu cuidasse disso?

—Sim. — ele disse tão rápido que eu ri novamente. Eu fiquei sobre meus joelhos próxima a ele, deitando uma mão em sua coxa.

—Você faria isso para mim? Não violaria seu senso de dever e honra?

—Faz, mas não tanto como a culpabilidade do que eu permiti isso acontecer.

Ele agitou sua cabeça, levantando-se em um cotovelo e pegando a minha mão quando eu o agarrei.

—Você permitiu eu tocar em você, Ysolde; Eu desejei seduzir você. Eu fiz tudo que eu podia para balançar você para essa meta.

—E eu apreciei todo minuto disto. — eu disse, deslizando minha mão da sua.

—Bem no fundo, eu sabia que se eu dissesse para você parar e realmente significasse isto, você iria. E você fez. Então, nós dois somos culpados por quanto as coisas me empolguei, e embora eu nunca faria isso por outro homem, embora eu sinto que ainda estou presa a meu marido até que eu possa lhe dizer não, você é o homem que eu escolheria para ser respeitado. Por essa razão, quero retribuir a sua bondade para mim com um pouco de bondade minha.

—Não é generosidade. — ele disse quando eu me curvei acima dele, rodando minha língua em torno da ponta dele. Ele caiu para trás, seus olhos rolando quando seus quadris empurram para cima. —É êxtase.

—Eu tenho que voltar para a casa do Gabriel.

—Não.

Minha camisa saiu voando.

—Eles estão perguntando-se o que aconteceu comigo. Eu não quero que eles se preocupem. Eu tenho que voltar.

—Não.



Minhas calças juntaram-se a minha camisa. Eu permaneci com as mãos em quadris quando eu olhei para Baltic, que ainda estava desnudo, e depressa me retornando aquele estado.

—Eu posso ver onde isto está indo, e não vai acontecer. Eu irei dormir só hoje à noite.

—Não.

Meu sutiã voou pelo ar, caindo com um sussurro em meus sapatos.

—Por que diabos eu sempre pensei que você fosse um homem razoável?— Eu gritei, batendo minhas mãos em minhas pernas.

Ele olhou para cima, de onde ele estava prestes a retirar minha calcinha, sinceramente surpreso.

—Eu não sei. Eu não sou razoável.

—Eu estou contente que você admite isto. Baltic, eu não vou dormir com você.

—Você é minha companheira.— ele disse, arrancando a última peça de minha roupa, e puxando-me para seus braços ao mesmo tempo. Ele me levou até uma cama grande, coberta em uma colcha de branco e ouro. —Eu não irei fazer amor com você, mas você dormirá comigo desta noite em diante.

—Isso vai ser um pouco difícil de explicar para Brom. — eu disse, deslizando para baixo do lençol fresco. Por hoje à noite, eu não vi nenhum propósito em exigir que ele me levasse à casa de Gabriel. Tudo terminaria de manhã, desde que eu não podia esconder de May ou Gabriel o fato de que eu achei Baltic. Além disso, a reconciliação entre Baltic e o weyr tinha que começar em um algum ponto, e eu prefiro mais cedo do que mais tarde.

—Onde está esta criança que devia ser minha, mas que não é ?

—Ele está com Aisling e Drake porque Gabriel insistiu que você iria atacar sua casa. Será desse jeito, me ame, ame meu filho.

Ele bufou.

—Eu iria salvar você de Gabriel até que eu vi você lá fora.

—Mudança boa de assunto.— eu disse, divertida. —Mas isso não vai mudar nada. Além disso, Brom é uma boa criança. Você gostará dele.

—Eu não irei. — disse Baltic irritado, e deitou com seus braços cruzados.

Eu me debrucei acima dele e levantei uma sobrancelha.

—Eu o tolerarei porque ele é de seu sangue, mas não mais.— ele concedeu.

Eu bati minha mão em seu tórax, e o toquei com meus dedos.

—Eu esperaria que uma vez que nós estejamos livres, você tomará um papel ativo em sua vida como um padrasto amoroso, encorajador.

Sua expressão era rebelde.

—Você me pede para levantar esta criança de outro homem como se ele fosse meu?

—Sim. Eu espero que você o ame e cuide dele. Brom merece isto. Seu próprio pai não dá a mínima para ele.

Ele friccionou seus dentes. Eu estreitei meus olhos. Nós fizemos bastante um par.

—Muito bem. — ele finalmente estalou, rolando para o lado tudo que eu via era suas costas. —Eu farei isso, mas esta é a última concessão que eu farei para você! Eu sou o wyvern. Você é a companheira. É você quem deve render-se para mim deste momento em diante.



Eu sorri e me aconcheguei em suas costas, sentindo um peso tirado de mim que eu não tinha estado ciente.

As coisas iriam dar certo apesar das desvantagens esmagadoras. Eu podia sentir que iriam.

Incêndio deflagrou dentro e ao redor e através de mim.

—Este é o fim!

—Existe só uma maneira que concluirá, minha maneira!— Uma sombra chamejou pelas chamas, uma sombra preta de um homem que eu amei muito afetuosamente, e que estava não só destruindo seu amado clã, mas meu coração também.

—Báltic, você não vai ganhar! Você tem dizimado sua próprias fileiras tentando fazer Constantine se submeter, mas é em vão! E agora que os dragões verdes juraram ajudar eles contra você, é duplamente tolo procurar o que é nada além de uma rivalidade estúpida!

—Rivalidade!— Baltic rosou e caminhou através do quarto de nosso quarto, agarrando meus braços em um aperto doloroso. —Ele tentou roubar você de mim. Três vezes ele tentou! Ele está lá fora agora, reunindo outra força para tentar derrubar Dauva de forma que ele poderia tomar você. É seu amor por mim tão passageiro que você desejaria ver ambos Dauva e a mim destruído?

—Você está sendo muito dramático, uma vez mais.

Ele girado para longe de mim à medida que eu falei, desviando a vista da janela estreita para assistir a zona rural como se esperasse ver uma onda de dragões prateados no pé do castelo.

Eu olhei para ele, o homem que eu amo, e soube que algo teria que ser feito para pará-lo. O curso ele esteve tomando era uma de loucura, uma que podia ter fim inútil.

—Meu amor, você sabe que eu escolhi você acima de todos os outros. — eu disse, envolvendo meus braços ao redor sua cintura e me inclinado em suas costas, apertando minha bochecha contra ele ouvi seu coração batendo tão forte e verdadeiro.

—Você é minha vida, Baltic. Eu não quero ser companheira de Constantine mais do que eu quero isto que essa guerra infinita continue. Você deve achar um caminho para terminar isto, fazer paz no meio do weyr. Você é o único Wyvern forte suficiente para fazer isto.

—Não pode haver nenhuma paz para mim tão logo com Constantine vivo.

—A guerra entre você e Constantine é privada, mas os resultados vão despedaçar o Weyr inteiro. Esta guerra não começou comigo, e eu não terá fim comigo!

Ele girou, os músculos em sua mandíbula apertados, seus olhos ardentes com fúria negra.

—O que você quer que eu faça? Ir para Constantine com meu rabo entre minhas pernas e implorar ele para poupar os dragões pretos? Você quer que ele absorva nosso clã sem uma reclamação? Você gostaria que ele tirasse tudo de mim?

—Os dragões de prata têm sido autônomos durante um mais de um século. — eu discuti. —Você nunca buscou forçá-los a reunir este clã até Munich!

Baltic rosou uma injúria.



—Foi esse o dia que eu soube as profundidades verdadeiras de sua deslealdade. Para roubar você dois dias depois que você tinha sido trazida para a cama.

A dor correu por minhas entranhas com a lembrança. Eu olhei para baixo, lágrimas caindo de meus olhos na memória daquele tempo. Meu pobre pequeno bebê que não viveu pelo nascimento. Baltic lamentou a perda tanto quanto eu fiz, mas ele não viu a verdade atrás da tragédia. Eu soube que era um sinal que eu não devia trazer vida para um mundo que estava cheio com tanto ódio, enquanto ele ficou quase louco com ira e uma necessidade intensa por vingança.

Ele parou de falar, levando-me em seus braços e me segurando assim eu podia lamentar caladamente em seu tórax.

—Existirá outras crianças, chérie. Eu juro para você que irá.

—Não haverá, se não há mais nada para eles.—disse, olhando em seus olhos.

—Você está usando a guerra como uma desculpa para prejudicar Constantine. Tem que parar, Baltic, ou não haverá nada para nós.

—Você tem tão pouca fé em seu próprio clã?— Ele perguntou, seus braços apertando ao meu redor.

—Eu tenho fé nos dragões pretos, mas você não está sendo honrado com eles.

Ele recuou, prendendo uma bainha de couro ao redor sua cintura.

—Nós estamos em guerra. Eles sabem disso.

—Mas você está permitindo a eles e todo mundo acreditar que você tem algum plano grandioso para dominar acima de todos os clãs. Você deve se perguntar por que você está tão hesitante para dizer a eles qual o seu verdadeiro propósito.

Fogo relampejou em seus olhos, manifestando propriamente em forma tangível quando torceu em meu corpo.

—Eu farei qualquer coisa para manter você segura. Qualquer coisa!

—Inclusive o sacrifício de vidas inocentes? Não é certo, Baltic! Se eu não te conhecesse bem, eu diria que você está louco!

Um barulho leve anunciou a chegada de Pavel, que esteve ao ar livre na entrada, seus olhos alertas.

—Me perdoe interromper. Tudo está pronto. Nós montamos?

—Sim.— Baltic curvou-se até me beijar, seus lábios doces, mas meu coração quebrou todavia. —Você estará segura aqui, chérie. Ninguém já derrubou Dauva, e ninguém irá. Eu mandarei notícias tão logo eu possa.

—Não vá. — eu disse, sabendo que era inútil.

—Constantine invadiu Warsaw. Eu não posso deixar ele cruzar a Vistula.

Baixei minha cabeça por um momento enquanto ele deslizava sua espada em sua bainha.

—Se você não parar esta guerra, então eu irei. — eu adverti quando ele andou a passos largos através do quarto para a porta.

Ele pausou e olhou para mim, uma pergunta em seus olhos.

—Eu juntarei os cinco fragmentos do coração de dragão, e eu usarei eles para por fim a esta batalha entre você e Constantine.

—Os rumores sobre o coração de dragão são muito exagerados.— ele disse simplesmente, e partiu. Pavel deu a mim um olhar pensativo antes de girar e o seguir.

—Fique seguro, meu coração. — eu sussurrei mesmo quando o meu próprio estava quebrando.



Levou-me duas semanas para viajar para Paris a partir de Riga. A cidade estava ainda em um matadouro; O flagelo que tinha sido iniciado pela guerra dos dragões um século antes continuou matando mortais sem preconceito.

Cadáveres de nobres e servos apodreciam nas ruas, o fedor quase insuportável. Fora da cidade, o ar era um pouco melhor, embora carros carregados com mortos deslocavam-se com frequência enervante.

Da segurança de uma aglomeração de árvores de vidoeiro em Montfaucon, eu olhei um grupo pequeno de pessoas, três homens e uma mulher. Um homem eu reconheci. O outro dois, um loiro e um moreno eram estranhos, como era a mulher, que estava agarrando o homem moreno de forma que denunciavam intimidade. Os dragões falaram junto por um momento. Eu saí, cautelosa apelando para que Kostya não tivesse feito algum tipo de uma armadilha.

—Nós não estávamos certos que você viria. — ele me chamou quando eu fiz o meu caminho através do terreno pantanoso para onde eles estavam em uma pequena colina. A mulher gritou quando um dos homens desembarçou dela tentou afastá-la para longe.

Eu aceitei a mão que Kostya estendeu para me ajudar sobre os restos de uma árvore desarraigada.

—Você sabia que eu estava em Paris. Por que eu não me encontraria com você?

—Volte para a pousada comigo. — a mulher gritou para o homem alto, moreno. Ela estava caindo fora de seu corpete, e o olhar que ela deu a ele seria claro para um homem cego.

—Vá embora, mulher. Eu disse a você que eu tenho negócios a resolver. — o homem respondeu, tentando uma vez novamente espantá-la para longe.

—Com ela? — A mulher perguntou, olhando para mim.

—Sim, mas não do tipo que você entende. Deixe-me agora ou você me deixará bravo.

—O que você fará se eu não fizer? — Ela perguntou timidamente, arrastando seus dedos em cima seu braço. —Você surrará minha parte inferior?

—Não.

—Então o que? — Sua mão moveu ao redor para a frente de seus calções.

Ele girou e respirou fogo nela.

Ela correu gritando do campo, a bainha de suas saias fumegando.

—Mortais. — o homem moreno disse em um tom repugnado, e prosseguiu girando sua atenção para mim.

Ambos ele e o segundo homem olharam para mim com franca curiosidade. Eu retornei o favor.

—Esse é Allesander de Crovani. — Kostya disse. —Ele é o irmão mais jovem de Mercadante Blu, o wyvern dos dragões azuis.

Allesander fez uma reverência, seus olhos azul claro olhando-me com diversão. Ele era ligeiramente mais alto que eu, tinha cabelo quase tão pálido quanto o meu, e era ligeiro de figura, mas eu senti força nele que eu não menosprezaria.

Eu murmurei respostas corteses e fui apresentada para o terceiro homem, o cuspidor de fogo.

—Esse é meu irmão, Drake Fekete. Ele é herdeiro do Fodor Vireo.

Eu olhei para o homem com surpresa.



—Você não é um dragão preto?

—Não. — Ele tinha um tipo diferente de acento, um que me lembrava da Europa Oriental. Ele compartilhava altura e coloração gerais de Kostya, mas seus olhos eram de um verde puro e brilhante. —Nossa avó era viúva. Ela acasalou duas vezes.

—Entendo. E Kostya é herdeiro de Baltic... que incomum ter wyverns de dois clãs diferentes na mesma família. Há competição entre você e Kostya?

—Só com mulheres. — Kostya disse, atirando a seu irmão um olhar irritado.

—Não existe nenhuma competição. — o irmão disse com indiferença alegre.

—Palavras verdadeiras.— Allesander riu, dando a Kostya uma cutucada. —As mulheres todas vão para Drake.

Eu não tinha dúvida disso, Drake parecia ser um homem bem moderno.

—Seus wyverns sabem que você está aqui?

Ambos os homens movimentaram a cabeça.

—Merca deseja um fim para esta batalha entre clãs. — Allesander disse duramente. —Se você pode trazer isto, você terá a gratidão dos dragões azuis.

—E verde. — Drake disse depressa. —Nós, também, estamos cansados de lutar contra nossos clãs irmãos. Nós desejamos paz no weyr uma vez mais.

—Eu fico surpreendida de como a guerra continua se todo mundo está tão desejoso de seu fim. Certamente os mortais deve estar rezando para a paz retornar aos dragões. — eu suavemente disse.

—la parar, mas seu companheiro e Constantine... — Allesander disse com uma voz afiada. —Se eles resolvessem suas diferenças, nós podíamos unir forças e forçar Chuan Ren em um acordo. Mas divididos como nós estamos... — Ele encolheu os ombros e olhou.

—Então nós devemos rezar para que o coração de dragão faça o que os dragões eles mesmos não podem. — eu disse, olhando para Kostya. —Baltic não sabe que eu estou aqui, mas ele suspeita de sua ausência. Eu receio que ele descubra que eu vim para Paris.

Seus olhos seguraram os meus com um fervor que me deixou desconfortável.

—Nós teremos que arriscar. Você trouxe o Talismã Modana?

—Sim. —Eu toquei um lugar em meu capote. Em baixo disto, o talismã pendurava entre meus peitos. —Eu tenho comigo. Você foi bem sucedido com Chuan Ren?

—Eu fui. — Ele afundou a mão em seu gibão e removeu uma caixa pequena. — Esse é o Talismã Song.

—Eu tremo só de perguntar o que custou-lhe pegar emprestado.

Ele fez uma careta.

—É melhor se você não souber.

Eu girei minha atenção para os outros dois homens.

—Eu entendo que vocês têm os fragmentos de seus respectivos clãs, não?

Ambos os homens movimentaram a cabeça.

Eu levantei minhas sobrancelhas quando olhei para Kostya.

—Então tudo que falta é o fragmento que pertence ao Primeiro Dragão. Você sabe onde o Talismã Choate está?

—Sim. Eu tenho isto, também.

—Como você conseguiu isto?— Eu perguntei, pasma.



Baltic mencionou que ao longo dos últimos dois séculos, o paradeiro do Talismã Choate tinha sido desconhecido desde a formação do weyr.

Ele olhou.

— Isto é outra coisa que você não quer saber.

Pelo contrário, eu queria muito saber, mas agora não era o tempo para investigar esse intrigante assunto.

— Então nada está nos parando de fazer isto agora. — eu disse, minhas palmas de repente úmida com o pensamento.

— Não. — Kostya girou para uma maleta pequena no chão. Ele retirou um pano de lã e estendeu, gesticulando em direção a isto. Eu me ajoelhei em um canto e removi meu capote, tremendo um pouco na manhã fresca quando eu puxei a corrente de ouro presa ao frasco onde estava o fragmento de dragão embaixo de minha camisa.

Um por um, os outros dragões ajoelharam nos restantes três cantos do cobertor, removendo de sua custódia os talismãs que continham os preciosos fragmentos.

— Baltic nunca disse a mim muito sobre os fragmentos. — eu nervosamente disse, esfregando minhas palmas em minha saia antes de colocar os fragmentos em uma linha ante mim. — Tudo que ele disse é que existem cinco deles, e juntos, eles compõem o coração de dragão, a relíquia mais poderosa conhecida pelo reino dragão. O que exatamente é o coração de dragão? E por que tem tanto poder? Não pode realmente ser o coração real do Primeiro Dragão, pode?

Kostya encolheu os ombros.

— Eu sei menos do que você sobre isto. — Allesander disse. — Tudo que me foi dito é que é muito poderoso para permanecer inteiro, e deste modo foi quebrado em fragmentos e colocado sob custódia de cada clã. Exceto os dragões de prata, mas isto é só porque seu clã não era formado quando o coração dividido na primeira vez.

— Então eu juntei. Drake, você sabe alguma coisa sobre isso?

Drake olhou acima de minha cabeça para um ponto ao longe. Eu girei o olhar. Três mulheres estavam juntas na beira do pântano. Todas três acenaram e deram uma risadinha quando notaram que ele olhava para elas.

— Acho que você não está acasalado; — eu disse, incapaz de não sorrir apesar de meus nervos.

Ele bufou.

— Nem serei, se eu tiver uma escolha. As mulheres servem para uma coisa somente, e eu não preciso de uma companheira para conseguir isso.

— Evidentemente não. — As mulheres agarraram uma a outra e deram mais uma risadinha, acenando e chamando ele, tentando-o a ir para elas. Eu olhei novamente os fragmentos, tocando cada um deles, esperando contra toda a esperança de que eu seria capaz de fazer o que precisava ser feito.

— Bem. Nós devemos iniciar? Você tem as palavras, Kostya?

— Eu tenho. — Allesander disse, retirando um pedaço de pergaminho maltratado. Ele deu isto para mim, fazendo uma careta para os borrões grandes. — Eu não sou muito bom em escrever, mas eu escrevi do mesmo jeito que eu ouvi de Merca.

— Está em Zilant. — eu disse, decifrando com alguma dificuldade a caligrafia no pergaminho.

— Sim. Você fala isto, não é?



—Eu estudei um pouco durante o último século.— Eu li caladamente por um momento. —Certo, nós devemos tentar?

—Eu preferiria que você tivesse sucesso em lugar de meramente tentar. — Kostya disse, seu rosto sombrio. —Não sobrará nenhum dragão preto se nós não pararmos seu companheiro.

A culpa pesava sobre mim.

—Eu tentei pará-lo, eu realmente tentei.

—Esta guerra não é sua culpa. — Drake disse, seus braços cruzados acima de seu tórax quando ele ajoelhou em frente a mim. Seus olhos pareciam os de um gato, tão brilhante eram.

—Eu não comecei isto, não, mas continua porque... — eu hesitei, querendo que eles soubessem a verdade, mas cautelosa para que eles não usassem aquelas informações contra Baltic de alguma maneira. Drake e Allesander disseram que seus clãs desejavam paz, mas eu podia confiar isto? Os dragões tinham sido inimigos por mais de cem anos, e eu não tinha certeza sobre quem eu podia confiar.

—Continua porque Constantine, Baltic, e Chuan Ren terão muito prazer até não existir nenhum dragão além dos seus. — Kostya amargamente disse, fazendo um gesto afiado.

—Isto não é verdade. Baltic não deseja a eliminação dos outros clãs... — Suas expressões disseram a mim que era inútil continuar. Eu suspirei e coloquei os fragmentos ante mim. —Quanto mais cedo nós fizermos isto, mais cedo nós podemos ter paz. Vamos começar.

As palavras de Zilant pareciam estranhas quando eu falava, estranhas e chocantes para ouvir enquanto eu fazia uma prece para o coração de dragão. O ar ficou espesso e pesado acima dos fragmentos à medida que eles começaram a vibrar, vinha um zumbido deles que ficaram mais alto à medida que eu falava. Eu os olhei com um pouco de cautela, não certa do que aconteceria quando o coração fosse reformado, e querendo estar pronta para usá-lo.

Quando a última palavra saiu fortemente de meus lábios, o zumbir dos fragmentos cessaram, e todos ficou mudo durante duas batidas de meu coração. Nós seguramos nossas respirações quando pareceu que os fragmentos emitiam uma luz que girava ao redor deles, levando os talismãs com eles. Ficou mais brilhante e mais brilhante até que cegou-me. Eu girei minha cabeça para evitar olhar, mas fui compelida a voltar quando um rosto começou a formar nele, o rosto de um dragão, um que era tão brilhante quanto a luz propriamente. Os olhos do dragão estavam cheios com o conhecimento de todos os tempos, tão velhos quanto a Terra. O passado, presente, e futuros todos misturando-se em suas profundidades. Eu soube sem dúvida em minha mente que eu estava olhando para o Primeiro Dragão, ele que formou os clãs e o weyr, o criador, o pai de todo dragão que já viveu, e que já viveria.

O Primeiro Dragão olhou para mim, chamuscando um caminho diretamente até minha alma, seus olhos lentamente fechando, mas não antes de eu ver uma tristeza profunda neles que me fizeram querer me jogar adiante e lamentar até que eu não tivesse mais lágrima.

A massa dos fragmentos giratórios explodiu em uma nova de luz branca azul que pareceu nos perfurar, passando por nossos corpos e mentes e almas até que fui a única coisa que existiu, e nós não estávamos mais.



Duas horas mais tarde eu estava na pousada e observei quando a faixa pequena de cinco dragões pretos que eu trouxe como guardas selarem nossos cavalos. Kostya estava próximo a mim, assistindo caladamente.

Gritos de encanto vieram da pousada. Eu olhei acima de meu ombro. Drake tinha em seus braços as três mulheres que esperaram muito pacientemente por ele no pântano, escoltando eles para o quarto de cima onde ele sem dúvida provaria da mercadoria. Eu já me despedi dele, como também de Allesander.

—O que você gostaria que eu dissesse a Baltic?— Eu perguntei a Kostya, retornando meu olhar para a janela.

—Sobre o fragmento?— Ele olhou para meu tórax.

Eu toquei no local cerca de dois centímetros abaixo do meu peito, onde a marca de um pequeno diamante agora residia. Dentro de mim, o pedaço que havia pertencido ao primeiro Dragon zumbia com vida própria, o fragmento lamentando comigo pelo futuro que eu temia que aconteceria.

—Não, embora eu não entenda como você pode estar tão seguro que o dono legítimo do fragmento não estará aflito que eu sou a dona dele agora. Eu teria muito prazer em explicar para quem seja se você der a mim o nome.

—Eu disse a você que a responsabilidade era minha. — ele disse, um chamejar de algo em seus olhos me deixando duvidosa. —Eu lidarei com o dono. Você não tem nenhuma necessidade para temer que ela...

—Ela? — Eu perguntei quando ele parou de falar e pareceu de repente furioso.

—Pela Cruz! Este fragmento pertence a Chuan Ren?

—Pertenceu. — ele disse, dando a mim um olhar aborrecido antes de girar seu olhar para o pátio.

—Por que ela daria a você ambos os fragmentos?— Eu perguntei, agitando minha cabeça.

Sua mandíbula endureceu por alguns segundos; Então ele disse:

—Ela não fez.

—Os dragões verdes são ladrões renomados. — eu disse, quando alguns fatos deslizaram em lugar. —Seu irmão é um Dragão verde. Drake roubou os fragmentos de Chuan Ren, não é?

Seus ombros tremeram.

—O Talismã Song será retornado a ela.

—Mas não o Talismã Choate. — eu assinalei, divertida apesar da situação. Chuan Ren ficaria lívida quando descobrisse. Eu teria que advertir Baltic de que ela provavelmente desejaria recuperar o fragmento.

—Isso não pode ser evitado.— Kostya respirou fundo e girou para mim, seu rosto duro e inflexível. —Eu queria que as coisas fossem diferentes, Ysolde, mas você deve perceber que eu não posso permanecer ao lado de Baltic por mais tempo. Você deve ver isto.

A tristeza me agarrou com suas palavras.

—Você, de todas as pessoas, sabe por que ele está continuando a guerra. Você é seu amigo mais velho, seu guarda mais confiado. Se nós pudéssemos argumentar juntos, se nós pudéssemos fazê-lo entender que Constantine não é realmente uma ameaça.



—Mas ele é. — Kostya interrompeu. —Nisso eu concordo plenamente com Baltic. Os dragões de prata são uma ameaça para cada dragão negro. Eles devem retornar a nós, ou nós enfrentaremos uma eternidade de destruição.

—Você disse mais cedo hoje que Baltic indevidamente estava perpetuando a guerra, e agora você insiste que ele continue? Você não faz sentindo, Kostya.

—Existe uma diferença entre tentar retomar o que é nosso, e tentar controlar o weyr inteiro.

—Você sabe muito bem que Baltic não tem nenhum desejo de assumir o comando de todos os clãs. — eu disse, repugnada com sua recusa teimosa para admitir a verdade.

—Não? — Ele deu a mim um longo olhar. —Pergunte a você mesma por que ele simplesmente não mata Constantine e traz os dragões de prata de volta para o weyr.

—Eu não discutirei mais sobre isso. Nós dois dissemos tudo há para dizer.— Eu suspirei. —Minha preocupação é com o futuro imediato. Você está certo que você não deseja retornar comigo? Seguramente valeria a pena tentar argumentar com Baltic novamente.

—Ele passou do ponto de escutar a razão, e eu não terei os últimos poucos dragões pretos sacrificados por nenhum propósito. Ysolde... — Ele parou de falar o que ele iria dizer, hesitando antes de finalmente dizer: —Você deve estar ciente do que está em meu coração. Eu amei Baltic como um irmão, mas eu não posso o deixar destruir nosso mundo. Ou ele irá parar, ou eu devo pará-lo, por qualquer meio possível.

O medo agarrou meu estômago com a morte em seus olhos.

—Você nos destruiria. — eu disse simplesmente.

—Se é isso que preciso para detê-lo, sim.— Kostya tomou minha mão e se inclinou sobre ela. —Você esta bem o suficiente para viajar?

—Sim. — eu disse, o mundo de repente deserto e inanimado.

—O que você dirá a Baltic?

—A verdade.— Eu encontrei seu olhar e cuidadosamente puxei meus dedos dos seus. —Eu direi a ele a verdade.



Capítulo Onze

—Bom dia. Suzanne, não é? Eu não sei se você se lembra, mas eu sou Tully Sullivan. Eu vim para buscar meu filho, Brom.

—Eu não podia facilmente esquecer você, Ysolde. — o dragão verde disse quando ela sorriu e saiu do caminho assim eu podia entrar na casa de Drake.

Eu olhei rua abaixo para onde uma BMW preta estava. Isto tinha sido tudo que eu pude fazer para manter Baltic no carro, tendo que jurar para ele que eu não entraria na casa por mim mesmo.

—Meu carro está estacionado em fila dupla, então eu acho que eu só ficarei aqui fora no caso da polícia vir. — eu disse, acenando uma mão vagamente em direção ao carro de Baltic. —Se você pudesse dizer a Brom que arrumasse suas coisas, eu o levarei rapidamente.

—Ele não tem sido nenhum problema. — ela disse. —Eu sinto muito, mas eu devo fechar a porta. Drake teria meu couro se eu deixasse a porta aberta. Ele está um pouco louco pela segurança agora mesmo. Você está certa de que não quer entrar?

—Não, não é nenhum problema. Eu só esperarei aqui fora por Brom. — eu disse, me debruçando contra a grade de pedra branca.

Ela deu a mim um olhar estranho, mas fechou a porta. Dois minutos mais tarde, quando eu estava tentando pensar como abordar um assunto difícil com Baltic, a porta abriu. Eu me endireitei, esperando ver meu filho, mas ao invés dele foi um demônio preto em forma de cachorro que saiu.

—Oi, Solde! Oooh, top sensual, bebê, top muito sensual. Eu gosto de como seus peitinhos estão pulando do decote.

Eu olhei para baixo na área do espartilho preto de renda que eu comprei uma hora mais cedo. Meus peitos pareciam um pouco mais pronunciados do que era normal, mas Baltic não expressou nada além de aprovação pela minha escolha, indo com sua língua de serpente ate o vale entre meus peitos. Eu pus um fim nisso, naturalmente... após uma quantia apropriada de tempo.

—Eu acabei de comprar isto em uma boutique pequena esta manhã. Estava em venda. Você acha que é muito ousado?

—Não. — Jim disse, olhando meus peitos com alegria. —Se você se curvar, vai saltar?

Eu dei-lhe um olhar sujo.

—Você é um demônio. Você supostamente não nota coisas como peitos levantados.

Ele rolou seus olhos.

—Eu posso ser um demônio, mas eu sou um demônio homem, e eu teria que estar preso na mais funda, mais escura, a mais odiosa de todas as celas do calabouço do Bael, sofrendo a pior tortura imaginável, para não notar um bom par de tetas quando elas passarem por mim, e mesmo assim, eu estaria pensando sobre elas o tempo todo.

Eu murmurei algo rude, me virei para a porta, e fiz uma curva experimental para ter certeza de que nada desfavorável acontecia.



—Está tudo bem. Você pode puxar sua língua de volta. — eu disse ao demônio quando eu me virei para enfrentá-lo.

—Você tira toda a diversão de cobiçar. Eh, o que é essa marca em seu peito?

Eu olhei abaixo e puxei o decote para cima para cobrir melhor a marca do clã.

—Não é de sua conta. Onde está Brom?

—Juntando suas coisas. Você o está levando? Aisling disse que ele iria ficar uns dias porque seu namorado louco iria explodir Gabriel novamente.

—Meu namorado louco não fará nada disso...— eu parei, conseguindo segurar meu temperamento. —Eu não tenho um namorado louco, e ninguém que eu conheça vai explodir a casa de Gabriel. Deste modo, sim, eu estou aqui para pegar meu filho. Eu espero céu, que você não tenha enchido a cabeça de Brom com todos os tipos de conversas impróprias sobre peitos ou Baltic. Ele só tem nove anos.

—Não, ele é uma boa criança, e além disso, Aisling disse a mim que se eu mostrasse a minha coleção mensal de peitos, ela teria minhas bolas pregadas na parede. Nós temos sido bons. Bem, nós nos sentamos até as duas da manhã assistindo filmes do velho Hammer Terror,¹⁷ porque Ash e Drake saíram do país por uns dias, mas eu prometi ajudar a olhar Brom. E o que é melhor do que ficar sentando até duas da manhã assistindo, eh?

—Eu preciso falar com ele sobre ficar acordado até tão tarde. — eu disse com uma carranca de mãe.

O demônio me olhou.

—Você precisa o deixar ter alguma diversão. É por isso que eu o deixo ver retratos de minha namorada, Cecile.

Meu queixo cedeu apenas um pouquinho.

—Você tem uma namorada?

—Sim. Uma Welsh Corgi¹⁸ preta com uma barriga branca fofa, e orelhas que imploram para serem chupadas. Ela é a coisa mais atraente em quatro pernas. Ela está um pouco velha, mas está OK; Eu tenho mais de três mil anos de idade, mesmo. Quem é aquele no carro? — perguntou, perscrutando ao redor mim em direção a Baltic.

—Só um amigo dando a mim um passeio.— Eu movi para bloquear sua visão. Eu estava para distrair o demônio com algo, qualquer coisa, quando a porta abriu novamente, desta vez quem saiu foi Brom e sua mochila.

—Sullivan, nós podemos ir para o Museu britânico novamente?

—Bom dia para você, também. — eu disse, abraçando ele.

—Dia. Nós podemos? Maata disse que ela me levaria novamente se Gabriel e você disserem que estava OK.

—Er... — eu olhei atrás em direção ao carro. A silhueta de Baltic podia ser vista, movendo-se de uma maneira impaciente. Eu concordei em ficar com ele em sua casa, mas eu não queria dar as notícias para Brom com Jim de pé aí mesmo, pronto levar as informações de volta para Drake.

¹⁷ Hammer Film Productions é uma empresa de produção cinematográfica do Reino Unido. Fundada em 1934, a empresa é conhecida por uma série Gótica "Hammer Terror", filmes realizados a partir de meados dos anos 1950 até os anos 1970.

¹⁸ Raça de cachorro



Momentaneamente distraída, eu dei uma risada mental, percebendo por que Drake pareceu vagamente familiar para mim quando eu o vi no sárkány. A memória de Drake com as três mulheres enroladas nele na cantina em Paris deixou-me perguntando se ele realmente mudou o jeito de gato mulherengo que ele uma vez tinha sido.

—Sullivan? — Brom me cutucou.

—Nós conversaremos sobre isso mais tarde, OK? Agora mesmo eu quero ir. Bom ver você novamente, Jim.

—A criança tem múmias no cérebro. — Jim disse para mim, de repente saltando para o lado, me passando e correndo para o carro. —Eh, esse é quem eu penso que é?

—Pela Cruz de Cristo!— Eu jurei, correndo atrás dele, Brom em meus saltos. — Jim! Volte aqui! Senta!

—Isso só funciona se você for meu senhor demônio ou propriamente designada representante de um, coisa que você não é.— Jim disse quando parou no carro.

—Queijo santo e minúsculas pequenas bolachas! Esse é...

Eu coloquei minha mão ao redor de seu focinho, olhando atrás para a casa. A porta abriu,e Suzanne saiu, procurando obviamente por Jim.

—De todas as... — eu abri a porta traseira do carro, dizendo a Brom. —Entre na frente!

—O que você está fazendo com Jim?— Ele perguntou, de pé me encarando em quando eu levantava o demônio a meio caminho do carro.

—Por que tudo que pareço fazer ultimamente é empurrar pessoas em carros? Só entre, Brom! Jim, me ajude Deus, se você me morder, eu morderei você de volta!

Os olhos do demônio se arregalaram quando agarrei-o firmemente ao redor da caixa torácica e empurrei o último bocado no carro, mais ou menos caí logo depois. Nós caímos em um enredo de braços e pernas peludas sobre o chão do carro.

—Vamos!— Eu gritei para Baltic, lutando para ficar livre das pernas do cachorro.

—O que é isto?— Baltic disse, olhando para nós por cima do banco. —Por que você está trazendo um demônio com você? Nós não temos nenhuma necessidade de um demônio, companheira. Solte-o.

—Inferno!— Jim lamentou, seus dentes cerrados fechados devido ao meu aperto em torno de seu focinho.

—Uau, você é o sujeito que veio atrás de Sullivan. — Brom disse, sentando no banco dianteiro. Ele e Baltic avaliaram um ao outro por um momento.

—Você devia ter sido meu filho,— Baltic disse a Brom.

Jim chutou com ambas suas pernas de trás, soltando meu agarre em sua boca.

—Estou sendo um demônio-sequestrado!

—Ok...— Brom disse para Baltic depois de pensar um momento. Os dois assentiram, como se isso resolvesse o assunto.

—Aisliiiiing!

—Fique quieto, sua pestilenta bola de pêlos! — Eu gritei, lutando no chão do carro de Baltic, finalmente notando Suzanne, que agora estava com as mãos nos quadris dela chamando Jim, Baltic colocou o pé no acelerador e atirou para o tráfego, dando uma meia-volta que faltou pouco para bater na lateral de uma van Harrods.



—Você mesmo causou isso! Se você não tivesse sido tão curioso, eu não teria tido que fazer isto!

—Aisling vai usar sua bunda como alvo quando ela descobrir o que você está fazendo!— Jim disse, deliberadamente enxugando seus lábios babosos em mim, quando eu consegui sentar no banco, deixando longos rastros de baba viscosa em meu braço.

—Você acha? Bem, talvez sua preciosa Aisling precise tomar cuidado, porque eu não sou nenhuma boba, sabe. Eu sou um mago, e companheira do mais temido e respeitado no mundo dragão. — eu disse quando eu procurei algo para enxugar a baba.

Brom olhou especulativamente para Baltic.

—Você é?

—Sim. Se você fosse meu filho, como você deveria ter sido, você também, seria um.

—Hmm. — Brom disse, ainda pensativo.

Não havia nada atrás do carro, nenhum tecido, nenhuma toalha, nenhum guardanapo. Nada. Eu olhei para a pele do demônio.

—Você não iria!— ofegou.

—Se me fizer mais alguma coisa, eu farei muito mais que sujar você com sua própria saliva!— Eu ameacei, me abaixando até enxugar minha mão no tapete do chão.

Jim prendeu a respiração.

—Nossa, e eu pensei que Ash era má! Você quer um trabalho como um senhor demônio?Você encaixa direitinho no papel. Eh, esse é seu mamilo?

Eu me empurrei para a vertical, empurrando meu peito para dentro de minha camisa. Evidentemente o corpete não passou do teste final.

—Mantenha seus olhos para você mesmo, e... Baltic!— Eu gritei e apontei para o edifício onde nós íamos bater porque ele girou olhar para trás com o comentário do Jim sobre meu mamilo. —Olhos na estrada, senhor!

—Eu especificamente pedi a você para não despir seus peitos para outros. — ele disse rispidamente, lançando olhares irritados para mim pelo espelho retrovisor.

—Jim não é uma pessoa, e eu não exatamente me despi, oh, não importa. Só mantenha seus olhos na estrada.

—É difícil. Estas pessoas não dirigem corretamente. — ele disse, transferindo seu olhar para um homem jovem em uma vespa que nos ultrapassou a alta velocidade.

—O tráfico da cidade é sempre ruim..., espera um minuto. O que você quer dizer com que eles não sabem dirigir corretamente? Você sabe dirigir, não é?

—Claro que eu sei dirigir. Eu estou fazendo isto agora, não é?

—Oh, homem... — Jim disse, cobrindo seus olhos com sua pata. —Nós vamos todos morrer.

—Sim, você está dirigindo... — eu disse, —mas desde que eu sou a pessoa que dirigiu para a cidade esta man...luz vermelha!

Baltic pisou nos freios, parando no meio do cruzamento. Afortunadamente, a luz acabou de mudar, então o tráfico transversal teve tempo para evitar nos bater.

—Você parará de me distrair com coisas irrelevantes?— Baltic disse, a irritação gotejando de cada sílaba.



—Uma luz vermelha não é irrelevante. Você tem licença do motorista?— Eu exigi.

—Eu tenho onze séculos de idade,— ele rosnou, segurando com força o volante quando ele dirigia para fora do cruzamento. —Eu não preciso de uma licença mundana para dirigir!

—Nós estamos condenados, eu digo a você, condenado!— Jim lamentou.

—Essa é uma passagem de pedestres!— Eu gani quando Baltic esteve perto de derrubar duas senhoras de idade avançada e suas pequenas cestas de compras.

—Eu não as atingi, — Baltic disse, seu tom ferido. —Você faz muito mais do que alguns quase acidentes,Ysolde.

Eu olhei para trás. Um das pequenas velhas senhoras estava cambaleando na faixa de pedestres, sua mão no peito, enquanto a outra estava fazendo com a mão m gesto extremamente rude para nós.

—Certo, é assim. Encoste

—Por quê?

—Quando a minha fabulosa forma estiver esmagada e queimada em uma bolha de gosma irreconhecível, por favor você avise Aisling para que ela possa me chamar de volta? — Jim perguntou.

—Oh, fique quieto. Nós não estamos indo para...Baltic!

—O que agora?— Ele rosnou, seus dentes friccionados e suas juntas brancas no volante à medida que ele dirigia estrada abaixo em uma pista sinuosa, ignorando as buzinas estridentes, sugestões anatomicamente impossíveis,e gritos agudos de horror.

—Essa é uma rua de mão única!— Eu berrei, debruçando adiante acima da cadeira para tentar embrulhar meus braços ao redor de Brom em uma tentativa desesperada para protegê-lo da morte iminente.

—Eu só estou indo para um lado!

—Sim, o lado erraaaaaaaaaado!

—Uau.— A voz do Brom veio das profundidades de onde eu o tinha embrulhado contra meu tórax. —Isto é realmente seu mamilo. O que é aquela marca próxima a ele?

—Pare de olhar para meus peitos!— Eu rugi quando Baltic, em flagrante desrespeito pelo fato de que ele estava dirigindo contra o tráfico, na verdade estava agora em cima da calçada, os pedestres dispersos aqui e ali, virou-se para ver o quão mal estava pulando para fora da parte superior do espaltilho.

—Você não comprará roupas daquela loja novamente. — ele disse severamente.

—Eu não aprovo essa convicção de que os jogos de exibição que você gosta irão me despertar. Eles não fazem.

—Pare!— Eu gritei, apontando para um estacionamento.

Ele parou, sons de buzinas, metal amassando, carros batendo, e vidros quebrando nos seguiram até o estacionamento.

No segundo que nos paramos eu estava fora do carro, marchando para o lado do motorista. Eu abri a porta do motorista e apontei para o banco traseiro.

—Eu dirigirei!— Eu disse, desafiando Baltic.

Ele me olhou, suas olhos em estreitas fendas de obsidiana.

—Você está desconfiando da minha habilidade de dirigir um veículo, companheira. Você vai deixar de fazê-lo, e voltar para a máquina.



—Por favor. — Jim choramingou da parte de trás. —Deixe ela dirigir. Eu não sei quantos mais magníficas formas eu posso achar.

Meu olhar se transformou em uma coisa de beleza fulminante.

—Muito bem. — Baltic disse com altiva graciosidade quando ele saiu do carro. Ele olhou incisivamente para meu peito. —Mas você deve parar de mostrar a todo mundo seus peitos. Eu percebo que seu renascimento fez você desenvolver preferências sexuais estranhas, mas eu não tolerarei minha companheira se expondo para todos e diversos. Se você deseja exibir eles, só eu serei seu público. Você deve renunciar a isso, companheira.

—Oooh... — Jim disse, se sentando. —Que tipos de estranhos desejos sexuais diferentes faz você se acender, Soldie?

—Eu não estou me expondo para ninguém!— Eu disse, então olhei para baixo e vi que eu estava fazendo exatamente isso. Eu empurrei meu peito direito para dentro da camisa, dizendo, —Bem, maldição! Eu normalmente não faço isto! E eu não tenho preferências sexuais estranhas, então você pode parar com qualquer comentário sugestivo que você ia fazer, Jim.

—Eu só iria perguntar se envolve varas de manteiga ou animais de casco. — respondeu.

—Você não pode negar que tem desejo de assistir Pavel com...

—Aaaaaaah!— Eu gritei, querendo arrancar meu cabelo. Eu bati minha mão na boca de Baltic, ao invés.

—Quem é Pavel? E o que ela quer assistir ele fazer?— Jim perguntou, se debruçando adiante do banco dianteiro.

Eu olhei para ele por um segundo quando eu deslizei atrás do volante.

—Entre. — eu disse a Baltic.

Ele cruzou seus braços.

—Eu não compartilharei uma cadeira com um demônio.

—Eh! Eu posso ouvir você!

—Eu me sentarei com Jim. — Brom disse, dando a mim um olhar considerado quando ele subiu no banco traseiro.

—Aí, você vê? Meu filho amavelmente está permitindo a você sentar no carona.

—Meu filho. — Baltic disse, dando a mim outros de seus aborrecidos olhares patenteados.

—O quê?

—Ele é meu filho. Por direito ele devia ser, e você disse que queria que eu o tratasse como tal, então eu estou fazendo isto. Eu o reivindico como meu filho. Você, Bram.

—Brom.— minha criança o corrigiu.

—Você vai deixar de ser descendente do usurpador que roubou Ysolde de mim. Você é agora meu filho.

—OK. — Brom disse, nem um pouco arrepiado por aquela idéia.

—Aí, você vê? Eu consertei as coisas. — Baltic disse a mim.

—Adorável. Ótimo. Maravilhoso. Eu conseguirei para você uma camiseta do Pai do Ano mais tarde. Nós podemos ir agora? Eu ouço as sirenes da polícia, e se nós não sairmos daqui agora, nós vamos ter um monte de explicações para dar.



—Sim. Seqüestro de Demônio é uma ofensa federal agora, eu ouvi. — Jim disse quando Baltic entrou no banco do passageiro.

Foi um passeio de volta muito longo para a casa de Baltic.

—O que nós estamos fazendo aqui?— Brom perguntou quando eu parei uma hora mais tarde. Ele perscrutou fora da janela para a casa branca.

—Nós vamos ficar aqui com Baltic.

—Por quanto tempo?

—Até que eu possa reconstruir Dauva.— Baltic respondeu quando ele saiu do carro. A porta da casa abriu, e um homem saiu. —Ah. Pavel voltou. Bom.

Eu examinei por cima do teto do carro o homem que eu reconhecia de meus sonhos. Ele começou a vir em direção a nós, tropeçando quando ele me viu, e me olhando fixamente com olhos enormes. —Isto... isto não poder ser... ser isto?

—Sim. — Baltic disse, vindo para mim a fim de envolver seu braço ao redor de minha cintura e me puxar para o seu lado. —Minha companheira vive.

—Eu também, não graças a condução de Baltic.— Jim disse quando urinou no pneu de trás. —Lugar bom. Eu posso ir para casa agora?

—Não.— eu disse, cavando meu cotovelo nas costelas de Baltic. Brom estava nos assistindo com olhos fascinados.

—Aisling vai ficar louca quando ela descobrir o que você fez, você sabe.— Jim disse a mim. —E peitos impressionantes ou não, eu não vou pará-la. Eu deveria ir para Paris hoje para ver minha bela Cecile, e agora eu não poderei chupar suas orelhas, cheirá-la ou lambar sua barriga ou quaisquer das coisas eu queria fazer.

Brom transferiu seu olhar para Jim, igualmente fascinado.

—Você descobriu seus peitos para o demônio, também?— Baltic perguntou indignado.

—Não, claro que eu não fiz! Eu disse a você várias vezes que eu não tenho nenhum desejo ou fantasia sobre despir qualquer coisa para ninguém, menos ainda os meus peitos. Eu nunca deliberadamente mostrei meus peitos. Então por favor pare de insistir nisso, é tudo que eu posso fazer. Apenas aconteceu, OK?

Pavel, Jim, e Baltic olharam meu decote.

Eu olhei para baixo, jurei, e suspendi o decote novamente.

—Aaah!

—Nós vamos ter uma longa discussão sobre essas fantasias sexuais suas.— Baltic disse a mim, arrastando-me em direção à casa.

—Eu não tenho nenhuma fantasia exibicionista!— Eu gritei.

—O que é um exibicionista?— Eu ouvi Brom perguntar a Jim.

Eu olhei para trás e enviei ao demônio um olhar que teve ele tremendo.

—Quer dizer alguém que gosta de fazer compras em boutiques pequenas. — disse.

—Saia da linha, demônio, e eu irei...

—Ou você fará o quê?— perguntou, inclinando sua cabeça para o lado.

Antes de eu poder responder, Baltic parou e atirou um raio laser de seus globos oculares. Bem, certo, para falar a verdade não,mas o efeito foi o mesmo. Apareceu um círculo de fogo ao redor do demônio, fazendo ele dançar e girar.

—Legal. — Brom disse, olhando com especulação para Baltic.



—Certo, certo! Mande sair seu namorado maluco! Eu me comportarei!— Jim tentou apagar as chamas que lambiam rabo. —Não o pacote! Qualquer coisa menos o pacote!

—Vejo que você se comporta. — Baltic disse, extinguindo o fogo com um estalido de seus olhos. Ele girou para Pavel e falou em um tom baixo de voz, este lançando olhares periódicos para mim.

Eu suspirei e peguei meu celular quando todos nós entramos no corredor.

—Eu suponho que eu deveria dizer a Aisling que você está comigo, Jim. Não seria justo fazer ela se preocupar, ela pode estar pensando que você tem foi sequestrado por alguém que quer destruí-lo.

Jim fez uma careta.

—Sim, bem, sobre isto...

—O que? — Eu perguntei quando sua voz parou.

—Normalmente eu não me preocuparia, porque assim que Ash percebesse que eu fui sequestrado, ela poderia me chamar de volta, mas ela não vai perceber que eu fui. Bem, ela irá, e não irá. Se você conseguiu me entender.

—Nem um pouco. Sobre o que você está murmurando?

Jim suspirou.

—Meu passeio para o aeroporto era esperado quando você apareceu. Suzanne provavelmente acha que é para onde eu fui. Eu disse a você que eu deveria ir para Paris.

—Ah, bem. — eu disse, não muito preocupada sobre a viagem perdida do Jim.

—Eu estou certa de que você pode ir outra hora.

—Eu não quero ficar aqui. — Brom de repente disse, dando a sala uma boa olhada.

—Por que não?— Eu perguntei, preocupada de que ele teve a impressão errada da possessividade de Baltic. Ou melhor, a impressão certa, mas sem uma explicação que ajudasse a ele entender a complexa relação que até eu não estava certa de ter entendido completamente.

—Eu quero voltar para a casa de Gabriel, onde eu tenho meu laboratório instalado.

Baltic voltou-se.

—O que é isto? Meu filho não prefere a casa de um wyvern prata a minha.

—Gabriel disse a Brom que ele podia usar um quarto no porão para fazer suas experiências. Ele gosta de mumificar coisas.

—Eu sou um embalsamador. — Brom disse a Baltic.

—O wyvern prata deu a você um quarto? — Baltic disse com os olhos estreitados.

—Você é meu filho. Eu darei a você... — Ele pensou por um momento. —Eu darei a você um edifício inteiro. Existe um celeiro ao norte você pode usar isto.

—Legal. — Brom repetiu; então seu rosto caiu. —Mas todo meu material está na casa do Gabriel. Meu natron, meu desidratador, minha raposa morta, e todos os outros.

—Eu darei a você novas coisas. Raposas melhores, melhor natron.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

—Você sabe o que é natron?— Eu perguntei a ele.



—Não. — ele disse, acenando alegremente para longe a pergunta. —Mas o natron que eu darei a meu filho será da melhor qualidade.

—Se você quiser trocar Gareth por Baltic, eu não me importaria... — Brom sussurrou para mim, claramente apreciando a determinação de Baltic para vencer o que ele pensava como um rival.

—Obrigado. Eu mantereí isso em mente. — eu disse a ele com toque de meus dedos em sua orelha.

Pavel fez uma reverência para mim.

—Eu estou contente em ver você novamente, Ysolde. Faz bastante tempo. Você não mudou mesmo.

Baltic disse algo em um idioma que eu não entendia.

Pavel pareceu um pouco surpreso, atirando mim um olhar que eu achei difícil de decifrar, então eu respondi:

—Certamente mudei. E obrigado.

Pavel deu a Baltic um pequeno aceno com a cabeça e foi para as profundidades da casa.

—Brom, por que você e Jim não vão lá fora olhar ao redor. — eu disse.

—OK. Nós podemos olha o celeiro. Pergunto-me se existe tem alguma coisa morta lá...

—Que garoto estranho você conseguiu, Ysolde. — Jim disse acima de seu ombro quando ele e Brom seguiram para a porta da frente.

—Cuide de suas maneiras. — eu adverti. —E não tente escapar, porque você não irá, Baltic gostaria de te perseguir.

—Eu devo resolver alguns negócios. — Baltic disse, pegando seu telefone.

—Que tipo de negócios?— Eu perguntei um pouco suspeitosamente. — Negócios de dragão? Porque nesse caso, eu quero conversar com você sobre isto.

—Não, negócios mundanos.

—Você quer dizer negócios humanos? Eu não tinha idéia de que dragões faziam esse tipo de coisa.

Ele encolheu os ombros.

—A maior parte de minha fortuna foi reivindicada por outros quando eu morri. Leva algum tempo para reconstruir, e desde que eu precisarei de bastante capital para restabelecer Dauva, eu devo lidar com esses assuntos de negócios.

—Oh. Eu desejaria poder dar a você algum dinheiro, mas eu não faço muito como um aprendiz, e Gareth que controla o dinheiro das manifestações anuais. Então eu estou quase sem dinheiro.

—Eu não busco fortuna de você, companheira. Só seu amor.

Eu olhei corredor abaixo quando Pavel cruzou de um quarto para o outro.

—Er... Pavel vive aqui com você?

—Claro. Ele é meu amigo mais antigo e confiável. Ele sobreviveu quando os outros não fizeram.— Baltic parou de verificar suas mensagens no telefone e me deu um olhar. —Está certa que não o cobiça?

—Maldição! Como você sabe o que eu estou pensando? Você ler mentes também?

Ele respirou profundamente, aproximadamente um quarto de todo o ar na casa.

—Você cobiça ele!



—Não, eu não faço! Pelos céus, Baltic! Eu não dou a mínima para ele, não naquele jeito. Eu só estou um pouco curiosa para saber ou não... oh meu deus! Você não fez! Oh! Você fez! Eu posso ver pela sua expressão, você fez! Você disse a ele sobre mim e minha fantasia sobre sujeito em ação com sujeito, não fez você!

Apaziguado, Baltic me deixou fervendo e digitou algum número em seu telefone.

—Sim. Ele disse que você podia assistir da próxima vez ele tiver um amante.

—Oh! Eu não posso acreditar que eu...— Eu soquei ele no braço. —...eu não posso acreditar que você disse a ele isto! Eu vou morrer de vergonha! Eu nunca poderei o olhar no olho novamente! Eu nunca vou perdoar você! Como você pode fazer isso comigo!

Baltic apenas olhou para mim, esperando.

—Você acha que ele vai ter um sujeito logo?— Eu não pude evitar perguntar. Ele franziu o cenho.

—Eu não sei. Até lá você terá que satisfazer seus desejos sensuais em mim, e mesmo assim, você poderá somente assistir, não participar. E você não despirá seus peitos para Pavel ou nenhum outro.

Eu dei a ele um olhar que devia ter secado seus testículos.

—Eu não tenho nenhum desejo para ter uma orgia! Tudo que eu disse foi que às vezes era um pouco interessante!

—Então você disse... — ele murmurou sombriamente, indo para um quarto eu assumi que fosse seu estudo.

Eu jurei sob minha respiração obstinada, ciumento, homem irritante, e fiquei pensando em qual dos meus conhecidos eu poderia ligar com Pavel.

Capítulo Doze

O dia estava tão escuro e úmido quanto meu humor, o cheiro de neve pesada no ar. Estrela Brilhante, minha égua, movia sem descanso embaixo de mim enquanto nós esperávamos no pé da colina, assistindo quando uma linha de homens e cavalos feridos saírem do bosque, movendo-se em direção a nós como uma grande centopéia.

Baltic andava na liderança, como sempre, sem um capacete, seu cabelo escorrido pela chuva fina, escorrendo sobre a cota de malha como dedos de tinta.

—O que você está fazendo fora da propriedade?— Ele gritou quando ele emergiu da última da floresta que cercava Dauva.

—Eu vim saudar você. — Meu olhar passou dele para contar o número de dragões que seguiam. Era um número muito menor dos que partiram não mais do que um quarto retornou. Tristeza, uma companheira constante estes dias em minha barriga, agarrou-me dolorosamente. —Você não parou Constantine?

—Não.— Foi só uma palavra, mas em era completa de desespero fortemente ligava-se a Baltic. Seu olhos estavam tão desertos quanto sua expressão, planos, e sem nenhuma esperança. Seus ombros estavam curvados, como se estivessem atrelados a um grande peso. —Ele vem por você, chérie. Só está um dia atrás de mim, menos ainda se ele não descansou a noite.

Eu agitei minha cabeça, incapaz de acreditar nisso.

—Por que ele está fazendo isso? Ele sabe que eu amo você. Ele sabe que eu só quero você. Eu nunca permaneceria com ele mesmo se ele me tirasse você.

Ele me alcançou, a cabeça do seu garanhão tão baixo quanto meu espírito. Os cavalos e homens pareciam esgotados, claramente no limite de suas forças. Eu sabia que Baltic teria empurrado muito duro.

—Por quê?— Baltic deu um latido rouco de riso. —Ele acredita em que ele pode balançar você, virar você contra mim.

—Ele está errado. — eu disse, persuadindo a minha égua ao redor de forma que nós montamos juntos no pátio.

—Ele jurou que se ele não pode ter você, eu não irei.

Eu olhei para ele, surpreendida pela dor atada a sua voz.

—Sim, meu amor. — ele disse, tomando minha mão na dele. Suas manoplas e braceletes estavam manchados de sangue seco. —Ele ameaçou matar você se ele não puder roubar você de mim, este alguém que professa seu grande amor por você.

—Ele é um idiota. — eu disse severamente, o baque surdo de cascos na terra o único som.

Baltic notou o silêncio. Ele ergueu sua cabeça, olhando ao redor.

—Onde todo mundo está?

—Eu mandei eles embora.

Ele olhou para mim por um momento, seus olhos tão abalados que eu quis esmagá-lo contra meu seio e confortá-lo. Lentamente, ele movimentou a cabeça.

—Por que deixar outros sofrerem com minha loucura?

Eu não disse nada até que eu o levei para o lado de dentro, ordenando as duas empregadas restantes para trazer água para um banho. Pavel, mudo e imundo com sangue e sujeira, me ajudou a remover a armadura de Baltic.



—Eu enviarei uma das empregadas para ajudar você. — eu disse a Pavel quando ele juntou as araduras descartadas.

Seu lábios trançaram em um sorriso meio torto quando ele se curvou e fechou a porta quietamente atrás dele.

—Está terminado, chérie. — Baltic disse, afundando na cadeira ante o fogo. — Constantine ganhará. Ele tomará Dauva, tomará você, e eu morrerei.

Eu ajoelhei ante ele, minhas mãos em seus joelhos, me deslizando em suas pernas até tomar suas mãos nas minhas.

—Então eu irei morrer, também. Porque eu não pertencço a ninguém além de você.

—Eu prefiro que você viva. — ele disse, um sorriso lânguido apareceu em seus lábios, mas não existia nenhum humor nele. —Eu prefiro nós dois vivos.

—Tem que haver um modo de parar isto, parar Constantine. Ele destruiu este clã inteiro.

—Só restaram dezoito de nós. — Baltic disse em uma voz desprovida de emoção.

—Dauva é forte. Nós sobreviveremos. — eu disse, recusando-me a ceder ao desespero que manchava o ar ao nosso redor.

—É forte, mas com tempo, Constantine achará uma entrada. Nós não podemos resistir muito tempo com só um punhado de homens. — De repente, ele ergueu sua cabeça e olhou ao redor do quarto. —Onde está Kostya?

—Er... sobre isto.— Eu me levantei e abri a porta para as empregadas, que carregavam quatro cubos de água. Eu esperei até que elas se foram antes de continuar. —Eu percebo que agora não é o melhor momento para dar essa notícia a você, mas... bem... eu estou carregando... quer dizer...

—Você está grávida novamente?— Esperança chamejou para vida para um momento em seus olhos. —Chérie, como pode você pensar que eu não estaria contente com as notícias?

—Não, eu não vou ter uma criança. É outra coisa que eu estou carregando. — eu disse, doente com o conhecimento do que eu teria que dizer. Eu respirei fundo e disse depressa: —Enquanto você estava lutando contra Constantine,eu fui para Paris. Lá eu me encontrei com Kostya e um dragão verde e um dragão azul. Eu disse a você que eu ia usar o talismã para reformar o coração de dragão, e então eu fiz, só... que eu falhei. Não me permitiram reformar novamente, e quando os fragmentos estouraram, em vez de entrar no Talismã Choate, ele... ele entrou me em. Em meu corpo.

Baltic olhou fixamente para mim como se ele nunca tivesse me visto.

—Você usaria o coração de dragão contra mim?

Eu marche para ele e o estapeei não duro, mas forte o suficiente para ele saltar sobre seus pés.

—Isto é por ter pensando que eu faria tal coisa.

Fúria rugia por ele na forma de seu fogo de dragão, uma fúria que derramou sobre mim, enroscando ao redor de minhas pernas, subindo mais alto e mais alto até que eu estive enrolada nas chamas. Eu dei boas-vindas ao calor disso, fundindo com o meu próprio, tomando em mim e enterrando no fundo de minha alma.

Por um momento, eu pensei que Baltic iria explodir com raiva, mas incrivelmente, o fogo se extinguiu e seus lábios se curvaram.

—Ah, meu amor, o que eu faria sem você?



—Ser completamente e totalmente miserável. — eu disse, contente de ver a vida voltar ao seus olhos. —E provavelmente dormir com toda mulher com duas pernas.

Suas mãos deslizaram ao redor de minha cintura.

—Você é a única mulher que eu sei que ousaria saudar seu wyvern com as notícias de que ela agora carrega um pedaço do coração de dragão. Nós temos que dar a você um nome, agora.

—Eu tenho um nome. — eu protestei.

—Sempre são dados nomes aos talismãs. Se você for agora o talismã para o fragmento de Choate, então você deve tomar um nome diferente.

—Nós nos preocuparemos sobre isso outra hora. O que eu preciso saber é como tirar isso de mim.

Ele encolheu os ombros, assistindo quando as empregadas fizeram outra viagem com mais água.

—Eu não sei. Nenhum dragão foi um talismã antes.

—Maravilhoso.— Eu perguntei se existia alguma pessoa instruída com que eu pudesse falar, alguém familiar com os fragmentos do coração do dragão.

—Você não disse onde a Kostya está. Ele voltou com você, não?— Baltic perguntou à medida que ele tirava sua camisa fina de linho.

Eu me ajoelhei novamente e o ajudei a tirar as roupas.

—Na verdade, ele não voltou.

—Ele deixou você viajar de Paris até Dauva só?— Ele perguntou, franzindo o cenho para mim.

Fiz um gesto para o banho e fui para uma caixa de sabão.

— Eu não estava sozinha. Minha guarda pessoal foi comigo.

—Então eu deveria esperar.— A água espirrou quando ele entrou na tina. — Onde ele está se não está aqui?

Eu respirei fundo, assistindo como as empregadas despejavam o último balde de água quente. Quando elas terminaram e nós ficamos só novamente, eu umedeci uma esponja do mar e passei o sabão que eu fiz especialmente para Baltic. Era perfumado com incenso e mirra, seu favorito. Ele observou-me de perto quando eu ajoelhei próximo à tina e comecei a lavá-lo.

—Minha mãe nunca me deixou lavar ninguém. — eu disse, desejando evitar a dor que eu sabia que estava vindo.

—Eu vejo agora por que ela fez isso. É muito sensual, passas sabão no corpo de um homem.

Baltic, ficou distraído pelo sentimento de meus dedos esfregando em sua pele sua pele, pequenas trilhas escorregadias seguiam meus dedos quando eu ensaboei em cima do cabelo suave de seu tórax, ele olhou para baixo.

—Estou imundo, e cheio de pulgas e piolhos, chérie. Se você continuar me tocando desse modo, você acabará compartilhando o banho, e não me agradecerá por permitir a meus vermes visitar você.

Eu sorri, apreciando os músculos duros debaixo de sua carne acetinada. Relutantemente, admiti a verdade de sua declaração, eu ensaboei a esponja novamente e dei isto para ele, subindo para buscar roupa limpa enquanto ele vigorosamente se lavava.



—Agora você dirá a mim o que você queria evitar. — ele disse, lavando os comprimentos de ébano de seu longo cabelo, se debruçando adiante assim eu podia enxaguar o sabão com o último balde de água.

—Kostya abandonou você. — eu simplesmente disse, agarrando um pano de linho quando ele saltou para seus pés, estremecendo quando água saponácea caiu em seus olhos. Eu esfreguei seu rosto, colocando toalhas em seu cabelo, e dizendo depressa,

—Ele acredita no que todos os dragões pretos acreditam, que você busca controlar o weyr. Ele recusa a ser parte disto mais tempo. Foi ele que me chamou para Paris. Eu disse a ele de meu plano para usar o coração de dragão para parar a guerra, e ele organizou para os outros clãs me emprestarem os fragmentos para isso poder ser feito.

—Eu me perguntava como você organizou isto. — ele disse em uma voz incrivelmente suave. Eu não estava enganada, ele estava além de bravo, além de furioso, seu fogo apenas contido.

—Sente-se de novo e termine de se lavar. Eu não desejo compartilhar minha cama com seus amigos mais do que eu gostaria de um banho. — eu disse cansadamente, dando ele um copo de vinho.

—Então ele agiu afinal. — Baltic disse lentamente, sentado ausentemente lavando seu corpo enquanto eu pegava um pente e uma pasta feita de bryony¹⁹ branca e mel que matariam os piolhos de sua cabeça. —Eu suspeitei que ele fosse, embora eu não pensasse que ele envolveria você.

Eu não disse nada por alguns minutos, aplicando a pasta em seu cabelo, então penteando inúmeras vezes até que eu estava satisfeita.

—Você não salta em sua defesa?— Baltic perguntou quando eu lavei a pasta de seu cabelo.

—O que há para dizer que eu já não disse?— Eu perguntei, despejando o resto da água em sua cabeça. —Ele acredita que você está louco, disposto a jogar fora as vidas de todo mundo no clã para você reinar supremo no weyr. Eu não o culpo por deixá-lo, se eu fosse ele eu faria o mesmo.

Ele me atirou um olhar que buscava tranquilidade. Eu me debrucei adiante e suavemente o beijei, tomando sua respiração em minha boca quando meus lábios acariciaram os seus.

—Eu não sou Kostya, meu amor. Eu nunca deixarei você.

—Se eu não conseguir parar Constantine, você não terá nenhuma escolha.

—Existe sempre uma escolha. — eu disse, levantando um pano para ele. —Nós só precisamos achá-la.

O calor do fogo me aqueceu, me dando um diferente tipo de calor.

A luz solar me banhou quando eu me sentei na pedra da frente da casa de Baltic. Eu pisquei quando minha mente voltou ao presente, não mais desconcertada pela facilidade com que eu me deslizava dentro e fora das visões.

— O que está fazendo?

Eu olhei para cima de onde eu tinha abraçado minhas pernas, meu queixo descansando em meus joelhos, e pegando o bloco de papel em que eu estava fazendo uma lista antes de eu deslizar na visão.

¹⁹ Tipo de flor



Jim sentou sua bunda grande ao meu lado.

—Fazendo uma lista afazeres. Eu pensei que você estava fora com Brom. — O demônio fez um rosto. —Ele achou um rato morto e está examinando para ver se está bom para mumificar ou não. A criança é um pouco estranha, Soldy, você tem que admitir isso.

—‘Excêntrico ’ é, eu acredito, o termo que você quis usar. — eu disse com um olhar gelado. —Ele é muito inteligente. Ele tem interesses diferentes das crianças.

—O que seja. O que está em sua lista?— Perscrutou no tablete. —“Telefonema Aisling”. Melhor você colocar um par de protetores de ouvido, porque ela vai a Senhorita boca Suja de 2010 quando ela ouvir o que você fez comigo.

—Ela parece uma pessoa razoável. — eu disse com uma tranquilidade que eu não sentia. —Eu estou certa de que eu serei capaz de explicar.

Jim bufou.

—Isto não é uma palavra que está freqüentemente aplicada a ela, mas você vai ter que descobrir isso por você mesma. Qual é o próximo na lista? “O Telefona para May e desculpas pelo desaparecimento”. Eu gosto de May. Ela me alimenta.

—É um ponto excelente, mas não importa para mim. Eu estou certa de que você já tomou o café da manhã, e não é hora do almoço ainda.

—Você pensa que esta forma fica fabulosa deste jeito sem alguma ajuda? Não! Eu preciso de todos tipos de vitaminas e minerais e frescos, grelhados e carne de boi.

—Estou certa de que você sobreviverá até o almoço.

—Eu não contaria com isto. Numere três... oooh. Isso vai ser assustador.

—Sim, é.

O rosto atarraxado de Jim se contraiu com o pensamento.

—Se eu fosse você, eu tentaria achar um lugar neutro para encontrar os wyverns. Porque se você for para um sárkány com Baltic, eles agarrarão você dois.

Eu dei ao demônio um longo olhar.

—Por que você está sendo útil?

Seus olhos se abriram largamente.

—Eu? Útil? Não por sua brilhante bunda rosa. Eu sou um demônio, lembra?

—Sim, mas você está sendo útil. Isto é totalmente contra a norma até agora como os demônios são.

—Sim, bem.— Ele fez uma pausa. —Eu sou mais que só um demônio normal. Eu sou como Maior Demônio Com Um Poder Super Clareador. Como você vai fazer Baltic concordar em se encontrar com os outros wyverns?

—O que faz que você pensar que ele não iria? — Eu perguntei, suprimindo um sentimento de preocupação sobre o assunto.

Ele rolou seus olhos para mim.

—Ele é Baltic o terrível wyvern! O grande vilão durante a Guerra Infinita. Ele provavelmente matou mais dragões que todo os outros juntos.

—Oh, ele não fez!— Eu disse, me mexendo inquietamente.

—Está brincando? Sr. “Nós usamos seu nome para assustar pequenos dragões para serem bons, Baltic? Ele é como Genghis Khan e Vlad ,o Empalador e Stalin todos juntos em um pacote escamoso.

—Baltic não é escamoso! Quase nunca!

Ele levantou uma sobrancelha peluda para mim.



—Enfrente isto, Soldy, você não conseguirá pelo tipo de reputação que Baltic tem, que ele trabalhe bem com outros, e é esse o número três em sua lista que você está pedindo a ele para fazer.

Eu olhei para minha lista, suspirando para mim mesma quando eu admiti a verdade.

—Ele costumava ser assustador. Agora ele é diferente.

—Um maníaco mais amável, mais gentil, ainda é um maníaco, pintinha. Se você me devolver para Ash, eu direi a ela e Drake que Baltic não é o super perigoso, bastardo psicótico assassino em massa que eles pensam que ele é, OK?

—Não.— eu firmemente disse, pondo uma marca de verificação próximo ao artigo número três. —Nós não vamos dizer a eles. Nós vamos provar, e o único modo de podermos fazer isso é conseguir todo mundo junto, os wyverns, Baltic e eu, então nós podemos resolver as coisas de uma maneira civilizada.

O demônio me olhou curiosamente à medida que eu levantava-me, cheia com determinação.

—Você pensa que conseguiu um jeito de fazer tudo acontecer?

—Eu penso que eu tenho um jeito de fazer Baltic entender que ele terá que falar com os wyverns, sim. Você esquece que há uma sentença de morte em minha cabeça. Ele pode ser adoravelmente arrogante, mas eu duvido muito que ele permita o weyr me matar. Eu simplesmente assinalarei a ele de que se ele quer se livrar da minha sentença, ele vai ter que ir comigo falar com os wyverns.

—Uh-huh. Entretanto isso é apenas uma parte disto, o lado de Baltic. Como você conseguirá que os wyverns conversem com ele?

—Essa é a parte mais fácil de tudo. — eu disse, batendo levemente em sua cabeça.

—Sim? O que você tem em sua manga? Uma fuinha mágica ou alguma coisa?

—Não.— Eu pausei na porta e lancei ao demônio um sorriso. —Eu tenho você.

Eu fechei a porta suavemente no som de seu lamento.

Os telefonemas, como eu suspeitei, não foram os mais agradáveis de minha vida.

—Ysolde!— Aisling ofegou quando eu consegui falar com ela. —Você está bem? Nós acabamos de chegar em casa. May está aqui, e ela disse que você foi seqüestrada. Você fugiu de Baltic? Ele machucou você? Se ele fez alguma coisa, apenas me diga. Eu sou uma profissional, eu cuidarei dele. Eu só chamarei Jim em Paris, e nós iremos...

—Er... eu aprecio sua oferta, mas não é necessário. — Eu interrompi.

—Sobre Jim. ...Aisling, Jim está comigo.

—É o que? Por que está com você? Oh meu Deus! Baltic seqüestrou Jim quando ele agarrou você, não é? Que bastardo! Aquele bastardo de bafo de fogo! É melhor ele tomar cuidado da próxima vez eu o encontrar, porque eu farei todos os tipos de coisas do mal para ele. Ele já não terá crianças, para começar. E eu acho eu conheço alguém que pode amaldiçoá-lo.

—Eu realmente apreciaria se você não fizesse nada disso. — eu disse, rindo. Eu podia sentir sua surpresa pelo riso, que, eu admito, morreu depressa à medida que eu confessei. — Baltic não seqüestrou Jim, eu fiz.

O silêncio que seguiu a declaração foi quebrado só pelo barulho de outro receptor sendo levantado. —Ysolde? É May. Vocês todos estão bem? Você está machucada de algum jeito?



—Ela disse que ela pegou Jim. — Aisling disse, respirando um pouco fortemente no telefone.

—Ela fez? Eu pensei que ele foi para Paris.

—Supostamente.

—Então por que Ysolde seqüestrou ele?

Eu suspirei.

—Porque ele viu que Baltic estava comigo. Olhe, isto vai ser impossível de explicar no telefone. Eu queria que você pensasse que Jim estava em perigo. Está aqui conosco.

—Com você e Baltic? Que diabo?— Aisling disse, a voz subindo.

—Oh, supere isso.— eu disse irritadamente. Embora eu soubesse que eu cometia uma injustiça, eu esperava que eles entendessem por que eu fiz isto.

—Ela acabou de dizer que você superasse?— May perguntou a Aisling.

—Sim, ela fez. — Aisling respondeu, soando bastante confusa.

—Eu sinto muito para minha rudeza, mas honestamente! Eu pensei que se alguém tivesse que entender o que está acontecendo, seriam duas companheiras de wyverns. — eu firmemente disse. —Seguramente você duas entendem os laços que amarram vocês a seu dragão particular. O mesmo se aplica a mim, não importa se eu estiver em forma humana ou não.

—Mas...— Aisling começou a protestar.

—Não, não existe nenhum mas. Você foi uma das pessoas que estavam tão dispostas a insistir que eu era companheira de Baltic! Pelo amor de tudo que é santo, você estava pronta para me condenar a morte por causa disso!— Minha própria voz estava aumentando agora. Eu fiz um esforço para acalmar minha raiva crescente.

—Eu nunca quis que você morresse. — May quietamente disse.

—Bem, Nem eu! Eu posso ser um senhor de demônio, mas eu não sou um senhor de demônio ruim. — Aisling disse depressa.

—Você aceitou Baltic como seu companheiro?— May perguntou.

Eu esfreguei minha fronte. Outra enxaqueca estava florescendo.

—Sim, eu fiz. E por causa disto, eu quero chamar um sárkány.

—Um... certo,— Aisling disse. —Eu acho que desde que você é um membro do clã de prata, você pode fazer isto.

Eu não corrigi a suposição incorreta.

—Eu quero discutir com o weyr estas mortes dos dragões azuis. Baltic e eu iremos ao sárkány juntos.

Um influxo de respiração saudou aquela declaração, mas era impossível dizer que mulher fez isto.

—Desde que eu sei que o weyr acredita que Baltic é o culpado daquelas mortes, e eu acredito que ele seja inocente, nós devemos ter a oportunidade de discutir a situação com todo mundo. Por isso, Jim permanecerá em minha custódia até que esteja terminado.

—Você percebe que tudo que eu tenho que fazer é chamá-lo, certo? — Aisling perguntou.

—Oh, sim, eu sei que você pode chamá-lo em uma batida do coração. — Eu cruzei meus dedos. —Mas você não irá.

—Eu não irei. Por que não?



—Porque você é uma mulher de honra. — eu firmemente disse, rezando para que minha avaliação de seu caráter fosse certa. —Além disso, você percebe que Baltic precisa se encontrar com os wyverns, e você sabe que eles não se comportarão a menos que eles tenham uma razão convincente para fazer isso, e você, como uma companheira de wyvern, entende a importância de fazer eles agirem razoavelmente. Por isso, você irá permitir a Jim ser um refém pelo bom comportamento dos wyverns.

—Eu farei tudo isso?— Ela perguntou, mas eu ouvi a diversão em sua voz, e eu soube que eu tinha seu apoio.

—Você irá. Jim ficará em minha proteção até Baltic encontrar com o weyr e sair com segurança. Eu não permitirei a ninguém condená-lo injustamente.

—Condená-lo injustamente?— A voz do Aisling perdeu a diversão.

May suavemente falou, sem inflexão real em sua voz.

—Você tem que entender que nós temos experiência com Baltic, e embora eu perceba que você é sua companheira, e deste modo você quer protegê-lo, ele não é inocente das mortes dos dragões azuis. Gabriel estava lá. Ele viu os corpos. Ele questionou os dois sobreviventes.

—Eu sempre ouvi que dragões valorizam sua honra, que é por que eu pedirei aos wyverns concordarem com a nossa passagem segura de ida e volta do sárkány. Jim será retornado a você são e salvo uma vez nós estejamos fora.

Aisling ficou calada por um minuto.

—Certo. Eu confiarei em você. Mas então me ajude, se Jim for prejudicado de algum jeito...

—Não será. Eu só quero a mesma garantia para Baltic.

Aisling bufou.

Eu dei meu número de telefone celular a ela e disse que me chamasse quando o dia do sárkány tivesse sido fixado.

—Ysolde...—A voz de May me parou como eu estava para suspender.

—Sim?— Eu perguntei, um pouco cansada. Eu não gostava de ter que ser o sujeito ruim, mas alguém tinha que por fim no conflito entre Baltic e o weyr, e instintivamente eu sabia que ele não tomaria as medidas por ele mesmo.

—Baltic... me perdoe por perguntar, mas você não acha que ele está usando um algum de tipo de encantamento em você? Nós não te conhecemos a muito tempo, mas você não parece com o tipo de pessoa que toleraria, muito menos protegeria, um homem que assassina a sangue frio.

Eu sorri tristemente para meus pés.

—Não, ele não me escravizou. Isso envolveria sexo, e... bem... nós não fizemos.

—Baltic não pulou em você no segundo que ele podia?— Aisling perguntou, claramente impaciente para saber.

—Não. Ele poderia ter querido, certo ele quis, mas eu sou casada. Ele entende que até que eu possa conversar com meu marido e o informar que eu desejo um divórcio, eu não me sinto moralmente no direito de fazer todas as coisas que nós gostaríamos de fazer.

O silêncio saudou aquele pronunciamento. Eu estava para suspender novamente quando May disse:

—Isso é muito interessante.

—Estou contente por minha falta de vida sexual ser fascinante para você. — eu disse secamente.



—Eu sinto muito, isso soou rude, não foi? Não pretendia soar dessa forma. Ysolde, você disse que você tinha memórias do passado. Você deve lembrar que dragões são muito dominantes quando reivindicam seus companheiros fisicamente. Isso vale em dobro para wyverns. — May disse.

—Oh, sim,— Aisling adicionou com uma risada.

—Sim, mas isto é diferente. Isso estava no passado. Isto é agora, hoje, no presente. — eu expliquei.

—Apenas o fato de que você o aceitou como um companheiro e ele não tem... bem! Eu penso que diz algo. — Aisling adicionou. —Eu penso que diz muita coisa.

—Sim, diz que ele tem controle. Chame-me quando você tiver a hora e o dia para o sárkány. — eu disse, e desliguei o telefone, aliviada de que estava terminado. — Eu só espero que o resto de meus planos funcionem também.



Capítulo Treze

À toa, eu esfregava meu celular e perguntava-me eu pus a carroça na gente dos bois. Baltic não tinha negado que ele matou aqueles dragões azuis, e ainda eu vi um momento de dor em seus olhos antes de responder com uma não-resposta típica de um dragão.

—Eu não poderia amar alguém que fosse um assassino. — eu disse em voz alta para o quarto vazio. —Eu não poderia.

—O que você não poderia fazer?— Baltic perguntou na entrada, fazendo-me saltar.

—Eu direi a você se você responder duas perguntas para mim.

Suas sobrancelhas se elevaram quando ele passeou através do quarto para mim, todo envolto em poder e quadris sensuais.

—Só duas?

—Sim. A primeiro é se você teve qualquer envolvimento com as mortes dos dragões azuis.

Ele parou por um segundo, dando a mim um olhar ilegível.

—Você já perguntou a isso a mim, e eu respondi.

—Não, você deu a mim uma não-resposta.

—Que propósito eu teria em matar dragões azuis?

Eu moí meus dentes.

—Sabe, esta coisa de dragão de não responder uma pergunta sinceramente está me deixando louca.

—Não deveria. Você é propensa a mesma característica.

—Eu não sou! Eu sou humana! Eu não faço isso! Agora por favor, só responda a pergunta, fez você tem qualquer coisa a ver com aquelas mortes?

—Sim.

Meu estômago caiu como um peso de chumbo. Eu estava tão certa de que ele negaria.

—Você fez? Você matou aqueles dragões?

—Não.

Ele estava perto de mim, não tocando, mas próximo o suficiente para que eu pudesse sentir o seu fogo de dragão ganhar vida.

— Você acabou de dizer que você fez! — Eu quase chorava.

— Não, eu disse que tinha algo a ver com isso. Eu não os matei, mas eu sabia que suas mortes eram possíveis.

—Eu não entendo.— Eu quis correr gritando do quarto e ao mesmo tempo eu quis me embrulhar ao redor dele, reassegurando a mim mesma que ele não era o monstro que todo mundo pensava que ele era.

—Quem matou eles?

Ele não disse nada.

Eu pus minha mão em seu tórax, acima de seu coração.

—Baltic, isto é importante. O weyr pensa que você é responsável pelas mortes de todos aqueles dragões azuis. De fato... bem, nós conversaremos sobre isso mais tarde. Mas agora mesmo, eu realmente preciso saber, quem matou eles?



—Eu esqueci o quão persistente você pode ser quando deseja algo. — ele disse com um suspiro, colocando sua mão sobre a minha. —Eu direi a você, mas só porque você é minha companheira e eu confio você. Fiat Blu matou os dragões.

—Fiat Blu? Ele é parte desse clã?

—Sim. Seu clã foi tirado dele por seu tio.

—Por que Fiat mataria suas próprias pessoas? E por que você sabe sobre isto?

Seus braços serpentearam ao redor de minha cintura, puxando-me em um abraço gentil. Eu deixei meus dedos vagarem em cima dos músculos espessos de seus braços, apreciando o sólido sentimento deles, o formigamento parecia vir a vida no ar ao redor de nós sempre que nós nos tocávamos. Era uma sensação de antecipação que deixava meu corpo extremamente ciente das diferenças entre nós.

—Eu não tenho nenhuma rixa com os dragões azuis ou Fiat. Algumas décadas atrás, quando eu retornei a vida, ele deu a mim abrigo. Mais tarde, quando ele perdeu seu clã para seu tio Bastian, ele buscou minha ajuda para recuperar o controle, mas ele desapareceu um mês atrás. Eu não sei onde ele foi parar.

—Você não tentou impedi-lo de matar dragões inocentes?

Um lampejo de dor cruzou seu rosto.

—Eu não pensei que ele executaria sua ameaça. Ele é desequilibrado, companheira, mas eu não acreditei que ele massacraria membros de seu próprio clã. Eu estava enganado.

—Aqueles pobres dragões.— Eu parei um momento e enviei para cima uma oração muda para que eles achassem uma vida melhor.

Algo que Baltic disse finalmente cutucou minha consciência.

—Espere, um segundo, algumas décadas atrás?

—Por que você está fazendo essa cara horrorizada?— Ele franziu o cenho, perplexa.

—Você disse algumas décadas atrás, quando você foi renascido.

Ele fez um gesto aborrecido.

—Eu morri depois que você morreu, Ysolde. Eu disse a você isso.

—Mas você nasceu imediatamente, você não foi?

—Não. A vida não foi retornada a mim até quase quarenta anos atrás.

Eu olhei fixamente para ele em confusão.

—Mas quando eu fui renascida?

—Eu não sei.

—Dr. Kostich disse que meu marido não era mortal. Se ele não for, e eu era renasci logo depois de que eu morri... oh meu Deus!

—O que?— Baltic perguntou quando eu cambaleei.

Eu apontei um dedo para ele.

—Você é mais jovem que eu!

O olhar que ele deu a mim era quase cômico.

—O que importa a idade?

—Oh, importa se você é trezentos anos mais velha que o homem que você esta namorando... o que? Trinta e cinco? Trinta e seis?

—Trinta e nove.

—Ótimo! Acima de tudo, eu sou uma ladra de berço.



—Nós somos imortais. Em nossas vidas passadas, eu era seiscentos anos mais velho que você. Então, eu ainda sou trezentos anos mais velho.

—Não funciona desse jeito. — eu disse, enfadada.

—Você está fazendo algo de nada. — ele disse, tentando me puxar de volta em seu abraço.

Eu o segurei distante um braço.

—Diga a mim isso, então. Por que nós fomos devolvidos?

Ele disse novamente:

— Eu não sei.

—Como nós fomos ressuscitados?

—Eu pareço com uma enciclopédia de ressuscitação? Eu disse a você que eu não sei!

—Quem é responsável por me devolver?

Ele olhou para mim.

—Você está começando a me incomodar, mulher.

—São perguntas importantes! Eu gostaria de algumas respostas!

—Eu não sei as respostas!— Depois de um momento de silêncio, ele me deu um olhar estranho. —Este homem que casou com você, o que ele sabe sobre seu passado?

—Eu acho... — eu disse devagar. —Ele certamente sempre soube sobre as fugas...

—Então nós ganharemos que informações dele antes de nós nos livrarmos dele. — Baltic disse com determinação.

—Como é que você renasceu?— Eu perguntei, ainda perguntando-me por quanto tempo eu estava viva.

—Thala organizou tudo.— Ele olhou para longe, algo sobre sua expressão imediatamente captou meu interesse e deixando meu radar focado em Baltic.

—Quem é Thala?

Seus lábios franziram ligeiramente quando ele olhou para fora da janela.

—Um necromancer, claro.

Necromancers, eu lembrei de algum tipo distante de conhecimento, que tinha o poder de levantar os mortos como lichs.

—Glória de deus! Você é um lich²⁰?

—Não, claro que não. Eu sou um dragão. Você viu por você mesma. — ele disse, ainda não encontrando meu olhar.

O radar apitou.

—Necromancers só levantam lichs.

—Quando eles levantam humanos, sim. Mas um dragão é diferente.

—Oh.— Parecia fazer um pouco de sentido, e como eu tinha um pequeno conhecimento da arte de levantar mortos, eu não contestei a declaração. —Por que ela levantaria você? Você a conhecia antes de morrer?

Ele tentou manter sua cabeça girada, ostensivamente esquadrinhando os campos fora da casa, mas eu me movi para bloquear sua visão. Seu rosto estava cheio com algo que parecia pesar.

²⁰ Um **lich**, em obras de ficção, é um tipo de morto-vivo que, com uma magia, adquiriu a imortalidade. Geralmente foram, em vida, reis ou magos poderosos



—Sim, eu a conhecia. Sua mãe era Antonia von Endres.

—Ah, a filha de sua amiga maga? Entendo.— Um horrível pensamento me atingiu.

—Ela não é sua filha, é? Esta pessoa Thala?

Ele pareceu intimidado.

—Cristo, eu espero que não. Não depois de nós... er...

Minha mandíbula caiu um pouco.

—Você dormiu com ela, também?

—Não. Talvez. Só cinco ou seis vezes. — ele disse, toda palavra fazendo-me ver vermelho. Ele acenou o pensamento para longe. —Não, eu não poderia ser seu pai. Thala uma vez mencionou que seu pai era um dragão vermelho.

—Onde esta essa sua namorada? Ela vive aqui, também? Você está escondendo ela de mim? Se você pensa que eu vou compartilhar você, você está mais louco do que todo mundo diz que você está! Eu...

—Seu ciúme me agrada, chérie. — ele disse, sorrindo daquele jeito arrogante, satisfeito consigo mesmo, o tipo de sorriso que os homens são propensos quando eles pensam que mulheres estão fascinadas por eles.

—Sim? Então você vai amar isto. — eu respondi, fazendo um punho e apontando para seu intestino.

Ele pegou minha mão com uma risada.

—Você está ficando brava por nada. Thala vive aqui, sim, mas ela não é minha amante. Ela foi brevemente, mas como com sua mãe, isso foi antes de você nascer.

—Onde ela está agora?— Eu perguntei, acalmada o suficiente para permiti-lo a desenrolar meus dedos e beijar a ponta de cada um.

—Seus amigos dragão de prata a têm.

Minhas sobrancelhas subiram rapidamente enquanto ele suavemente mordida a almofadinha de um de meus dedos, o calor chamejando para vida nas minhas profundezas ocultas..

—Eles?

—Eles a capturaram dois meses atrás. Eu assumo que ela ainda está viva, embora eu não tenha sido capaz de localizar onde ela está sendo mantida.— Seu olhar se tornou pensativo quando ele largou minha mão. —Você está em uma situação ideal para fazer isso.

Eu empurrei a pontada de ciúme que cresceu com a sugestão.

—Possivelmente. Mas...

Ele me parou com uma mão levantada quando ele girou em direção à janela.

—Quem é esse? Que fez ele passar pela minha segurança?

O ruído de pedregulho sendo esmagado em baixo de pneus alcançou minha orelha.

—Eu não autorizei ninguém a nos visitar. — ele anunciou, e arremessou para a porta da frente.

Eu o persegui, me preocupando de que Jim de alguma maneira chamou a polícia ou alguma outra forma de ajuda.

Não foi a polícia que emergiu do carro de aluguel pequeno.



—Quem diabos você é?— Baltic rugiu enquanto ele descia os degraus. Uma mulher emergiu do carro, uma mulher magra com cabelo marrom e pálidos olhos verdes. Ela vacilou quando Baltic saltou os últimos três degraus e a prensou contra o carro.

—Você? Como você entrou aqui?

—Aiiiii! — Ela chorou, tentando torcer para longe. —Tully, ajude-me!

—Tully?— Baltic girou e olhou para mim. —Você conhece esta mulher?

—Sim. Ela é minha cunhada, Ruth. O que significa que aquele deve ser meu marido.

—Marido!— Ele disse, seus olhos se iluminando com prazer profano.

Gareth lentamente saiu do carro, sua boca aberta enquanto ele olhava fixamente para Baltic. Gareth em seus melhores momentos não eram um homem terrivelmente atraente, ele tinha minha altura, nenhum cabelo no topo de sua cabeça, e possuía um queixo um pouco fraco e olhos estreitos que me fizeram pensar sobre um furão particularmente obstinado.

—Maria Santa, Mãe de Deus. — Gareth disse agora quando Baltic rodeou o carro, claramente indo agarrá-lo.

—Você disse dragões de prata! Você disse que você estava com os dragões de prata! Você não disse que fosse Baltic!

Baltic parou quando seu nome saiu dos lábios de Gareth, olhando-o na luz solar brilhante. Um lampejo de reconhecimento refletiu momentaneamente nos olhos de Baltic, fazendo-me olhar fixamente para ele em atordoada surpresa.

—Como você sabe quem é ele?— Eu perguntei, gesticulando em direção a Gareth.

Gareth levantou as mãos, como para se render ou proteger ele mesmo enquanto ele olhava fixamente para Baltic.

—Bom Deus, ela realmente fez. Você está vivo novamente! Santa Maria!

—Você conhece meu marido?— Eu perguntei para Baltic, correndo para passar Ruth. Ela agarrou-se a meu braço quando eu a passei, mas eu me soltei dela.

—Marido? Ele não é seu marido!— Baltic bufou.

—Sim, ele é. Ele é Pai de Brom.

—Eu sou o pai de Brom! Você mesmo testemunhou o juramento entre nós!

—Eu não entendo nada disso. — eu disse, esfregando minha fronte novamente.

—Como você conhece Gareth e Ruth? E como você dois souberam onde nos achar?

—Ataque ele!— Ruth gritou para Gareth, quase pulando com excitação. — Mate ele, seu idiota! Ele irá arruinar tudo que nós trabalhamos tão duro !

—Eu não posso matar um dragão. — Gareth disse, correndo quando Baltic começou a ir em direção a ele novamente. Gareth agarrou meus braços segurando-me como uma proteção na frente dele. —Eu não sabia que ela podia fazer isto! Ela tentou todos aqueles séculos, e eu não achei que ela conseguiria fazer! Santa Maria!

—Você parará de dizer isso e me dirá o que está acontecendo?— Eu estalei, tentando ficar livre de seu aperto.

—Solte minha companheira. — Baltic disse com um grunhido baixo que fez os cabelos atrás de meu pescoço arrepiarem. Seus olhos estavam queimando com fogo negro, e eu podia sentir, até dos poucos metros entre nós, que ele estava para se lançar.



—Você pode a ter!— Gareth gritou e me lançou em Baltic, correndo para o carro.

—Aaaah. Ai!— Eu esfreguei meu nariz onde bateu no queixo de Baltic. —O que na Terra está acontecendo?

—Ele dirá a você. — Baltic rosnou, saltando para Gareth.

—Não! Não há nada para dizer! Eu juro para você! Guaaaa!

Antes de eu poder piscar, Baltic estava no outro lado do carro, um mão apertada ao redor da garganta de Gareth enquanto ele o segurava uns bons dois pés fora do chão.

—Como você nos achou?

—O homem... contratei... salvar Tully...

—Savian Bartholomew. — eu rosnei, meus dedos que enrolados em punhos. Com um olhar de Baltic eu expliquei. —Ele é um caçador de ladrões e um tipo de rastreador. Gareth mandou que ele me salvasse dos dragões de prata. Sem dúvida Gareth o contratou novamente para me achar.

Baltic rosnou algo obsceno com os dedos apertados ao redor da garganta de Gareth.

—Você tomou minha companheira!

—Pare com isso! Você o está machucando!— Ruth me empurrou de lado com uma força que me enviou cambaleando em Brom e Jim, que correram para o lado de fora no som de vozes elevadas.

—OOOOh. Talvez eu não sinta muito por ser só um demônio seqüestrado. — Jim disse, assistindo com olhos largos como Ruth saltava atrás de Baltic.

—Ei!— Eu gritei. —Saia dele!

—Você tem uma câmera de vídeo?— Jim pediu a Brom.

—Não. Sullivan não me deixou tem uma.

—Vergonha. Eu aposto que nós podíamos fazer suficiente dinheiro para sufocar uma múmia com um vídeo de sua mãe e essa senhora nele.

—Ninguém irá fazer nada...— Eu comecei a dizer, entretanto Ruth começou a bater sobre a cabeça de Baltic, e a fúria se elevou dentro de mim. Eu me lancei sobre o capô do carro, agarrando Ruth ao redor da cintura e a arrancando de Baltic.

Ela rosnou algo que fez Brom parecer chocado antes de dar coices em mim com suas pernas, me tomando em um tipo de movimento tesoura.

—Diga a ela!— Baltic rosnou, agitando Gareth como uma boneca de trapo. — Diga a ela a verdade!

—Não há nada para dizer. — Gareth ofegou, seu rosto vermelho enquanto ele lutava para conseguir ar em sua traquéia.

Ruth me esmurrou no olho, estalando minha cabeça para trás, me fazendo ver pequenas estrelas brancas por um momento.

—Deixe ele ir!— Ela gritou novamente, e me abandonando, se lançou sobre o braço de Baltic.

—Oh homem,— Jim disse, passeando para cima e para baixo, onde eu tinha caído ofuscada. —Isso vai deixar um olho roxo. Ei, eu posso ver debaixo de sua blusa. É um símbolo do sol em seu seio, huh?

Brom juntou-se ele.

—Parece com isso. É uma tatuagem?



As estrelas brancas cintilantes começaram a enfraquecer e eu fiquei ciente do fato de que Jim tinha o focinho a meia polegada de distância do meu seio esquerdo.

—Não, é uma marca de dragão. Bonito. Um tanto quanto Celta olhando para todos aqueles redemoinhos sobre os raios do sol.

—Ack!— Eu gritei, empurrando o demônio para trás.

—Oi! Eu não sou um pedaço de mobília. — Ele disse quando eu usei ele para ficar em pé. —Me agarrando desse jeito, você vai enrugando minha pele! Ai, homem! Você amarrotou meus pêlos! Agora eu vou precisar ser escovado.

—Saia dele, saia dele!— Ruth estava cantando enquanto ela lançava todo seu peso em no braço de Baltic em uma tentativa de quebrar seu aperto em Gareth.

Baltic disparou um olhar para ela e que deixou seu cabelo queimando.

—Eeek!— Ela correu gritando longe, batendo em sua cabeça.

—Fogo de Abaddon²¹! O que eu não daria por uma filmadora! Aquela cena teria nos feito ser o hit do YouTube!— Jim disse, assistindo como Ruth corria em círculo, batendo sua cabeça.

—Baltic, pare com isto!— Eu disse, mancando acima dele, meu olho machucado começando a inchar. —Eu sei que você não gosta de Gareth, neste momento eu não gosto dele, também,mas isto não é razão para matá-lo. Ele deve ficar vivo então eu posso me divorciar ele. Apenas a viuvez não seria tão gratificante.

—Você não pode se divorciar dele porque você não está casada com ele.— Baltic rosnou, dando a Gareth outro agito antes de liberar o aperto em seu pescoço.

Gareth se amassou no chão, uma mão apertando seu pescoço, ofegando por ar.

—Por que você continua dizendo isso?— Eu perguntei, cuidadosamente tocando meu olho. Eu mal podia enxergar alguma coisa.

Baltic andou a passos largos para Ruth, agarrando ela pela parte de trás de seu colarinho e a empurrando para mim.

—Diga a ela. — ele exigiu, dando a Ruth um empurrão adiante.

Ruth e eu nunca tínhamos sido as melhores de amigas; Na verdade, ela apenas tolerava Brom e minha presença, mas o olhar que ela me atirou agora era puro ódio. —Ele não é seu marido. Ele é meu.

Minha boca abriu.

—Santo Chiuaua,— Jim disse, assobiando. —Essa eu não esperava.

—Gareth está casado com Ruth?— Brom perguntou.

—Você está casada com ele? Você não é sua irmã?— Eu toquei em minha cabeça, perguntando-me se eu bati mais duro do que eu imaginei quando Ruth me atirou para o chão. —Você está certa? Gareth acabou de dizer a mim alguns dias atrás que nós fomos casados por dez anos.

Ela deu uma risada sufocada quando ela se agachou próximo a Gareth, que ainda estava deitado lutando para respirar.

—Depois de quinhentos anos, eu acho que eu conheceria meu próprio marido.

—Quinhentos... oh meu deus. Dr. Kostich estava certo. Ele é imortal. Mas... por que se casou comigo também?

—Ele teve, sua idiota estúpida! Ele não teve nenhuma outra escolha além de casar com você quando você de repente decidiu casar com um mortal.

Atrás de mim, Baltic rosnou.

²¹ **Abaddon** é um termo hebraico que tem o significado de “destruição”.



Eu mantive meus olhos fixos em Ruth.

—Eu quis casar com alguém assim Gareth casou-se comigo ao invés? Era o ouro, não era? É por isso que ele fez isto.

—Claro que era. — ela rosnou. —Nós não podíamos deixar qualquer outro ter isto, não é? E então você não parou de conversar sobre ter uma criança, e meu pobre querido teve que dar uma de garanhão para sua égua. Mas ele odiou cada minuto disso! Ele me disse isso várias vezes!

Eu digeri isto, minhas emoções emaranhadas com raiva, fúria, dor e bastante confusão.

—Mas... como você soube que Gareth era casado com Ruth?— Eu perguntei Baltic.

—Ruth é a irmã da pessoa que me ressuscitou. — ele respondeu, olhando para ela enquanto ele se movia para estar ao meu lado.

—Se você está realmente casada com ele, então...— Eu olhei para Brom, e pela segunda vez em alguns minutos, a raiva me atingiu.

—Ai. Sabe, até imortais podem sofrer dano no cérebro. — Jim disse, se debruçando acima de meu ombro enquanto eu batia a cabeça de Gareth repetidamente no lado do carro.

—Como você ousou usar meu corpo! Como você ousou fingir que você era meu marido! Como você ousou fazer o que você fez para mim só para eu fazer ouro para você! Na verdade foi você que limpou minha memória, não foi? Só assim eu não saberia o que você e Ruth estavam fazendo comigo! Pela Cruz de Cristo, eu pendurarei seus intestinos da torre mais alta!

Gareth lutou fracamente, mas ele não era páreo para mim. Ruth teria atacado, mas Baltic a agarrou pelo braço e manteve em suas costas enquanto descontava um pouco do que evidentemente foram séculos de abuso, no homem que me enganou de forma tão cruel.

—Como você ousou tratar Brom do modo como você fez!

—Uh, Sullivan? Eu acho que ele está desmaiado. — Brom assinalou.

Eu soltei Gareth, de repente horrorizada pelo que eu fiz.

—Oh meu deus! Eu tentei matar meu marido na frente de meu próprio filho!

—Exmarido, eu acho. — Jim disse.

—Não-marido.— Baltic corrigiu, soltando Ruth quando eu saltei sobre meus pés e apertei Brom em meu tórax. — 'O usurpador' é um termo melhor.

Ruth embalou cabeça de Gareth enquanto eu abraçava Brom firmemente.

—Querido, eu sei que você deve estar assustado e confuso pelo que eu acabei de fazer para seu pai..

—Na verdade, eu estava perguntando-me se eu poderia chutá-lo.

—E eu não tenho nenhuma desculpa para isso, nenhuma mesmo, mas você sabe que eu não sou uma pessoa violenta, e você deve entender que eu acabei de ter um choque muito ruim, e eu perdi meu temperamento. Por favor, diga a mim que você entende!

—Eu entendo. — Jim disse, erguendo sua perna. —Você queria espancá-lo até a morte. Eu que praticamente qualquer pessoa faria isso após ele ter jogado em todos os seus cantos todo esse tempo enquanto ele estava realmente casado com essa Cara de Babaca, aqui.

—Gaaaa!— Ruth rosnou, puxando Jim quando ele urinou no pé de Gareth.



O demônio arreganhou os dentes, e Ruth desmoronou de volta sobre Gareth, batendo levemente em suas bochechas e cheirando-se.

—Brom?— Eu perguntei, soltando sua cabeça. Ele andou para trás por um momento, seus olhos enormes. —Você está bem?

—Eu não podia respirar. — ele disse, dando a meus peitos um olhar cauteloso.

—Eu sinto muito. É só que eu estou muito, muito, muito preocupada de que você interprete mal a pequena discussão que seu pai e eu tivemos.

—Pequena discussão?— Jim riu silenciosamente. —Se você chama bater em alguém até virar polpa como uma pequena discussão, então eu não quero ver você quando você realmente estiver irada.

—Está bem, Sullivan,— Brom disse, batendo levemente em meu braço de uma maneira encorajadora. —Eu não culpo você por tentar matar Gareth. Se você ficar louca com ele novamente, e realmente esmagar seu cérebro, eu posso mumificar ele?

—Só me diga uma coisa, Gareth,— eu disse, olhando para baixo onde o homem que eu pensava como meu marido estava tentando se levantar. —Você alguma vez quis Brom e eu?

Ele tocou em seu lábio inferior inchado, fazendo uma careta à vista de sangue em seus dedos.

—Eu não iria deixá-la longe de mim, não meu ganso dos ovos de ouro de todo ano.

Minha raiva esfriou e desceu para a boca do meu intestino.

—Então em lugar de deixar-me ter uma vida própria, você me ligou a você para assegurar que você podia me usar todo ano.— Eu olhei para Brom, querendo gritar com Gareth por trazer no mundo uma criança que ele não queria e não se importava, mas Brom teve suficiente choques pelo dia. —A partir deste momento, você não é mais uma parte de nossas vidas. Eu não quero ver você novamente, e eu tomarei medidas legais se você tentar ver Brom.

Gareth zombou o melhor que ele podia com um rosto danificado.

—Eu não dou a mínima...

Baltic se moveu mais rápido do que eu podia seguir, agarrando Ruth e Gareth e lançando eles no carro.

—Ele não aborrecerá qualquer um de vocês novamente. Ambos são meus agora.

—E agradeço as estrelas por isso. — eu disse, dando a Baltic um olhar agradecido que teve ele me olhando atentamente.

—Whoa. Eu sei o que isso quer dizer. — Jim disse, cutucando Brom no quadril. —Eu acho que você não quer olhar. Você é muito jovem para ver o que Baltic está para fazer.

—Não será a última vez que você ouviu falar de nós!— Ruth jurou enquanto ela ligava o carro. —Nós não seremos tratados dessa maneira! Você pode pensar que você pode se esconder atrás do dragão, Tully, mas você está em dívida com a gente! Você é nossa, não dele!

—Certo, é isto!— Eu gritei, de repente furiosa novamente. Eu comecei a ir em direção ao carro, empurrando para cima minhas mangas.

—Você quer um pedaço de mim? Você pode ter um pedaço de mim!

—Sua mãe não disse que ela não era violenta?— Jim perguntou a Brom.



—Sim.

—Você pode ter um pedaço de mim agora mesmo!— Eu gritei, saltando em direção à porta do carro. Quando eu agarrei, Ruth, evidentemente pensando duas vezes sobre me provocar, empurrou seu pé no acelerador. Baltic embrulhou um braço ao meu redor e me ergueu do chão, deixando-me acenando meus punhos para o carro enquanto ele se afastava, levantando pedaços de pedregulho atrás dele.

—Sabe...— Jim disse, olhando pensativamente para mim quando Baltic me abaixava. —Eu costumava pensar que Ash era perfeita para o papel de senhor de demônio, você devia ver o modo que ela me belisca, e não existe nenhuma desculpa pela minha forma faminta, quando ela me faz passar aquelas dietas que o veterinário fala para ela, mas eu estou começando a pensar que você supera o terrível na escala dos imortais.

—Mais uma trinca fora de você, demônio, e você vai precisar de muito mais do que uma escova.— eu disse, dando um olhar de mãe irritada.

—É exatamente sobre isso que eu estou falando. — Jim disse para Brom.

—Sim.— Brom disse, concordando.

—Bem. — eu disse, toda acabada depois da cena com Gareth e Ruth, —Gareth teve o que merecia. Usando-me como ele fez... rato!

—Eu o teria matado por ousar tocar o que era meu, mas por uma coisa.— Baltic disse.

—Brom?— Eu perguntei, figurando que ele não queria matar Gareth na frente de uma criança mais do que eu queria.

—Não. — Seu olhar desceu para o meu, e eu corei ao ver o desejo nu queimando em suas profundidades.

—Agora você é verdadeiramente minha.

Eu não tive tempo para digerir isto antes dele se curvar, atirar-me acima de seu ombro, e caminhar para a casa.

—Baltic! — Eu gritei, Jim e Brom que vindo atrás de nós. —Solte-me agora! O que eu disse sobre me tratar me como um saco de batatas?

Baltic parou na sala, e eu apertei suas costas, assumindo que ele voltou a razão.

—Ei, Baltic, só uma pequena sugestão. — Jim disse, dando a nós um olhar de saber. —Aisling diz que ela odeia isto quando Drake fica todo agressivo com ela, mas ela certamente sorri como uma idiota depois, então você pode apenas ignorar essa gritaria toda.

—Eu não estou gritando! — Eu disse, indignada, olhando para o demônio. — Você vai sentir muito por isso... Baltic! Eu disse para me colocar no chão!

—Você está aí. Cuide de meu filho e o demônio.— Baltic ordenou para Pavel, que saiu do estudo.

—Maldição, eu exijo que você me solte. Eu não sou Aisling! Eu não gosto de arrogância!

—O que Baltic está fazendo com Sullivan? — Eu ouvi Brom perguntar quando Baltic subia os degraus, aparentemente não sentindo meu peso atirado acima de seu ombro. Eu gastei um momento admirando aquele fato antes de eu deslizar minha mão para baixo em suas costas e beliscar sua bunda.



—Você não quer saber. Eu quero dizer, você vai em aproximadamente dez anos, mas no momento, irá só bagunçar sua cabeça. Você tem que confiar em mim nisso. Ei, que virilha eu tenho que cheirar para conseguir meu almoço conseguir aqui? Eu estou sofrendo com fome, e meu casaco vai para Abaddon em uma bolsa de mão se eu não conseguir cinco refeições apropriadas por dia. Você tem alguma carne de cavalo fresca, Pavel?



Capítulo Quatorze

—Eu quero dar a você algo,— Baltic disse quando ele fechou a porta do quarto.

—Eu aposto que você quer. Eu quero dar a você algo também, um pedaço de minha mente. O que diabos você pensa que está fazendo, levando-me com você como algum tipo de homem das cavernas? O eu Brom irá pensar?

—Meu filho entenderá que eu desejo passar um tempo só com você, onde eu posso adorar cada polegada de seu corpo suave, delicioso, e onde você dará prazer a mim eternamente até que eu vire um caco de dragão.

Eu pensei sobre aquilo por um momento. Brom estava bem com Pavel. Jim estava vigiado, e Gareth, aquele bígamo bastardo, não era mais um fator em minha vida. Havia algum impedimento para me lançar em Baltic e ceder a todo aquele desejo que acumulou ao longo de séculos?

Não, não existia!

—Certo. — eu gritei quando eu agia de acordo com o pensamento e me lancei sobre ele.

Ele não estava esperando por isto, porque o peso de meu corpo de repente batendo nele mandou o fez cambalear para trás alguns passos.

—Chérie, você deve esperar. Eu tenho algo para você.

—Oh, sim, você certamente tem. — eu disse, aninhada em seu pescoço enquanto eu deslizava minha mão para baixo em seu tórax, e mais ainda tocando o comprimento em suas calças. Ele gemeu, seus olhos fechados por um momento enquanto eu sentia ele crescer em espessura e comprimento.

De repente, ele me afastou dele.

—Ysolde, você deve esperar.

—Você está brincando! — Eu disse, olhando para ele irada quando ele girou suas costas para mim e andou a passos largos para uma escrivaninha.. —Você implorava para fazer isto ontem e agora você não quer?

—Eu nunca imploro,— ele ridicularizou, procurando em uma das gavetas. —Eu sou um wyvern, e seu companheiro. Eu não preciso implorar.

—Você quer apostar?— Eu rosnei, meus braços cruzados e meus olhos estreitados enquanto eu o assistia. Eu sabia que ele não era indiferente a mim, um simples olhar para sua virilha negava aquela idéia. —Você estava por toda parte de mim ontem. Por que você está me rejeitando agora?

—Wyverns não rejeitam, também. — ele disse, sua voz um pouco amortecida quando ele se agachou, sua cabeça em uma gaveta funda na parte inferior da escrivaninha.

—Bem, você certamente está fazendo algo, e não é celebrar o fato de que Gareth é um bígamo mentiroso, como você deveria estar fazendo. Ao invés, você está cutucando sua cabeça em uma escrivaninha. O que é que você está fazendo aí, Baltic? Indo escrever algumas cartas? Pagar algumas contas? Cortar algumas figuras bonitas e fazer uma colagem? O que é isto?

Ele ficou ante mim, uma caixa de madeira pequena em sua mão. Gravada nisto, em ouro, estavam dois dragões em estilo medieval, seus pescoços cruzados. Ele pôs a caixa em minhas mãos.



—É um presente para você.

Eu virei, examinando, meus dedos esfregando a madeira lisa, altamente polida.

—O que é isso?

—Abra.

Eu segui as linhas longas de um dos dragões no topo, e olhei para Baltic.

—Se contiver um anel de casamento, você pode aceitar a devolução. Eu tive o suficiente de casamentos, obrigado.

Ele fez um gesto impaciente.

—O casamento é para mortais. Você é minha companheira. Isto é para todos os tempos.

—Até que a morte nos separe. — eu suavemente disse, então sorri. —E além.

—Abra. — ele repetiu.

Eu olhei para a grande cama atrás de mim. O quarto era decorado em sombras de nata e um azul fresco — Atraente, mas completamente não era seu estilo.

—Por que eu não abro isto mais tarde, depois que eu der a você todo aquele prazer que você acha que merece?

—Eu sei que eu mereço, — ele disse com arrogância enlouquecedora, então cutucou minhas mãos. —Abra seu presente.

—Eu gosto de antecipar presentes. Uma vez que você abre, a antecipação se vai.

—Abra! — Ele disse, uma linha de carranca começando a formar entre suas sobrancelhas.

—Vamos ter sexo oral! — Eu disse brilhantemente, movendo para trás em direção à cama, batendo levemente nela com um olhar sedutor em direção a ele. — Você gosta! Eu lembro que você gosta! Você tira todas as suas roupas e deita aqui, e eu darei a você um banho de língua que você nunca esquecerá.

—Pelo Amor dos Santos, mulher, abra a maldita caixa!

—E você diz que você nunca rejeita! Você acabou de rejeitar minha oferta de um trabalho de sopro, algo que eu pensei que um homem vivo nunca poderia fazer.

Ele começou vir em direção a mim, um olhar em seus olhos me disse que ele alcançou o fim de sua paciência muito inexistente.

—Bem! — Eu disse depressa, rastejando para o meio da cama enquanto eu segurava a caixa. —Mas eu somente quero lembrar a você de que você foi a pessoa que não quis sexo oral. Pare de me olhar assim! Eu estou abrindo. Veja? A tampa é... ahhh.

Não era realmente uma palavra que eu falei; era mais uma exalação de emoção. A caixa continha um pequeno objeto, entre oval e circular, feito de metal, mas agora envelhecido com a idade e o tempo.

O reconhecimento picou minha pele enquanto eu olhava, ondas de eletricidade pareciam ondular abaixo meus braços e pernas. Eu conhecia este objeto. Eu conhecia bem, e ainda era ambos, familiar para mim como a batida de meu próprio coração, e desconhecido algo que eu nunca vi antes.

—Símbolo do Amor.— Eu falei as palavras sem estar ciente disto. —É meu símbolo do amor. Você fez isto para mim. Mas como...?

—Estava em Dauva, em meu esconderijo. Voê colocou lá, junto com todos os itens de valor do castelo, antes de Constantine atacar. Kostya assaltou a maior parte do esconderijo, mas ele deixou isto.



Tão tênue que eu mal podia decifrar, estava gravada uma árvore no símbolo de prata, com três ramos frondosos em cima, e dois corações abaixo.

Eu sorri, uma memória distante retornando a mim.

—É feito de prata assim não distrairia você quando eu usasse.

Ele me observava atentamente.

—Você lembra disto, então?

—Não. Sim. Ambos.— Eu toquei o símbolo, querendo sentir isto, pesar sua idade em minha mão, mas no segundo em que meu dedo tocou a superfície de metal, o mundo começou a girar.

Eu gritei, sentindo como se eu estivesse caindo, mas braços fortes me pegaram, mornos e familiares, seu toque ativando as brasas de desejo que estavam sempre dentro de mim. O quarto escureceu, as cores trocaram de luz para charcos de âmbar escuro, iluminado por candelabros, a luz das velas chamejando e vislumbrando ao longo das sombras do quarto.

Figuras vislumbradas, também, a figura de um homem e uma mulher.

—Um símbolo de amor?— A mulher disse, sorrindo para o homem. —Para mim?

—Eu fiz isto para você quando eu velejei de Riga até a França.

—É uma árvore. — ela disse, e sua voz ressonando dentro de mim, meus lábios se abriram para falar as próximas palavras com ela. —Uma árvore com corações?

—Uma árvore porque eu sabia que iria agradá-la. Três galhos para você, eu, e o clã. — O Baltic de agora e o de antes disse, a voz ligeiramente ecoando uma na outra.

Eu fui puxada em direção à minha outra figura como se eu fosse feita de nada além de luz e sombra, hesitando um momento quando eu olhei atrás para Baltic. Ele movimentou a cabeça e eu me deixei fundir com a memória de meu antigo eu. O rosto de Baltic mudou quando ele também permitiu que ele se afundasse em seu antigo ser.

—E dois corações. — Ysolde e eu dissemos ao mesmo tempo que nós sorrimos para ele.

—Eu dou a você este símbolo como uma garantia de meu coração. — ele disse, e lágrimas picaram em meus olhos no amor brilhando em seu olhar.

Ysolde e eu o beijamos, apertando a ficha em nosso peito.

—É a coisa mais maravilhosa que eu já recebi. Eu não posso acreditar em que você fez isto para mim.

—Você jurou ser minha companheira, e para mim não existe nenhum laço maior, mas você foi criada com mortais. Eu pensei que você gostaria.

Eu estava tão tocada, naquele momento e novamente agora, que ele iria tão longe para me agradar.

— Não deve ter sido fácil fazer isto. — eu disse a meu Baltic quando a outra Ysolde arrulhou felizmente o símbolo antes de oferecer a ele sua boca novamente.

Os dois Baltic brilharam, a imagem de um se sobrepondo ao outro.

—Não foi. Eu não sou nenhum artista. Eu quase cortei meus dedos um para de vezes gravando a imagem nisso.

—Faça amor comigo. — eu implorei quando o outro Baltic carregou meu antigo eu e a levou para a gigantesca cama com dossel.

Baltic olhou para as memórias de nós quando eu me movi contra ele, correndo minhas mãos ao redor de suas costas, acariciando os músculos lá, e meneando meus quadris em descarado convite.



—Aqui? Com eles?

—Eles são nós. Nós estamos em seu quarto. Por favor, Baltic. Eu esperei muito por você, e agora eu posso ter você. Você quis me reivindicar ontem, bem, agora eu sou toda sua.

—Primeiro você se excita pelo pensamento de machos se amando. Então você desejou despiu seus peitos para todo mundo com um par de olhos em sua cabeça; E agora você quer se envolver em acasalamento com outras pessoas?

Ele curvou e me levantou, levando-me para a cama com uma expressão que entrosou irritação com desejo.

—Nós teremos uma discussão longa sobre estas fantasias sua, chérie. Eu estou disposto a favorecer você desta vez, mas eu advirto a você, que você é minha companheira, e eu não tenho nenhuma intenção de compartilhar você.

Ele me deitou abaixo na cama próxima a outra Ysolde, que agora vestida estava que eu reconheci em uma blusa fina, e o Baltic de cabelos negros ajoelhando entre suas pernas, lentamente empurrando o chemise mais alto e mais alto.

—Whoa...— eu disse, incapaz de tirar meus olhos deles, minhas próprias emoções estavam em conflito como as de Baltic é.

—Isto é . . . uau. Por um lado, parece como se nós estivéssemos assistindo duas pessoas fazendo amor. Mas somos nós. Então como isso pode parecer tão, tão... oooh. ... pervertido?

Baltic, que tinha removido sua roupa, olhou para o par fantasmagórico antes de retornar sua atenção para mim. Ele ficou ao meu lado, suas mãos em seus quadris, seu pênis completamente desperto e me saudando.

—Como eu disse, nós teremos uma discussão sobre isso mais tarde.

Eu olhei para sua virilha, fazendo uma medição mental antes de deslizar um rápido exame na outra versão dele.

—O que você está fazendo? — Ele perguntou, a acusação pesada em sua voz quando ele subiu sobre a cama.

—Nada! — Eu disse, depressa olhando para ele.

Seus olhos pretos estreitaram em mim quando ele, também, se ajoelhou entre minhas pernas.

—Você estava me comparando a ele, não estava?

—Claro que eu não estava! O que deu a você essa idéia?

—Eu vi você olhando para minha barra. Você olhou para o meu, e então olhou para o dele. Você estava fazendo comparações!

—Ele é você. — eu disse, apontando para o outro Baltic.

—O fato é que você estava julgando minha barra com a dele.

—Eu não estava!— Ele olhou fixamente para mim. Eu olhei fixamente para ele. Depois de mais ou menos cinco segundos, eu adicionei: —Além disso, isto não importa. Você é maior agora.

—Aha! Eu sabia!

—Olhe, você está fazendo um grande rebuliço por nada. — eu disse, gesticulando em direção ao outro par. Eu olhei para eles à medida que eu falei, mas as palavras secaram completamente em meu lábios, e meus olhos se arregalaram quando Ysolde, deitada próximo a mim, gemeu e segurou os lençóis, sua cabeça batendo de um lado para o outro enquanto Baltic dava prazer a ela com sua boca e mãos. Minha boca pendurou aberta enquanto eu piscava com a visão.



Estava tão errado assistir um momento tão íntimo entre duas pessoas, mas aquelas duas pessoas eram nós. Isso me fez ter um orgasmo que arqueou para fora da cama, chamando o nome de Baltic.

—Pela Cruz de Cristo. — eu conseguido falar enquanto eu assistia.

Baltic sorriu satisfeito.

—Você sempre foi rápida ter prazer.

— Pela Cruz de Cristo!— Eu repeti quando a outra versão dele rastejou em cima de seu corpo, lambendo-a com ambas, sua língua e fogo de dragão. Ela rosnou, enroscando suas pernas ao redor dele quando ele se enterrou no calor dela, suas mãos apertando a bunda dele e o puxando mais apertado.

—Ysolde, — Baltic disse.

— Pela Cruz de Cristo!— Eu gritei quando Ysolde se curvou novamente, seus quadris empurrando para cima. Seu Baltic murmurado algo em sua orelha, retirando-se só o suficiente para mover seus braços debaixo de suas pernas de forma que eles descansaram em seus ombros, angulando sua pélvis para penetração ao máximo.

—Você pode fazer isso para mim, por favor? Como agora mesmo?

Ele se sentou em seus calcanhares, franzindo o cenho.

—Eu não gosto do fato de que a visão de outros fazendo amor excita você tanto, chérie. Você devia estar concentrada em mim somente.

—Eu estou concentrada em você. Santo...ele está fazendo o que eu penso que ele está fazendo?

—Você desejava ter um filho. — Baltic disse, não prestando a menor atenção quando seu outro eu empurrou um par de travesseiros embaixo de Ysolde ,ficando em seus joelhos enquanto ele empurrava nela com força, e movimentos rápidos. —Eu estava simplesmente tentando ajudar você a conceber.

Eu pisquei, incapaz de olhar de desviar o olhar do outro Baltic.

—Companheira, eu sou o que você devia estar olhando fixamente com que luxúria, desejo e fascínio enlouquecido!

—Ciumento?— Eu perguntei a ele, tentando olhar para ambos os Baltic de uma vez. Não era fácil.

—Isso seria tolo.— Até que ele parou para olhar quando a outra versão de nós, com gritos inconfundíveis de satisfação, caíam do lado da cama.

—Eu bati minha cabeça no chão várias vezes. — Baltic comentou quando eu olhava para eles.

Satisfeita, Ysolde estava no chão, fazendo pequenos suaves barulhos felizes, acariciando as costas suadas do homem que estava ainda evidentemente enterrado nela, esfregando as pernas para cima e para baixo sobre ele. Ele não fez movimento.

—Eu espero que você não esteja seriamente machucado.

—Eu não estava. Agora se seus desejos voyeristas foram satisfeitos, você por favor olhará para mim?

—Desculpe. — eu disse, voltando para meu lugar. Baltic parecia irritado agora.

—Mas se você pudesse fazer só o que outro Baltic fez, menos o atacar o chão e rachar sua cabeça, isso seria realmente, realmente bom para mim.

—É certo que você deseje dar a mim uma criança desde que você deu uma para o usurpador. — ele disse, a aprovação suavizando sua carranca. —Mas primeiro, eu devo reivindicar você corretamente como minha companheira. Posteriormente, nós faremos uma criança.



Eu abri minha boca para dizer a ele que um filho era suficiente para mim, mas eu lembrei da dor em seu rosto quando ele falou com meu outro eu da criança que nós perdemos.

—Nós conversaremos mais tarde sobre aumentar a família, certo? Neste momento, eu realmente gostaria fizesse outra coisa além de franzir o cenho para mim.

Ele levantou sua cabeça e me banhou em fogo.

Eu gritei e quase cai da cama, minha respiração presa em minha garganta quando ele começou a tirar minha roupa. Como ele fez antes, o fogo pareceu dançar em minha pele, pulsando enquanto subia das minhas pernas para meu estômago.

Baltic tirou minha calça jeans, sandálias, e roupa íntima com um varrer de suas mãos. Eu contorci na cama quando o fogo varreu para cima. O topo do colete pareceu derreter quando Baltic agarrou os cordões um por um até que tudo que ficou entre mim e seu fogo fosse meu sutiã.

—Você, também, são maiores. — ele disse sua cabeça curvada acima do vale entre meus peitos, o sutiã saindo facilmente. Sua respiração soprou fumaça em minha carne, fazendo-me ansiar pelo inferno que eu sabia que ele podia construir dentro de mim.

—Eu não estou!— Eu olhei para meus peitos. —Você realmente acha?

—Eu sei. Você era abundante antes. Agora você é... —ele segurou meu peito com sua mão em forma de concha, seu dedo polegar suavemente roçando meu mamilo. —...muito abundante.

—Fogo. — eu implorei, torcendo contra ele enquanto sua língua sacudia acima de meu peito agora dolorido.

—Você deve aprender a usar seu próprio fogo. — ele criticou, tomando meu peito em sua boca. Eu gemi e agarrei grandes punhados dos lençóis da mesma maneira que a Ysolde do passado fez, meus peitos empurrando para cima.

—Fogo!— Eu ordenei, e me contorci felizmente quando ele riu e disse, —Tão exigente. Isto, também, não mudou. — antes de permitir seu fogo de dragão despejar fora dele e embrulhar ao meu redor. Isto queimava, mas ele não me prejudicou. Era quente, mas não era comparado ao inferno ardente dentro de mim.

Provocava minha carne, mas só o toque de Baltic, as carícias suaves com sua boca e dedos, me fazia sentir como eu fosse uma zona erógena contínua.

—Abraça o fogo, chérie. — ele murmurou em meu esterno enquanto ele se deslizava mais baixo, beijando e queimando um caminho até meu estômago.

—Reivindique como seu próprio. Use. Forme. Faça ser o que você quer que seja.

Eu queria. Oh, como eu queria, mas eu não podia enfocar meus pensamentos em qualquer coisa exceto a magia dele quando ele deslizou muito mais baixo, beliscando meus quadris com dentes afiados, acalmados por golpes longos, lentos de sua língua.

—Aceite o fogo, meu amor.

—Eu... eu não posso. — eu disse quando ele cutucou meus joelhos separadamente.



—Você pode. Você é minha companheira. Você é um dragão de luz. Aceite.— O calor despejou em mim quando ele enviou seu fogo de dragão em cima de meu corpo, novamente, as chamas lambendo minha pele antes de afundar profundamente em mim. Suas mãos varreram minhas coxas, forçando-as a abrirem, sua boca quente na carne interna sensível enquanto ele beijava um caminho de fogo para meu âmagô.

—Eu não acho que é possível. — eu disse, uma febre de necessidade, querer e desejo se misturavam, causando uma pressão dentro de mim empurrando mais alto e mais alto.

—É. Você deve tentar, Ysolde. Devolva o fogo para mim.— Eu gemi novamente no sentimento de sua boca quando ele respirou fogo na carne mais sensível, ofegando quando ele afundou um dedo em mim. —Use isto, companheira. Use o fogo.

Um grito longo, baixo rasgou minha garganta quando a pressão continuou a construir, abastecido por ambos, seu fogo e paixão, que ele estava desencadeando com cada movimento de sua língua.

—Agora!— Ele exigiu, e meu corpo tremeu na beira de algo tão profundo, que eu não podia começar a entender. A pressão dentro de mim deu rapidamente passo ao fogo que eu absorvi rugindo para a vida, despejando fora de mim para consumi-lo.

Ele fez um barulho do fundo de seu peito, parte rosnado, parte som de acasalamento que meu coração reconheceu e respondeu.

Meu corpo não estava aceso, eu era a chama. Baltic de repente me segurou por baixo, me lançando sobre meu estômago, o braço em baixo de minha barriga me puxando para cima enquanto ele me cobria por trás.

—Companheira. — ele rosnou, seu corpo duro e agressivo. Eu arqueei novamente, incapaz de afastar não gemer em êxtase, em absoluto êxtase quando ele empurrou em meu corpo, seu pênis uma marca que dirigia a pressão dentro de mim para o ponto onde eu sabia que eu iria explodir.

O sentimento dele dentro de mim, de meus músculos tremendo ao redor ele, era suficiente para me empurrar para a extremidade. Eu rodopiei em um orgasmo diferente de qualquer coisa que eu pensei possível, minha alma fundindo com a sua quando ele juntou-se a mim no momento de êxtase absoluto.

Minhas pernas desabaram e eu desmoronei sobre a cama enquanto ele rugia uma palavra, suas mãos em meus quadris quando ele continuou a bater em mim com punhaladas pequenas, rápidas até que finalmente ele também desmoronou.

Eu tentei entender o que aconteceu, mas meu cérebro deu um gemido e disse a mim que eu estava por minha conta. Fiquei tremendo com a sensação do poder que nosso acoplamento trouxe, corpo pesado de Baltic me empurrando contra o colchão suave.

—Nós morremos novamente?— Eu perguntei quando eu recuperei suficiente habilidade para mover minha boca.

Uma risada suave, mofosa soou em minha orelha.

—Não, mas foi perto.

—Deus querido. — eu disse quando, puxando-me com ele, ele rolou sobre suas costas. —Sempre foi assim? Porque eu estou séria, Baltic, eu não sei se meu coração pode agüentar isso toda noite. Eu terei que começar a freqüentar classes de aeróbica, e eu odeio esse tipo de coisa.



—Sempre tem sido e sempre será deste modo entre nós.— ele disse, movendo meu corpo flácido, então eu estava deitada em cima de seu tórax, uma de minhas pernas pegadas entre as dele. —Você aprenderá a adaptar-se ao extenuante acasalamento de dragões, da mesma maneira que você aprendeu a usar seu fogo.

—Isso não foi meu fogo. Era seu. Eu apenas o usei. — eu disse, muito drenada para fazer mais do que colocar minha mão em seu tórax.

—Foi de ambos.

Próximo a nós, um corpo bateu na cama.

Eu olhei para cima, sorrindo quando a Ysolde do passado enxugava ternamente de leve o sangue na fronte de Baltic.

Ele tolerou aquilo por um momento, então a puxado para cima dele, pegando um de seus peitos em sua boca.

—Deuses. Você parece ter tido muita resistência então.

Ele nem sequer olhou, apenas sorriu, seus longos cílios cobrindo seus olhos.

—Dê-me cinco minutos, e eu mostrarei a você que eu melhorei desse jeito, também.

—Você poderia ter melhorado, mas eu acho que outra rodada seria o meu fim. — eu comentei, incapaz de afastar o olhar quando Ysolde se empalou no Baltic do passado. —Sabe, é realmente muito ruins nós não podermos interagir com eles.

Ele abriu um olho e olhou para mim.

—Por quê?

Eu gesticulei para onde seu antigo eu estava, Ysolde o montando como se ele fosse um garanhão intacto, e franzi meus lábios um pouco.

—Bem, se nós pudéssemos, você e o outro Baltic podiam... você sabe...

O olhar que ele atirou-me era tão indignado que eu dei uma risadinha. Ele bateu em minha bunda, então esfregou a picadura antes de fechar seus olhos.

—Muitas pessoas me disseram para me foder, mas eu realmente nunca esperei que minha companheira sugerisse que eu fizesse isso.

Eu dei mais uma risadinha, beijando a pulsação em seu pescoço, meu corpo, coração e alma mais feliz do que já tinha sido.



Capítulo Quinze

Minha sugestão era, eu pensei, extremamente aceitável.

—Que tal Strand Palace Hotel? Tem capacidades de conferência, e sua grande sala de negócios estará disponível amanhã.

—Você está brincando? Depois do que aconteceu na última vez que Baltic veio para um sárkány em um hotel?— A voz de Aisling estava cheia de desprezo. —Eu não acho!

—Por que, o que aconteceu?

—Ele tentou atirar em todo mundo presente!

—Oh, isto. Um momento, por favor.— Eu cobri o bocal do telefone e girei para onde Baltic estava olhando para mim. —Você realmente foi para um sárkány recentemente e atirou nos participantes?

—Sim. — A resposta foi dita em um tom mal-humorado, que, só de olhar seu rosto, não era nenhuma surpresa.

Eu respirei fundo.

—Você percebe o quão difícil é conseguir que os wyverns concordem em encontrar você num lugar neutro assim nós podemos conversar sobre as coisas, não é?

—O que o weyr faz ou pensa não nos interessa. Nós estamos afastados deles. Eles não importam para nós.

—Eles importam para mim. — eu disse.

Ele continuou a me olhar.

—Não tanto como eu importo para você.

—Claro que não, e pare de ser tão inseguro. Eu amo você há mais de quatrocentos anos. Eu acho que você pode relaxar.

—O seu outro eu que me amou. Este você...— Ele me lembrou com um cauteloso olhar. —Você está diferente. Você tem desejos antinaturais. Minha antiga Ysolde nunca quereria tentar a posição entre dois amantes.

—Eu não tentei nada do tipo! Eu só saí de cima de você e aconteceu de eu rolar exatamente para onde a velha versão de nós estava indo. Novamente. Uma terceira vez no espaço de uma hora.— Eu estreitei meus olhos para ele. —Você só conseguiu uma vez.

Seus olhos brilharam em fogo negro para mim.

—Eu disse que você que me desse cinco minutos e eu me recuperaria o suficiente para dar prazer a você novamente! Você foi a pessoa que me parou. Você não queria que fosse eu que comesse novamente!

—Indiferentemente, eu não deliberadamente rolei debaixo do outro você e consegui meu prazer de onde ele estava batendo. Embora eu realmente gostei da aparência daquela pequena coisa de redemoinho que ele estava fazendo. Você acha que nós poderíamos... — Uma voz fraca em minha orelha me lembrou de que eu estava no telefone. Evidentemente, minha mão tinha saído do bocal.

—Discutindo com ele. Não, não sobre nos encontrar, sobre sexo, eu penso. Evidentemente ele só fez uma vez e ela queria três vezes. E parece que lá pode ter tido outro par envolvido.



—Um... — eu disse, dando a Baltic um olhar. —Eu sinto muito que você teve que escutar isto, Aisling. Baltic me deixa um pouco maluca às vezes.

—Só às vezes?— Ela perguntou; Ao mesmo tempo ele bufou e disse:

—Suas fantasias estranhas me deixam louco.

—Minhas fantasias não são nem um pouco estranhas!— Eu ruidosamente disse.

—Não, claro que não. — Aisling disse, o riso em sua voz. —Embora eu tenha que dizer, você é a última pessoa que eu pensaria em um trio.

Eu tomei outra respiração profunda, e consegui recuperar meu temperamento.

—Certo, um hotel está fora.

—Sim. Nossa casa será grande o suficiente se nós abrirmos o andar de baixo para fazer um grande quarto.

Eu olhei para onde Baltic estava agora, andando ao meu lado, suas mãos atrás de suas costas. Ele olhou para o chão como se estivesse pessoalmente ofendido.

—Eu acho que nós vamos ter algumas objeções para a neutralidade daquele local. Que tal Hyde Parque? É grande.

—Muito público,— Aisling disse. —Há muitos portais lá. Se os dragões começarem a lutar, coisas podem acontecer, e eu não estou exercendo meu poder total Guardiã ainda. Nós precisamos de algo privado, e espaçoso.

—Que tal a casa de Baltic, a com o jardim?— Eu perguntei, meu espírito se erguendo só de pensar sobre isto.

Ele levantou suas sobrancelhas com a sugestão, parecendo estranhamente pensativo.

—Deixe-me checar. — Vozes amortizadas seguiram, muito abafadas para entender. —Uma objeção foi levantada para aquele local, também. Foi assinalado que você poderia escapar para o além de lá.

Eu suspirei.

—Diga oi a May.

—Ela diz oi,— Aisling prontamente repetiu. —May quer saber se eles deviam trazer as coisas de o Brom e as suas, ou se você irá pegá-los?

—Se não for dificuldade demais, isso seria adorável. Eu acho que isso nos deixou com só uma solução.

—Qual?

Eu mantive meus olhos em Baltic à medida que eu falava.

—Você só terá que vir aqui. A casa de Baltic não é enorme, mas é ampla, e eu acho que todo mundo se sentiria melhor se nós fizéssemos o sárkány fora ao aberto.

—Não!— Baltic berrou, girando para me enfrentar. —Você traria meus inimigos aqui?

—Eles não seriam seus inimigos se você parasse de disparar neles! — Eu assinalei.

—E explodir suas casas. — Aisling disse. —E tentar roubar seus companheiros.

—Sim, e explodindo suas casas, e... o quê?

—Roubar seus companheiros. May não disse a você? May, você não disse a ela aquilo de Baltic tentar roubar você com o fragmento?

—Gargh! — Eu gritei, e pela primeira vez, eu senti o fogo furioso dentro de mim por iniciativa própria.



—Oops. Eu tomo isso como um não. — Aisling suavemente disse. —Oh querida. Eu acho que Ysolde quer uma compensação.

—Você tentou tomar May.— Eu gritei, segurando o telefone muito firmemente, minhas juntas estavam brancas. A pressão construiu dentro de mim, e eu cuspi uma bola de fogo do tamanho de uma laranja que bateu contra seu tórax, balançando ele para trás. —Você tentou reivindicar outra companheira?

Baltic pareceu atordoado por um momento, então preocupado. Ele absorveu o fogo, suas mãos estendidas com pacificação.

—Chérie, não foi assim...

—Eu não sou sua chérie, seu monstro de pele escamosa! Você queria May! Você nunca realmente me quis, não é? Eu estava morta, então você procurou o primeiro rabo de dragão que você pode achar e você tentou levar!

—Eu quis o fragmento, sim. Eu quis para poder reformar o coração de dragão. Eu realmente nunca quis a companheira de prata.

—Então por que você a tentou levar?— Eu cuspi outra bola de fogo, esta aqui um pouco maior. Ele pegou antes de poder bater nele, extinguindo o fogo enquanto ele avançava lentamente, indecisamente, como se eu fosse um animal perigoso.

Eu estreitei meus olhos e desejei poder trocar a forma de dragão.

—Minha intenção era a remover o fragmento do wyvern prata, não reivindicar ela como minha companheira. Ele nunca deveria ter uma companheira em primeiro lugar.

—Oh, realmente? Por que não?

Ele pareceu desconcertado e acenou para longe a pergunta.

—Isto é um assunto para outra discussão.

—Eu não acho! — Eu segurei o telefone de volta até minha orelha. —Aisling, você ainda está aí?

—Er... sim. Ysolde, eu sinto muito, eu não tinha idéia de que você não sabia sobre...

—Por que Gabriel não deveria ter uma companheira? — Eu perguntei, cruelmente a interrompendo.

—Ysolde, você não questionará outros quando eu estiver aqui para responder qualquer coisa que você deseja saber. — Baltic disse arrogantemente, mas eu atirei uma bola de fogo maior nele, uma que o bateu e fez retroceder uns pés, sobre o sofá. Ele abandonou a arrogância e foi diretamente para sedução. —Meu amor, você aflige a si mesmo indevidamente por um incidente secundário.

—Ele os amaldiçoou a nunca ter um companheiro nascido deles. — Aisling disse sucintamente.

—Por favor um momento. Uma maldição, Baltic?— Eu perguntei, embrulhando meus dedos através do bocal novamente.

—Você estava morta! Constantine matou você! Aquele maldito Kostya estava tentando cortar minha cabeça fora! Eu tinha que amaldiçoar alguém, e Constantine rasgou minha vida ao matar você. Claro que os amaldiçoei!

Uma memória da dor que ele sofreu quando eu fui morta brilhou em seus olhos e eficazmente acabou com minha ira.

—Você vai ter que erguer a maldição, sabe.

Sua expressão escureceu.

—Eu não tenho que fazer nada, companheira.



—Você amaldiçoou os dragões de prata porque seu wyvern me matou. Mas eu não estou morta mais.

—Você também é não a mesma Ysolde que você era.

—Eu não tenho desejos sexuais estranhos!— Eu gritei, batendo o telefone na mesa. Eu o cutuquei no tórax porque eu sabia que o irritaria. —As coisas só pareceram ser desse jeito! Pela Cruz, Baltic! Só porque um pouco de “homens em ação” não é censurável para mim, você pensa que todo pequeno pecado é o maior desejo pervertido de minha parte! Oh, inferno. — Eu olhei para o telefone, levantando cuidadosamente. —Você ouviu, não foi, Aisling?

Um risada amortizada seguiu.

—Receio que todos nós fizemos, graças à invenção do auto-falante.

—Oh, deus.— Eu fechei meus olhos por um momento, superando o embaraço.

—Eu darei a você as direções para a casa.

—Você não dirá a eles onde nós vivemos! — Baltic disse atrás de mim.

—Eu confio que você continuará a honrar o acordo relativo a Jim. Uma vez que o sárkány estiver terminado, eu irei retorná-lo para você.

—Sua vez de esperar um pouco. — Aisling disse, mas ela teve um real esperar ela telefona. Um leve zumbindo barulho.

Abastecimento o receptor do telefone.

—Companheira! Eu proíbo a você de fazer isto! — Baltic disse, agarrando meu braço.

Eu larguei o telefone, girando para enfrentá-lo, correndo minhas mãos em seu cabelo, suavemente removendo a correia de couro.

—Eu amo você, Baltic.

—Eu não permitirei...— Sua mandíbula tensa relaxou quando eu mordisquei suavemente seu lábio inferior. Suas mãos, que estavam em meus braços, moveram-se para minhas costas, puxando-me apertado contra ele.

—Eu amo você mais que qualquer coisa no mundo, mas eu gostaria que nós víssemos em paz com o weyr. Por favor faça isso por mim. Por nós.— Eu chupei seu lábio inferior em minha boca e tentei chamar seu fogo, mas parecia estar impedido.

—Fogo?

Rugiu por mim quando ele reivindicou minha boca corretamente, sua língua sendo tão exigente como ele era. No momento que eu seriamente estava pensando em jogá-lo no chão e realizar alguns atos e rever a performance anterior, a porta abriu.

—Fogo de Abaddon, eles ainda estão nisto? Brom, meu homem, você não quer ver.

—Não quero ver o que? Oh. Sullivan está beijando Baltic.

—Pai. — Baltic disse, quebrando o beijo para informar Brom.

—Huh? — Meu filho perguntou, me olhando como se eu fosse uma de suas experiências. —Por que suas mãos estão na bunda dela?

—Eu gosto dessa bunda. — Baltic disse, dando ao objeto em questão um aperto. Eu mordi seu queixo. —Você irá se referir a mim como “Pai “ daqui em diante.

—Mas seu nome é Baltic. — Brom assinalou.

—Eh, é Aisling que eu ouço gritando no telefone?— Jim perguntou quando andou para onde eu deixei o receptor. —Ash, bebê, é você?

—Oh, maldição, eu a esqueci novamente.— Eu girei nos braços de Baltic, mas ele não me largou.



—Não está ajustando você se referir a seus pais por seus nomes. Não mostra respeito. Você irá se referir a mim como “Pai”. Eu deixarei sua mãe decidir se ela deseja tolerar você se referindo a ela por seu sobrenome.

—Não, é legal. — Jim disse, se estatelando próximo à mesa, sua cabeça deitando próxima ao telefone para poder conversar e ouvir. —Pavel fez galinhas assadas para o almoço, e eu tive uma inteira só para mim.

Ele precisa dar a receita para Suzanne porque estava realmente gostoso. E Ysolde disse que ela iria me escovar mais tarde. Não, eles pararam de se beijarem, embora as mão de Baltic estejam quase nos peitos dela. Bem em frente da criança, também.

As mão de Baltic, que realmente subiram para meu estômago, congelaram.

—Eu não gosto de “Pai”. — Brom disse, seus olhos marrons sérios enquanto eles avaliavam Baltic.

—Papai? — Eu sugeri, colocando minhas mãos sobre Baltic e inclinando pra trás em seu tórax. Apesar da preocupação com a chegada do sárkány, eu me sentia incandescente com felicidade. Se Baltic se importava tanto sobre como Brom se referia a ele era um bom sinal. Brom teria um pai real afinal, um que se importa com ele.

—Sim, sim, mas você está exagerando, Aisling. Eu estou bem,ninguém está me machucando. Ysolde continua me dando aqueles olhares assustadores de mãe, mas eu não penso que ela pode evitar de fazer isto. Além disso, é selvagem ver Baltic agindo como pombinho amoroso com ela. Como o poderoso pode cair.

Brom enrugou seu nariz.

—Eu tenho nove anos, Sullivan, não dois. Que tal “Pai”²²? Os outros meninos na escola de magos chamam os pais assim. A maior parte deles. Tem uma criança estranha que chama todo mundo de Cenoura, mas ninguém presta a muita atenção nele.

O dedos de Baltic enroscaram nos meus.

—Você enviou meu filho para uma escola de magos?

—Dr. Kostich pensou que ele poderia ter alguns talentos naquela direção, então eu o registrei. Infelizmente, ele parece ter herdado minha falta de habilidades quando o assunto são poderes arcanos.

—Ixnay no ecretsay ummonsay. — Jim disse, lançando um olhar preocupado do meu jeito. —Oh, ótimo, agora ela está dando a mim outro daqueles olhares, o tipo que diz que eu vou ser enviado para meu quarto sem jantar.

—Você irá se não der a mim o telefone. — eu disse.

—Preciso ir. Pavel disse que ele está fazendo goulash²³ para jantar, e ele promete que será quase orgástico.

—O que é...— Brom começou a perguntar.

—Fora!— Eu disse para o demônio, tomando o telefone. —Brom, Baltic terá muito prazer com “Pai”, você vai praticar dizendo isto em outro lugar, por favor. E Jim, então me ajude Deus.

²² Baltic sugeriu “Father” significa PAI ou PAPAI é um jeito mais formal. Ysolde sugeriu “Papa” significa a mesma coisa só que é mais infantil. Já Brom disse “Dad” que é um jeito mais informal do que “Father”.

²³ Ensopado de carne de vaca



—Eu sei, você me esfolará vivo ou algum outro ato odioso se eu explicar para Brom o que “orgástico” quer dizer. Eu realmente não quis dizer na frente dele. Às vezes eu esqueço que ele é só uma criança.

—Isso está certo. — Brom disse, batendo levemente Jim na cabeça como os dois deles saíram o quarto. — Às vezes eu esqueço que você é um demônio. Você quer jogar bola?

—Não. Vamos jogar no Xbox de Pavel. Ele pegou um jogo de corrida de estrada que eu amo.

—Aisling?

—Ainda aqui. E você tem minha permissão para gritar com Jim. Eu não posso acreditar que diria algo tão impróprio na frente de uma criança. Honestamente! Ele sabe agir melhor que isto! Drake, pare de tentar tomar o telefone de mim! Eu não terminei.

—Eu tomo isto como que nós não estamos mais no auto-falante?

—Sim, eu pensei depois daquele último argumento, que seria melhor. Drake deseja falar com Baltic, mas eu quero lembrar a você que se qualquer coisa acontecer para Jim, eu choverei destruição que você tem nunca viu. Não que eu pense que você faria qualquer coisa, porque você parece muito maternal, e nós as mães temos uma intuição sobre essas coisas, mas eu me sinto obrigada como seu senhor de demônio a dizer isto. Bem! Você pode ter o telefone. Afff, dragões insistentes...

—Oh, Aisling? — Eu disse, sorrindo para mi mesma.

—Sim?

—Da próxima vez que você estiver sozinha com Drake, pergunte a ele sobre uma pequena pousada em Paris chamada As Bolas do Carrasco. Mencione o ano de 1699.

—Certo. — ela disse devagar. — Eu irei. Aqui Drake.

—Um momento, por favor. — eu disse a Drake quando ele pediu para falar com Baltic. Eu segurei o telefone contra meu tórax. —Você irá ser cortês.

—Eu sou um wyvern. — ele disse alegremente.

—Você não dirá nada rude para Drake não importa o que ele disser para você.

—Você pode partir. Eu falarei com o wyvern verde sozinho.

—Nós estamos tentando estabelecer uma relação com estas pessoas. Por favor lembre disso.

Ele tentou tomar o telefone. Eu agarrei-me nele.

—Você pode sair agora, Ysolde.

—Não até que você prometa ser bom.

—Eu sou sempre bom. Dê-me o telefone.

—Só lembre o que eu disse, isto é tudo.

—Eu não sou uma criança que precisa ser ensinada em assuntos de etiqueta weyr. — ele respondeu, tentando desprender meus dedos do receptor.

—Você também é notoriamente nervoso, não dá a mínima para o que os pensam, e tem uma raiva do passado aproximadamente do tamanho de Rhode Island.

—Companheira. — ele disse, uma luz de advertência em seus olhos.

—Sim?

—Em seus muitos estranhos desejos sexuais há algum para surras?

—Eu não tenho desejos estranhos, e não, você não iria! — Eu ofeguei quando ele tentou me puxar acima da cadeira.



—Certo, eu partirei, mas se você estragar as coisas depois do que eu trabalhei tão duro, eu farei sua vida um inferno vivo, espere e verá!

Quando eu fechei a porta eu ouvi ele dizer:

—O que? Sim, funcionou. Eu recomendo usar uma ameaça assim como um método de controlar uma companheira incontrolável.



Capítulo Dezesseis

—Pela Cruz, eles não podem estar adiantados, não é?— Fiz uma pausa no meu caminho através das portas francesas para a sala de estar olhando pelo vidro ao lado da porta da frente.. Um carro estava parando. —Eu não estou pronta! Nós não temos todas as bebidas no campo ainda, só há canapés!

—Eu posso ajudar você com os canapés. — Jim disse, lambendo seu lábios enquanto saía da cozinha arrastando um cesta grande. —Oooh, visitas?

—Se seu senhor de demônio veio cedo só para nos pegar por surpresa, oh, não!

—Quem é?— Jim perguntou, perscrutando ao meu redor. Suas sobrancelhas se elevaram. —Heh. Isso vai ser divertido.

—O que Savian está fazendo, dizendo a todo mundo do Outro Mundo onde eu estou?— Eu murmurei à medida que eu arrumava uma bandeja com taças de cristal e abria a porta. —Boa tarde, Dr. Kostich.

—Tully. — ele disse, inclinando sua cabeça em direção a mim. —Eu confio que você desculpará minha chegada sem ser anunciada. Eu tenho assuntos de grande importância para discutir com você.

—Realmente, eu estou um pouco ocupada hoje. Você podia voltar outra hora? Digo, próximo ano?

O olhar que ele deu a mim disse muito, e não era favorável. Ele passou por mim e entrou na casa, virando casualmente seu ombro:

—Eu assumo que você tem a lâmina Von Endres agora. Eu vim para cobrá-la.

—Oh, Senhor,— eu jurei, olhando para o céu por um momento. —Por que eu?

—O que está havendo... oh homem. Saudações, sua eminência. — Jim disse, quase rastejando em direção a Dr. Kostich. Eu não me perguntei por que o demônio, normalmente o mais descolado dos seres, adotou um ar respeitoso. Obviamente ele já havia se encontrado com o Dr. Kostich antes.

Eu girei devagar para hall de entrada, tentando pensar sobre um caminho diplomático para explicar para o cabeça do Outro Mundo que eu não roubaria a espada de Baltic.

—O que você está fazendo aqui?— Kostich perguntou, olhando fixamente para Jim que se sentou no centro do estreito corredor.

Jim levantou sua cabeça novamente em um arco tipicamente canino.

—Ysolde está fazendo-me ser uma mula de troca. Eu não sabia que você estaria aqui, entretanto. Não que exista qualquer coisa errada com você estar aqui. — adicionou depressa enquanto retrocedia alguns passos.

—Eu não gosto de demônios.— Dr. Kostich disse, seus se estreitando e seus dedos se contorcendo como se lançasse um feitiço.

—Ysolde!— Jim quase ganiu, apressando a se apertar em minha perna. —Você prometeu a Ash que ia me manter seguro! Não deixe ele fazer nada comigo.

—Você é um demônio. — eu disse, batendo levemente em sua cabeça todavia. —Ele não pode prejudicar um demônio. Ninguém pode além de um senhor de demônio. Não permanentemente, de qualquer maneira.

—Quer apostar?— Jim espiou fora ao redor minha perna ao meu antigo empregador.



Minhas sobrancelhas se elevaram.

—Você pode prejudicar um demônio? Não só sua forma, mas o demônio propriamente?

Dr. Kostich apenas sorriu.

—Não se preocupe, eu não deixarei ninguém prejudicar você. — eu disse significativamente. —Jim é meu convidado, Dr. Kostich.

O demônio saiu alguns passos.

—É mais como um refém. Ysolde é uma seqüestradora de demônios. Não que me incomode, porque ela é legal e tudo.

—Eu não posso imaginar por que ela quereria fazer isto.— As palavras secas saíram dos lábios de Baltic quando ele saiu de um quarto na parte de trás. Ele parou à vista de Kostich. Os dois homens olharam fixamente um ao outro.

—Uh-oh. — Jim disse, se apoiando em novamente.

—Você!— Kostich disse, apontando dramaticamente para Baltic. —É você!

Baltic me atirou um olhar irritado.

—Eu não disse a ele onde nós estávamos. — eu respondi ao olhar. —Savian disse.

—Agora você pagará por seus crimes contra o L 'audela!— Dr. Kostich anunciou, e começou a lançar um feitiço que eu sabia que era um de metamorfose.

—Eu realmente deveria ter matado você quando eu tive a chance. — Baltic rosnou, estendendo sua mão. A lâmina de luz se materializou em uma explosão de luz branca e azul.

—Não! — Eu gritei, correndo para ficar entre eles. —Eu não terei isto! Não agora! Não hoje! Não quando eu não fiz o sorbet ²⁴de limão ainda!

Baltic, no ato de levantar a espada acima de sua cabeça, e presumivelmente derrubar Dr. Kostich, parou e franziu o cenho para mim.

—Sorbet de limão?

—Para depois do sárkány. Eu pensei que um pouco de sorbet de limão e biscoitos champanhe seriam refrescantes.

Ele abaixou a espada, seus lábios apertados quando ele girou para me enfrentar.

—Isto não é uma festa, Ysolde!

—Sorbet de limão não constitui uma festa. — eu assinalei.

—Não importa, eu não alimentarei meus inimigos!

—Poderia eu inserir uma nota de seriedade nesta conversação estranha.— Dr. Kostich começou a dizer.

—Não acho que fará nada bom. — Jim respondeu quando eu empurrei o Dr. Kostich do caminho para enfrentar Baltic.

—Eles são nossos convidados, e eu serei maldita se aquelas pessoas vierem a minha casa e eu não oferecer a eles hospitalidade comum.

—Sorbet não é hospitalidade comum. — ele discutiu. —É sobremesa.

—Eu pensei que gostariam de algo para limpar seus paladares depois dos canapés!— Eu disse, batendo minhas mãos em minhas coxas. —Me perdoe por ser civilizada.

²⁴ Os Sorbets são sorvetes originários da França feitos a base de água ou suco de frutas e açúcar. Não contêm gordura.



—Canapés? Agora você tem canapés? — Seu rosto estava começando a ruborizar, um sinal de que seu temperamento estava deslizando. —Qual o próximo, champanhe?

Pavel emergiu da porta que levava ao porão, uma caixa de papelão em suas mãos com o nome de uma marca famosa de champanhe. Baltic olhou para ele em descrença antes de fazer uma carranca para mim.

—Esse é meu Bollinger!

—Não machucará você compartilhar.

—Com pessoas que me querem morto!— Ele gritou.

—Eu entendo completamente o sentimento deles...— Dr. Kostich disse. — Sobre a espada Von Endres...

—Isto é isto. — Baltic disse, levantando a espada novamente. —Eu vou matar ele. Então eu lidarei com você, companheira.

Dr. Kostich retrocedeu um passo, suas mãos se contorcendo em movimentos complicados de um feitiço de metamorfose.

—Você não o machucará! Eu nunca perderei você se o machucar! — Eu disse a Baltic.

Ele olhou para mim, seus olhos faiscando como ônix, sua mandíbula apertada com tensão.

—Você está me empurrando muito longe, mulher!

—Eu só quero que todo mundo se dê bem!— Eu gritei, tão frustrada que eu poderia... bem, gritar. —Por que as pessoas não podem parar de tentar matar um ao outro e roubar coisas dos outros. Me ajude Deus, Dr. Kostich, se você completar esse feitiço de metamorfose, eu mesma vou golpeá-lo!

Meu antigo empregador ergueu seu nariz, seus dedos dançando no ar enquanto eles aproximaram-se a completar um particularmente detalhado feitiço que viraria Baltic em alguma outra forma.

—Você está debaixo de uma interdição. Sua mágica não funciona.

—Quer apostar?— Eu rosnei, e puxou forte o fogo de dragão dentro de mim, deixando meus próprios dedos fazerem um pequeno feitiço.

Uma banana se materializou no ar e caiu a seus pés.

Ele parou seu feitiço. Todo mundo olhou fixamente para a banana.

—Um. Isso deveria ser um tigre de bengala. — eu disse, tocando a fruta com o dedão do pé de meu sapato.

—Eu acho que a interdição está fazendo minha mágica instável.

—Hora de fazer uma sugestão.— Jim disse, cheirando a banana. —Você quer que eu finja que sou um tigre e apunhale o arquimago?

Todos nós ignoramos Jim.

—Você não devia ser capaz de fazer nada. — Kostich disse, dando a mim um longo olhar. —Não é possível que você possa fazer muito com a interdição colocada em você.

—Minha companheira não é uma mulher normal. — Baltic disse, arrastando-me para me apoiar seu braço livre. Com o outro, ele acenou a espada para Kostich. — Ela é um dragão de luz. Ela está além de sua compreensão.

—Você!— Kostich estalou novamente, encarando Baltic enquanto ele juntava energia mágica em uma bola branca azulado.



—Aqui vamos nós novamente. — Jim disse, tomando a banana e indo para a parte inferior da escadaria. —Pelo menos eu tenho um lanche para este show.

—Você não ouse!— Eu disse a Kostich no momento que ele lançou a bola mágica. Baltic aparou isto com um lampejo de sua lâmina de luz.

—Mulher Muito Maravilha,— Jim disse, seu boca cheia. —Como você é com balas?

—Oh!— Eu gritei, encarando o mago, arregaçando minhas mangas. Baltic me arrastou de volta quando eu estava para me lançar sobre meu antigo empregador.

—Me deixe ir, Baltic! Ninguém lança feitiços mágicos em meu homem!

—Dragão. — Jim corrigiu.

—Saia do caminho. — Kostich advertiu, puxando seu poder para formar outra bola mágica. —Eu vou ferir o dragão onde ele estiver!

Eu me torci no aperto de Baltic, empurrando ele fortemente para o lado. A bola de poder atirada por Kostich passou por nós e bateu em um vaso sobre um pedestal, explodindo ambos em um zilhão de pedaços minúsculos.

—Pooooooooonto!— Jim disse, lançando a casca de banana agora vazia sobre o chão na frente de Kostich.

—Que diabo você está fazendo?— Baltic perguntado quando eu continuei a empurrá-lo em direção à sala de visitas.

—Deixe-me ir, companheiro! Eu devo enfrentar aquele mago demente de uma vez por todas.

—Eu não estou demente!— Dr. Kostich berrou, girando enquanto ele puxava e juntava ainda mais poder, formando entre suas mãos uma esfera azul ardente.

—Agora não se mexa, seu maldito, então eu posso golpear você!

—Oh, não, ele não é demente. — Jim disse, levantando uma sobrancelha irônica.

—Pare com isso!— Eu gritei quando Baltic lateralmente me empurrou, fora do caminho da bola do poder. Foi direto pela janela, quebrando o vidro no caminho.

—Você vai pagar muito por aquela janela!— Eu disse, tempestuosamente indo em direção a Kostich.

—Companheira, você sairá do caminho assim eu posso matar o mago?— Baltic rosnou, sua lâmina que relampejante balançando de um lado ao outro enquanto o Dr. Kostich, murmurava maldições em voz baixa, depressa lançaram minúsculas pequenas faíscas de luz nele uma logo depois da outra.

—Ninguém está matando ninguém, seu bastardo!— Eu ofeguei quando Dr. Kostich, girou quando o vento fez a porta ruidosamente fechar, e enviou uma explosão do poder mágica na bandeja onde estavam as taças de cristal.

—Aquelas eram as taças para o meu sorbet de limão após o sárkany! Certo! Basta! Não mais Senhorita Agradável Onde Diabos Eu Estiver!

—Dragão. — Dr. Kostich disse no mesmo momento que Baltic disse, — Companheira. — e Jim adicionou, em uma voz não tão baixa. —Senhora Louca?

Eu peguei uma pequena cadeira creme e listrado azul pálido estilo Chippendale, e avancei em direção ao mago segurando a cadeira na minha frente, como se eu fosse um domador de leões e ele fosse um particularmente rebelde leão.



—Atrás! Atrás, eu digo! Você não pode ter a espada! Você não pode ter Baltic. Ele é meu! Vá embora, e não nos aborreça novamente! Er... eu recebi o pagamento pelas últimas duas semanas embora você pôs a interdição em mim? Porque eu não vi meu salário depositado ainda, e eu prometi a Brom que ele podia escolher um grande desidratador para seu aniversário, e só está umas semanas longe.

Uma explosão de luz azul brancura chamejou na minha frente, a cadeira que eu segurava desintegrou com o poder mágico lançado e explodiu em vários pedacinhos. Eu olhei fixamente em surpresa primeiro para minha mão, que segurava uma perna sobrevivente da cadeira, então para o Dr. Kostich.

—Você apontou isso para mim!— Eu disse, espantada.

Um grunhido baixo de raiva veio de Baltic, e de repente, o quarto estava cheio com um dragão branco, fogo estourando ao redor dele enquanto ele batia no Dr. Kostich, os dois caindo para o bem polido chão de mármore em uma confusão de membros de dragão, rabo, e pernas de mago se batendo.

—Ninguém toca em minha companheira. — Baltic rosou, prendendo Kostich no chão, soprando algumas baforadas de fogo uma escassa polegada do rosto de Kostich.

—Oooh. Ele está babando nele. Isto é completamente bruto. — Jim disse, assistindo da segurança dos degraus.

—Aqueles que vivem em casas de vidro. — eu disse para o demônio antes de marchar para a cabeça de Kostich e cutucar ele com a perna da cadeira. —E você nos deve por esta cadeira, também! Era uma antiga!

Kostich gritou algo, seu rosto vermelho como beterraba, seu corpo se contorcendo desesperadamente enquanto ele tentava conseguir ar em seus pulmões espremidos.

Ninguém ouviu a porta da frente abrir até que a voz falou.

—Nós estamos adiantados? Oh. Er. Oi, Dr. Kostich.

—Ei Ash.— Jim disse, pulando degraus abaixo para saudar seu senhor de demônio. —O sorbet de limão não está pronto ainda. Por que você não volta em uma hora?

—Uh...— eu pisquei para as pessoas aglomeradas na entrada. Aisling, Drake, e seu dois guarda-costas ruivos estavam enchendo a porta, todos com as mesmas idênticas expressões de surpresa. —Oi.

—Oi,— Aisling disse, olhando para onde Baltic estava esmagando o Dr. Kostich.

—Oi, Baltic. Eu não acho que nos encontramos formalmente antes.

—Você sabe quem eu sou?— Dr. Kostich cuspiu fora. —Eu lidero o Comitê!

Eu me endireitei e sorri para os dragões enquanto Aisling andava cuidadosamente acima das taças de cristal quebradas, Drake logo atrás ela.

—Você está um pouco adiantada, mas está bem, embora como Jim disse, o sorbet não está pronto ainda. Oh, inferno! Jim!

—Eu posso ter vocês todos banido para Akasha! Eu sou muito poderoso! — Dr. Kostich ofegou.

Eu o ignorei e me girei para encarar o demônio.

—O que? Quem? Eu? Eu não estava cheirando sua bunda!— Jim disse depressa, afastando-se de onde Baltic estava esmagando Dr. Kostich.

—Você será cobrado por estes crimes graves contra minha augusta pessoa!



Baltic balançou seu pescoço para enviar um pequeno círculo de fogo no demônio. Eu peguei o fogo quando passou por mim e lancei isto de volta para ele com uma carranca.

—Você deveria estar em outro lugar, de forma que Aisling faça com Drake o que ela disse!— Eu disse para o demônio. —Você não pode ser um refém por bom comportamento se você estiver aqui mesmo!

—Isto não é minha culpa.— Jim disse, sentando no pé de Kostich.

—Inclusive o demônio, acabou de quebrar meu pé! Saia, sua besta cruel de Abaddon!

—Aisling é a pessoa que veio cedo. — Jim adicionou.

Eu fiz uma carranca para a mulher quando ela parou na frente de Baltic e Dr. Kostich.

—Você fez isto deliberadamente, não é? Você veio aqui cedo, só assim você me pegaria no meio de minhas preparações, então você poderia fazer-me parecer ruim. Isto realmente não é bom, e depois de todas as dificuldades que eu tive para fazer um bolo de queijo!

—Que tipo de preparações?— Drake perguntou, puxando Aisling de volta uns passos quando Dr. Kostich livrou uma mão e tentou agarrá-la. —Você estava fixando armadilhas para nós? Organizando uma emboscada? Ou uma bomba?

—Sorbet de limão e canapés. — Jim disse, babando na perna do mago. — Ysolde me deixou provar os pãezinhos de salmão defumado, também. Falando do qual, seria melhor eu voltar para a cozinha. Brom está lá com Pavel, ajudando com as casquinhas de caranguejo com pepino, o garoto tem uma perna oca. Eu aposto que ele está até lambendo os pratos.

—Eu insisto que você me libere! — Dr. Kostich exigiu. —Eu não poderei comer canapés se minhas costelas e meus pulmões estão esmagados!

—Você está alimentando o sárkány?— Aisling perguntou, olhando quase como se ela não acreditasse nisto.

—Aí, você vê? Até a companheira verde concorda que é ridículo servir comida em nessa hora. — Baltic disse me exasperando com justiça própria.

—Eu não estou alimentando ninguém. — eu disse com uma carranca para eles dois. —Eu estou só fazendo alguns pequenos aperitivos para apreciar enquanto nós estamos discutindo este assunto de se vão ou não me executar.

—O que?— Baltic perguntou, sua cabeça chicoteando para mim.

—Eu direi a você sobre isso mais tarde. — eu disse, movimentando a cabeça em direção aos outros.

—Você dirá a mim sobre isto agora!— Ele ordenou, liberando suas garras de forma irritada.

—Argh!— Dr. Kostich gritou.

Baltic se moveu para as garras não ficarem diretamente no rosto de Kostich.

—O que você quer dizer com se vão ou não executarem você? Que razão o weyr tem para desejar você morta?

—Basta! Eu alcancei o fim de minha paciência. Eu destruirei você eu mesmo se ninguém me salvar deste dragão gordo!

—Ele não é gordo. — eu estalei, e pensei seriamente em chutar o arquimago.

—Todos os dragões parecem assim!



—Você não diria isso se você estivesse deitada aqui em meu lugar. — Kostich murmurou.

Jim abriu sua boca para dizer algo, mas parou quando ambos os Aisling e eu olhamos para ele.

—Er... por que Baltic está deitado no Dr. Kostich?— Aisling perguntou.

—Bem, sabe, eu ouvi um rumor que Ysolde de gosta de um pouco homens em ação. — Jim começou a dizer. Eu lancei a perna de cadeira nele, seguida por uma bola pequena de magia. A meio caminho para o demônio, se transformou em outra banana. —Ooh, mais lanches. Obrigado.

—Companheira, você me responderá!

—Eu não posso ver. Tudo está ficando preto. Se você me matar, eu juro que eu assombrarei todos vocês!

—Você acabou de atirar uma banana em Jim?— Aisling perguntou, tomando um passo ao lado para assistir Jim comer a banana.

—Sim.— Eu suspirei, gesticulando em direção a meu antigo empregador. —Ele pôs uma interdição em mim. Nenhuma magia minha funcionará direito.

—Você não deveria ter magia nenhuma nesse período, e você não terá enquanto eu estiver com você e este obeso Behemoth.

—Oh, pelos céus. — eu disse, arrastando o rabo de Baltic. —Deixe ele. Se nós vamos dar explicações, nós faríamos melhor em uma maneira civilizada.

—Com sorbet de limão e toucinho embrulhado com cogumelos. — Jim concordou.

Baltic encarou abaixo em Kostich, que estava se movendo fracamente embaixo dele, mas voltou para a forma humana, limpando-se enquanto ele ficava em pé.

Os dois guarda-costas do dragão verde ajudaram Dr. Kostich a levantar, levando-o para uma cadeira onde ele desmoronou respirando fortemente e espalhando olhares fulminantes para todo mundo presente.

O silêncio caiu. Baltic e Drake olharam fixamente um para o outro por alguns segundos.

—Baltic. — Drake disse afinal, quando Aisling o cutucou com seu cotovelo.

—Drake Vireo. — Baltic disse, reconhecendo a saudação.

Eles se olharam fixamente um pouco mais, não completamente rosnando um para o outro, mas eu podia dizer que eles estavam eriçados.

—Drake. — Aisling disse, a palavra cheia de significado não dito quando ela movimentou a cabeça em direção a nós.

Ele suspirou. Eu tentei não dar uma risadinha no martirizado olhar em seu rosto.

—Você parece bem, Ysolde. Como faz seu companheiro.

—Obrigado. — eu disse, espiando Baltic. Ele encarava Drake mal humorado. Eu apertei seu braço. Ele continuou a olhar fixamente. Eu cavei minhas unhas em seu pulso até que ele estalou.

—Pelo amor de Deus, mulher! Eu sou o terrível Wyvern Baltic! Eu não tenho conversas corteses!

—Você faz agora. Vá em frente. Não machucará você.

Ele deu o martirizado olhar do Drake em um maior nível de dor.

—Minha companheira decretou que você é bem-vindo em nossa casa.



—Você pode fazer melhor que isto. — eu disse, alfinetando ele de volta com um dos meus efetivos olhares de mãe.

—Um dia, companheira, você me empurrará muito longe!— Ele me informou com olhos estreitados e narinas inflamadas.

Eu beijei a ponta de seu nariz. Ele pareceu até mais indignado.

—Continue. Você pode fazer isto.

Uma nuvem de fumaça pequena escapou de uma narina. Eu sorri. Sua carranca prometia vingança na primeira oportunidade. Mas no fim, ele conseguiu dizer para Drake. —Sua aparência é mesma da última vez que eu lembro ter visto você.

—Viu que não ma...

—Da última vez você tentou me matar, isto é. — Baltic interrompeu. —Quando você me atingiu com uma espada longa, e tentou me decapitar com um machado de batalha. Eu acredito em que você também atirou em algumas flechas de parafusos em minhas pernas em uma tentativa de quebrar os ossos.

O silêncio encheu o corredor novamente. Drake cuidadosamente removeu um pedaço inexistente de linha de sua manga.

—E se eu não me engano, você tinha um punhal ou dois que você usou em meu baço.

Aisling olhou fixamente para seu marido, que estava agora alegremente examinando uma pintura na parede.

—Sem mencionar o gancho que você criativamente usou para afundar isto no fundo de meu...

—Essa é sua idéia de uma bem-vinda, é? — Eu perguntei, parando Baltic antes dele poder me fazer doente do estômago.

Ele encolheu os ombros.

—Eu não mencionei as duas maçãs que ele usou para tentar bater para fora meu cérebro. Eu podia ter dito, mas eu sabia que você preferiria manter as coisas em um nível social.

—Eu penso que é um para nosso time. — Jim disse, movimentando a cabeça com aprovação.

Aisling transferiu seu olhar para ele.

—Olá! Você é meu demônio! Você está em nosso time, não no deles!

—Soldie me seqüestrou. Isso significa que eu estou em seu time até que ela deixe-me ir. Certo, rapazes?

—Por que será que eu suspeito que única razão para você querer ficar em meu time é porque eu tenho uma cozinha cheia de canapés?— Eu perguntei.

—Um demônio tem que ter prioridades.

—Jim, salte!— Aisling disse cansadamente.

—Oh, bem!— Eu parei o demônio quando estava para obedecer. —Só vá em frente e arruíne todos meus planos! Você não deveria estar aqui ainda. Jim deveria estar escondido longe! Eu tentei ter um bom sárkány, mas não, todo mundo tem que arruinar.

—Olá, disse May, surgindo por trás dos dois guarda-costas de cabelos vermelhos que haviam tomado posições por trás de Drake. Ela escorregou entre eles, olhando em volta com interesse. —Estamos atrasados?



Capítulo Dezessete

—Por que Dr. Kostich está sem camisa?

—Eu estou verificando as costelas quebradas. — O mago respondeu para May, olhando para cima. —Há algum curandeiro aqui? Eu precisarei de testemunhas para o encargo que eu colocarei contra estes dragões.

—Sim, ele está aqui. Gabriel?

Os dois guardas moveram-se para o lado para permitir entrada de Gabriel.

—Boa tarde, Ysolde.— Seus olhos chamejaram para Baltic, estreitando nele.

O ar realmente eriçou com eletricidade. Eu me coloquei na frente de Baltic, então minhas costas ficaram contra seu tórax.

—Sem lutas. Eu estou cansada de lutar. As pessoas que brigarem não conseguiram nenhum sorbet de limão. Se você insistir em me ignorar, eu transformarei você em uma banana. Entendeu?

—Oh, homem!— Jim reclamou atrás de nós. —O caminho para arruinar um bom sárkány.

Gabriel pareceu surpreso.

—Uma banana?

—Seu mágico está fora de controle. Dr. Kostich fez algo para ela. — Aisling disse a ele.

—Interdição,— Dr. Kostich estalou, ainda tocando suas costelas. —O dragão gordo e ela pagará por isso.

—Ele não é gordo!— Eu gritei. —Ele é só tem ossos grandes! Olhe!— Eu puxei a barra da camisa de Baltic é para fora de suas calças, segurando elevada para expor sua barriga. —Veja? Pacote de seis clássico!

—Oooh, muito bom. — Aisling disse, admirando a adorável ondulação de músculos de Baltic.

Ele rolou seus olhos e colocou sua camisa de volta em suas calças.

Drake ateou fogo aos pés de Aisling.

—Eu estava só olhando. — ela disse a ele. —Eu tenho permissão para olhar.

Os olhos do Drake eram esmeraldas brilhantes. Raivosas esmeraldas brilhantes.

—Não, você não estava.

—Olhe, você já está em suficiente apuros, Sr. Tendo Orgias com Quatro na França Medieval.

—É tudo aquele sorbet de limão que você o está alimentando, sem dúvida. — Dr. Kostich disse para mim, levantando a perna de sua calça para olhar sua canela.

— Engordando muito. Bem, você não terá nada disso enquanto você estiver sofrendo pela eternidade na Akasha, então você poderia também apreciar pela última vez.

— Sorbet de limão? Eu amo sorbet de limão. — uma luz, e uma voz aérea disse, seguida pela chegada da gêmea de May, Cyrene. —Onde está o sorbet?

Kostya estava em seu encaixe, um fato que Baltic não percebeu até o wyvern preto entrar na casa.



—Traidor!— Baltic de repente rugiu, empurrando-me de lado, trocando para a forma de dragão novamente. Eu tropecei para cima de Jim e cai sobre o degrau de parte inferior, minha cabeça batendo na perna da cadeira quebrada.

—Baltic!— Kostya gritou em resposta, e ele mudou. Todo mundo fugiu para os lados do corredor quando os dragões preto e branco caíram, suas garras cortando, fogo de dragão arranhado tudo.

—Eu já tive suficiente!— Eu gritei no topo de minha voz, e pegando a perna de cadeira, comecei a bater nos dois dragões com ela. —Você meninos não vão lutar em minha casa!

—Uh-oh. Alguém está em apuros com Mãe. — Jim disse. — Melhor você tomar cuidado, Baltic, ou ela irá bananar você.

—Companheira!— Baltic protestou quando eu bati na bunda dele com a perna da cadeira.

Kostya rosnou e saltou em direção a Baltic, mas eu bati nas costelas dele com a perna da cadeira, fazendo ele parar e agitar sua cabeça, uma olhar chocado em seu rosto de dragão.

—Você mude de volta, você dois, ou então ele é hora da banana!— Eu disse, agitando a perna da cadeira neles.

—Isto é intolerável,— Baltic disse, trocando de volta quando ele caminhou em direção a mim, suas mãos em seus quadris. —Você não me tratará dessa maneira! Eu sou um wyvern!

—De que clã?— Kostya perguntou, enxugando uma gota magra de sangue de seu nariz quando ele, também, trocou a sua forma humana.

—Nós chegaremos a isso no sárkány,— eu disse, absorvendo o fogo que Baltic bufou em mim. —Acalme-se, por favor, Baltic. Eu sei que você sente que Kostya traiu você, mas... mas... oh, não, não novamente...

O mundo girou. Eu cegamente estiquei a mão, desesperada para achar Baltic, sua mão pegando a minha no momento que eu rodei para o nada.

Nada além de branco. Estava ao redor de mim, frio e no fundo de meu sangue, rugindo em minhas orelhas.

O rugir transformou-se no som do vento, um grito agudo infinito que girava ao redor de mim. O branco oscilou e fluiu ao mesmo tempo que o vento, e eu percebi que eu estava de pé no meio de um temporal.

—Neve. — uma voz disse atrás de mim.

Eu girei. Baltic quietamente segurava minha mão, olhando a nossa volta com interesse.

—O que você está fazendo aqui? Isto é uma visão. Você não deveria estar em minhas visões.

—Eu participei da última que você teve. — ele assinalou.

—Aquilo não era realmente uma visão. Era só mais um reviver de um momento no tempo, ativado pelo símbolo de amor.— Eu toquei a cadeia que eu usava ao redor de meu pescoço, o símbolo estava entre meus peitos, meus dedos se arrastando abaixo da pele do capote forrado que estava apertado sobre meu pescoço. —Isto é diferente. É o mesmo tipo de visão ou sonho que eu tive antes.

—Talvez o shaman esteja certo, e seu dragão está persuadindo a você para acordar. — ele sugeriu, girando ao redor. —Dauva. Nós estamos na colina fora de Dauva.



—Eu não acho que é tão simples.

—Ysolde!

Eu girei quando meu nome ecoava no vento.

—Constantine!— Baltic rosnou, agarrando a espada que ele não mais carregava.

Uma escuridão forma emerso do girar neve, seu branco de cabelo com ele como ele esticou suas mãos para mim. —Meu amor, você não deveria estar aqui fora. Se um de meus homens tivesse cruzado com você antes de mim...

—Você morrerá por isto!— Baltic gritou, saltando adiante para agarrar Constantine, mas suas mãos ávidas encontraram o nada, seu impulso o enviando diretamente através de Constantine para um monte de neve profunda alguns pés para trás.

—Eu tive que vir. — eu ouvi me ouvi dizer, evidentemente presa no passado o suficiente para repetir o que eu disse muitos séculos antes.

—Companheira! — Baltic ofegou, se levantando. A dor em seu rosto era quase mais do que eu podia agüentar. Eu andei para ele, mas ele foi Constantine que tomou minha mão.

—Meu amor, eu sabia que você viria para mim um dia.

—Não! — Baltic rosnou.

—Não. — eu repeti, puxando minha mão do aperto de Constantine, e agitando minha cabeça, o meu capuz caiu para trás, deixando-me exposta. —Meu coração pertence a Baltic, e ele sempre será.

Baltic levantou-se para seus joelhos na neve, seus olhos escuros alertos e cautelosos.

—Eu não aqui vim para me entregar a você, mas implorar pela sua partida. Saia agora, antes que mais alguém morra. Esta batalha entre você e Baltic é para nada, uma matança insensata, e eu não irei ter o sangue de mais dragões inocentes manchando minha alma.

—Você é minha companheira.— Apesar do rugido do vento, a voz de Constantine era baixa e áspera. —Ele tomou você de mim. É meu direito reclamar você.

—Ela é minha! — Baltic rosnou.

—Você sabe que Baltic possui meu coração, eu lhe disse a você com frequência suficiente. Você deve acreditar em mim quando eu digo que nada mudará isto. Por favor respeite minha decisão e nos deixe em paz.

Eu comecei a voltar em direção a Dauva, mas ele me parou, segurando meu braço.

—Eu não posso deixar você ir, meu amor.

—Não faça! — Eu rosnei, me girando e batendo em sua mão, a fúria fazendo meu fogo de dragão sair e formar um anel de fogo ao redor dele. —Não use essa palavra! Você não me ama, Constantine! Você não pode amar alguém que você sistematicamente destrói!

Ele retrocedeu um passo. Baltic tentou empurrá-lo, mas não havia nada lá para ele tocar. Ao invés disso ele abriu caminho pela neve para onde eu estava.

—Eu sempre soube que ele estava louco. Olhe para seus olhos, companheira. Olhe para seu rosto.



Eu tive que admitir, os olhos de Constantine brilhavam com uma luz estranha, mesmo no meio de uma nevasca.

—Ele a pôs contra mim. — Constantine tristemente disse, curvando sua cabeça. —Eu devo fazer o que eu devo fazer, Ysolde. Eu jurei proteger você, e eu farei isto do único modo que eu conheço.

—Proteger ela?— Baltic gritou para a figura de Constantine. —Sou eu que você quer destruir, você sempre quis, desde que eu desafiei você pelo direito de ser herdeiro.

—Eu estou cansada de protestar contra sua loucura. — eu disse, de repente exausta pelo peso de todo aqueles dragões que morreram, e morreriam, por nenhum propósito real. As palavras de Baltic afundaram em mim e eu olhei para ele. —Você desafiou Constantine?

—Essa é a razão verdadeira desta guerra ter continuado. Ele foi nomeado por Alexei como seu herdeiro, mas eu sabia que ele só seguiria seus próprios interesses, não os do clã. Eu o desafiei pelo direito de ser herdeiro, e ganhei. Ele nunca me perdoou por isto, e em seguida quando eu fui nomeado wyvern, ele reuniu um punhado de dragões, mentindo para eles, subornando eles, convencendo eles de que eles nunca poderiam ter felicidade sob meu comando.

Fez sentido. Fez todo o sentido. Constantine era um homem de grande orgulho; Todo os wyverns eram.

E para ele perder ambos o clã e a mim para Baltic... eu não ficava surpreendida de que geraria um profundo, fervente ódio que espalharia para tudo que Constantine visse como pertencendo a Baltic.

—Não haverá nenhuma esperança se você permanecer com ele. — Constantine disse a mim, passando a mão em seu rosto como se ele também estivesse cansado.

—Só porque você é muito tolo para ver... — eu respondi. —Eu devo retornar antes que Baltic perceba que eu saí.

—Neste momento provavelmente eu estou nas cavernas, desviando da tentativa de Kostya entrar sorrateiramente no castelo pelas passagens mais baixas. — Baltic disse, então girando para enfrentar Constantine, jurando em Zilant quando ele fez isso.

—Isto é quando ele matou você! Fuja, companheira! Eu o impedirei de derrubar você.

Eu me virei e comecei a descer o declive íngreme em direção à saída da passagem secreta que eu costumava usar para escapar inadvertida. Eu quis parar, agarrar Baltic e fazer ele partir comigo, mas meu corpo teve que seguir suas ações do passado.

—Você não pode. — eu chamei por ele quando eu deslizei abaixo por um declive pequeno em direção a um punhado de árvores cinza pelas chicotadas da neve. —Você não pode tocá-lo, lembra?

Ele jurou longo e profanamente, vindo atrás de mim.

Uma explosão súbita de vento glacial me mandou para adiante. Atrás de mim, Constantine gritou meu nome.

—Ysolde!

Eu olhei sobre meu ombro, mas podia não ver nada, nenhum sinal de Constantine ou Baltic.

—Companheira! Onde você está? — Baltic gritou, sua voz fraca pelo vento.



—Eu não posso ver você. Corra dele! Não deixe ele achar você!

—Eu não posso. — eu respondi, ficando em pé. Quando eu fiz isso, o vento ergueu meu manto e rodou ao redor de mim, cegando-me quando um golpe súbito atingiu minhas costas.

Eu gritei, lutando com a neve que caía e com o manto, pesado e molhado, eficazmente capturando minhas pernas. Eu caí para trás na neve e a brancura me consumiu, limpando meu ser até que eu estava tão pura quanto a neve, de repente à deriva.

O branco rodou ao meu redor com uma beleza que trouxe lágrimas para meus olhos... até que eu notei o vermelho.

—O que...— eu ofeguei quando me elevei, e eu percebi que eu estava olhando para mim mesma, a Ysolde do passado deitada com o rosto para baixo, carmesim manchando a neve e o capote. —Baltic! Oh meu deus, Baltic!

—Eu estou aqui.— Ele tropeçou com a visão, parando quando ele viu a figura segurando uma longa, curvada espada.

—Nãaaaaaaaaao!— Baltic uivou, caindo para seus joelhos, sua cabeça lançada atrás em agonia.

Constantine permaneceu em meus pés, olhando para meu corpo com olhos que eram planos e destituídos de toda expressão.

Uma gota de sangue lentamente juntou na ponta da espada que ele segurava, tremendo com a força do vento, finalmente caindo com lentidão infinita sobre o campo branco.

Meus olhos borraram. Eu girei meu rosto para o vento e notei uma trilha de lugares carmesins levando para longe de minha forma morta, longe de Constantine, mas antes de eu poder dizer qualquer coisa, o som do grito de Baltic ecoou em minhas orelhas. A brancura escureceu, espessando e se transformando em escuridão, espaço úmido, limitado.

Baltic estava em seus joelhos, sua cabeça lançada para trás, na mesma posição de angústia, mas agora era ele que segurava uma espada em suas mãos.

As últimas poucas notas do enfraquecido de eco desapareceram, e eu percebi que eu estava em uma das cavernas em baixo de Dauva.

Baltic lentamente girou sua cabeça e olhou além de mim.

—Está terminado.

—Deveria ter terminado um século atrás. — uma voz disse, a sombra atrás de mim se tornou Kostya.

—Mas você não me escutou. O dragão preto não mais morrerá para você, Baltic. Você é o único que morrerá, e com sua morte, o clã estará livre.— Kostya levantou sua espada. —Você não precisa ter medo pelo destino de Ysolde. Eu verei como ela será cuidada.

Baltic meramente riu, o som dele horrível, cheio com desesperança e angústia que não tinham fim nem início. Ele curvou sua cabeça, deixando sua espada cair no chão pedregoso com um ruído irritante.

—Pelo menos eu estarei com ela novamente.

Eu gritei e saltei adiante para parar Kostya, lágrimas fluindo sobre meu rosto, mas eu estava da mesma maneira imaterial como Baltic tinha estado na cena de minha morte. Eu ouvi a espada cortar pelo ar, mas não podia assistir a visão de Kostya matando meu amor.



Eu me girei, um borrito de sangue batendo em minha bochecha, misturando com minhas lágrimas quando eu desmoronei, soluçando como se meu coração tivesse sido destruído.

—Meu amor, não faça isto. Está terminado. Eu estou aqui. Você deve retornar para mim agora. Ysolde, preste atenção em mim!

Eu abri meus olhos, me achando no chão, embalada contra o peito de Baltic, meu rosto em sua camisa molhada.

—Eu o matarei. — eu disse, minha garganta dolorida e minha voz rouca.

—Ela está bem?— May perguntou. —Ela bateu sua cabeça quando ela caiu? Gabriel, talvez você devesse dar uma olhada nela.

—Agora você sabe como eu sinto. — Baltic disse, uma sugestão de um sorriso em seu lábios.

Eu me afastei dele, a memória veio totalmente a minha mente quando eu me levantei.

—Você. — eu disse, minha voz baixa e feia quando eu comecei a ir direção a Kostya. —Ele estava desarmado quando você o matou!

As sobrancelhas de Kostya se elevaram, e ele teve a coragem de parecer chocado enquanto eu agarrava a perna da cadeira e levantava acima de minha cabeça.

—Não, companheira.— Baltic me pegou quando eu corri em direção a Kostya, no intento de destruí-lo.

—Você soltou sua espada! Você não a estava segurando quando ele matou você! — Eu gritei, lutando com Baltic para chegar a Kostya.

—Eh...— Kostya pareceu surpreso para um momento, então fez uma carranca. —Sobre o que você está falando?

—Eu já estava morto. — Baltic disse, embrulhando ambos seus braços ao meu redor e me puxando apertado contra seu corpo. —Ysolde, eu estava morto. Constantine matou você. Eu não podia existir sem você. Não importa que Kostya desferiu o golpe, eu não podia ter sobrevivido sem você.

—Parece que eu cheguei em um momento bem interessante. — uma voz leve italiana disse.

Eu cuspi fora uma palavra que eu nunca teria dito na frente de Brom, soltei a perna da cadeira, e girei nos braços de Baltic para segurá-lo apertado.

—Aparentemente, Ysolde acabou de ter outra... er... sonho, por falta de uma palavra melhor. — Aisling disse devagar.

—E eu acho Baltic foi com ela.

—Ah. — Bastian disse, obviamente confuso.

—Constantine não matou Ysolde. — Gabriel disse, parecendo mais bravo que eu já o veria.

—Nós o vimos. — Baltic disse quando eu dei uma última fungada em sua camisa, girando para enfrentar os outros que permaneciam em um semicírculo ao nosso redor.

—Você tomou Jim?— Eu perguntei a Aisling, notando que o demônio não estava presente, embora meu espírito estava muito entorpecido para se importar muito.

—Não. — Ela deu a mim um olhar estranho. —Nós fizemos um acordo, e continua. Jim permanecerá com você até que o sárkány esteja terminado. Agora mesmo está na cozinha, sem dúvida tentando tirar a comida de seu filho.



—Você o viu? — Drake perguntou a nós, franzindo o cenho ligeiramente. — Você viu Constantine matar Ysolde?

Eu hesitei por um momento, lembrando a trilha de sangue que levava para longe de meu corpo.

—Sim. — Baltic disse, seus braços apertados ao meu redor. —Nós o vimos de pé acima de seu corpo inanimado, uma espada em sua mão que gotejado sangue. Não havia ninguém mais lá, só ele.

Eu não disse nada. A situação estava muito carregada para discutir a trilha de sangue naquele momento. Os dragões já estavam no limite; Eu teria que falar mais tarde com Baltic, quando nós pudéssemos discutir o que isto queria dizer.

—Não. — Gabriel disse, agitando sua cabeça quando ele olhou para sua companheira. —Eu não posso acreditar nisto. Não faz sentido. Constantine não faria isto.

Baltic rosnou algo muito rude.

—Você o conhece?

—Não. —Os dedos de Gabriel se dobraram. —Mas meu pai serviu como seu guarda. Ele não teria feito se Constantine não tivesse honra.

—Bem, eu o conhecia. Não havia ninguém mais com o corpo do Ysolde. Eu mesmo testemunhei ele dizendo que ele faria o que ele tinha que fazer. Não foi isso, companheira?

Eu movimenteí a cabeça.

—Ele estava furioso com Baltic, e não queria nada além de destruí-lo. Ele disse que sentia afeto por mim, mas...

Eu parei de falar, pouco disposta a especular na frente dos outros dragões.

—Não se aflija novamente, companheira. — Baltic murmurou em minha orelha, seus braços apertando ao meu redor.

—Isso não faz sentido. — Gabriel disse, agitando sua cabeça, sua mão buscando a mão de May como se procurasse conforto.

—Acredite nisto ou não, eu realmente não me importo. De fato, neste momento, eu estou propensa a me juntar a Baltic na afirmação de que nós não precisamos de nada com nenhum de vocês, ou com o weyr. — Eu apertei o símbolo de amor que eu preendi em uma corrente de prata, doente da constante luta que pareceu encher minha vida agora.

—Bem, eu não tenho nenhuma idéia do que dizer para isso. — Aisling disse, olhando para Drake. —Eu tenho que admitir, entretanto, que eu estou começando a pensar que talvez conversar com Baltic é uma boa coisa.

Bastian passou por nós, e antes de que qualquer um Baltic ou eu pudesse reagir, esmurrou o nariz de Baltic.

—Eles disseram a mim que você é Baltic embora você não parece com ele. Eu estou contente. Você sofrerá muito tempo antes de você morrer pelas mortes de meus dragões.

Eu segurei Baltic quando ele teria saltado em Bastian.

—Por favor, não faça. — eu o implorei. —Ele só irá revidar, e então eu acabarei transformando ele em uma banana, o que significa que eu terei que perguntar ao Dr. Kostich por ajuda, e ele só chamará você de gordo novamente, e isso só fará eu querer esmurrá-lo até o deixar inconsciente, e todos nós acabaremos brigando até não sobrar nada além de você, eu, e um cacho de bananas. E alguns sorbet de limão derretidos.



Parecia que Baltic enfrentaria Bastian de qualquer maneira, mas quando eu toquei sua bochecha e disse:

—Por favor?— Ele se absteve.

—Fêmeas!— Ele murmurou, sua expressão tão negra quanto seus olhos. —Eu espero que você goste da aparência de um nariz torto, porque ele acabou de quebrar.

—Oh!— Eu disse, examinando seu rosto. Seu nariz estava inchando rapidamente e tinha uma inclinação para a direita.

—Oh, querido. Eu não sei como fixar um nariz. Gabriel, você sabe?

Gabriel ficou mudo, seus lábios uma linha rebelde.

—Eu estou certa de que ele sabe. — May disse, picando seu companheiro no lado. —Continue.

—Não. — Gabriel disse, olhando fixamente para Baltic.

Bastian e Kostya movimentaram a cabeça em acordo com a decisão obstinada de Gabriel.

—Oh, pelo amor de todos os santos!— Eu disse, empurrada quase ao meu limite da paciência. —É só um nariz!

—Eu ficarei bem. — Baltic disse nasalmente.

—Você não está bem. Você precisa fixar corretamente. Gabriel, por favor faça isto. Se você insistir em ser teimoso, você pode fazer isto para meu benefício, não para o de Baltic.

—Você tem idéia de quantas vezes ele tentou me matar, matar minha companheira, ou a roubar nos últimos meses? — Gabriel disse, apontando para Baltic. —Eu não vou consertar seu maldito nariz.

—Eu nunca tentei matar sua companheira. — Baltic disse com tanta dignidade como podia, tendo um nariz se transformando em, forma, e cor de uma maçã madura.

—Roubar ela, sim. Mas não matar.

—Eu não farei isto! — Gabriel disse, mas com um olhar de May, ele marchou adiante, murmurando coisas que eu senti que era melhor fingir que eu não ouvi, agarrou o nariz de Baltic entre seu dedo polegar e o indicador, e deu um puxão rápido. Um horrível som de estalo fez todo mundo presente estremecer.

Todo mundo exceto Baltic, que jurou profanamente quando ele sentiu seu pobre nariz abusado.

—Aí. Está fixado. Nós podemos ir para a parte do dia onde nós condenamos Baltic a morte?

Uma banana apareceu ao lado de sua cabeça. Ele atirou um surpreendido olhar para mim.

Eu, com uma expressão inocente, limpei uma minúscula linha de sangue que vazou da narina de Baltic, e disse:

—Por que vocês não vão para o jardim ao norte da casa, onde uma barraca, mesas e cadeiras foram instaladas para o sárkány. Baltic e eu verificaremos os canapés, embora neste momento, eu realmente não dê a mínima para eles, mas minha mãe me ensinou a mostrar cortesia comum para os convidados mesmo se me matasse.



Capítulo Dezoito

—Eu vi corações de alcachofra? Eu amo eles.— Cyrene perscrutou ansiosamente mesa abaixo. —Com alho e parmesão? Alguém os vê?

Nós estávamos no jardim norte, um campo aberto grande mosqueado com grama selvagem e terra nua. Eu preferiria um lugar mais civilizado, mas o único modo que eu pude fazer Baltic concordar em ter o sárkány em sua casa foi permitindo a ser em um campo aberto, onde ninguém podia fazer emboscada.

Eu não pensava que o wyverns fariam algo assim, mas concordei com ele que seria melhor não relaxar.

As senhoras estavam acomodadas ao redor de umas mesas juntas. O wyverns estavam juntos, obviamente discutindo algo sobre o sárkány. Baltic estava só, assistindo todo mundo com uma carranca que teria competido com um T. rex.

Pavel e eu passamos o dia na cozinha, fazendo alguns lanches que eu pretendia servir depois do sárkány, mas parecia que toda a discussão sobre o sorbet de limão aguçou o apetite.

—Aqui, um prato para você e Jim. — eu disse a Brom quando eu dei uma bandeja com dois pratos empilhados com aperitivos e canapés. —Você pode comer isto na cozinha, e depois, Pavel disse que você podia jogar em seu vídeo game.

—Eu não entendo por que nós não podemos ficar aqui fora e ver Kostya ter um ataque de raiva. — Jim reclamou, cheirando a bandeja para ver o que tinha. —Eh, nós não conseguimos nada do famoso sorbet? Minha boca estava esperando por isto!

—Eu deixei algum para você no congelador, e eu prefiro que você e Brom fiquem fora daqui durante a reunião. Falando do qual, não importune os dragões, qualquer um. Todos os guardas estão dentro da casa, e nenhum deles parece muito feliz.

—Sim, sim, eu posso lidar com uns guarda-costas.

—Não lide com eles, os deixe só. Nós tivemos suficiente discussão para conseguir deixar eles lá e os wyverns aqui fora.

—Ela só nos quer fora do caminho caso Kostya grude em Baltic novamente. — Jim disse a Brom quando eles começaram a ir direção à casa. Brom parou e voltou, um olhar preocupado em seu rosto.

Eu murmurei algo rude baixinho sobre grande boca do Jim, apressando para Brom.

—Querido, nada vai acontecer. É só uma reunião.

—Oops. — Jim disse, parecendo arrependido. —Uh... sim, h-homem. Eu não quis dizer que Kostya machucaria Baltic ou algo assim. Além disso, se ele tentasse, sua mãe o transformaria em fruta.

—Está certo. — eu disse, dando a Brom um abraço rápido. —Ninguém vai ser machucado.

Ele continuou a parecer preocupado.

—Eu posso conversar com Baltic por um minuto? Quero dizer... pai?



—Certo. — eu disse devagar, perguntando-me se Jim tinha dito alguma coisa para ele sobre o fato de que o weyr queria Baltic executado. Eu olhei para o homem em questão, que estava de pé com seus braços cruzados, assistindo todo mundo com uma suspeita horrenda. Em meu aceno com a cabeça em direção a Brom, ele andou a passos largos acima para mim.

—Brom deseja falar com você.

Ele ergueu as sobrancelhas e olhou esperançoso para Brom, que se contorceu um pouco e disse desculpando-se.

—Eu posso conversar com ele só, Sullivan?

—Er... certamente. — Eu fui verificar se o sorbet estava ainda empacotado firmemente em gelo e não derretendo debaixo do sol do verão morno, antes de ir para a minha cadeira.

—Oooh! Isto é pesto?— Cyrene fez feliz pequenos barulhos. —Isto é tão bom, Ysolde. Você tem que alimentar todos os sárkánies!

—Obrigado, mas eu acho que passarei o oferecimento.

Depois de alguns minutos, Baltic retornou, sua expressão inalterada. Eu olhei Jim e Brom retornarem a casa antes de girar para ele.

—Sobre o que era tudo isso?

—Ele estava preocupado com você.

—Comigo? Inferno! Jim deve ter dito a ele sobre a ordem de execução.

—Não. Ele estava preocupado de que se o weyr fizesse algo para mim, você ficaria desamparada. Eu disse a ele que ele não tinha nada com que se preocupar.

—Porque eu não sou fraca ou sem a habilidade de cuidar de mi mesma. — eu disse, movimentando a cabeça em aprovação pelo modo que ele lidou com a preocupação de Brom.

—Porque o weyr não tem nenhum controle sobre mim. — ele corrigiu.

Um sentimento horrível veio a vida em meu intestino. Antes de eu poder adverti-lo disto, o wyverns marcharam para a mesa, Kostya ocupando um lugar na cabeça.

—Os wyverns estão todos presentes. O sárkány pode começar.

—Você passaria o creme de damasco e os bolinhos de cereja? — Aisling perguntou a May, que se sentou na diagonal dela no outro lado da mesa.

Eu me movi para estar próximo a Baltic, deslizando minha mão na dele, tanto para oferecer quanto para receber conforto. Seus dedos se enroscaram nos meus, fazendo o fogo em mim mexer só um pouco.

—Este sárkány foi convocado para cuidar do assunto das mortes dos sessenta e oito dragões azuis na França.

—Este creme de azeitonas está fabuloso. — May disse, gemendo com encanto quando ela mordeu um pãozinho com o creme. —Quase orgástico com o toque de conhaque.

—Os wyverns presentes são de todos os cinco clãs, com exceção de Chuan Ren, que enviou seu filho Jian em seu lugar.

Jian reconheceu o comentário, dando uma mordida em um aperitivo de manjerição e tomate.

—Quem tem o bolinho? — Aisling perguntou, procurando.

—Tomilho e limão, ou mussarela e manjerição? — Cyrene perguntou, levantando dois pratos.



—Oooh. Tomilho e limão, por favor. Doçura, você gostaria de mais bolinho?

—Isto é como uma criança de amor bizarra de Martha Stewart e os julgamentos de Nuremberg²⁵²⁶,— eu sussurrei para Baltic, notando par de copos estava vazio. Eu deslizei minha mão da sua e peguei uma jarra.

—Baltic, antigo wyvern dos dragões pretos, você foi culpado pelo weyr com as mortes de dois meses atrás. Como você se declara?

—Eu não declaro nada,— ele ruidosamente disse, sua voz uma vez mais normal devido a pedra de gelo que eu pressionei em seu nariz. —Eu não preciso responder essas cargas. Elas são ridículas e sem prova.

—Chá gelado, mal alguém?— Eu perguntei, levantando a jarra. Ninguém disse nada, embora Kostya parecia que estava para explodir. —Não? Champanha, então?

—Cristo!— Kostya jurou, dando um tapa na mesa, todo mundo levantou seus copos. —Isto é um sárkány, não um café-da-manhã e almoço! Nós podemos começar a reunião?

—Não há necessidade de ser tão irritável.— eu disse quando eu despejei a champanha, tendo certeza de espirrar para o seu lado. —Eu não vejo por que nós não podemos fazer isso de uma maneira civilizada.

—Civilizado vindo de um dragão... é certamente uma contradição. — uma voz disse atrás de mim.

—Eu pensei que você ia livrar-se dele?— Baltic perguntou quando o Dr. Kostich vinha para nós.

Kostya afundou em sua cadeira, batendo sua cabeça suavemente na mesa uns tempos.

Eu estreitei meus olhos em meu antigo empregador.

—Eu fiz. Eu chamei um táxi e vi ele entrar nele.

—Eu decidi que seria mais sábio permanecer aqui, onde eu posso vigiar você e o robusto wyvern até chegar a hora de deter você dois. — ele disse, examinando a mesa do bufê. —Será que esse queijo de cabra com ervas tem alho? Eu sou alérgico a alho.

—Eu desisto. — Kostya disse a Cyrene. —Eu não posso lutar com queijo de cabra com ervas e champanha.

—Está muito bom o queijo de cabra com ervas. — ela disse, oferecendo a ele uma mordida.

—Companheira! —Baltic disse, suas mãos em seus quadris, esperando claramente que eu fizesse algo.

—O que você quer que eu faça? —Eu perguntei. —Ele é um arquimago!

—Um fato que nenhum de vocês parece dar seu devido respeito. — Dr. Kostich disse, um pouco ilegível desde que ele acabou de encher a boca com um mini bolinho de cereja.

²⁵ Martha Stewart é uma apresentadora de Televisão e empresária estadunidense. Em Março de 2005, teve sua prisão decretada por fraude com envolvimento e outros possíveis crimes relacionados a Investimentos na ImClone Systems, uma companhia de biotecnologia dirigida por um amigo.

²⁶ O Julgamento de Nuremberg foram uma série de tribunais militares, realizada pelas principais forças aliadas vitoriosas da Segunda Guerra Mundial, o mais notável para o julgamento dos membros proeminentes da liderança política, militar e económico da Alemanha nazista derrotada.

Nota da Revisora: Não entendi a ligação. >.<



—Ele colocou uma interdição em mim. Você viu como minha mágico está torta, eu não pude fazer ele desaparecer, ainda que eu tivesse esse tipo do poder.

—Você nunca foi muito como um aprendiz, embora eu admitirei que você tentou. — ele disse, tomando um prato e indo para uma cadeira livre à mesa.

—Sem mencionar o fato de que ele é o cabeça do L 'au-dela. — eu terminei.

—Ele deveria sentar conosco? Eu pensei que isto era só para wyverns e seus companheiros. — Cyrene perguntou para Kostya, franzindo o cenho para o arquimago.

Dr. Kostich a ignorou.

—Conseqüentemente a esta hora, neste mesmo momento, estão vindo correndo para prender você.

—O que importa?— Kostya respondeu, seu rosto amuado. —Ninguém está me escutando. Não se importam com nada além de suas barrigas. Ninguém quer ver a justiça feita. Eu sou o único aqui que está realmente preocupado sobre fazer Baltic pagar por seus odiosos crimes, aqueles caranguejo e os bolinhos de arroz e mamão estão bons?

—Sua gente não pode nos tocar. — Baltic disse a Kostich, que fez uma carranca para ele, mas foi incapaz de falar devido a outro mini bolinho que ele estava comendo. —Os dragões não são governados pelo L 'au-dela. Não tem nenhuma autoridade acima de nós, companheira, então você não precisa ter medo de suas ameaças não são nada além de blefes.

—Eu asseguro a você que são bastante reais. — Kostich respondeu, pedaços de miolos voando enquanto ele falava com a boca cheia de bolinho.

—Voulez-vous cesser de ma cracher dessus pendente que vous parlez²⁷?— Aisling murmurou.

Dr. Kostich, sentando em frente a ela, a olhou fixamente.

—Desculpe. Eu estava morrendo para achar uma chance de dizer isto. — ela disse, escovando os miolos na frente de seu prato. —Rene estará tão orgulhoso.

—Está certo. — eu disse devagar, pensando sobre que Baltic disse. —Os dragões não são parte do L 'au-dela.

—Os dragões não são, não. — Dr. Kostich disse, pegando a taça que eu coloquei para Baltic, bebendo o champanhe com um olhar pensativo. —Uma safra bastante decente. Meus elogios. Como eu estava dizendo, seu companheiro bochechudo está certo. Eu não tenho nenhuma autoridade sobre os dragões. Porém, eu tenho sobre humanos, e você, minha ex-aprendiz, está perto o suficiente de um humano para contar como um. É verdade que seria difícil castigá-lo, mas você é um assunto muito diferente, e desde que eu não posso ter a pessoa que perpetrou os crimes contra mim, eu tomarei a próxima melhor coisa: você.

—Uma vez só eu gostaria de ser acusada por algo que eu fiz. — eu disse. —O que faz que você acha que vai fazer comigo?

—Eu já disse a você, banimento para a Akasha.

Um sentimento horrível deixou minhas mãos frias e úmidas. O banimento para a Akasha não era um assunto para rir, o lugar conhecido pelo mundo mortal como limbo, nenhum ser conseguiu escapar de lá.

—Você não pode fazer isto. — eu protestei.

—Eu posso, e eu irei.

²⁷ Quer parar de cuspir enquanto fala?



—Baltic? — Eu perguntei, girando para ele, de repente preocupada. —O que acontecerá para Brom e você? Eu não quero ir para a Akasha.

—Você não irá, chérie. Eu nunca permitiria isto. Este mago está bufando, nada mais.

Dr. Kostich olhou para seu pulso.

—A pergunta ficará discutível em menos de uma hora quando chegarem para levar Tully.

—Toque nela, e você morrerá. — Baltic disse simplesmente.

Kostich apontou um garfo para ele.

—É esse tipo de atitude que manteve os dragões e o L 'au-dela em desacordo por séculos. Até seu embaixador era arrogante e impossível de lidar.

—Embaixador?— Aisling pediu a Drake. —Nós temos um embaixador no L 'au-dela?

—Fiat. — ele respondeu, seus olhos brilhantes quando ele nos olhava.

—Esse era o antigo embaixador. Nós recebemos ao nuncio de que ele foi excomungado, ou qualquer coisa que você dragões fazem, e removido do posto. Nós estamos aguardando o compromisso de um novo embaixador, para quem eu certamente darei reclamações detalhadas sobre meu tratamento nas mãos daquele behemoth.

—Arquimago ou não. — eu disse por dentes friccionados. —Pare fazer referências sobre o tamanho de Baltic. É só sua forma de dragão que é grande.

—Sabe...— May disse devagar, parecendo distraída, —Algo acabou de acontecer para mim. Embaixadores tem imunidade diplomática, não é?

Lâmpadas pareceram sair em muitas cabeças naquele momento. Eu olhei pensativamente para May.

—Siiim. — Aisling demorou. —Que boa idéia. O weyr precisa de um embaixador, e Ysolde precisa de proteção do Dr. Kostich.

Esse olhou por cima da mesa para ela enquanto ele se servia de mais champanhe.

—Se Ysolde fosse embaixador, ele não poderia tocá-la, e voila! Dois problemas resolvidos de uma vez. Que solução perfeita.

—Não, não é. — Kostya disse, no processo de consumir um monte de comida empilhado em seu prato.

—Oh, pare de ser tão obstinado. — Aisling disse a ele. —Nós sabemos que você não gosta de Baltic, mas Ysolde não tem feito nada de errado. Não existe nenhuma razão para ela não poder ser o embaixador para o weyr. Ela certamente fará um trabalho melhor do que Fiat.

—Ela não é um membro do weyr. — Kostya assinalou.

—Eu não sou? — Eu perguntei, me sentindo um pouco à deriva, pela conversa e emocionalmente. —Eu achei eu fosse um dragão de prata.

—Você era prata, então preto, mas agora você não é nenhum, e como tal, você não é um membro do Weyr. — Drake concordou com seu irmão.

—Existe uma solução fácil para isso. — May disse.

Todo mundo girou o olhar para ela.

—O clã de Baltic terá que juntar-se ao weyr.

Kostya bufou.

—Isso nunca acontecerá. O weyr não toleraria os dragões de ferrugem.



—Luz. — Baltic rosnou, começando a ir em direção a ele. —Nós somos dragões de luz. Você é a ferrugem.

Kostya saltou, suas mãos em punhos.

—Oh, senhor, lá vão eles novamente,— Aisling comentou para a mesa. —E eu pensei que fosse ruim Kostya e Gabriel. Seria melhor você conseguir suas bananas prontas, Ysolde.

—Não. — eu disse.

—Não?— May perguntou, assistindo como Baltic e Kostya ambos viraram com olhares surpreendidos para mim.

—Não. Se eles estão tão dispostos a lutar, eles podem lutar.

Kostya sorriu. Baltic trocou a forma de dragão.

—Definitivamente sobrepeso. — Kostich disse, comendo um rolinho de bacon.

—Mas em forma humana. — eu disse aos dois dragões. —E sem armas. Punhos apenas.

Uma pequena bola de fumaça escapou de Baltic, mas depois de pensar um momento, ele trocou de volta a forma humana olhando para Kostya.

—Pugilismo, hein? Tem vários séculos desde que eu tive esse prazer.

Kostya tirou rapidamente sua jaqueta e arregaçou suas mangas.

—O prazer vai ser todo meu, Baltic.

—Aí não, ali. — eu disse, apontando para o outro lado do pasto que era principalmente sujeira. —Eu não quero mais cristal quebrado. Vocês tem cinco minutos para se arrebitarem, e depois disso, vocês vão se comportar de uma maneira civilizada, decente. Vocês dois concordam com as condições?

O olhar de Kostya foi evasivo.

—Defina decente.

—Não mais saltar em cada pequena coisa que você perceber como um insulto. Eu estou cansada de você dois tão exaltados, e eu imagino que todo mundo está cansado disto, também.

As mulheres movimentaram a cabeça. Os homens evitaram encontrar meus olhos.

—Você não se importaria se o clã deles estiver no weyr, não é? — Aisling perguntou a Drake quando Baltic e Kostya moveram-se mais ou menos sessenta pés, Bastian e Jian foram com eles, se para arbitrar ou alegrar Kostya, eu não tinha nenhuma idéia.

—Não é tão simples. — Drake disse. —Existem regras para admitir um clã. Eu não estou nem certo se Baltic realmente tem um.

—Mas se ele tiver, eles poderiam juntar-se, e então Ysolde poderia ser embaixador, e Dr. Kostich poderia... — Aisling parou de falar o que iria dizer quando o mago olhou para ela.

Baltic, com um grito, se lançou em Kostya, que respondeu virando para o lado e dando um pontapé baixo na coxa de Baltic.

—Poderia o quê? — Kostich perguntou, seus olhos pálidos intensos.

—Deixar-nos a sós? — Ela docemente perguntou.

O pó se elevou no campo onde os dois homens estavam agora circulando um ao outro, dando periodicamente golpes com braços e pernas.

Kostich fez um barulho de escárnio.



—Eu nunca busquei nada dos dragões além daquela espada que legalmente pertence aos magos, um fato que você deveria saber bem, Guardião.

—Não existe nenhum lugar no weyr para um clã que sacrifica membros de outros em tempos de paz. — Gabriel disse, assistindo com interesse como Kostya deu uma coronhada em Baltic, que rugiu em afronta. Os dois homens afundaram em uma nuvem de pó.

—Baltic não matou aqueles dragões azuis.

—Isso você diz. — O olhar prata de Gabriel trocou para mim. —Mas nós temos só sua palavra para qualquer efeito. Dificilmente é suficiente para o weyr rejeitar as acusações.

—Se você vai ir por essa discussão novamente, eu devo ir assistir os combatentes. Eu acredito que um pouco de feitiço para aumentar a velocidade do dragão preto irá funcionar... — Dr. Kostich levantou da mesa, largou seu guardanapo, e foi em direção à briga.

Meu queixo subiu quando eu tratei com Gabriel.

—Eu vejo agora por que Baltic tem sido tão resistente para se reunir com você. Sua mente já está feita.

O silêncio caiu... silêncio tinto com os grunhidos e gritos amortecidos dos dois homens que estavam novamente em pé, sujos, suados, e com manchas grandes de vermelho.

—Ele deve ter feito isto. Ele estava trabalhando com Fiat. — Gabriel disse, soando como se ele estivesse tentando convencer a si mesmo.

—Então foi você, de quem Jim me falou. — eu falei, minha ira começando a subir.

Gabriel pareceu surpreso.

—Eu não estou conspirando com Fiat!

—Não agora, mas você esteve. Ou Jim mentiu quando me disse que você ajudou Fiat a envenenar Aisling e a tomar como companheira dele?

O silêncio caiu novamente.

—Seu bastardo sangrento! Eu acabei de arrumá-lo!— Baltic gritou com uma voz indignada agarrando Kostya pela garganta e o lançando algumas jardas. —É assim! Se eu vou ter um nariz torto, você terá um também!

Ambos os homens desapareceram novamente rodando em nuvem de pó.

—Oh, querido, eu espero que não. Eu gosto do nariz de Kostie do modo que é... — Cyrene disse, nem mesmo olhando para os dois combatentes.

—Bem? — Eu perguntei a Gabriel, que parecia muito desconfortável.

—Ela tem um ponto, sabe. — Aisling disse. —Você estava trabalhando com Fiat então.

—Eu estava tentando impedi-lo de fazer o pior!

—Meu ponto é simplesmente de que é possível que Baltic possa ter ajudado Fiat a obter uma meta, mas não estava completamente de acordo com seus planos. Que é o que ele fez.

—Tudo se resume a provas... — Drake disse devagar. —Você não tem nenhuma de que ele é inocente dos crimes, e nós temos testemunhas que dizem que ele estava com Fiat na França durante o tempo das matanças.



Eu olhei para todos os sentados em torno da mesa, tão frustrada com tudo que eu poderia gritar. Como eles não podiam ver que Baltic era inocente? Como eles podiam acreditar em que ele poderia matar cruelmente muitos dragões?

—Deixe-me perguntar a você, Drake. Você já achou que Baltic poderia matar tantos dragões a sangue frio?

—Ele matou muitos dragões, de todos os clãs. — Drake disse, evitando a pergunta.

—Isto é um desperdício de tempo. — eu disse, repugnada. Eu percebi então que nós nunca conseguiríamos fazer os wyverns entenderem que Baltic era inocente.

—Eu receio que continuar a discussão seria infrutífero, sim. — Drake disse.

Eu olhei para minhas mãos por alguns momentos, meus dedos apertados tão firmemente juntos que estavam brancos.

—Baltic não se permitirá ser martirizado, e nem eu deixarei.

—Você não nos deixa opção. — Gabriel advertiu.

—Você deve entender que se Baltic recusar a responder pelas acusações contra ele, existirá entre nós um estado de guerra. — Drake disse.

—Não. — Aisling disse, beliscando o rosto dela. —Não, outra guerra?

Guerra. A palavra reverberou em meu coração, rasgando em pequenos pedaços. Guerra novamente. Com a guerra vinha morte e destruição, e sofrimento que não teria fim.

—Não novamente. — eu sussurrei.

—Que guerra?— Cyrene perguntou, parecendo confusa.

Eu quis explodir em um milhão de pedaços e voar para longe com o vento. Eu quis ir dormir e não acordar. Eu quis me esconder na adorável casa de Baltic que fez minha alma cantar, e nunca deixá-la.

Eu quis Baltic.

—A guerra entre o clã de Baltic e o weyr. — May tristemente disse.

—Eles declararam guerra?

—Vocês declararam contra nós. — eu respondi.

—Você não tem que ir por este caminho. — Drake disse, seus olhos escuros.

—Você não nos permitirá fazer o contrário.

—Uma guerra não é para ser ligeiramente empreendida. — ele disse, tomando a mão de Aisling. —Afeta todo mundo no clã. Aqueles que estão em guerra são considerados objetivos viáveis para ataque.

Um frio varreu por mim, perfurando-me com um medo maior do que qualquer eu já conheci.

—Brom. — eu sussurrei, uma vista horrível em minha cabeça dele sendo usado como um refém. Ou pior.

—Nós não atacamos crianças. — Drake disse duramente, a ira relampejando em seus olhos. —Companheiros, porém, são um assunto diferente.

—Nada mudou. — eu suavemente disse, o desespero me enchendo no conhecimento do que estava por vir. —Era uma guerra então, da mesma maneira que existirá agora. Existia morte e orgulho e a recusa para admitir a perda, então, tudo se repetirá. Eu sei como concluirá, e eu não permitirei isto, não novamente.

—Tem que haver algo que possamos fazer. — Aisling disse para Drake.

Ele agitou sua cabeça.



Eu olhei para cima, lágrimas brilhantes em meus olhos quando eu saí cabeceira da mesa, para o centro da mesa.

—Eu não terei isto!— Eu gritei, abrindo meus braços. —Se você não parar isso agora, então eu irei!

—O que ela está fazendo?— Cyrene perguntou quando Drake saltou para seus pés, agarrando Aisling e a puxando para longe da mesa.

Eu fechei meus olhos, permitindo o fogo de Baltic inchar dentro de mim, crescendo em intensidade, construindo a familiar sensação de pressão enquanto eu chamava as palavras que iria enviá-los para longe de mim.

—Kostya?— Cyrene disse preocupadamente quando ela começou a se afastar da mesa.

—Corra, pequeno pássaro. — Gabriel disse a May quando ele a levantou, dando um empurrão em direção a casa.

—O que está acontecendo? — Aisling perguntou quando Drake, tendo dificuldade de fazê-la segui-lo se curvou e a levantou. —Drake! O que você acha que está fazendo?

O ar ao redor mim ondulou, juntando em um círculo comigo em seu centro, foi poder se expandindo dentro de mim enquanto eu o moldava, visualizando a única possibilidade que me restava.

—Tomada com tristeza. — eu chorei, permitindo o fogo consumir cada gota de meu ser quando eu o usei para lançar meu feitiço.

—Eu achei que ela estava sob interdição?— May perguntou a Gabriel quando ele disse a ela novamente para correr.

—Kostya? — Cyrene perguntou novamente, sua voz mais estridente. —Kostya!

—Tudo que eu lanco de mim. — eu disse, minha voz tocando como o sino mais puro. Deve ter alcançado Baltic, porque de repente ele parou de esmurrar Kostya e girou para me enfrentar.

Kostya o agarrou, mas Baltic simplesmente o lançou para o lado quando ele começou a vir em direção a mim, Dr. Kostich em seu encalço.

—Ela está lançando um feitiço? Parece um feitiço. — Aisling disse.

—Devorado com ira. — eu berrei, o fogo começando a chamejar junto a minha pele quando eu levantei meu rosto para o céu, meu coração doente com conhecimento de que nada daria certo.

Dr. Kostich correu em direção a mim, largando sua taça.

—Pare ela! Isso é um feitiço de banimento! Você deve pará-la!

—Feitiço de banimento? Magos não pode enviar pessoas para a Akasha. — Cyrene falou para ele. —Não é?

—Não, mas ela pode nos remover deste local. Só a pare! — Ele gritou.

—Mas seus feitiços não funcionam. — Cyrene disse, voltando em direção a mim.

Baltic correu e passou o Dr. Kostich, alcançando-me da no momento que eu liberei o fogo dele, canalizando na vista do que eu mais queria.

—Banido assim você será!

Por um momento, nada aconteceu. Era como se o mundo tivesse segurado sua respiração para ver qual efeito a interdição teria sobre o feitiço.



Baltic deslizou até parar próximo a mim, seus olhos sombreados como charcos escuros de água que refletem na luz solar, e então de repente, o ar vislumbrou novamente, espessando, torcendo, transformando-se na forma de um dragão.

—O Primeiro Dragão. — eu ouvi May balbuciar.

O calor brilhou em minha pele como eletricidade, rastejando de cima abaixo em meus braços enquanto o dragão olhava primeiro para May, então para mim, seu olhos repletos como infinito. Como Baltic, ele era branco, mas mais do que brancos, todas as cores pareciam dançar em harmonia, iluminando o dragão com um brilho suave que o envolvia brilhando e se movendo.

Baltic saltou até permanecer atrás de mim, seu corpo morno e forte e então infinitamente precioso, lágrimas queimaram em meus olhos. O Primeiro Dragão olhou para ele e sorriu, trocando em para a forma humana, de um homem... e ainda assim, não era um homem. Nem mesmo sua forma de humano podia esconder o fato de que ele era um dragão.

Ao redor nós, os outros dragões estavam congelados, olhando fixamente para ele, suas expressões variando de atordoadas, e descrentes, ao respeito e admiração. Eu sabia como eles se sentiam.

—Por que você me chamou, Baltic?— O Primeiro Dragão perguntou, sua voz tão forte quanto o vento, mas mais suave do que a luz mais tênue.

—Foi minha companheira que chamou você, não eu. — ele respondeu, seus braços envoltos ao meu redor mim protetoramente.

—Eu... eu não sabia que eu iria fazer isto. Eu queria fazer algo diferente. — Eu estava tão chocada que era quase impossível falar.

Os olhos do Primeiro Dragão, misteriosos, olhos que tudo sabem, giraram de Baltic até mim. Eu senti o choque de seu olhar completamente até as pontas dos dedos do pé. Ele veio em direção a mim, tocando em minha fronte.

—Lembre-se. — A palavra pareceu ecoar ao meu redor, uma névoa surgindo acima de mim, era totalmente diferente do eu experimentei antes de em qualquer uma fuga ou visões que eu tive do passado.

A névoa virou branco, chicoteando ao meu redor com uma mordida glacial. Uma vez mais eu estava em uma colina nevada, um temporal furioso ao meu redor.

Mas desta vez, os outros estavam presentes também. Era como se o Primeiro Dragão simplesmente levanta-se todo mundo de pé no campo e nos colocou em um tempo e lugar diferente. Nós permanecemos em um círculo ao redor das duas formas, uma caídas, escarlate ainda manchando a neve e aos pés do Primeiro Dragão.

—Uma vida foi dada a você, filha. — o Primeiro Dragão disse.

Minha forma morta trocou, então lentamente levantou-se, inteira novamente, meus olhos vagos e cegos.

—Quem deu? — A outra Ysolde perguntou.

—Foi dada de boa vontade.

—Baltic? Ele fez...

—Muito é esperado de você.— As palavras do Primeiras Dragão chicotearam no vento assim que ele as falou, e elas também ressonaram dentro de mim. —Não falhe-me novamente.

Quando as últimas palavra enfraqueceram no uivo da neve e vento, o Primeiro Dragão tocou a fronte de Ysolde no mesmo lugar ele tocou a minha, e ela desmoronou sobre o chão, mas ela não estava morta.



Ela se curvou, soluçando, fustigada pela neve antes de finalmente se levantar, cambaleando colina abaixo e para o branco esquecimento.



Capítulo Dezenove

—Fascinante. Absolutamente fascinante. Que compensa o dragão gordo sentando em mim.

Eu agitei minha cabeça, mais para limpar minha visão que discordar. A névoa branca na frente de meus olhos lentamente evaporou, as figuras vagas transformando-se nas pessoas familiares.

—Foi uma experiência interessante. — Aisling disse um pouco assombradamente quando ela se debruçou em Drake.

—É disso que todas as suas visões são, Ysolde?

—Não.— Eu girei para Baltic, precisando sentir seu fogo, precisando de seu amor. Eu agarrei sua camisa de seda, agitando em uma demanda por certeza. —Não falhe-me novamente? Eu falhei ao Primeiro Dragão antes? Quando? O que eu fiz? Eu nem o conheço! Como eu poderia falhar, se eu nem o conheço? Foi por isso que eu fui morta? Porque eu falhei de alguma maneira? Por que ninguém disse a mim que eu deveria fazer algo para ele? Glória de Deus, homem, por que você não está me respondendo?

Ele suavemente tirou minhas mãos de sua camisa, seus dedos polegares acariciando meus dedos, olhando-me com um estranho olhar em seu rosto.

—Eu responderei a você se você parar de conversar o suficiente para deixar-me fazer isso. O que é isso em sua testa?

—Que se importa com minha testa!— Eu lamentei, sentindo como se a Terra saísse de repente de meus pés. —O Primeiro Dragão está decepcionado comigo! Eu falhei! Deus querido, Baltic, ele espera muito de mim. Muito o quê? O que eu vou fazer?

—É o emblema do clã. — ele disse, ainda olhando fixamente para minha testa, de repente parecendo muito contente. —É um sol. O Primeiro Dragão marcou você.

—Isto é bom? — Aisling perguntou a Drake.

—Sim. — May disse antes dele poder responder, sorrindo um sorriso reservado.

—Para manter sua consideração é uma honra.

—O que é interessante, considerando que ele sabia seu nome. — Drake disse para Baltic, parecendo extremamente pensativo.

Eu estava ainda tendo problemas com a idéia de que eu de alguma maneira falhei com o Primeiro Dragão no passado.

—O que ele quis dizer, com muito era esperado de mim? Que tipo de coisas são esperadas?

—Eu não sei. — Cyrene disse, parecendo confusa. —Eu deveria saber?

—Sim, como é que o Primeiro Dragão sabe seu nome?— Kostya perguntou a Baltic, um olho inchado fechado, uma hemorragia no nariz, e seu lábio inferior cortado.

Baltic, evidentemente, se saiu melhor do que Kostya, havia uma mancha vermelha em sua mandíbula, e uns cortes irregulares em um olho, mas seu nariz não parecia estar quebrado novamente apesar de seus grunhidos durante a luta.



Ele não respondeu a Kostya, ao invés olhou-me, parecendo muito como um gato que conseguiu uma tigela de nata.

— Isso muda as coisas. — May disse a Gabriel.

Ele fez uma carranca.

— Como assim?

— Ela pode chamar o Primeiro Dragão. Você não vê? Ela está ligada a ele. E então, assumidamente o Primeiro Dragão reconheceu Baltic. Você não pode guerrear com um clã que tem ligações com Primeiro Dragão.

— Absolutamente não. — Aisling concordou. — Eu não sei tanto sobre ele quanto May, desde que ela negociou com ele quando ela reformou o coração de dragão, mas o que eu ouvi me faz pensar que convocar ele é quase um ato impossível.

— Nós acabamos de testemunhar tal ato, então não pode ser impossível. — Dr. Kostich comentou de onde estava sentando, bebendo o champanhe caro de Baltic.

— Não, mas Aisling está certa, eu conversei com Kaawa depois de eu reformei o coração, e ela me disse que o único caminho para chamar o Primeiro Dragão era reformá-lo, e isso só aconteceu um par de vezes. Ysolde fez isto trezentos anos atrás. Eu fiz isto dois meses atrás. — O olhar de May trocou para Baltic.

— Kaawa não mencionou as outras vezes que foi reformado.

— O coração de dragão só foi reformado quatro vezes. — Baltic disse, seu olhar em minha testa novamente.

Eu esfreguei, não sentindo nada diferente.

— As tentativas foram feitas várias vezes, mas não é um ato que é facilmente realizado.

— Aí, você vê? — Aisling disse, picando seu marido. — Você tem que cancelar a guerra agora.

Lentamente, ele agitou sua cabeça.

— Isso não muda nada.

— Concordo. Baltic se recusa a reconhecer a decisão do weyr. Então, ele está em guerra conosco. — Kostya disse, seus olhos tão pretos quanto a noite profunda.

— Gabriel? — Drake perguntou.

Gabriel e May trocaram um olhar cheio de significado.

— Concordo, — Gabriel disse devagar, voltando-se para mim. — Eu sinto muito, Ysolde.

— Não tão arrependido quanto eu estou. — eu disse, minha garganta apertada com lágrimas.

— Bastian? Jian? — Drake perguntou aos dois wyverns calados.

— Tudo que eu busco é retribuição para as mortes dos membros de meu clã. — Bastian relutantemente disse. Seu olhar examinando Baltic por um momento, a hostilidade que tinha sido depositada em seus olhos lentamente desvanecendo-se quando ele agitou sua cabeça. — Eu não sei mais no que acreditar. Parece inconcebível que o Primeiro Dragão toleraria alguém que assassinaria seus descendentes, e mesmo assim, a evidência está lá, Baltic estava com Fiat.

Eu deslizei um olhar para Baltic.

— Você está cansado de negar isto, também, huh?

— Extremamente.

— Eu concordarei com os outros wyverns. — Bastian finalmente disse, olhando para Jian.



—Chuan Ren dá boas-vindas a oportunidade para guerrear. — ele disse.

—E você? — Eu não podia ajudar mas perguntei.

Ele inclinou sua cabeça ligeiramente, sua expressão ilegível.

—Eu sou filho da minha mãe.

—Resposta típica de dragão. — Aisling disse, bufando para ela mesma.

—Então nós estamos em consentimento. — Drake disse.

O rosto do Gabriel estava sombrio à medida que ele disse: —Ysolde de Bouchier, nascida nos dragões de prata, é com profundo remorso e não pouca tristeza que eu pronuncio você ouroboros.

Algo dentro de mim deu em suas palavras, uma pequena e intangível conexão para ele, May e os outros dragões de prata. Era como se minúsculos fios de seda fossem subitamente cortados.

—Ysolde de Bouchier. — A voz profunda de Kostya disse. Eu olhei para ele, lágrimas enchendo meus olhos. —Uma vez acasalada a um dragão preto, eu pronuncio você ouroboros.

Eu cambaleei para Baltic. Ele endireitou-me, seu rosto escuro com raiva quando ele olhou para os wyverns.

—Você é daqui em diante chamada ouroboros e fora do weyr. — Drake disse, seu rosto impassível, mas seus olhos que reluzentes com emoção. —Deste momento, um estado de guerra existe entre nós. Se você buscar mediação com relação a isso, você pode solicitar um parlay com qualquer wyvern reconhecido pelo weyr. Um salvo conduto será concedido para ir e voltar do parlay.

Eu segurei um soluço. Tudo estava indo errado novamente.

—Eu não quero mais mortes. — eu disse a Baltic, me agarrando a ele descaradamente.

—Não existirá. — ele disse, examinando sobre minha cabeça os outros wyverns.

—Enquanto eles nos deixem sozinhos.

Parecia que Gabriel ia dizer algo, mas ele apenas agitou sua cabeça ao invés, e com seu braço ao redor de May, foi embora.

—Ysolde.— Aisling estendeu a mão para me tocar, mas Drake tomou sua mão, puxando ela atrás dele quando eles,também, partiram. —Por favor devolva Jim hoje à noite. Eu imagino que você está ficando bem cansada dele até agora.

Bastian e Jian, com uma troca de olhares, murmuraram algo e seguiram eles.

—Ah. Parece que sua hora chegou afinal,— Dr. Kostich disse, olhando em direção a calçada. Um furgão negro estava estacionado atrás dos carros do wyverns. Ele deslizou um olhar em direção a nós, hesitando por alguns momentos.

—Acredito que à luz da experiência do dia, eu estaria disposto a abandonar as acusações de agressão contra mim na condição de que você me entregue a espada de luz Antonia von Endres.

—Você está louco. — Baltic disse.

—Pelo contrário, eu estou bastante são. Eu também estou muito sério de que Tully pagará por seu abuso contra mim na ocasião de seu ataque na casa do wyvern prata, como também hoje. — Ele ergueu sua mão, e um par de homens emergiram do furgão, correndo através do campo em direção a nós.

Eu agarrei a mão de Baltic, o pânico me inundando.

—Você não me levará para a Akasha!



—Não, ele não irá. — Baltic calmamente disse.

—É sua decisão. — Kostich disse, parecendo apenas ligeiramente interessado nos acontecimentos. —A espada ou sua companheira. Ou você pretende estar em um estado de guerra com o L'audela, como também o weyr?

—Se eu não tivesse esta interdição em mim, eu tornaria você em uma salada de fruta. — eu disse a ele.

Suas sobrancelhas se elevaram.

—Eu nunca soube que você tinha tal temperamento. Eu nunca teria contratado você se eu soubesse. Importará pouco para você na Akasha, porém. Bryce, Dermott, por favor levem Tully Sullivan em custódia. Nós retornaremos a Casa de Voto em Paris onde uma acusação formal será realizada amanhã.

Baltic rosnou uma injúria, empurrando sua mão para o lado, o ar se juntando ao redor ele até que uma longa, brilhante espada branca e azul se formou.

—O dia virá, mago, quando eu reivindicarei esta espada novamente.

—Realmente?— Dr. Kostich pegou a espada quando Baltic lançou isso para ele.

—Você pode tentar, dragão, você pode tentar. Eu aceitarei isto em vez do castigo para sua companheira. Tully... — Sua boca apertou quando ele olhou para mim.

Eu ergui meu queixo e dei a ele um olhar que o deixou ver o fogo de dragão de Baltic furioso dentro de mim.

—O sorbet estava excelente. Meus elogios.

Ele andou a passos largos fora com dois perplexo- olhando membros do relógio, sua mão subindo inclinar o enigmático

Bola- girou-banana que eu lancei depois dele.

—Maldito. Maldito!— Eu protestei, girando para Baltic. —Por que você deu para ele? Eu sei que você ama aquela espada.

—Se eu dissesse a você que você é mais importante para mim do que qualquer coisa, até algo tão sem igual como espada de luz, você faria coisas antinaturais comigo? — Ele perguntou, seu fogo latente entre nós.

—Eu disse a você que eu não faço coisas antinaturais! Por que você insiste em pensar que minhas comuns fantasias sexuais são estranhas e depravadas está além de minha compreensão.

Ele apenas esperava, suas sobrancelhas levantadas em silenciosa pergunta.

—Que tipo de antinatural? Você quer dizer algo como amarrá-lo e cobrir seu corpo inteiro com chocolate, assim eu posso lambar...

Um barulho atrás de mim me lembrou que nós não estávamos só. Eu girei, minhas bochechas coradas quando Kostya deu a mim um olhar muito estranho.

—Amarrá-lo, humm? — Cyrene pensativamente disse. —Ao leite ou chocolate amargo?

—Leite. Belga. Ou suíço. — eu respondi.

—Derretido, claro?

—Você pode fazer isso antes, mas eu acho que seria mais divertido derreter direito nele com o fogo do dragão.

—Hmm. — ela repetiu, olhando para Kostya.

Ele limpou a garganta, tentando fazer uma carranca, mas aparentemente não foi capaz com o olhar especulativo de Cyrene nele.



—Se eu te ver novamente, Baltic...

—Você tentará me matar. — ele respondeu cansadamente, colocando um braço ao redor de minha cintura. —Sim, eu sei, novamente.

Kostya ficou mudo por um momento, algo do antagonismo deixando seu rosto.

—Eu estou contente de que você não está morta, Ysolde.

—Obrigado. É bom para estar viva. — eu disse sem pouca ironia.

Ele se curvou para mim, então olhou para Baltic.

—Eu teria cuidado dela.

Baltic esperou cinco segundos antes de responder.

—Eu sei. Eu nunca desconfiei de você com relação a minha companheira.

—Você nunca teve causa. — eu disse, franzindo o cenho um pouco para Kostya.

—Não desde aquela vez que você apareceu para me reivindicar, e Kostya correu de mim porque ele tinha medo de que eu o aceitaria, ao invés.

Um pequeno sorriso chamejou nos lábios de Kostya com a lembrança, e por um momento, eu fui transportada de volta para tempos mais felizes.

—Oh, realmente? Eu vou querer ouvir sobre isto. — Cyrene disse, puxando seu braço. —Vamos, para casa. Eu quero nadar na lagoa.

—A lagoa. — eu disse, pensando sobre aquela bonita casa, com os bonitos campos.

—Aquela casa foi construída para Ysolde. — Baltic falou para Kostya. —Ela a terá novamente.

—Você pode tentar, dragão. — Kostya disse em uma imitação do Dr. Kostich. — Você pode tentar.

Nós ficamos juntos sozinhos no campo, o sol da tarde batendo em nós, o cheiro da terra morna profundo em minha alma, onde o fogo de Baltic residia.

Eu deixei meu olhar vagar por seu rosto, acima das maçãs do rosto altas, eslavas, ao longo de cume do seu rabo de cavalo, para os olhos que brilhavam como ébano polido.

—Tudo está errado, Baltic.

—Não tudo.

—Nós estamos em guerra com o weyr.

Ele encolheu os ombros.

—Nós não precisamos deles.

—Nós precisamos. Eles são nosso tipo. Mais importante, eu quero ser uma parte do weyr. Eu quero que exista paz entre nós.

Ele tomou minhas mãos, sua boca quente em meus dedos quando ele os beijou.

—Eu não sei como serei capaz de dar isto a você.

—Nós trabalharemos nisso juntos, está bem?

Ele não disse nada.

—Ainda tem o Primeiro Dragão. Como você o conhece?

Ele soltou minhas mãos e embrulhou um braço ao meu redor, suavemente me persuadindo em direção à casa.

—Se eu disser a você todos os meus segredos agora, o que você terá que descobrir de mim com suas criativas persuasões sexuais?

—Resposta típica de dragão. Eu não posso te dizer como isso é chato.

—Eu não sou típico. Eu sou o terrível wyvern Baltic.



—Você é o aborrecedor wyvern Baltic, é isso que você é. O que nós iremos fazer sobre esta coisa que o Primeiro Dragão espera de mim? Como eu posso fazer alguma coisa quando eu não tenho a mínima idéia do que ele estava falando? E como eu falhei no passado?

—Perguntas, perguntas, você sempre esteve cheia de perguntas. — ele suspirou, puxando-me mais apertado contra seu corpo até que seu calor se tornou meu.

—Que tal sua espada? Não é certo que você tivesse que entregá-la ao Dr. Kostich.

—Existe diferença entre entregar algo temporariamente e renunciar. — ele disse enigmaticamente.

Eu olhei para ele, apertando os olhos contra o sol baixo.

—Se você vai roubar isto de volta, eu quero ajudar. Eu não posso acreditar que eu fui escrava daquele homem por todos aqueles anos. Falando sobre ingratos. Você acha que Kostya nos deixaria comprar aquela casa? Esta aqui é boa o suficiente e tudo, mas aquela casa era apenas para nós. E enquanto eu estou pensando nisso, quem deu sua vida por mim? Foi você não era, era? Você já estava morto. Então quem fez isto? Eu pergunto-me também se eu preciso conseguir um divórcio de Gareth. Nós estávamos realmente casados, ou ele apenas disse que nós estávamos?

Baltic suspirou novamente.

—Você me deixou cansado com todas estas perguntas, companheira. Ao invés disso você pode pensar em todos os modos em que eu usarei chocolate em seu corpo?

—Pare de me distrair. Eu estou angustiada, e eu não posso fazer isto se... Espera, em meu corpo? Oooh. Agora isto é um excêntrico bem agradável...

FIM



Visitem nossos blogs:

RomantiCon:

<http://romanticonlivroshot.blogspot.com/>

Calientes:

<http://capasdeebbooks.blogspot.com/>

